
HUNTED
A Beauty deadlier than the Beast
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
MEAGAN SPOONER



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Salem Witches (SW), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

Salem Witches

Traduções



Staff

Tradução - Rikki

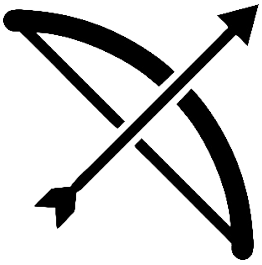
Revisão Inicial - FranjinhaJones

Revisão Final - Mandy

Conferência - Medusa

Formatação - Sancta Astra

Março, 2020



Sinopse

A Bela conhece a floresta da Fera em seus ossos e em seu sangue. Embora tenha crescido com os aristocratas mais altos da cidade, longe da antiga cabana de seu pai. Ela sabe que a floresta guarda segredos e que seu pai é o único caçador que chegou perto de descobri-los.

Então, quando seu pai perde sua fortuna e leva Yeva e suas irmãs de volta aos arredores da cidade, Yeva está secretamente aliviada. Na floresta, não há pressão para fazer conversa fiada com barões barulhentos... ou submeter-se a um casamento com um cavalheiro rico. Mas o infortúnio do pai de Yeva pode ter lhe custado a cabeça e quando ele desaparece na floresta, Yeva põe a vista em uma presa: a criatura que ele estava obsessivamente seguindo pouco antes de seu desaparecimento.

Surda aos protestos de suas irmãs, Yeva caça essa estranha Fera de volta ao seu próprio território: um vale amaldiçoado, um castelo em ruínas e um

mundo de criaturas que Yeva só ouviu falar em contos de fadas. Um mundo que pode lhe trazer ruína ou salvação. Quem sobreviverá: a Bela ou a Fera?

Para a menina
que lê com uma lanterna
que vê dragões nas nuvens
que se sente mais viva em mundos que nunca existiram
que sabe que magia é real
que sonha.
Isto é para você.

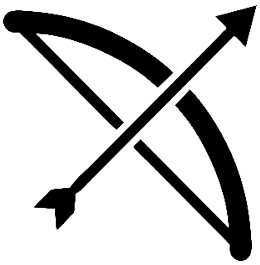
Fera

Sempre sabemos antes da mudança. Quando uma tempestade se aproxima, sentimos isso na espessura do ar, a tensão na terra aguardando o manto de neve. Sentimos o momento em que o vento muda de direção. Sentimos uma mudança de poder quando ela está chegando.

Hoje à noite há fome no ar. A floresta espera por algo. Nós andamos, nossos passos agitando as primeiras neves. Nossa frustração exala em rosnados e grunhidos. Cada um de nós podemos ler a mudança que está por vir, o outro não a interrompia. Nós poderíamos rastreá-lo, ou poderíamos correr com ele. Mas estamos presos e não podemos fazer nenhum.

Sempre sabemos antes da mudança — mas nunca sabemos o que é a mudança

Capitulo Um



Yeva observou o céu sobre a floresta longínqua, ouvindo a baronesa com uma orelha. O ar estava pesado e desconhecido.

— Uma tempestade? — Ela se perguntou, inspirando a estranheza. Ao longe, as copas das árvores balançavam como se sentissem uma rajada de vento, mas o resto da floresta estava parado.

Ela se inclinou para a frente, abandonando a costura no colo para poder empurrar a janela envidraçada para abrir uma fração. O ar lá fora estava gelado, especialmente para Yeva em seu vestido bordado, mas ela não se importava - o vidro distorcia a floresta distante, e ela preferia ver claramente do que estar quente. Qual deve ser o tamanho de uma criatura para causar movimentos como esse? Maior do que qualquer coisa que uma flecha pudesse derrubar, a menos que o tiro fosse além da sorte. Aqui na beira da floresta, não deveria haver nada maior do que um urso escondido debaixo do dossel. Seu pai costumava contar histórias de coisas maiores e mais estranhas que se escondiam no coração da floresta, mas ela havia superado histórias há muito tempo. Se esse sinal de movimento viesse novamente, talvez ela pudesse.

— Yeva, querida! — A voz da baronesa interrompeu, o mundo voltando ao presente. — Você vai morrer nesse vento gelado. Feche a janela antes que todos começamos a tossir. — Yeva pegou a trava para fechá-la, tentando parecer menos agitada do que se sentia.

— Desculpe minha senhora. Eu pensei ter visto o mau tempo se aproximando.

— Não é outra tempestade. — Gemeu a baronesa apertando o casaco de pele com mais força sobre os ombros. — É muito cedo para tanta neve, não sei o que faremos neste inverno.

— Você realmente acha que uma tempestade está chegando? — Perguntou Galina, uma das outras damas da baronesa.

Com sua atenção principalmente na floresta longínqua, Yeva notou com um sobressalto que Galina estava falando com ela. — O ar cheira a isso — Respondeu Yeva, os olhos mudando do rosto de Galina para o da baronesa.

Galina virou-se para sussurrar para a dama ao seu lado, esquecendo-se. A baronesa mal percebeu, porém, muito ocupada torcendo as mãos.

— Oh, o que devemos fazer? — Ela murmurou, sem se preocupar em olhar para fora de si mesma, mas olhando para os rostos de suas damas.

Yeva olhou de volta para a janela. Ainda não havia sinal de mau tempo no horizonte, mas a inquietação permanecia no fundo de sua mente. A sala explodiu em sussurros, e com medo assustador, Yeva percebeu que poderia ficar aqui a noite toda.

— Minha senhora. — Disse ela, adotando pela primeira vez a voz suave que ela deveria cultivar — Talvez as outras senhoras e eu devemos nos retirar, se quisermos voltar para casa e para nossas famílias antes que a tempestade chegue. — Disse, levantando-se entre o círculo de mulheres.

— E me deixar em paz? — Exclamou a baronesa, como se Yeva tivesse proposto levá-la para a tempestade e a deixar lá.

A baronesa tinha uma pele mais clara que a maioria, reivindicando um pouco de sangue varangiano de seus ancestrais. Outros nobres teriam escondido essas raízes, mas ela as possuía com orgulho, atribuindo-lhes um sangue quente romântico. Combinado com o rosto rechonchudo e a boca em forma de arco, lhe dava uma aparência jovem, infantil e doce. Apesar de toda sua tolice, Yeva não pôde deixar de sentir uma pontada de pena pela mulher. Ela não era muito mais velha que a própria Yeva, nem chegou aos vinte anos ainda, e estava com o marido do triplo de sua idade. A companhia das senhoras ricas da cidade era tudo o que ela tinha nos meses sombrios do ano.

Yeva sorriu para ela, pela primeira vez não precisando forçar a expressão. — O barão estará em casa em breve, e é claro que Machna e Lada estarão aqui. — As duas irmãs eram convidadas da casa do barão, visitando da cidade.

A baronesa mordeu o lábio, lançando um olhar pela primeira vez para a pequena janela. Yeva havia garantido o lugar por ser a mais jovem das mulheres

do círculo da baronesa e, portanto, ocupar o lugar mais frio — mas ela preferia a qualquer outra, com vista para a floresta além da borda da propriedade do barão. Yeva sentiu a impaciência percorrer seu interior. Ela odiava a indecisão das pessoas na cidade, como elas esperavam para tomar decisões. Levavam semanas ou meses ou anos para resolver até que as decisões fossem tomadas por elas por inação.

— Oh, muito bem. — Disse a baronesa finalmente acenando com a mão em um gesto triste e desdenhoso. — Se a neve não tiver matado todas pela manhã, vocês retornarão amanhã à tarde? Se nevar, meu marido não estará caçando. Mas, ele ficará tão irritado que eu preferiria ter companhia ao enfrentá-lo.

Yeva sentiu um movimento lento de aversão no estômago. Apenas um nobre cuja ideia de caçar envolvia, sentar-se no alto de um garanhão impecavelmente decorado, enquanto cães de caça sem fome realizavam todo o trabalho, seria desviado pela neve. A neve é uma tela, dizia o pai, sobre a qual o animal pinta seu passado, sua casa, suas intenções, seu futuro. Aprenda a ver a pintura e você o conhecerá como a si mesmo.

— É claro que voltaremos amanhã. — Respondeu Galina, poupando Yeva de ter que formular uma resposta. — Obrigada minha senhora.



Todas as meninas ficaram de pé guardando a costura, se preparando para sair até a tarde seguinte. Yeva se apressou em seguir o exemplo, enfiando o bordado na cesta. Ela aprendeu nos primeiros dias que a baronesa costumava pegar a última das garotas para sair, atraindo-as para conversas que podiam durar horas. Não era que Yeva não gostasse de falar com a baronesa, mas preferia chegar em casa ao anoitecer.

E antes da tempestade, caso alguém aparecesse.

Elas deixaram a baronesa triste descrevendo as façanhas de caça de seu marido para as infelizes irmãs da cidade e correram para vestir suas roupas de

inverno.

— Obrigada. — Sussurrou Galina enquanto alcançava Yeva, movimentando um pouco o cotovelo e lançando-lhe um sorriso.

Yeva balançou a cabeça, os cantos da boca tremendo. — Eu estava pensando em nossa segurança, viajando no clima.

Uma das damas da baronesa ouvindo Yeva, riu. — Nós sabemos exatamente o que você estava pensando, Yeva. A quanto tempo Solmir conhece você?

O sorriso de Yeva desapareceu. — Solmir? — Ela ecoou.

—Não pense que não reparamos quanta atenção ele presta em você nos jantares da baronesa. — A senhora levantou uma sobrancelha. Ela era um dos membros mais velhos do círculo interno da baronesa, que logo seria noiva de um homem na festa de caça do barão. — Não me dê esse olhar. Esse é o objetivo de tudo isso, não? Para nós vermos e sermos vistas.

Yeva olhou para Galina, que estava observando em silêncio enquanto amarrava os laços em sua capa. Não encontrando resposta lá, Yeva só pôde dar de ombros em resposta.

Galina deu um passo ao lado de Yeva, e elas caminharam em silêncio pelas portas altas da casa e para a rua. Galina foi a segunda mais nova adição à coleção da baronesa e um pouco mais de entendimento das peculiaridades de Yeva. Ela nunca empalidecia com a menção acidental de armas.

— Era verdade? — Yeva interrompeu o silêncio enquanto passavam pela igreja.

— O que é verdade? — Galina olhou para cima, os olhos castanhos em branco.

— O que eles disseram sobre Solmir. — Yeva olhou para trás, verificando se ninguém estava perto o suficiente para ouvir. Ela sentiu as bochechas esquentarem apesar do frio. — Sobre a atenção dele.

Galina sorriu. A expressão era sempre repentina e inesperada em seu rosto pequeno e solene. Ela era uma garota relativamente simples, mas seu sorriso era

lindo. —Yeva, sua coisa boba. Você não pode dizer que não percebeu. Eles provocam você apenas porque têm certeza de que há um envolvimento entre vocês.

Yeva parou, abruptamente o suficiente para que a lama espirrasse na bainha das saias.

— Um envolvimento? — Ela agarrou a capa com muita força. Sua respiração parecia difícil, incerta.

— Lamento ser quem lhe disse. — falou Galina, escurecendo o sorriso com um esforço claro. Sua expressão ainda estava cheia de diversão. — Vejo você amanhã. — Acrescentou ela antes de virar a esquina para fazer seu caminho em direção à casa do próprio pai, na direção oposta. Yeva ficou mexendo a lama com a ponta da bota.



Solmir? Ele não era nada, apenas mais que um nome em sua mente. Não, isso era injusto; ele era mais do que isso. Um dos caçadores do barão, ele estava sem terra ou título. Apesar que, sua família era rica. Seu pai havia sido um respeitado fabricante de cerveja e gerente da adega do barão até sua morte, quando Solmir se tornara o braço direito do barão. Dizia-se que o barão, sem filhos depois de dois casamentos anteriores, poderia transferir suas terras e títulos a Solmir se a nova baronesa não conseguisse produzir um herdeiro.

Yeva tentou imaginar Solmir em sua mente, evocando lembranças nebulosas dos jantares anteriores. Eles sempre foram um teste para ela. As tardes com a baronesa eram uma coisa; eles impediram Yeva — na maioria das vezes — de desejar as trilhas da floresta. Os jantares, no entanto, eram outra coisa. Ela sempre contava os momentos até poder voltar para casa com o pai, sentindo-se como um daqueles pássaros esfarrapados no mercado batendo sem entusiasmo nas gaiolas de vime. A única imagem de Solmir fornecida por sua memória, era de olhos castanhos amistosos e uma voz suave que fazia suas bochechas corarem ainda mais. Lembrou-se dele abordando os assuntos mais estranhos, embora ela

preferisse sua companhia bizarra à conversa monótona dos outros cavalheiros. Há quanto tempo as outras damas estavam conversando sobre eles, com Yeva completamente inconsciente?



Ela tentou ignorar o quão quente ela estava sob suas roupas de pele. Não estava frio o suficiente para todo o equipamento de inverno, mas ela usava assim mesmo. Pois, uma nevasca podia subir rapidamente e sem aviso, mesmo no início do inverno. O suor começava a se formar entre as omoplatas e escorria pela espinha; ela partiu pela estrada em direção à casa de seu pai.

Eles moravam na periferia da cidade, não porque o pai de Yeva não podia se dar ao luxo de morar no centro. Era porque ele como Yeva, se sentia mais à vontade com uma casa que fazia fronteira com a natureza. Ele desistiu da sua vida como caçador para se casar com a mãe de Yeva, usando sua riqueza para iniciar uma carreira como comerciante. Porém, ele não podia desistir totalmente da necessidade de bosques, neve e barulhos selvagens dos animais.

Yeva sentiu uma tensão drenar que ela não havia percebido que estava carregando. Ela gostava da baronesa e gostava de ter sido envolvida em seu círculo, mas uma parte dela ainda ansiava pela liberdade que outrora tinha até um ano atrás. Seu pai costumava levá-la com ele, treinando-a, ensinando-lhe o que sabia sobre a caça. Foi tudo divertido, que mal havia em ensinar essas coisas a uma criança? Ecos de uma vida passada, coisas que seu próprio pai lhe ensinou. Compartilhá-los foi a única maneira de mantê-los reais. Ser um comerciante não tinha nenhuma paixão por ele, mas era seguro e tinha feito sua esposa feliz até ela morrer quando as meninas eram jovens. Foi só recentemente que seu pai havia notado a idade de Yeva e pensava que ela deveria ser uma dama agora, e não mais sua pequena e selvagem Bela.

Era hora de se juntar a suas irmãs mais velhas na sociedade.

As casas ficaram menores e mais espalhadas enquanto ela se arrastava. As

vielas conectando-as cobertas de neve novamente, em vez da lama agitada por muitos pés e rodas de carruagem. Yeva viu a casa do pai na cordilheira e apressou os passos.

O céu estava ficando mais escuro, embora ainda fosse muito cedo para o sol se pôr. As nuvens estavam ficando mais espessas. Talvez houvesse uma tempestade, afinal. Yeva não sentia vergonha da ficção, havia algo no ar. Mas se sentiria mais capaz de enfrentar a baronesa amanhã, se algum tipo de clima chegasse à noite.

A colina era íngreme o suficiente para deixar a respiração de Yeva branca no ar frio, e ela soltou uma maldição. Forma tão terrível para um caçador. Ela costumava correr por horas, subindo ou descendo, o sangue correndo através dela e a incentivando a prosseguir. Mas então, ela não era mais uma caçadora. A redondeza do rosto e dos membros que via no lavatório todas as manhãs, o brilho vermelho profundo de seus cabelos, lábios carnudos, olhar preguiçoso, todos os dias ela era mais uma dama. Todo dia sendo menos ela mesma.

Yeva correu pela porta, tentando acalmar a respiração ofegante para que ninguém a visse sem fôlego. Um dos criados a encontrou na porta, os braços magros estendidos para receber suas peles.

— Obrigado Albe. — Ela disse com um sorriso que o fez corar e abaixar a cabeça. Albe estava com eles desde que era menino, mas ultimamente ele andava em cacos de vidro com Yeva e suas irmãs. Todas as filhas dos comerciantes eram consideradas beldades. Yeva teria preferido ser admirada por sua habilidade, mas sofreria o grande infortúnio de ter nascido menina. E assim ninguém jamais saberia. Quando era mais nova, costumava sonhar com um marido que a amaria ainda mais se pudesse caçar com ele, lado a lado. Porém, a idade e o tempo gasto com a baronesa desapareceram do futuro.

Ela poderia permanecer solteira, mas fazer isso a tornaria uma carga financeira para o pai. Casar-se seria deixar a floresta para sempre, renunciando à pouca liberdade que ainda possuía.

Mas Solmir é um caçador, sussurrou um pensamento sinuoso. E um bom.

Se alguém admiraria sua habilidade na floresta, seria ele.

— Suas irmãs estão na cozinha, senhora. — Disse Albe, a cabeça ainda inclinada. Yeva viu um rubor na parte de trás do pescoço e nas pontas das orelhas.

— Obrigada. — Ela repetiu, deixando o pobre garoto se recuperar.

Enquanto ela seguia pelo corredor, um barulho estridente e violento explodiu no canto de trás da casa. Rindo, Yeva agachou-se de modo que, quando dois cachorros vieram correndo pela beira do corredor, atingiram seu corpo. Menos doloroso do que deixá-los pegar um braço ou uma perna. Olhos-de-Corça gemeu ansiosamente, enterrando o rosto na dobra do quadril de Yeva. Enquanto Pelei a cheirou por toda parte, circulando e circulando e bufando seu agravamento pela coleção de aromas do dia.

Pelei era o cão de cheiro, grosso, desgrenhado e marrom-avermelhado. Nomeado pelo barro com o qual ele se parecia. Olhos-de-Corça era o corredor, mais magro e mais leve, menos blindado contra o frio cortante do inverno. Eles eram os cães de caça de seu pai, mas sempre que o assunto surgia ele se deliciava em gemer sobre como sua filha mais nova os roubara dele. Como eles o traíam todos os dias que corriam para ela. Mas ele adorava vê-los amá-la e sempre falava com um brilho nos olhos.

Yeva ordenou que os cães voltassem para o canto da casa, mandando-os embora com relutância e foi para a cozinha. Ela encontrou Asenka e Lena amassando pão juntas, movendo-se como se fosse uma, cada uma inclinada para o chão golpeando. Elas eram mais próximas em idade do que Asenka e Yeva, e tão parecidas quanto quase gêmeos. O cabelo de Asenka era dois tons mais escuro que o marrom castanho de Lena, e suas bochechas mais cheias e rosadas, mas à distância as duas eram indistinguíveis.

— Yeva. — Disse Asenka calorosamente, olhando para cima, mas sem parar o trabalho. —Você chegou em casa cedo.

— As mulheres pensaram que poderia haver uma tempestade. — Respondeu Yeva. — E a baronesa nos dispensou mais cedo.

— As damas? — Ecoou Asenka, um sorriso escondido atrás de seus olhos negros.

Yeva sorriu e levantou um ombro delicadamente. — Meu assento está mais próximo da janela, por que não devo notar o clima primeiro? — Ela pegou os laços do vestido e puxou deixando-os soltos, fazendo com que respirasse fundo. O sangue dela ainda estava bombeando de sua subida.

— Oh, Yeva! — A voz de Lena estava pesada com uma bronca cansada. — O que você está fazendo? O pai estará em casa em breve e se ele te ver?

— Papai me viu da cabeça aos pés em roupas masculinas. — Lembrou Yeva. — E meia coberta de sangue de javali. Eu não acho que ele vai morrer do escândalo.

— Mas você era criança. — disse Lena delicadamente. — Agora você cresceu. E de qualquer maneira, e se Albe visse?

— Então ele provavelmente deve explodir no local.

Asenka soltou uma risada estrangulada antes de virar a cabeça para esconder a boca no ombro. Lena olhou para ela, a expressão rapidamente se dissipando em favor de um sorriso triste.

— O serviço à baronesa devia domar você, Bela. Não lhe ensinar novas maneiras de atormentar todos nós.

Yeva sorriu, virando-se antes que Lena notasse seu erro. Yeva tinha sido Bela por toda a infância. Seu pai a nomeou no dia em que ela nasceu em homenagem à antiga deusa da Bela, assim como ele nomeou suas irmãs por luz e graça. A cada poucos anos, os homens santos do oeste apareciam para realizar casamentos e cerimônias de nomes. Os habitantes da cidade escondiam seus objetos pagãos, como os padres os chamavam, e penduravam suas cruzes.

A filha mais nova do comerciante foi renomeada para Yeva, depois da sedutora no jardim. Ela preferiria Bela, pois pelo menos há Bela em todas as coisas, não apenas na tentação, mas também em Yeva. Sua mãe aplicou o nome tão estritamente quanto um juiz cuidando de suas acusações, mas ela morreu quando Yeva tinha apenas cinco anos de idade, então não havia ninguém depois disso para insistir que seu pai usasse seu nome próprio.

Ela sempre foi linda quando eles caçavam juntos, sempre linda quando ele a escondia à noite. Ele a chamava de Yeva agora, porque um dia ela seria uma bela dama, e seu nome próprio era o que a sociedade conhecia. E, no entanto, sempre havia uma pausa de meio segundo antes que ele dissesse esse nome. Uma pequena mancha em sua voz que era tudo o que restava de quem ela era antes.

Embora os servos fossem responsáveis por preparar o jantar, Yeva e suas irmãs frequentemente ajudavam. As três passavam os dias separados. Yeva com a baronesa, Asenka na loja de Leech cuidando dos doentes e Lena cuidando da casa e passando tempo com seu noivo, Radak, sempre que ele estava na cidade. Ele era um comerciante como o pai deles e estava muito interessado em fundar impérios e era apaixonado por Lena.

A noite era a hora de ficarem juntos, na breve hora antes de o pai voltar e elas tinham pouco gosto por costurar e fofocar como as damas deveriam fazer. A preparação de pão fresco para acompanhar a refeição era tradição.

Yeva se ocupou em buscar ervas nas prateleiras, esfarelando-as entre os dedos e respirando o perfume. O tempero tinha sido seu trabalho quando ela era pequena demais para amassar o pão, e assim permaneceu agora que ela tinha idade suficiente. Asenka moldava a massa e Yeva a rolava nas ervas desintegradas até haver uma crosta leve cobrindo o pão. Então Lena embrulhava tudo em um pano e o colocava perto da lareira para assar. Ela pegou o pão que estava preparado na noite anterior e o colocou cuidadosamente no forno, depois ela e Asenka lavaram as mãos na bacia, tirando o avental, conversando.

Yeva entrou no quarto ao lado, preferindo deixar o aroma de ervas em sua pele. Ela ocupou seu lugar no chão junto à cadeira do pai, cruzando os braços no banquinho e apoiando o queixo nas mãos. O cheiro de ervas se misturou com o cheiro do pão que aqueciz no forno fazendo com que ela fechasse seu olhos. Em algum momento, suas irmãs se juntaram a ela, ainda conversando e rindo. Lena ajudou Asenka em sua cadeira antes de tomar a sua. Não foi até um nome chamar a atenção de Yeva que ela abriu os olhos e levantou a cabeça.

— Você acha que existe alguma verdade nisso? — A voz de Asenka era baixa, com a estranha oscilação que mostrava que ela estava pensando intensamente sobre o que estava dizendo.

— Está em toda parte. Não vejo que haja pelo menos um grão de verdade na narrativa, se todo mundo estiver contando. Yeva, você ouviu alguma coisa na baronesa?

Yeva engoliu em seco. Ela ouviu o nome, mas não o contexto. — Sobre o que? Eu estava com os olhos fechados. — Elas estavam acostumados a desligar as conversas - Yeva era a irmã quieta. Lena se inclinou para frente, com o rosto brilhando de interesse.

— Há um boato de que Solmir vai falar por uma das filhas de Tvertko. — Seus olhos brilhavam enquanto ela falava o nome do pai delas.

O coração de Yeva se apossou. Mas antes que ela pudesse responder, Lena voltou a olhar para Asenka, cujo rosto carregava um delicado rubor rosa.

— Oh, deve ser verdade. Você o admira há anos, Ashka. E se ele perguntar, podemos nos casar juntas! Pense nisso, um casamento duplo na primavera quando a neve derrete.

Asenka inclinou a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

— Pare com isso! — Ela protestou. Meu rosto se desfez do sorriso. — É um boato, nada mais. Deixe como está, ok?

Yeva ficou calada, seu estômago revirando. Ela rezou para que não voltassem a perguntar o que sabia, pois não podia mentir para elas. Mas como ela poderia dizer a elas que era a irmã mais nova, não a mais velha, que chamou a atenção de Solmir? Como Asenka suportava ver suas irmãs falarem quando ninguém havia olhado em sua direção?

Asenka sempre se sentava para que o pé torcido fosse coberto pela bainha das saias, mas Yeva encontrou os olhos indo para lá de qualquer maneira. Sua irmã andava com dificuldade e muita dor, mas administrava todo o resto com tanta facilidade que a maioria das pessoas tendia a esquecer a doença com que nasceu. No escritório da Leech, ela era admirada por sua compaixão e, por

longas horas, passava mancando ao longo das camas, buscando tinturas e pomadas sem uma palavra de queixa.

Os punhos de Yeva se apertaram ao redor de sua saia, a fúria substituindo a inquietação agitação em seu estômago. Por que sempre deveria ser Bela? Por que sua irmã não podia ser procurada por sua bondade, empatia e força? Por que ela não podia ser amada por isso, em vez de morrer por causa de um infortúnio de nascimento que supostamente a estragou?

A raiva a levou a se levantar, a boca se abrindo para explodir com a verdade, a injustiça disso. Suas irmãs olharam para ela, bocas de formato idênticos, surpresas. Mas antes que ela pudesse falar, o som da porta se abrindo no corredor a interrompeu.

— A casa do pai! — Exclamou Lena. — Yeva, como você sempre sabe?

Ela ajudou Asenka a se levantar, e as duas irmãs foram para o corredor. Alguém de fora da família pode falar da crueldade de nomear um bebê com o pé torcido em busca de graça. Mas em tudo, exceto em seu andar, Asenka era a garota mais graciosa que Yeva já tinha visto. Sorriso suave, dedos longos, esbeltos e adoráveis. Sua voz era sempre suave, sua risada nunca muito alta em uma sala silenciosa. Mesmo enquanto se apoiava em Lena, a maneira como andava era cuidadosa e suave com deliberação.

Yeva estava apertando a mandíbula, a língua pressionada contra os dentes para imobilizá-la. Deixe-os acreditar que ela se levantou para cumprimentar o pai. Como ela poderia partir o coração de Asenka com a verdade?



— Eu estava pensando em passar o próximo verão na cidade. — Dizia o pai enquanto limpava o resto do molho no prato com um pouco de pão fresco.

Yeva levantou a cabeça, arrancada dos pensamentos que rodeavam Solmir e Asenka. Seu pai levara Yeva e suas irmãs para a cidade a negócios uma vez atrás, e enquanto elas se iluminavam com a enxurrada de novas paisagens e

experiências, Yeva achava isso esmagador. As ruas fediam e todos os rostos eram estranhos, e ela não podia seguir nenhum caminho ou trilha pelas ruas agitadas ou pelas pedras irregulares. Ela passou todo momento agarrada à mão do pai.

Agora, seu olhar passou entre as filhas mais velhas antes de descansar na mais nova.

— Tenho alguns negócios com os cartógrafos de lá e levará algum tempo para que meus negócios sejam resolvidos. Então, eu vou precisar morar na área por alguns meses. Vai ficar quieto estando lá sozinho, então eu estava pensando em trazer vocês três para morar comigo.

As meninas mais velhas explodiram de alegria, conversando e rindo, comemorando sua boa sorte. Embora nenhuma das irmãs estivesse unicamente ligada à moda e à sociedade e à posição da baronesa, a perspectiva de estar rodeada por muita coisa por três meses no verão era uma delícia.

Yeva estava quieta, observando o pai. Ela sabia quanto lhe custava se afastar da floresta; custou-lhe o mesmo. Mas ela sabia por que seu pai queria ir. Nenhum dos homens aqui tinha falado por Asenka. Talvez em algum lugar novo, sua Bela atraísse a atenção de um homem do jeito que não atraia aqui. Seu pai levantou as sobrancelhas salpicadas de cinza, observando Yeva em troca. Ela respirou fundo e convocou um sorriso. Ele assentiu e recostou-se na cadeira.

— É claro. — Ele disse, falando agora principalmente para as meninas mais velhas — Vocês precisarão trazer todos os maridos ou noivos que possam ter adquirido nesse meio tempo.

Esse pronunciamento provocou mais gritos e risadas, e até a de Yeva. Seu sorriso ficou menos rígido diante da alegria de suas irmãs.

— Pechta! — Seu pai chamou a cozinheira pela porta. —Eu acredito que as meninas gostariam de comemorar com alguns doces. — A cozinheira fez uma reverência e desapareceu de volta na cozinha.

Os cães haviam se arrastado durante a alegria, como se esperassem que não fossem notados. Lena, como dama da casa fez objeção a eles nos quartos

onde as pessoas comiam e dormiam, mas por enquanto nem ela podia se distrair. Pelei ficou de vigia ao lado da cadeira do pai e Olhos-de-Corça se aproximou de Yeva, cutucando o nariz sob o cotovelo e no colo. Olhos-de-Corça havia sido comprado durante aquela viagem à cidade todos aqueles anos atrás. Yeva estava acariciando-o distraidamente, observando a excitação de suas irmãs.

Lá fora, o vento aumentou, começando a bater contra a estrutura robusta da casa. Os criados já haviam fechado as janelas para se preparar para a tempestade, mas Yeva sentiu um lampejo da inquietação que sentira na baronesa, uma inquietação que ela não podia citar.

De repente, sobre o uivo da tempestade crescente, uma forte batida contra a porta da frente rompeu os sons de conversas e risadas. As irmãs trocaram olhares quando o pai se inclinou para o lado para olhar em volta da borda da cadeira em direção ao corredor.

— É Radak? — Perguntou Asenka, olhando para a irmã mais nova. Era diferente do noivo de Lena vir visitar sem primeiro marcar com o pai.

— Ele está viajando a negócios. Talvez seja Solmir. — Sussurrou Lena antes de se dissolver em gargalhadas novamente com o rubor que apareceu no rosto de Asenka.

Yeva não ofereceu palpites. Ela podia ouvir o uivo do vento, e não conseguia imaginar ninguém que se aventurasse com esse tempo, exceto devido a uma terrível emergência. As batidas vieram novamente, desta vez com tanta urgência que os sorrisos desapareceram do rosto das meninas mais velhas. Albe finalmente chegou à porta e quase foi jogado para trás quando a abriu pela força do vento do outro lado. Yeva não conseguiu reconhecer o homem que tropeçou nela, coberto da cabeça aos pés em roupas de inverno. Apenas a ponta do nariz era visível sobre o silencioso, vermelha e brilhante do frio. Ele deu uma tapa no rosto para libertar a boca, ofegando o nome do pai.

— Tvertko. — Disse ele, sufocando com o calor repentino da casa enquanto Albe lutava para fechar a porta novamente. — Eu preciso ver Tvertko. Onde ele está, eu devo vê-lo imediatamente.

Albe ficou boquiaberto, gaguejando sua saudação habitual. O homem

olhou para ele e viu o pai de Yeva em sua cadeira e entrou na sala.

— Tvertko. — Disse ele, jogando-se para a frente. — Foi-se. Tudo se foi.

O rosto do pai ficou muito quieto, as sobrancelhas abaixadas. — O que foi, Pieter? Fale claramente cara.

— Tudo isso. — O homem gemeu novamente, caindo de joelhos. Ele estava exausto, isso estava claro. E ele não era local, ou Yeva o teria reconhecido no momento em que tirou o silenciador do rosto. E no entanto, o pai dela o conhecia. Um de seus contatos na cidade, talvez?

O pai dela ficou em silêncio, observando o homem ofegante e pingando neve derretida nas imaculadas tábuas do chão de Lena. Então ele levantou a cabeça, dirigindo-se às filhas.

— Meninas, por favor, subam as escadas. Pegue os cachorros. E por favor, diga a Pechta para ferver um pouco de chá.

— Mas pai… — Yeva começou assustada. Ele nunca havia as excluído de suas discussões comerciais.

— Vá Yeva. — Sua voz não era mais alta do que tinha sido, mas tão firme que não tolerava oposição.

Suas irmãs estavam de pé, Lena agarrada a Asenka tanto quanto ao contrário. Yeva se inclinou para colocar a mão em cada um dos cães, murmurando para eles subirem as escadas. Sentindo sua urgência eles obedeceram, subindo as escadas com as caudas baixas. Enquanto Lena guiava Asenka para o primeiro passo, Yeva entrou na cozinha.

Ela encontrou todos os quatro criados ali, olhos arregalados e fofocando. Albe ainda estava desarrumado por ter aberto a porta da tempestade, com os cabelos em pé em todas as direções.

— Chá. — Disse Yeva. — Para o meu pai e o convidado dele. — Ela não costumava ser tão abrupta, mas algo frio tomou conta de sua barriga e ela não conseguia atenuar a ordem. Pechta apenas assentiu, esquecendo-se de fazer uma reverência e correu para a lareira e a chaleira.

Yeva tomou o longo caminho de volta para as escadas, passando pelo

corredor em vez da sala de estar onde o pai dela ainda estava sentado ouvindo o visitante. No meio do caminho ela parou, alguma anomalia acústica no prédio da casa conspirou para lançar suas vozes tão claramente que ela podia ouvir o que eles estavam dizendo.

— ... e todos mortos. — Dizia o visitante, com a voz rouca de exaustão. — Espadas bárbaras em suas entranhas, cabeças empilhadas nos vagões e queimadas. Todos os bens roubados ou destruídos.

— Ninguém foi deixado vivo? — A voz de seu pai estava cheia de tristeza silenciosa. Yeva podia imaginar a cabeça baixa, os olhos fechados enquanto ouvia. — Nem os meninos?

— Ninguém. — Repetiu o visitante. — Você está me ouvindo, Tvertko? Tudo se foi. Você está arruinado.

Arruinado. Os ouvidos de Yeva tocaram com a palavra no silêncio que se seguiu.

— Yeva! — Uma voz sibilou. Yeva piscou, encontrando os olhos lacrimejando no silêncio e olhou para cima. Lena estava no topo da escada, acenando para ela. — Venha.

Yeva se juntou às irmãs, não desejando ouvir mais do que ela já ouvira. Todos eles se amontoaram na cama de Asenka. As três e os cães também e pela primeira vez Lena não os afastou. Olhos-de-Corça estavam com a cabeça tremendo no colo de Yeva, mantendo-se o mais imóvel possível na esperança de que ninguém a notasse e a obrigasse a sair. Pelei continuou lambendo a barra da saia de Yeva, cheirando o nervosismo no ar e tentando entendê-lo.



Elas esperaram, nenhuma delas conversando embora Asenka se movesse de vez em quando para mudar seu peso e aliviar o pé torcido. Foi só quando ouviram a porta da frente se abrir novamente, uma breve rajada de ar uivando pela casa e jogando os cabelos para trás, que Yeva levantou a cabeça. A porta

bateu novamente, deixando-os em absoluto silêncio.

Lena falou primeiro. — Nós deveríamos?

Yeva respirou fundo, tentando acalmar o tremor nas pernas enquanto tirava cabeça de Olhos-de-Corça de seu colo — Eu irei. — As duas irmãs relaxaram um pouco, elas estavam esperando que ela oferecesse. Ela era a favorita do pai delas, embora não houvesse fonte de angústia ou atrito entre elas. Fazia parte do dever de sua família ser filha do pai.

Ela disse aos cães para ficarem, embora Olhos-de-Corça saísse da cama e a seguisse até a porta do quarto. Com os pés descalços formigando contra o frio do assoalho, Yeva desceu as escadas.

Ela encontrou o pai ainda sentado em sua cadeira, embora ele estivesse inclinado para a frente com os pés apoiados no chão. Ele parecia um pouco menor, cotovelos apoiados nos joelhos, testa apoiada nos punhos cerrados. A luz do fogo conferia cores falsas ao que ela podia ver de seu rosto pálido, as linhas gravadas ali jogando horrendamente sombras. Yeva nunca havia percebido que o rosto de seu pai estava enrugado.

Yeva engoliu em seco e avançou. O pai dela não deu sinal de que estava ciente da presença dela, mas quando ela estendeu a mão e tocou o ombro dele com a ponta dos dedos, ele não deu um pulo ou gritou.

Ele apenas suspirou, a respiração deixando seu corpo em um gemido baixo.

— Oh, Bela. — disse ele, sem levantar a cabeça. Ele levantou uma das mãos para agarrar as dela, envolvendo os dedos em torno da mão dela com a força de um homem se afogando. Sem dizer mais nada, ele apenas ficou sentado, apertando a mão dela no ombro dele, a cabeça pressionada contra o punho.

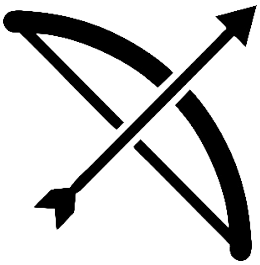
— Oh, Bela.

Fera

Não sabemos quantos anos se passaram ou quantos séculos. Para metade de nós, a passagem do tempo é pequena e medida, e sem dispositivos de medição é impossível rastrear. Para o outro, é infinito, incomensurável, um fluxo no qual todas as coisas se afogam no final. Estamos em desacordo por causa disso e de tantas coisas, e quando o sol desaparece e a escuridão volta, nós o marcamos apenas como uma mudança na luz.

A tempestade que vem hoje à noite não é a mudança que sentimos que viria. Mas no uivo do vento noturno e na violeta ofuscante da neve, não há mais nada a ser sentido. E assim, nós recuamos para andar dentro da nossa toca. Para que se lembre do sono, para esperar por outra mudança na luz.

Capitulo Dois



O Pai pediu a noite que pensasse em um plano, para que Yeva não compartilhasse com as irmãs o que ouvira, nem participasse de suas especulações sussurradas depois de soprar a vela no quarto que dividiam. Ela ficou acordada depois que suas irmãs adormeceram, observando o teto e ouvindo o vento além da janela.

Ao amanhecer, ela levantou os olhos arenosos e rígida e desceu até a cozinha, carregando os sapatos para não acordar as irmãs. A cozinha estava fria e vazia. Pechta ainda não havia aparecido, sem surpresa após a excitação da noite anterior. Yeva voltou a acender o fogo, verificou o pão que subia no canto da lareira e acendeu a chaleira sobre as chamas. Então ela colocou os pés gelados nos sapatos, tremendo e em pé de costas para o fogo da cozinha.

Depois de um tempo em que a casa voltou à vida, as criadas acordando e aceitando canecas de chá, suas irmãs juntando-se a elas quando a luz do sol alcançou a borda da janela. O vento soprava ao redor da neve, a tempestade não havia trazido muito mais, deixando o mundo recém-revestido em uma fina camada de branco. Com manchas escuras de lama congelada por toda parte nas laterais dos prédios e nas vidraças. O gelo quebrava a luz quando entrava na casa, enviando-a em facas e raios de sol através dos tapetes e tábuas do chão.

Ninguém falou da noite anterior, nem as irmãs nem as criadas. E no entanto, havia um ar de expectativa incômoda como se todos estivessem esperando, mas com muito medo de perguntar o que estavam esperando.

Eventualmente, o pai de Yeva apareceu na entrada da cozinha. Seus olhos

estavam vermelhos e cansados, o rosto caído e a boca tensa. Ele parecia não ter dormido mais do que Yeva.

— Meninas. — Disse ele, a luz do sol cortando sua forma na porta. — Funcionários. Vocês todos podem se juntar a mim no salão?

Yeva serviu uma caneca de chá e depois seguiu o resto da assembleia até a sala de estar. Seu pai havia acendido o fogo lá, mas apenas momentos antes. A sala ainda estava congelando, e ela pressionou a caneca de chá na mão de seu pai antes de se aconchegar perto de suas irmãs junto à lareira.

Ele ficou ao lado de sua cadeira e olhou para o chão perto dos pés de Yeva por um tempo. Ele levantou a cabeça. — Há um mês — Ele começou. — Enviei uma caravana para Constantinopla. Se o empreendimento fosse bem-sucedido, significaria uma nova rota comercial. Que traria a vocês meninas e a cidade e todas as cidades vizinhas inúmeros luxos. E talvez o retorno dos padres e dos livros, educação, mapas, vida além de nossas fronteiras. Os mongóis nos impedem de fazer contatos externos, mas eu pensei... — Ele balançou a cabeça, como se estivesse na loucura de um sonho assim. —Foi um risco tolo. Uma aposta que eu não deveria ter feito.

Yeva queria olhar para as irmãs para ver se elas já haviam descoberto, se estavam começando a entender o significado do visitante durante a noite. Mas ela não conseguia tirar os olhos do rosto cansado do pai.

—Toda a nossa fortuna estava amarrada na caravana, junto com investimentos de comerciantes e nobres, garantidos por mim. Tudo se foi.

A respiração saiu da sala. Yeva sentiu Lena endurecer e do outro lado da sala ouviu uma das servas reprimir um suspiro.

— Pensei a noite toda no que fazer e passei algum tempo somando o que devo aos investidores. Nossa única opção é vender a casa e a maioria de nossos bens. Para a equipe, vou encontrar posições com as famílias vizinhas. Todos vocês terão referências excelentes. Eu ainda possuo minha cabana de caça na floresta norte. As meninas e eu vamos nos mudar para lá, voltamos a caçar e tentaremos ganhar o suficiente para pagar nossas dívidas.

O silêncio seguiu esse anúncio, como se todos na sala estivessem esperando que ele continuasse. Ele deu um passo para o lado e afundou-se na cadeira, dobrando-se com os cotovelos apoiados nos joelhos a caneca pendurada entre os dedos.

Pechta começou a chorar, virando-se para uma das criadas e enterrando o rosto no ombro. Parecia que essa era a sugestão para toda a família desmoronar - as duas criadas começaram a soluçar, enquanto Albe ficava boquiaberto em silêncio chocado e as irmãs de Yeva se abraçavam. Yeva ficou sozinha, observando o pai. Em meio ao caos, ele levantou a cabeça para encontrar os olhos dela.

Yeva sempre desejou nada além de morar na cabana de caça de seu pai, onde passou tantos dias felizes com ele quando criança em suas expedições. Isso significava que ela estava livre de viagens para ver a baronesa, livre de descobrir como lidar com Solmir. Como dizer às irmãs, qual é o verdadeiro interesse dele? Mas a que custo? Radak ainda desejaria se casar com Lena se não tivesse riqueza e conexões para oferecer? E a cabana de caça ficava nas fronteiras da cidade mais próxima. Não havia rapazes elegíveis na floresta para falar por ela e sua irmã, apenas as árvores, o vento e os animais.

Ela viu o espírito morrer nos olhos de seu pai. Ele se sentou curvando-se, olhando para ela como um homem de oitenta anos. Quanto tempo ele poderia continuar a caçar? Ele não teve que se sustentar, muito menos uma família, apenas caçando em quase vinte anos.

Um pedaço de gelo se soltou do telhado e deslizou, raspando ruidosamente os fungos e soluços pontuando o silêncio. O inverno estava chegando rápido.



As irmãs de Yeva observavam suas posses e seus futuros serem leiloados aos mais altos concorrentes, sem lágrimas e sem sinais externos de tristeza. Embora, em particular, o rosto de Lena fosse frequentemente atraído pela

preocupação. Seu noivo Radak, estava viajando a negócios e não ouviria o que havia acontecido até que eles fossem embora para o mundo exterior. Ela e Asenka estavam tão ensolaradas como sempre. Elas explicaram alegremente aos possíveis compradores por que esse espelho era o favorito delas, que as vestia da maneira mais elegante, e a caixa de madrepérola a mais bonita. Se Yeva herdou a habilidade de seu pai na caça, elas herdaram sua capacidade de negociar um acordo. Elas ganharam mais com seus bens do que o pai havia calculado, mas ainda não era o suficiente para pagar os investidores que ele devia.

Na juventude, o pai de Yeva era considerado o melhor caçador do país. Embora houvesse muitos caçadores que se aproveitavam da floresta negra, ele foi o único que se aventurou em seu coração. O pai de Yeva havia contado suas histórias quando ela era pequena das coisas que ele alegou ter visto: o Kudlak o sugador de vidas, os grandes ursos do norte que podiam mudar seu pelo para combinar com o gelo, o Stuhac, que roubava os ligamentos das pernas de um homem para amarrar os próprios pés na neve. Acima de todos, estava a história do Pássaro de Fogo — o favorito de Yeva pelo tempo que ela conseguia se lembrar. Apesar da escuridão e do perigo da madeira negra, o Pássaro de Fogo em seu coração era um farol em chamas. Nenhum caçador poderia pegá-lo, o único que chegara perto não passava de uma lenda de cem anos ou mais. E ele só pegou uma única pena do rabo.

Yeva sonhava em ser a única a pegar o Pássaro de Fogo. Sonhava com isso muito tempo depois de parar de acreditar nos outros contos que seu pai contava para ela. Porém, mesmo sem o Kudlak, sem os monstros dos contos de fadas que amava quando criança, as profundezas da floresta eram perigosas, muito mais mortais do que os perímetros mais procurados da floresta.

Seu pai uma vez se aventurou sem medo nos confins mais profundos da floresta, mas como ele poderia voltar a uma vida agora? Ele havia desistido do perigo da busca por amor à mãe de Yeva, que não suportava vê-lo desaparecer na floresta negra dia após dia.

E o coração dele? Ele se amontoou em frente ao fogo naquela noite como

um homem quebrado. Ele estava orgulhoso, tão orgulhoso de seu império mercantil quanto de suas habilidades de caça quando jovem. Ele não podia esperar ganhar o suficiente simplesmente com peles e carne de veado e coelho; ele teria que se aventurar profundamente para trazer de volta as cabeças e as peles do jogo de troféus. Como ele poderia esperar ser tão ousado e tão forte agora, com essa humilhação e ruína pesando sobre ele com vinte anos extras?

Então, as irmãs de Yeva tentaram ganhar o máximo possível de seus tesouros, separando-se delas prontamente. Yeva não possuía habilidade com as pessoas e estava mais do que feliz em deixar a venda de seus próprios bens para elas. Ela manteve apenas alguns de seus vestidos mais simples para levar com ela para a cabana.

Também falaram em vender os cães, pois eram de raça pura e o pai de Yeva ainda podia caçar sem eles. O coração de Yeva quase partiu com a ideia, mas ela lembrou-se de suas irmãs alegremente entregando seus queridos livros e bugigangas e concordou em conhecer um homem que havia perguntado sobre comprá-los.

Pelei estava cautelosamente interessado no possível comprador, farejando a mão dele com grande determinação. Mas Olhos-de-Corça, o cão mais gentil que Yeva já havia encontrado jogou as orelhas para trás e rosnou quando ele se aproximou o pelo erguendo-se ao longo de suas costas. O pai de Yeva deu de ombros depois que o comprador foi embora e disse apenas:

— Suponho que teremos que construir um canil para eles dormirem na cabana.



Com os cães em segurança, Yeva voltou a pensar em guardar os poucos pertences da família. Por instrução de seu pai, ela havia colocado três de seus quatro empregados com novas famílias - apenas Albe permaneceu. Ele veio até eles uma manhã e caiu no chão, joelhos batendo na madeira com um baque alto.

— Por favor deixe-me ir, mestre, amas. — Ele implorou, segurando a mão de Tvertko. — Você sabe que não sou bom, só serei expulso de outra casa. Eu quebro coisas e esqueço. Mas para você eu ficarei melhor. Posso cozinhar e limpar um pouco e o que você precisar, farei valer a pena me manter.

— Mas não podemos pagar. — Disse Yeva gentilmente, enquanto o pai acariciava a mão de Albe e tentava fazê-lo se levantar.

— Não me importo, senhorita. — Protestou ele. — Onde mais eu iria? Estou aqui desde que minha mãe morreu, estou com vocês desde os sete anos. Para onde mais eu iria?



A partir de então, Albe supervisionou a embalagem e livrou Yeva de qualquer coisa que tentasse levar à carroça. Ele geralmente se incomodava, sempre sob os pés e realizando suas tarefas com tanto entusiasmo que quase derrubava as irmãs. Mas suas travessuras os fizeram sorrir com mais frequência do que gritar com ele. Assim, quando a família finalmente saiu de casa, seus espíritos não estavam tão baixos quanto poderiam ter estado.

Com os homens caminhando e os cachorros trotando ao lado, e a carroça puxada pelo cavalo que havia pego emprestado de um vizinho em troca de um tapete, eles partiram na estrada para o norte.

Foi uma viagem de três dias da casa deles na cidade até a cabana de caça do pai. Eles ficaram em pousadas ao longo do caminho, uma despesa que Yeva protestou a cada noite. Mas o pai dela recusou-se a permitir que as meninas passassem a noite em um celeiro, ou pior, envoltas em suas capas no chão ao lado da estrada. — Nós não afundamos tanto. — Disse ele, com uma voz muito calma que Yeva conhecia melhor.

No terceiro dia o tempo piorou, o céu baixou e ficou cinza até o ar ficar branco de neve no final da tarde.

Quando o dia se esvaiu em direção ao crepúsculo Olhos-de-Corça

começou a tropeçar, suas longas pernas tremendo na neve. Yeva pulou para ajudar a levantar a cadela na parte de trás da carroça e se juntou a ela lá. Olhos-de-Corça foi criada para a velocidade, criada em uma terra distante ao oeste, com um corpo esbelto e pelo mais curto. Uma cadela de verão, não criada para as dificuldades de inverno que enfrentaria na beira da floresta negra.

Yeva esfregou e esfregou o corpo e as pernas da cadela até que o tremor os deixou. Olhos-de-Corça lambeu o pulso e se enrolou em um ninho que Yeva fez de seus poucos vestidos restantes. Eles estavam cobertos de pelos e cheiravam a cachorro, mas com o que Yeva se importava? Aqui fora, não haveria baronesa para notar. Yeva deixou a cadela adormecido em seu ninho e juntou-se às irmãs no topo da carroça larga.

Ao seu lado, sentiu Lena tremer e olhou para o lado. O rosto da irmã estava voltado resolutamente para as árvores que passavam, mas Yeva viu as mãos dobradas com tanta força no colo que os nós dos dedos brilhavam. Eles enviaram a notícia de seus infortúnios ao noivo de Lena, mas não tiveram tempo de esperar por uma resposta. Principalmente porque não havia garantia de que a mensagem o encontraria. Radak provavelmente retornaria de sua viagem de negócios para encontrar Lena fora, e todos os motivos para se casar com ela também. Agora não havia nada de bom em uma aliança com a família — casar com um deles seria casar com suas dívidas, o que poderia prejudicar um jovem empresário.

Yeva cruzou as mãos sobre a irmã. Eles estavam quase tão frios quanto os dela, mas relaxaram sob o toque dela e depois de um tempo, as mãos de Yeva e as de Lena se aqueceram.

O tempo piorou quando eles saíram da estrada para um caminho menor para a floresta, e tiveram que abrir sua própria trilha na neve, pois ninguém vinha assim desde o início da tempestade. Albe chamou, sugerindo que voltassem e seguissem para a estalagem várias léguas atrás. O pai de Yeva disse algo em resposta que ela não conseguiu ouvir, mas Albe se acalmou, puxando o casaco com mais força sobre os ombros. Ela pulou da carroça, afundando a

panturrilha na neve e gritou com o vento:

—Sente-se um pouco, talvez.

Ele protestou, com o rosto vermelho de beterraba, mas ela balançou a cabeça.

—Por favor, eu gostaria de falar com meu pai em particular.

Relutantemente, Albe deixou que ela lhe desse uma perna sobre a carroça, que gemia pela neve. Yeva aproximou-se do pai e passou o braço pelo dele, pelo calor e pela companhia.

— Isso foi gentil. — Disse ele, batendo na mão dela.

— No momento, Albe é nosso único amigo no mundo.

A mão de seu pai parou contra a dela, a cabeça inclinada contra o frio cortante. Por um tempo, havia apenas o tilintar dos arreios do cavalo e o gemido da carroça, o baque surdo do casco na neve. O ocasional baque distante como um galho cedeu e soltou seu pesado fardo no chão da floresta.

— Eu fui um tolo. — A voz do pai dela era um sussurro, mas o silêncio da neve fez pouco para escondê-lo. — Que idiota.

Yeva nunca teve que consolar o pai antes. Seu coração apertou com o tipo de medo que ela nunca sentiu fora dos pesadelos, o tipo de medo que fez seu sangue bater forte.

— Não é sua culpa. — Disse ela finalmente, procurando por quaisquer palavras que pudessem aliviar a tensão no braço ligado ao dela.

Seu pai soltou uma risada grunhida, a névoa pairando na frente de seus lábios como um fantasma.

— Tivemos o suficiente. Mais do que o suficiente. Aquela caravana… fui um tolo por colocar tudo o que tínhamos em um empreendimento tão frágil. Mas eu queria mais para você, para minhas meninas, eu queria...

Sua voz falhou, e com ele o coração de Yeva. Por décadas, sua cidade juntamente com uma vasta extensão do país, havia sido isolada de outras partes do mundo por saqueadores que interceptavam viajantes e comboios. Os livros que seu pai possuía vieram de um tempo antes dos mongóis. Os padres que

abençoaram Yeva em sua cerimônia de nomeação, foram alguns dos últimos a realizar suas peregrinações.

— Você queria o mundo para nós. — Yeva sussurrou, abraçando o braço do pai contra seu corpo. — Não há vergonha nisso.

Ainda assim, seu coração se mexeu inquieto. Ela não estava se repreendendo da mesma maneira, por querer mais do que a vida que um marido como Solmir poderia oferecer a ela?

— Eu tinha o mundo. — Respondeu o pai, seu ritmo vacilando por alguns passos até Yeva parar também. Os olhos avermelhados do pai encontraram os dela, a neve derretendo nas bochechas e escorrendo pela barba. — E eu estava cego demais para vê-lo.

Yeva engoliu em seco. — Você nos tem. — Ela disse suavemente. — Nós temos você. É tudo o que precisamos. Venha, pai, você ficará rígido se parar de se mexer.

Enquanto eles continuavam, Yeva descobriu que o movimento a esquentava e que caminhar era muito mais preferível do que andar na carroça — mas ela não andava havia três dias na neve profunda. Depois de apenas meia hora, descobriu que os músculos pouco utilizados começaram a doer e protestar contra o exercício.

Ao cair da noite, a cabana apareceu, o mesmo branco e preto com neve e madeira da floresta. Os ocupantes amontoados na carroça saltaram, embora soltando o cavalo assim que a carroça entrou na margem da casa. A exaustão os tornava todos lentos e estúpidos, mesmo aqueles que andavam na carroça, pois o frio e o movimento oscilante e saltitante eram quase tão cansativos quanto caminhar. Asenka mal conseguia se mover, sua perna ruim estava tão rígida e Lena a ajudou a atravessar a neve com alguma dificuldade. Yeva recolheu Olhos-de-Corça de seu ninho quente e sonolento e assobiou para Pelei, que vagara longe demais, dançando em volta das árvores, cheirando e tremendo de excitação com o novo ambiente. Talvez colocaria o cavalo em um galpão em ruínas para cuidar mais tarde, e todos iriam para a casa. Ela ficou desocupada

por quase uma década e com um longo suspiro, o pai delas abriu a porta pela primeira vez desde que Yeva era criança.

Estava coberta de poeira e sujeira, metade das persianas quebradas, montes de folhas caídas e neve enchendo os cantos. Algo farfalhou nas costas, seu ninho perturbado pelas chegadas humanas. A única luz vinha de trás das persianas quebradas e de um buraco no telhado, coberto principalmente de neve, permitindo apenas o brilho azul frio do crepúsculo através do gelo. Flocos caíam do buraco, brilhando no raio de luz.

Este não era o lar acolhedor que Yeva se lembrava de sua infância. Ela se viu desejando que seu pai tivesse escutado Albe de volta na estrada e se ele tivesse, eles estariam quentes e alimentados em uma estalagem agora. Mas então, a bolsa muito fina do pai teria várias moedas a menos.

Todos estavam parados dentro da porta pingando neve e gelo no chão, observando o interior úmido da cabana em silêncio. Asenka falou primeiro, dando um passo manco à frente.

— Talvez — Ela disse suavemente. — Se vocês quiserem, seria um boa usar a pá ali na lareira e remover a neve de dentro, eu acenderei uma fogueira.

Lena, como se estivesse se sacudindo de um sonho, tropeçou para a frente para pegar o braço da irmã mais velha e ajudá-la a chegar na lareira. As duas começaram a tirar as folhas da lareira quando Albe pegou a pá de cinzas e começou a puxar a neve pelas janelas. Yeva se ajoelhou e sussurrou para Pelei, uma mão no ombro trêmulo:

— Continue, eu sei que você sente o cheiro deles. Lembre-os de que esta é a nossa casa.

Quando ela se endireitou e afastou a mão, Pelei foi para o canto mais distante da cabana como uma flecha de uma besta, enviando farfalhares frenéticos pelas folhas de lá enquanto os ocupantes anteriores da casa fugiram diante dele. Yeva localizou a mesa larga e resistente entre os destroços e, com a ajuda de Albe, apoiou-a nas pernas e depois passou as mãos sobre a parte superior para limpar a poeira.

O pai de Yeva permaneceu na porta, imóvel, vendo sua família começar a trabalhar. Quando Yeva se virou para ele, ele inalou profundamente pelo nariz passando a mão pelo rosto. — Minhas meninas. — Disse ele com voz rouca, apertando os lábios. Depois de um silêncio, ele se balançou e inclinou a cabeça na direção de Yeva com um sorriso. — Eu vou procurar o chá. — E ele saiu para começar a trazer coisas da carroça.

Nos dias seguintes, a cabana tornou-se lentamente habitável. Albe foi colocado para trabalhar derrubando algumas árvores próximas e cortando madeira áspera para reparar os piores buracos e sustentar o espaço do sótão para torná-lo seguro. Havia um quarto nos fundos da casa e dois paletes no sótão. Tvertko e Albe tomaram as camas no sótão, pois Asenka não conseguia subir na escada — ela e Lena pegaram a cama nos fundos da casa, a que tinha sido do pai delas quando ele ainda usava como uma cabana de caça.

A própria Yeva fez um palete junto à lareira. À noite, fazia calor com o fogo do dia e à medida que a noite ficava mais espessa, os cães se aconchegavam dos dois lados e ela se sentia tão aconchegada quanto qualquer outra em casa. Seu pai protestou contra o acordo, e suas irmãs também, mas quando Lena se ofereceu para se revezar com ela dormindo no chão, Yeva a recusou.

— Eles são meus cachorros. — Ela apontou com um sorriso. — E você só saberá reclamar pela manhã com seu cheiro.

Yeva era geralmente a primeira da família a acordar de qualquer maneira e por isso se tornou seu hábito ligar o fogo ao amanhecer para que a água estivesse começando a ferver para o chá, quando Albe descia a escada esfregando os olhos.

O pai de Yeva começou a fazer incursões na floresta circundante, aprendendo a floresta novamente. Ele ensinou a Yeva que a chave para ser um bom caçador não era rastrear uma criatura pela floresta, mas conhecê-la tão bem que era como rastrear sua presa em sua própria casa. Ele raramente voltava com muitos desses dias, mas fazia planos iminentes para viagens mais profundas na floresta.

Yeva implorou para que ela o acompanhasse.

— Você não é mais criança. — Disse o pai com um suspiro. — Quando pagar minhas dívidas, voltaremos à cidade. A essa altura, receio que você tenha ficado tão selvagem que os limites da civilização partirão seu coração.

— Por favor. — Era tudo o que Yeva conseguia dizer. Ela não tinha argumentos contra isso. Mesmo anos após a última vez que eles estavam caçando juntos, ela ainda ansiava pela catedral escura e fria da floresta.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não vou me convencer disso, Yeva. — Ela ainda se encolheu ao ouvir o uso de seu nome próprio do pai. — Além disso, se você vier comigo Olhos-de-Corça tentará segui-la e você sabe que ela não aguenta tanto frio.

E então ele a deixou para trás, viajando cada vez mais fundo pela floresta com Pelei ao seu lado. Às vezes ele ficava dois ou três dias, deixando Yeva, suas irmãs e Albe sozinhos em casa. Yeva manteve-se na cama junto à lareira. Olhos-de-Corça teria choramingando e chorado a noite toda, incapaz de subir a escada do sótão se Yeva assumisse o quarto do pai na ausência dele.

Foi durante uma das excursões de seu pai que eles receberam seu primeiro visitante na cabana, em uma tarde cheia de luz solar pálida e fria. Yeva e Lena estavam bloqueando as lacunas nas madeiras do chão e as paredes de barro, enquanto Asenka estava sentada junto à lareira, consertando uma das camisas do pai. Olhos-de-Corça estava executando um circuito pela casa como fazia a cada hora, alerta para o retorno de Pelei. Mas, em vez das de suas orelhas se erguerem e do chicote frenético de sua cauda que anunciava sua chegada ela ficou rígida, o nariz apontado para a porta e a cauda imóvel.

Yeva fez uma pausa, com os olhos na cadela.

— Tem alguém lá fora?

A cabeça do criado espiou pela borda do sótão, onde ele estava arrumando.

— Não ouço ninguém, senhorita.

Yeva colocou a mão no ombro de Olhos-de-Corça e encontrou os músculos sólidos como rocha.

— Você poderia verificar?

Albe desceu a escada para aterrissar com um ruído forte no chão. Ele abriu a porta uma fresta, espiando pela neve brilhante.

— Tem alguém vindo, senhorita. —Disse ele, surpreso.

Lena deixou cair a tigela de barro, jogando um pouco no chão.

— Radak. — Ela sussurrou, olhando primeiro para Yeva e depois para Asenka que havia parado de consertar e estava encarando a irmã. — Tem que ser. Ah, e se ele vier para acabar com o nosso noivado?

— Ele não faria. — Disse Yeva com firmeza. —Ele não faria isso. E se essa era sua intenção, ele dificilmente viajaria três dias para isso, ele simplesmente nunca viria.

— Não é o seu jovem, senhorita. — Disse Albe. Yeva se arrependia de ter falado agora, a cada dia que Radak não vinha Lena ficaria mais convencida de que ele nunca iria.

Albe entrou na abertura da porta, endireitando os ombros. — Bem vindo senhor. Posso ajudá-lo? — Ele falou com alguém que Yeva não podia ver, sua silhueta ofuscada pela luz ofuscante da neve atrás dele.

— Esta é a nova casa de Tvertko? — Perguntou o visitante. — Eu vim para vê-lo e sua filha.

Albe deu um passo atrás, permitindo que o homem entrasse. Assim que a porta se fechou atrás dele e fechou a luz do dia, seus traços se tornaram claros. Era um jovem, talvez cinco ou seis anos mais velho de Yeva, com cabelos escuros e um sorriso fácil. Ele tinha olhos castanhos amistosos que se lançavam sobre a sala, indo primeiro para Asenka junto à lareira e depois para Lena junto à parede e depois para Yeva. E lá seus olhos ficaram. Houve um suspiro na lareira, e Yeva se virou para ver que Asenka tinha ficado branca, encarando o homem na porta.

Era Solmir.

Fera

Algo vem.

Um homem e um animal, movendo-se lentamente examinando o chão. Observamos a apenas alguns metros de distância — sabemos como disfarçar nosso cheiro do canino. O homem é firme e forte, é velho para sua espécie e observamos com interesse. Algo nele é familiar, nós já o encontramos antes.

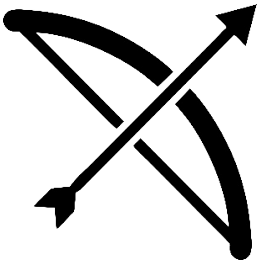
Sim, nós o conhecemos. Ele não teria sido o primeiro caçador que nos voltamos para nossos propósitos, mas ele era o mais promissor. Estávamos tão certos de que ele seria a nossa salvação, até que um dia ele desapareceu e nunca mais voltou para a floresta. Faz anos ou semanas?

Talvez gerações. Seu cabelo mudou e seu rosto cresceu, mas ele anda com o mesmo conhecimento da força vital da floresta.

Rosnamos, o som se misturando com o vento e o gemido das árvores sob o peso da neve. Nós somos pacientes. Ainda nos lembramos do nosso plano.

Enquanto o homem caminha pela floresta, a cadela soprando vapor a seu lado, seguimos em patas silenciosas.

Capitulo Tres



Yeva ficou parada no local, encarando Asenka enquanto olhava para Solmir. Yeva estava mais perto da porta e sabia que deveria cumprimentá-lo adequadamente, mas sentiu que se o olhasse tudo se desmoronaria.

Por fim, Lena deu um passo à frente alisando as saias como se fossem de seda fina, e não de lã suja de lama.

— Bem-vindo, senhor! — Ela disse, passando por Yeva e estendendo os braços para a capa pesada de Solmir. — Por favor, perdoe-nos, você é o primeiro visitante que recebemos desde que nos mudamos.

Solmir a deixou tirar a capa com um murmúrio de agradecimento, olhando-a brevemente antes de voltar o olhar para Yeva.

— Peço desculpas por não enviar uma mensagem, mas quando um mensageiro chegasse e voltasse, levaria pelo menos uma semana. Tenho um quarto na estalagem há algumas léguas, posso voltar outra vez se estiver incomodando vocês.

— Claro que não. — Disse Lena. — Você deve estar com frio. Por favor, sente-se aqui perto da lareira.

Ela puxou uma das cadeiras da mesa para a lareira, colocando-a mais próxima da de Asenka do que era necessário. Asenka, cujo rosto branco ficou vermelho quando ela torceu as mãos no colo e deu a Yeva um olhar de alarme.

Solmir mudou seu peso de um pé para o outro.

— Na verdade, não tenho muito tempo. Seu pai não está em casa?

Lena balançou a cabeça. — Ele está caçando. — Explicou ela, ainda com a

mão no encosto da cadeira como se esperasse levá-lo até lá apenas pela força de vontade.

O rosto dele caiu um pouco. — Bem, terei que voltar outra hora para falar com ele, mas esse não era o meu único objetivo.

Solmir baixou o olhar para o chão, como se ele pudesse encontrar suas próximas palavras escritas lá.

— Sim? — Disse Lena com expectativa, a mão na parte de trás da cadeira se arrastando para descansar no ombro de Asenka.

— Eu esperava poder falar com Yeva. — Seus olhos se ergueram, encontrando os de Yeva antes que ela desviasse o olhar assustada. — Sozinho.

Com o coração batendo forte na caixa torácica, Yeva não pôde deixar de olhar para as irmãs. O rosto de Lena estava em branco, confuso. Mas... Asenka entendeu. Seus lábios se separaram, mas nenhum som emergiu o rubor de excitação nervosa que aquecia seu rosto fugiu, suas mãos ficaram paradas no colo. Ela chamou a atenção de Yeva e depois de um longo e pesado segundo os cantos da boca apareceram em um sorriso.

Incapaz de aguentar mais, Yeva disparou para a frente procurando a trava da porta. — Como você pode ver. — Ela disse severamente. — Nós temos apenas um quarto além dos quartos. Falo com você lá fora, por favor.

Ela tropeçou na neve sem esperar para ver se Solmir a seguiria. Por que, ela pensou furiosamente não poderia ter sido Radak? Na pressa, ela deixou a capa para trás. Por enquanto, uma humilhação quente e angústia a percorriam imunizando-a contra o frio.

O cavalo de Solmir estava obedientemente junto à trilha coberta de neve cheirando o vapor no ar. Bem treinado, que não exigia mancadas ou laços. Uma voz cortou seus pensamentos.

— Yeva? — Solmir estava fechando a porta atrás de si, depois de pegar a capa do gancho em que Lena a colocara.

— O que você está fazendo aqui? — Yeva se virou abruptamente o suficiente para enviar uma rajada de neve.

A boca de Solmir se abriu de surpresa, as sobrancelhas franzidas.

—Eu… Por que você está com tanta raiva?

Yeva não sabia que suas emoções eram tão óbvias. Ela fechou os olhos, aspirando uma respiração gelada de ar que queimou o interior do nariz.

— Sinto muito, você veio em um momento estranho. Por favor senhor, por que você veio?

— Solmir. — Ele a corrigiu. —Eu odeio quando as pessoas me chamam de senhor. Eu vim — Ele fez uma pausa, as sobrancelhas abaixando ainda mais enquanto olhava para ela na luz do sol do inverno. — Você realmente não sabe?

A fúria diminuiu, deixando-a com apenas confusão e pavor rastejando através dela tão rápida e seguramente quanto o frio.

— Não. — Ela estremeceu.

— Aqui. — Solmir se adiantou e colocou a capa sobre os ombros dela antes que ela pudesse protestar. Dando um passo para trás, restaurando uma distância respeitosa entre eles. Ele nivelou seu escrutínio nela novamente. Seus olhos eram amigáveis, quentes. Não era de surpreender que eles fossem o que Yeva mais se lembrava dele nos jantares que passavam juntos.

— Peço desculpas. Pensei que você tivesse entendido. — Embora ele falasse baixinho, ele falava com confiança. — Eu sei que não passamos muito tempo juntos, mas de todos os que estavam nos jantares você era a única com quem eu queria falar. As outras senhoras falavam de clima e moda e da prata da baronesa. Você explicou a maneira correta de esfolar um leopardo para não estragar seu pelo.

Yeva sentiu o fundo cair do estômago. — Eu nunca...

— Não para mim. — Disse ele com um sorriso. — Para um dos caçadores a serviço do barão. Eu ouvi você. Tentei em vão falar sobre caçar com você, mas acho que a baronesa lhe ensinou muito bem. Nunca antes invejei um mero caçador.

Agora que ele falou, Yeva lembrou-se mais claramente das noites em que os dois compareceram ao jantar. Ele sempre se sentou ao seu lado, sempre falou

dos caçadores e perguntou se ela conhecia algum deles. Ela pensou que ele estava se envolvendo em alguma forma de fofoca e desviou as perguntas da melhor maneira possível. Yeva fechou os olhos novamente. Como ela tinha sido tão cega?

— Por favor. — Disse Solmir. Yeva ouviu um passo suave, sabia que ele havia dado um passo em sua direção. — Quando recebi a notícia da caravana de seu pai, sua família já estava desaparecida e eu perdi minha chance. E agora eu vim até aqui, em vez disso. Vou ter que voltar e falar com seu pai. Mas todo mundo sabe como ele te ama. Se você quer algo, ele não recusará. Por favor, Yeva. Considere minha oferta. Eu gostaria de levá-la de volta comigo, como minha esposa. — Ele ficou sem fôlego, forçado-o a engolir outro fôlego antes de suas últimas palavras.

Yeva sentiu como se o peso da capa dele nos ombros a levasse de joelhos. Ela se forçou a encontrar os olhos dele e imediatamente desejou não ter olhado. Ele estava muito sério, olhando-a com tanto sentimento. Como ela nunca notou?

— Eu não posso me casar com você. — Ela murmurou, tremendo novamente, apesar do calor da capa dele. — Eu sinto muito.

— Por que não? — Ele parecia apenas intrigado, sem entender o que ela estava dizendo.

— Não posso me casar com ninguém. — Quando as palavras saíram, Yeva percebeu quanta verdade elas possuíam. De todos os homens do mundo que poderiam pedir sua mão, ela não podia esperar encontrar alguém mais adequado para ela do que este e no entanto, o pensamento de casamento a fez querer sobressair como um sapinho e voar para a floresta. — Eu não sou — Pausou. — Eu não sou uma esposa. Você deveria se casar com minha irmã Asenka, ela é gentil e boa e...

Solmir balançou a cabeça, avançando e pegando as mãos dela. Yeva, estupefata demais para protestar ficou olhando enquanto ele as envolvia.

— Não é sua irmã que eu quero, Yeva.

Ela olhou para cima, capturada pelo desejo em sua voz. A profundidade

disso a deixou sem palavras.

Ele encontrou os olhos dela e os cantos da boca ergueram-se no menor dos sorrisos. — Yeva. — Ele repetiu suavemente.

— Eu não posso. — Ela se afastou arrastando a capa dos ombros e apresentando a ele no comprimento do braço. — Eu ofereceria a você um refresco, mas acabamos de nos mudar e não estamos prontos para receber visitas. Por favor, vá.

Se ela não fosse assim, ficaria chocada com seu próprio comportamento. Ela estava sendo imperdoavelmente rude.

Mas Solmir apenas recolheu a capa abraçando-a contra o peito. Ele segurou o braço estendido dela com uma mão, os dedos envolvendo o pulso dela. Ele a observava como se desejasse que ela, e não a capa, pressionasse contra ele. Mas não fez nenhuma tentativa de atraí-la para mais perto. — Eu preciso voltar para falar com seu pai. Uma quinzena, talvez. Isso lhe dará tempo para voltar. Por favor, pense apenas até eu voltar. Podemos caçar juntos, viajar juntos, até o barão me nomear seu herdeiro. Então você será minha baronesa e ninguém ousará nos dizer o que devemos fazer.

Yeva não pôde dizer nada, a respiração presa na garganta, o coração batendo contra a caixa torácica.

Solmir curvou-se sobre o braço cativo e Yeva esperava que ele beijasse a mão dela como um cavalheiro beijaria a de uma dama. Mas então dedos tão hábeis quanto os de um tecelão viraram o pulso dela, e ele dobrou a mão dela gentilmente para que seus dedos se abrissem como uma flor. Então ele deu um beijo na palma da mão. Yeva estremeceu de novo e desta vez não foi do frio.

— Por favor, dê meus cumprimentos a suas irmãs. — Disse ele, soltando a mão dela. — E diga a elas que sinto muito por não poder ficar mais tempo para falar com elas.

Então, puxando a capa sobre os ombros ele voltou para o cavalo e montou com facilidade. Ele sentou-se como alguém nascido na cela, que era simples e sem adornos, desgastado com o uso e cuidado. Solmir a viu olhando e sorriu.

Yeva baixou o olhar para a neve, mas sentiu seus olhos nela por um longo momento antes de virar o cavalo e desaparecer de volta para a floresta.

Ansiava por permanecer onde estava, nem voltando para casa nem indo atrás de Solmir, mas o frio inevitavelmente a levou para dentro de casa. Ela abriu a porta o mais silenciosamente que pôde, entrando, mas a furtividade era inútil. Todos estavam esperando por ela.

Seus olhos foram imediatamente para a figura de pé no centro da casa, uma mão se apoiando na mesa. Asenka sorriu e Yeva não viu nada além de prazer no rosto de sua irmã.

— Estou tão feliz por você Bela. — Disse Asenka, levantando os braços. Yeva foi até ela, abaixando a cabeça contra o ombro e sentiu os braços da irmã a abraçarem com força. — Ele é um bom homem.



Tarde da noite, quando Olhos-de-Corça sonhava com coelhos gordos e se contorcia ao lado dela, Yeva ouviu um som vindo do quarto dos fundos. Sussurros, quase inaudíveis pelo vento e pelas folhas, houve então um soluço, baixo e rapidamente abafado. Apenas uma vez, um único choro no silêncio. Yeva passou o resto da noite acordada, os braços em volta de Olhos-de-Corça, a palma da mão queimando na escuridão.

Yeva se levantou antes do amanhecer, se vestindo no escuro e se envolvendo bem contra o frio. Ela pegou uma fatia de pão de um dia e colocou no bolso, depois foi para a porta. Olhos-de-Corça levantou do ninho junto ao fogo e trotou atrás dela, as unhas dos pés estalando na madeira. Mas Yeva estendeu a mão e a cadela caiu sobre as ancas.

— Cuide da casa, Olhos-de-Corça. — Ela sussurrou. Olhos de Corça inclinou a cabeça, tremendo com o desejo de acompanhar sua ama, mas quando Yeva saiu a cadela permaneceu obedientemente imóvel.

O céu estava começando a clarear no leste, quando ela atravessou o quintal

coberto de neve em direção ao galpão degradado que batia contra a borda da propriedade. Albe havia levado o cavalo emprestado de volta à cidade, mas a carroça era deles, e parte do que eles trouxeram ainda tinha que ser desembalada. Yeva se ergueu na parte de trás da carroça e jogou de lado a lona pesada que cobria seu conteúdo, jogando neve rebelde ao fazê-lo.

Ali - um longo baú de madeira, uma das poucas coisas de valor que seu pai não havia se separado. Foi esculpida com intrincadas representações de cinza e carvalho, sorva e nogueira. Entre o emaranhado de folhas e galhos, havia olhos espreitando, um lampejo de uma cauda ali, um vislumbre de uma pata. Yeva passou a mão pela caixa e a abriu.

O pai dela levara o arco pesado com ele e o machado, mas o arco mais leve estava lá, sem corda, e uma aljava de finas flechas de penas de ganso. Estes eram dela, desde que ela era jovem. O arco do pai sempre foi pesado demais para Yeva usar e, de qualquer forma, ela nunca precisou do poder que o arco forte oferecia. Ele era um caçador de caça grande, enquanto Yeva era rápida e engenhosa, com boa pontaria e armadilhas bem escondidas.

Yeva puxou o arco, testando a madeira com o polegar. Ela havia negligenciado isso nos últimos anos. Quando foi a última vez que ela lubrificou a madeira? E, no entanto, era suave ao toque, e quando ela a dobrou sobre a canela, ela curvou-se graciosamente. Alguém estava cuidando do arco. E quem, além do pai, saberia o que era necessário?

Ela amarrou o arco com alguma dificuldade, apoiando a madeira contra a perna e descobrindo que os músculos que ela tinha aos doze anos se atrofiaram ao longo dos anos. Seus braços tremiam quando ela enfiou a corda no sulco na ponta do arco. Depois de recuperar a adaga e o carretel de arame da parte inferior do peito e enfiá-los na tira da saia, ela pulou da carroça. Ela jogou o arco e a aljava de flechas por cima do ombro e saiu do galpão, fechando a porta atrás de si.

Yeva olhou para o leste, onde o céu violeta e rosado sobre as árvores havia se tornado mais leve. Albe logo subiria e ele encontraria a lareira fria e a chaleira

vazia. Mas se Albe acordasse e a encontrasse, ela seria atraída para a vida cotidiana da cabana e não suportaria enfrentar as irmãs, ainda não.

E seu pai não a proibiu de caçar, apenas não poderia acompanhá-lo.

Ela partiu pela floresta silenciosa e com neve, o sangue escorrendo por seus ouvidos. Embora ela tivesse dormido pouco, a energia fluía através dela e a levava adiante. Parava de vez em quando para colocar uma armadilha na neve. Seus dedos se atrapalharam com a tarefa a princípio, mas logo se lembraram do truque ficando mais seguros à medida que ela avançava. A saia dela a atrapalhava mais do que ela esperava, ela teria que usar uma calça se fizesse isso regularmente. E agora que havia experimentado novamente o ar fresco, sentido o mundo coberto de neve a envolvendo, cheirando o brilho nítido do gelo por baixo de um pinheiro. Ela sabia que faria isso todos os dias que pudesse.

Ela viu poucos sinais de qualquer coisa próxima na floresta, passando apenas por trilhos antigos: veados e raposas e, ocasionalmente, alguns coelhos pulando em suas covas na neve. O dia passou rápido, a manhã se transformando em meio-dia quase sem ela perceber. Logo após o meio dia ela parou para descansar, desejando ter pensado com clareza suficiente para trazer comida para o almoço.

Ela teria que voltar em breve, refazendo o caminho para ver se alguma de suas armadilhas havia dado frutos. E no final de sua trilha: a casa, com Albe e Lena e Asenka.

Yeva respirou fundo, apesar da maneira como o ar frio picou o nariz e os pulmões. Ela pensou em Asenka, a pequena pontada de um sorriso no rosto quando Yeva entrou na cabana depois que Solmir saiu. Sua voz, sem recriminação enquanto ela parabenizou sua irmãzinha por um noivado bem feito. Essa mesma voz, perdida em um único soluço na escuridão.

Yeva teria que voltar, mas ainda não. Ela saiu mais fundo na floresta, os saltos levantando neve enquanto se movia. Este não era o andar de um caçador, mas ela estava com muita raiva e muito inquieta para se importar.

Como poderia Solmir ter chegado, sem aviso, e perguntar a Yeva uma

coisa dessas? E quando ela mal tinha falado três palavras com ele. E, no entanto, ele a estava observando. Ouvindo sua conversa tão facilmente com os caçadores humildes. Invejando-os. Porque eles foram os únicos com quem ela escolheu falar.

E Yeva não estava sempre criticando os habitantes da cidade por sua indecisão nervosa? Ela não queria que eles tivessem mais certeza sobre suas decisões, agissem rapidamente e com força e confiança?

Ela parou, colocando a mão no tronco da árvore ao seu lado. Pensamentos sussurravam em sua mente, quem desejaria um homem que a amaria por sua habilidade?

Casamento. Solmir.

Isso significaria que ela, seu pai e suas irmãs, todos seriam atendidos. Não importava o que pudesse acontecer. Ela seria baronesa e sua família protegida nas propriedades do barão. Eles estariam seguros. Felizes. Solmir a levaria para caçar, a amaria por suas habilidades. Era o que ela queria. Mais do que tudo, ela ousou esperar.

Então, por que parecia que um vazio estava agachado dentro dela? Por que ela sentia como se as amarras de uma gaiola estivessem se fechando ao seu redor?

Ela arrancou o arco do ombro, colocando uma flecha na corda com facilidade. Ela não teve oportunidade de testar o arco naquela manhã, mas descobriu que seu corpo ainda se lembrava do movimento. Seus ombros iriam doer mais tarde, mas ela ainda podia fazê-lo. Ela avistou ao longo do eixo da flecha, punho reto e forte no nível do cotovelo.

Uma cascata de som explodiu da direita, e ela quase enviou a flecha assobiando na floresta em choque. Ela conseguiu abaixar o arco, instinto impedindo-a de perder uma flecha que não podia perder. Ela girou para encarar o som, apenas para ver algo sair do mato em sua direção.

— Olhos-de-Corça! — Exclamou Yeva, joelhos enfraquecendo. A cadela colidiu com a perna e ricocheteou, sacudindo a neve do pelo curto e sorrindo

para ela com um sorriso largo e com a boca aberta, a língua pendendo para o lado.

A adrenalina encharcou os pensamentos de Yeva, estreitando-os em uma torrente furiosa. Poderia ter sido um javali, um lobo, um urso. Ela estava prestando tão pouca atenção.

— Vá para casa! — Ela ordenou aa cadela, com a voz embargada.

Olhos-de-Corça a encarava com a língua parada. Ela inclinou a cabeça em confusão.

— Cadela má! — Yeva gritou, acenando a flecha para a criatura. — Volte para casa, agora!

A cadela recuou um passo e depois deitou-se timidamente na neve, deixando cair primeiro as patas e o queixo da frente e depois os posteriores. Com os olhos virados para cima, ela olhou desesperadamente para Yeva, a cauda batendo uma vez em um apelo patético.

Yeva passou a mão pelo rosto, a onda de medo diminuindo e com isso, a raiva. Ela caiu de joelhos reconhecendo o perdão, Olhos-de-Corça saltou para se jogar na ama. Yeva passou a mão na espinha da cadela enquanto um nariz frio se empurrava contra seu pescoço.

— Você não deveria estar aqui. — Yeva sussurrou, pressionando a mão contra o corpo da cadela. Olhos-de-Corça tremia, mas se era de frio ou de ansiedade e deleite, Yeva não sabia. — O que a fez vir para a floresta?

Como se a cadela pudesse entendê-la, Olhos-de-Corça se contorceu de suas mãos e correu de volta para os arbustos. Yeva podia ouvi-la se debatendo e estava prestes a se aproximar quando algo pequeno e marrom surgiu da vegetação rasteira, cortando o caminho que Yeva havia pisado.

Antes que ela tivesse tempo de pensar nisso, Yeva tinha uma flecha encaixada no arco e puxada para trás. Quando Olhos-de-Corça disparou em um segundo coelho, ela deixou a flecha voar.

O grito do coelho enviou uma emoção de satisfação pela espinha de Yeva. Euforia a percorreu quando ela abaixou o arco e o jogou por cima do ombro. A

emoção diminuiu quando ela se aproximou e viu que o coelho ainda estava se debatendo. Não foi uma matança limpa. Seu objetivo não era mais o que costumava ser, e ela desenhou uma flecha afiada e penetrante, uma flecha de caça a veados. Ela precisava aprender seus próprios códigos de tiro para saber, por sensação, quais eram as flechas com ponta de embotamento do jogo pequeno.

Ela rapidamente estendeu a mão e torceu o pescoço da criatura acabando com seu sofrimento, depois levantou a cabeça. Nenhum sinal de Olhos-de-Corça, embora ela pudesse ouvir um leve farfalhar ao longe.

Recuperando sua flecha ela a limpou, manchando a neve com um brilho vermelho sob a luz do sol da tarde. Ela passou um fio em volta das patas do coelho e o pendurou no cinto. Ensopado, ela pensou alegremente, ou assado com purê de batatas. Seria a primeira carne fresca que eles tinham desde que se mudaram para a cabana. Ela começou a refazer sua trilha, cantarolando uma música marcante que seu pai lhe dera para cantar enquanto ela corria para acompanhar os passos dele.

Olhos-de-Corça a alcançou alguns momentos depois, tremendo de prazer e lambendo as costeletas. O primeiro coelho claramente não se saíra melhor do que seu companheiro, e Yeva não teria que alimentar restos de pão e carne seca para Olhos-de-Corça hoje à noite.

Ela voltou para casa, todos os pensamentos sobre Solmir banidos no segundo em que sua flecha encontrou sua marca.

— Bela, você não tinha que fazer isso. — Lena segurou o coelho limpo e do tamanho de seu braço, embora houvesse uma inegável ânsia em sua voz diante da perspectiva de carne fresca. — Papai disse que você não deveria caçar.

Yeva havia guardado o arco mais uma vez do lado de fora e removido qualquer vestígio do dia de trabalho. Suas armadilhas estavam vazias, mas ela as verificaria novamente à primeira luz do dia seguinte.

— Eu coloquei algumas armadilhas. — Disse ela. Não era mentira. Afinal, as armadilhas foram lançadas.

Lena suspirou.

— E a verificação das armadilhas é o que te manteve fora a maior parte do dia?

Asenka não havia se levantado da cadeira perto do fogo, mas sorriu para Yeva quando ela chegou. Era como se nada tivesse mudado entre elas. Apesar do abismo que Yeva sentia esticado ali. Ela viu que Asenka não estava mais sentada com a saia cobrindo os pés, mas tinha a perna torcida esticada até o calor do fogo.

Não havia mais necessidade de esconder suas falhas.

Yeva fechou os olhos.

— Vou verificar minhas armadilhas novamente. — Ela deixou escapar, virando-se para abrir a porta.

— Yeva. — Disse Asenka. Sua voz era suave, mas foi o suficiente para impedir Yeva de ir. —Você pode enrolar a lã para mim?

Yeva não queria nada menos. Exceto, talvez, para perturbar sua irmã. Então ela foi, afundando no chão ao lado de Asenka quando Lena começou a desmembrar o coelho para o ensopado. Ela pegou o novelo solto de lã da cesta aos pés de Asenka e enrolou laços do fio em volta das mãos, segurando-o para que ele se firmasse facilmente enquanto Asenka tricotava.

Asenka começou a cantarolar uma música que sua mãe preferia. Yeva lembrou-se mais da irmã, pois ela era muito jovem quando a mãe delas morreu levando memórias claras de suas raízes. Yeva suspirou e virou a cabeça para o lado, colocando-a no joelho da irmã. Ela sentiu os leves movimentos do corpo de Asenka enquanto enrolava a lã em volta de uma agulha, mergulhando-a no tecido, enrolando novamente.

Depois de um tempo, sob o som de Lena cozinhando o jantar, Asenka sussurrou:

— Se você está feliz Bela, eu também estou. — Ela se inclinou e pressionou os lábios no topo da cabeça de Yeva.

Yeva não disse nada, os olhos ardendo e desfocando enquanto olhava

resolutamente para o chão irregular. Se ao menos ela fosse tão altruísta.



Yeva passou os dias na floresta, sob os altos pinheiros retos na neve e o silêncio. Sua habilidade no arco retornou rapidamente, os músculos lembrando o que o resto dela não fazia. Sua aptidão era mais lenta para retornar, forçando-a a parar para descansar com muito mais frequência do que gostaria. Ela voltou a conhecer a floresta, achando-a tão familiar e confortável quanto um velho amigo.

Olhos-de-Corça a acompanhava nos dias em que o sol estava alto, as temperaturas eram muito severas para sua leve constituição. Embora Asenka prometesse dar-lhe carinho nos dias em que Yeva a deixasse para trás, a visão da cadela com a cabeça baixa, assombrando a porta, muitas vezes fazia Yeva ceder no último minuto e permitir que a cadela viesse. Ela estava agradecida pela companhia e pela capacidade de Olhos-de-Corça de tirar as presas de arbustos que Yeva nunca poderia ter descoberto sozinha.

Ela nunca voltava para casa de mãos vazias e, muitas vezes, com mais do que o necessário para a refeição do dia. Embora construíssem uma churrasqueira rudimentar ao lado do galpão, elas começaram a suplementar seus estoques de comida, em vez de esgotá-los. A presa que Yeva pegou era pequena demais e não era digna de nota para peles vendáveis, mas ela limpava e raspava cada pele de qualquer maneira à noite, para economizar para seus próprios usos no crescente inverno. Elas não podiam desperdiçar nada.

Ela fez questão de se levantar cedo o suficiente para evitar suas irmãs, mas uma vez que ela acordou e encontrou Asenka ajoelhada ao seu lado, mexendo no fogo. Yeva começou a se levantar para sair, mas sua irmã largou o pôquer e pôs a mão no braço.

— Yeva. — Ela sussurrou, seus olhos ansiosos. — Fique. Você não precisa sair todos os dias. Nós temos comida. Fique conosco hoje.

Os olhos de Yeva ficaram embaçados e ela piscou com força.

— Eu não posso. — Ela sussurrou de volta.

A mão de Asenka se mexeu para tocar a bochecha de Yeva, depois tirou um pouco do cabelo emaranhado pelos olhos.

— O que você está procurando por aí?

Yeva piscou novamente, prestes a responder que não estava procurando nada, apenas um jogo pela sobrevivência delas, mas sua garganta se fechou. Como suas irmãs a conheciam tão bem, melhor até do que ela mesma? Ela respirou trêmula.

— Eu não sei. — Ela respirou. — Algo mais.

Depois de uma semana, o pai voltou. Ele chegou à noite, batendo os pés contra o batente da porta para desalojar a neve das botas, um crescimento espesso e selvagem de restolho, mascarando seu rosto. Pelei entrou correndo para que ele e Olhos-de-Corça pudessem girar em círculos, farejando, farejando e lembrando.

O pai de Yeva se jogou na cadeira ao lado da lareira enquanto Lena fazia chá.

— Ele sabe que estou aqui. — Disse ele, apunhalando o dedo no braço da cadeira. — Está tirando os outros animais de mim. Me rastreando. Eu não vi nem um único coelho a semana toda.

Yeva trocou olhares com as irmãs. Nenhuma delas mencionou o estoque gradualmente crescente de carnes secas em sua despensa. Yeva segurou a mão fria do pai na dela, tanto para impedir que ele se machucasse em sua frustração quanto para confortá-lo.

— Talvez você ainda esteja aprendendo a floresta novamente. — Disse ela com cuidado — E é por isso que não encontrou nenhum.

— Não! — Resmungou o pai, afundando-se na cadeira e observando o fogo, puxando a mão da de Yeva para esfregar o rosto arrepiado. — Não. Há algo lá fora. Algo astuto.

— Pai, certamente não pode haver.

— Eu já vi isso antes.

Yeva olhou para cima e viu Asenka os observando, sua expressão banhada de preocupação. Yeva tentou novamente tocar a mão de seu pai, mas ele não se acalmou.

— O que você viu antes? — Ela perguntou suavemente.

Mas o pai dela apenas balançou a cabeça e balançou a cabeça novamente.

Eventualmente, Albe e suas irmãs foram para a cama e eram apenas Yeva e seu pai perto da lareira. E depois de um tempo, porque estava cansada da caçada do dia, Yeva também adormeceu. Ela não se lembrava de seu pai deixando a cadeira para sua própria cama.

Ele não estava convencido de ficar, planejando partir novamente com Pelei ao seu lado quando a manhã amanheceu clara e fria. Ele pegou comida das lojas, sem perceber que elas haviam crescido desde a última vez em que ele esteve em casa. A obstinação com que ele planejou seu retorno à floresta esfriou Yeva. Sempre, ele a confidenciou. Ela vira indícios dessa paixão nele quando era muito jovem, quando ele contava histórias das coisas que viu no coração da floresta. Coisas que ele caçou e coisas que ele matou. Coisas que escaparam.

As criaturas que ele costumava lhe contar — os monstros e as maravilhas escondidas nas profundezas da floresta. Onde os outros caçadores se recusava a ir — eram histórias. Fantasias inventadas para ensinar às crianças boas maneiras, fascina-las nos dias frios de inverno, quando elas não podia jogar lá fora. Seu pai sempre falava delas como se fossem reais, mas isso era para agradar Yeva. Para fazê-la acreditar, quando ela ainda era pequena demais para saber melhor. A maneira como ele estava agindo agora, murmurando sobre a coisa que o seguia, andando enquanto contava as histórias antigas para si mesmo, ainda agindo como se fossem verdadeiras… Isso não a encantou mais. Ela estava assustada.

— Pai! — Ela gritou finalmente, na manhã de sua partida planejada. — Pai, você deve ficar. Algo está errado. Por favor, deixe Lena fazer um chá para você.

— Não preciso de chá. — Disse ele, amarrando a besta nas costas e

batendo os pés nas botas. Ele esfregou o braço, que estava duro e dolorido a manhã toda.

— Então me leve com você. — Disse ela, avançando para pegar a mão dele. — Se houver alguma criatura por aí com inteligência, dois pares de olhos e duas mentes serão melhores que você sozinho.

— Muito perigoso. — Resmungou Tvertko, afastando a mão.

— Você não sabe disso. —Argumentou.

Ele parou, olhando para cima da bolsa para encontrar o olhar dela. Apesar de parecer estar olhando através dela para uma lembrança distante.

— É uma Fera. — disse ele. — Um monstro diferente de tudo em qualquer história. Foi há vinte anos. Quando sua mãe me pediu para desistir de caçar, era a única coisa que eu não tinha, não conseguia pegar. E ainda está lá. Quando eu o matar, sua cabeça trará um preço que poderemos voltar para casa.

Yeva ouviu uma de suas irmãs, ela não sabia dizer qual, sufocar um suspiro atrás dela. Havia loucura no rosto de seu pai, e Yeva lutou pelo controle de sua voz.

— Vamos apenas morar aqui. — Ela implorou. — Deixe a Fera na floresta. Caçaremos comida e venderemos peles quando a neve sair na primavera, e seremos felizes. Este é um ótimo lar. — Ela queria contar a oferta de Solmir, mas as palavras ficaram presas na garganta.

O pai dela apenas balançou a cabeça e mudou-se para sair, chamando Pelei ao seu lado.

Yeva disparou em torno dele, colocando o corpo entre ele e a porta.

— Papai! — Ela sussurrou. — Por favor.

— Afaste-se! — Ele ordenou, a dureza de seu rosto nada parecida com a sorridente que ela conhecia melhor. O rabo de Pelei estava enfiado firmemente entre as pernas, a cabeça baixa enquanto observava.

— Não.

Seu pai mal lhe deu tempo para reagir, afastando-a com um movimento fácil do braço. Sua força física tinha mais do que retornado. Mas a selvageria de

seu olhar assustou Yeva muito mais do que a maneira fácil como ele a derrubou no chão. Pelei tentou lamber o rosto, mas o pai deu um assobio penetrante e o cão se arrastou para longe afundando com a barriga baixa no chão, infeliz.

Lena correu para ajudá-la, mas quando Yeva se levantou novamente, o pai delas se foi.

Fera

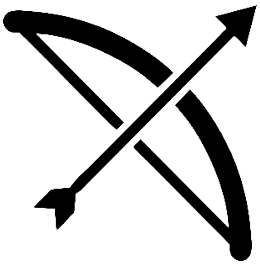
Não deveríamos ter deixado que ele nos visse.

Ele está louco da memória agora, colidindo com a floresta alto o suficiente para assustar as criaturas mais lentas e idiotas. Ele se apoia na cadela, que o cutuca na neve quando tropeça. Observamos de alguma distância atrás dele, enquanto ele abre caminho pela floresta. Não resta nenhum animal nele, nem predador. Só há homem. Um louco.

Ele é inútil agora. Quando jovem, ele nos viu e viveu para sonhar conosco. Ele podia ver as bordas do outro mundo, aquele que nos une. Mas agora a idade o transformou e não podemos usá-lo para nosso propósito. Queremos uivar nossa raiva e frustração, queremos rasgá-lo membro por membro por nos fazer ter esperança, mesmo a menor piscada, depois de todos esses longos anos. Queremos destruir todas as partes dele.

Nós o seguimos em patas silenciosas.

Capitulo Quatro



Um frio se instalou na barriga de Yeva depois que seu pai foi embora. Suas irmãs olhavam para ela quando se tratava de seu pai, pois ela o conhecia melhor do que ninguém. Yeva não podia permitir que eles vissem o quão assustada ela estava ou elas também viveriam com a mesma tensão pesada a cada momento. A sensação do machado no alto à espera de que caísse. E assim, quando estava em casa, ela sorriu e perguntou às irmãs sobre os eventos irrelevantes do dia, e salvou seus medos e preocupações pela caça.

Yeva viu o rosto dele enquanto se movia pela floresta, o olhar distante que passara por ela, o movimento negligente de seu braço quando ele a empurrou da porta. Ela temia se ele voltaria para casa e ela temia pelo que ele poderia ser quando retornasse.

Apesar de seu pavor, as horas que passava na floresta eram como luz na escuridão. Não havia Asenka, com o coração partido, nem Lena para repreender Yeva por enlamear o chão. O peso de fingir que tudo estava bem, que tudo estava normal e como deveria estar desapareceu. Ela sabia que deveria estar com suas irmãs, agradecida por estarem todas bem, juntas e seguras. Correr para o silêncio da floresta era egoísta. Mas aquele fragmento de culpa, aquele pequeno lampejo de vergonha, ficou em silêncio quando ela saia em cada manhã gelada. Ela se sentia cada vez mais forte, se movendo mais rapidamente. Mais silenciosamente. A respiração dela não soava mais alto no ar quando ela fazia uma pausa, e as solas dos pés não doíam mais quando ela voltava para casa à noite. Albe e suas irmãs comeram coelho, raposa, galinha e veado. Eles tiraram

os couros e Asenka usou sua agulha com a lã presa, para trabalhar em couro em vez de carne ferida. Ela criou calças para Yeva e a liberdade que elas ofereceram a deixou ainda mais rápida.

Yeva foi forçada a deixar Olhos-de-Corça em casa várias e várias vezes, à medida que o inverno tomava conta da floresta. Ela mantinha suas próprias trilhas limpas, caminhando por elas todos os dias, havia neve nova para derrubá-las, mas em outros lugares da floresta a neve se aprofundava. Se a cadela esbelto, criado para climas muito mais quentes, tentasse ficar na altura dos ombros o dia todo, correria o risco de morder o gelo ou algo pior.

Yeva estava caminhando por uma de suas trilhas uma tarde, no caminho de volta para a cabana, um trio de coelhos pendurados no cinto, quando os pelos da nuca se ergueram em aviso. Ela continuou se movendo, mas seus sentidos ficaram em alerta uma mão se deslocando em direção ao seu arco. As palavras de seu pai voltaram para ela como se ele estivesse de pé ao seu lado.

Tem algo lá fora, ele disse. *Algo astuto.*

Então, as palavras soaram como loucura. Mas aqui, no silêncio da floresta, com seus instintos falando muito mais alto que o bom senso dela, as advertências dele estavam frescas em sua mente. Aqui parecia possível que todas as histórias que ele contara a ela quando criança fossem verdadeiras.

Yeva disfarçou seus movimentos caminhando mais rápido, deixando o arco escorregar do ombro e golpeando-o como se isso a incomodasse. Ela sempre carregava uma flecha livre da aljava, a fim de disparar rapidamente se um coelho disparasse na sua frente. Agora, seus dedos a envolveram.

Atrás dela e à sua direita, um baque surdo quando um monte de neve deslizou de um galho de pinheiro. A imagem relampejou em sua mente uma sombra atrás da árvore que ela acabara de passar, seus galhos grossos pesados com a neve. Quatro passos atrás dela, talvez cinco.

Sua mão direita se apertou ao redor do punho do arco enquanto ela passava sobre a forma coberta de neve de um galho ao longo de seu caminho. Dois passos adiante, e o galho estalou atrás dela.

Ela girou, segurando a flecha e puxando-a de volta em um movimento, olhando para a figura à sua frente antes de registrar o que era.

— Yeva! — Exclamou, jogando-se para trás no chão.

Yeva estava seguindo com a ponta da flecha quando a voz se registrou.

— Solmir! — Suas mãos tentaram soltar arco e flecha, em surpresa e alívio. Ela conseguiu jogar o arco de lado, enviando a flecha para bater inofensivamente no chão.

—O que você está fazendo? — Ela chorou, respirando fundo nos pulmões que estavam lutando para funcionar corretamente.

— Procurando você. — ofegou Solmir, ainda esparramado de costas na neve, olhando-a. — O que você está fazendo?

Com os olhos arregalados, cabelos desarrumados por causa da queda, ele parecia mais um garoto de doze anos do que um homem de vinte e cinco.

Yeva levantou a mão para escová-la, tremendo, na testa.

— Eu pensei que você fosse... outra coisa.

Ele se levantou do chão, tirando a neve da capa.

— Algo mais? O que, um urso anda na ponta dos pés para encontrar você?

Ela balançou a cabeça, a adrenalina a deixou com raiva, mas não sem alívio.

— Por quê você está aqui?

A expressão de Solmir ficou em branco por alguns segundos.

— Já faz duas semanas. — Disse ele. — Eu vim como prometi. Suas irmãs disseram que você estava coletando ervas de inverno para remédios. As trilhas não são difíceis de seguir. — Os olhos dele caíram sobre o arco dela, erguendo o queixo para apontar para os coelhos pendurados no cinto. — Vejo que seu armário de remédios estará cheio de fato.

Yeva lutou contra o rubor que subia até suas bochechas.

— Por que você me esgueirou?

— Eu pensei em surpreendê-la. — Disse Solmir. —Insensato. Não se preocupe, não pretendo tentar novamente. A menos que eu esteja certo de que

você está desarmada.

Ela começou a se arrepiar, mas ele levantou as mãos, as palmas das mãos para fora. Um gesto de paz.

— Por favor, eu não vim discutir. Eu sei que você vem armada. Eu não a teria de outra maneira.

Tê-la. O rubor venceu, e Yeva desviou o olhar para se concentrar na neve pisoteada por seu corpo quando ele caiu.

— Meu pai saiu de novo. Você sente falta dele há mais de uma semana.

— Eu sei, suas irmãs me disseram. — Solmir fez uma pausa, a hesitação traindo que ele estava escolhendo suas palavras com cuidado. — Você falou com ele? Sobre o que eu perguntei duas semanas atrás?

— Não apareceu. —Yeva não conseguiu olhar para ele.

— Oh. Entendo.

O silêncio se estendeu entre eles, apenas o som distante da neve caindo de outro galho para diminuí-lo.

— Ele ficou aqui apenas por um curto período de tempo. — Yeva explodiu, o silêncio desenhando as palavras antes que ela pudesse detê-las. — Sinto muito. Não foi por que eu pretendia recusar.

— Mas você pretende recusar?

Yeva ergueu os olhos para o tom em sua voz para encontrá-lo olhando para ela, com o mesmo olhar mudo.

O mesmo daquele apelo que mantinha quando ele fez sua oferta.

— Eu sei que não deveria. — Sua voz era um sussurro.

Talvez Solmir tenha visto algo em seu rosto para lhe dar esperança, pois ele avançou para preencher a lacuna entre eles.

— Eu não estou pedindo que você me ame. — Disse ele, sua voz ecoando no ar calmo do inverno. — Só que você me deixe te amar. Como eu faço.

Yeva desejou poder remover sua capa, o calor enjoativo dela sufocou seus pensamentos.

— Você nem me conhece. — Ela protestou.

— Eu sei o suficiente. — disse Solmir. — Você e eu somos iguais.

— Isso não é motivo para casamento!

— É! — Ele respondeu.

— Não sou gentil nem esposa, sou grosseira e impulsiva! Isto é impossível.

— Mas você aprenderá essas coisas, Yeva! Há tempo para você aprender a gentileza depois de termos tido nossas aventuras, depois que me tornar barão. Quando houver filhos, você irá...

— Filhos! — Ela exclamou. De repente, a floresta parecia se aproximar dela como os laços de uma gaiola.

— Sim! Crianças. Você age como se eu estivesse tentando mantê-la em cativeiro. Se você apenas se acalmar e me ouvir, estou tentando lhe oferecer uma vida além disso!

— Eu não quero uma vida além disso! — Ela fez uma pausa, a respiração fumegando no ar gelado enquanto ela ofegava. Mesmo enquanto as falava, sabia que as palavras não eram inteiramente verdadeiras. Havia um desejo nela, algo que havia se alojado profundamente em seu coração desde a primeira vez que seu pai lhe contou as maravilhas que viviam no coração da floresta. Mas o que ela queria, Solmir não podia oferecer. Ela respirou fundo mais devagar desta vez. — Eu não sou o que você quer.

— Eu não estou tentando lutar com você. — Disse ele calmamente, a respiração brilhando no ar entre eles. — Você deve saber o quão difícil será sobreviver neste inverno aqui. Eu esperaria, aguardaria meu tempo e deixaria você aparecer, mas nenhum de nós tem esse tempo. Toda semana que passa, pode trazer uma tempestade que impossibilitaria a viagem. Se alguém da sua família ficar doente, o que você vai fazer?

De repente, não era o rosto de Solmir que Yeva viu, mas o foco selvagem e antinatural do olhar de seu pai antes de partir, determinado a capturar o que ele imaginava estar rastreando. Yeva fechou os olhos. Seu coração palpitava contra a caixa torácica como um pássaro tentando se libertar.

— Por favor. — disse Solmir. — Deixe-me ajudar sua família. Deixe-me ajudá-la.

Yeva permaneceu em silêncio por algum tempo antes de abrir os olhos. O rosto de Solmir estava a centímetros do dela.

Apenas a respiração dela fumegou o ar, enquanto ele segurava a dele e esperava.

— Não posso aceitar sua oferta. — Ela começou em um sussurro. O rosto dele ficou feito pedra e ela se apressou a continuar. — Não sem deixar clara minha situação. A situação da minha família.

— Não há nada que mude de ideia. — Sua voz era tensa com antecipação cautelosa.

— M-meu pai está doente. — Sua voz falhou, para seu horror.

Yeva encontrou a garganta se fechar, a ansiedade que a tomou na semana passada borbulhava sem aviso prévio. Ela não discutiu isso com ninguém, nem mesmo com suas irmãs. Mas agora a necessidade de falar a dominava. — Eu temo, temo que ele esteja ficando louco.

Solmir deu um passo à frente, as mãos dele indo para os ombros dela. Ele gentilmente a puxou para perto.

— Então nós vamos encontrar ele ajuda. Juntos.

Yeva queria se afastar, mas o medo se alojou dentro dela desde que seu pai a empurrou para baixo, lutando para sair. E Solmir estava quente, e quando a mão dele pressionou as costas dela, puxando-a para mais perto ainda, ela descobriu que parte dela não se importava com o toque dele. Ela sabia que não podia razoavelmente passar a vida vagando por essas trilhas da floresta em busca de algo que ela nem podia nomear. Nem quando a proposta de Solmir oferecia respostas para todos os infortúnios que sua família sofria.

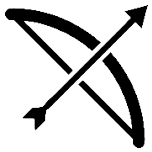
— Então eu aceito. — Ela sussurrou, murmurando as palavras no couro de sua túnica.

Os braços dele se apertaram, tirando o fôlego e depois a soltaram novamente.

— Venha. Vamos colocar suas carnes e ervas na panela e contar a suas irmãs as boas novas.

Solmir visitava quase diariamente depois disso, juntando-se a Yeva em suas tarefas. Ela se ateve às armadilhas dele, trazendo seu arco apenas para defesa. Suas expedições de caça de um dia se transformaram em passeios agradáveis, com Solmir ao lado, discutindo cavalos e caça, e como esfolar leopardos. Embora desejasse a solidão com a qual se acostumou, ela se viu apaixonada por Solmir, apesar de seu entusiasmo juvenil por tudo o que era caça. A princípio, Yeva temeu que ele pudesse aproveitar a floresta vazia e silenciosa para abraçá-la novamente, mas ele permaneceu a uma distância respeitosa dela. Oferecendo-lhe a mão de vez em quando para ajudá-la a atravessar um tronco ou atravessar um riacho congelado.

O alívio que ele estava disposto a ajudar o pai dela foi atenuado, no entanto, pelo desconforto que ainda a assombrava. Ela não conseguia entender bem, é verdade, ela não amava Solmir, mas isso não era motivo para não se casar com ele. Ela gostava dele, e cada vez ficava mais afeiçoada. A vida de que ele falou era muito melhor e mais rica do que Yeva jamais poderia ter esperado, e ainda havia uma sombra sobre seu coração, um vazio apertado. Ela podia sentir toda vez que respirava fundo. Ela disse a si mesma que era medo pelo pai. Ela disse a si mesma que passaria assim que seu pai voltasse. Ela disse a si mesma que seria feliz.



Solmir saiu à tarde para retornar à pousada onde estava hospedado, dando a Yeva algumas horas preciosas antes do anoitecer para realizar um trabalho de verdade, checando suas armadilhas pela última vez e usando o arco em qualquer retardado que estivesse voltando para seus antros para a noite. Ela não era tão produtiva como antes de ele começar a acompanhá-la, mas ainda levava para casa comida suficiente para suas irmãs e Albe.

Os dias se prolongaram por semanas e ainda não havia sinal do pai de Yeva. Ela observou as marcas dele na floresta, mas a trilha de sua passagem da casa havia sido apagada pela neve há muito tempo, e ela não sabia dizer em que direção ele havia viajado.

O medo dela cresceu. Acordava à noite com o coração acelerado, a distraia durante o dia em que deveria estar ouvindo Solmir. Suas irmãs não disseram nada e ela não ofereceu nada em troca, mas os tensos silêncios à noite eram eloquentes. Ela se sentia esticada como os fios de uma de suas armadilhas, esperando a menor mudança para fazê-la entrar em ação.

Então, quando uma comoção do lado de fora interrompeu o silêncio pouco antes do amanhecer, Yeva estava fora de seu palete perto do fogo e a meio caminho da porta antes que Olhos-de-Corça tivesse levantado a cabeça.

Yeva abriu a porta, mas antes que ela pudesse examinar a área em busca de sinais de seu pai, uma forma lançou-se para fora da escuridão escura. Atrás de seus olhos corça gritavam reconhecimento. Alguém acendeu uma lâmpada e, quando a iluminação caiu sobre a porta, Yeva reconheceu o que se atirara nela.

— Pelei. — Ela sussurrou, caindo de joelhos e não se incomodando em repreender a cadela quando ele começou a esfregar o rosto com a língua. Ela estava muito ocupada olhando a noite além dele, procurando a forma de seu pai, esperando que ele emergisse da escuridão.

A cadela estava choramingando insistentemente, empurrando o nariz contra o pescoço de Yeva e cheirando ansiosamente. Yeva baixou os olhos.

— Onde está meu pai? — Ela sussurrou, seu coração contraído. A cadela começou a se afastar, mas ela agarrou suas pernas dianteiras, segurando-o ainda. — Pelei? Cadê meu pai?

Ela não pôde dizer mais nada, repetindo as palavras várias vezes, até sentir as mãos nos ombros a puxando para trás.

— Yeva! Ele não pode responder, o pai não está aqui!

Era Lena, com a voz embargada pelo medo.

— Não! — Yeva arrancou o braço do aperto de Lena. — Pelei, por que

você o deixou? Pai! — Ela chamou pela noite, sabendo que a qualquer momento ela ouviria a voz dele chamando de volta para ela.

— Ele não está aqui. — Sussurrou Lena. — Yeva, ele não está aqui.

Yeva virou-se para ver um trio de rostos pálidos à luz da lâmpada, todos olhando para ela.

— Ele tem que estar. — Ela sussurrou de volta. Pelei não o teria deixado. Pelei nunca o teria deixado. Aconteceu alguma coisa.



Ela ficou de pé e começou a se vestir em silêncio, sem se dar ao trabalho de avisar Albe. Ele virou as costas enquanto ela trocava a roupa da noite pelas calças. Lena amarrou os cachorros no quarto enquanto Asenka tentava falar com Yeva, sua voz trêmula.

— O que você está fazendo?

— Volte a dormir. — Disse Yeva calmamente. Ela estava colocando as coisas em uma bolsa de couro que Asenka fizera com peles de coelho. Um frasco de água, pederneira e isca, carne seca e alguns tubérculos envoltos em uma capa extra. Comprimentos de arame, penas de ganso, um pote de cola para flechas no campo. Agulha e linha. Ataduras. Medicamentos para dor, sangramento, picada de gelo, ossos quebrados, todas as eventualidades em que ela pudesse pensar.

— Yeva, você não sabe onde ele está.

— Eu o encontrarei.

— Está escuro! Por favor acalme-se, espere até de manhã.

—Não há tempo. Seu rastro pode estar perdido até lá.

Asenka agarrou o braço de Yeva com força incomum.

— Yeva, pare. Nós precisamos de você aqui. Você não pode ir na floresta. Estou tão preocupada com o pai quanto você, mas também precisamos de você.

Yeva hesitou, flexionando o braço sob o aperto de Asenka. Sua irmã estava

certa. Se algo tivesse acontecido com o pai, então ela era a única pessoa que poderia garantir que sua família não passaria fome neste inverno.

Mas se algo tivesse acontecido com o pai delas... O coração de Yeva encolheu e seus instintos assumiram o controle. Ela sacudiu a mão da irmã, depois fechou a bolsa e a jogou nas costas.

— Você tem comida suficiente por várias semanas. Volto antes, prometo.

— Yeva-

— Eu prometo.

Ela deu uma última olhada na casa: Lena com os braços em volta dos cães segurando-os. Asenka, de rosto branco e encostados na cadeira do pai ao lado da lareira fria. Ainda no canto, mãos cerradas e cabelos espetados. Todos eles ainda, de olhos arregalados e assustados enquanto a observava.

Uma nitidez picou seu coração no breve e pesado silêncio enquanto ela estava na porta. Ela não podia deixá-los e ainda assim tinha que encontrar o pai. Se ele estivesse vivo, ela o traria para casa. Solmir a ajudaria a encontrar um médico para ele e juntos o levariam para longe da floresta que o deixou louco. E ela e sua família teriam paz. Se ele estivesse vivo...

Se ele não estivesse, ela o encontraria de qualquer maneira. Ela saiu para a penumbra antes do amanhecer e deixou a porta se fechar na luz do lampião atrás dela.

As pegadas de Pelei através da neve eram óbvias, apesar da escuridão. A cadela estava se movendo rapidamente, pulando na neve profunda e deixando uma cova criada por seu corpo. Yeva seguiu a trilha, agradecida pelo tamanho grande da cadela e por ter criado um caminho para ela. Ela caiu no ritmo de seu passo, a mente reverberando a cada passo e cada respiração que saía por trás dela.

Continue andando. Continue correndo.

O sol nasceu atrás de uma pesada cortina de nuvens, deixando a floresta em um falso crepúsculo que ameaçava pregar peças em seus olhos. Ela manteve a cabeça baixa e continuou se movendo, ignorando a queimação nas pernas que

começou logo após o meio dia. Se o pai estivesse ferido ou preso em algum lugar, ela não teria muito tempo para encontrá-lo. Esse frio poderia matar alguém em poucas horas se não estivesse preparado adequadamente e até o pai dela, mestre dessas florestas poderia vacilar.

As pegadas de Pelei ficaram mais fracas com o passar do dia, escondidas sob um leve pó de neve que começara a cair. Quando o crepúsculo apareceu novamente, ela foi forçada a parar e acampar. Tanto para descansar as pernas em chamas quanto para esperar a luz do dia mostrar o caminho a seguir. Ela dormiu pouco, o medo gritando para ela continuar se movendo. Apesar da lógica dizer que ela deveria descansar.

Ela passou o tempo consertando buracos em sua capa com a agulha que trouxe com ela.

Assim que o céu iluminou, ela arrumou o acampamento e apagou o fogo. Ela chupou um pouco da carne seca até poder mastigá-la enquanto se afastava. Não tinha dado mais do que dez passos, no entanto, quando uma voz gritou seu nome. Ela parou, o som tocando nos ouvidos que se acostumaram a ouvir apenas a calmaria de sua própria respiração.

Ela parou o tempo suficiente para deixar Solmir alcançá-la, a respiração dele vindo em grandes suspiros irregulares.

— Espere. — Ele ofegou. — Espera. Espera.

— Eu não posso. — Ela disse firmemente. Ela não podia dar ao luxo de permanecer com seu medo, ou então sentia que poderia ficar paralisada por isso. — Ele pode se machucar.

— Eu tenho seguido você a noite toda. — Ele ofegou, as mãos nos joelhos enquanto lutava por respirar. — Por favor. Suas irmãs explicaram. Deixa-me ajudar.

— Como? — Yeva balançou a cabeça. — Vou me mover mais rapidamente por conta própria.

— Dois pares de olhos… — Ele falou, com os pulmões ainda arfando.

Yeva sentiu os pelos da nuca formigarem. Ela não usou a mesma

justificativa para tentar convencer o pai a deixá-la ir com ele? Ela fechou os olhos.

— Sinto muito Solmir. — Disse ela calmamente. — Eu tenho que continuar sozinha. Posso correr mais longe do que você. Aliás, você não está em condições de continuar. Eu devo ir.

Ele tossiu sem fôlego, mas não conseguiu mais palavras. Ergueu o olhar o suficiente para observá-la com apelo silencioso.

Os pulmões de Yeva se contraíram e ela cerrou os punhos, tentando lutar contra o desejo de ceder.

— Se quer me ajudar — Ela murmurou. — Então, você cuidaria de minhas irmãs enquanto eu estiver fora?

— Mas...

— Por favor. — Ela disse simplesmente. — Por favor Solmir.

— E quanto a Albe?

Os lábios de Yeva se contraíram, a primeira dica de um sorriso que ela sentiu desde que Pelei voltou.

— Sim. — Ela concordou. — Você precisará cuidar de Albe também.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ele estava recuperando o fôlego, mas seu rosto ainda queimava com o rubor do esforço e sua voz ainda estava irregular.

— Eu sei. Porém, ele é mais irmão que servo e ele não conhece esses bosques. Ele não pode sustentá-los. Você pode.

Ela deu um passo à frente para apertar as mãos dele. Ela nunca o procurava voluntariamente e ele parecia quase tão surpreso com o gesto quanto ela mesma.

— É isso que estou pedindo para você fazer. Eu tenho que continuar sozinha.

Solmir ficou em silêncio por um tempo, respirando com dificuldade pelo nariz.

— Quando você voltar. —Yeva pausou assentindo. — Quando eu voltar,

casarei com você. E veremos meu pai se estabelecer, sairemos para caçar quantas vezes quiser e sentaremos juntos à mesa do barão. Mas, por enquanto, tenho que encontrar meu pai. E preciso da sua ajuda em casa.

Solmir libertou uma mão do aperto de Yeva e a ergueu para segurar o queixo dela entre os dedos. Ele se inclinou para a frente e roçou os lábios nos dela, o mais breve dos toques antes de se afastar novamente.

— Boa sorte.

Ela sabia que deveria se sentir mudada pelo beijo dele, que seus lábios deveriam formigar ou seu coração inchar. Mas seus lábios estavam apenas dormentes de frio e seu coração batia apenas com urgência e esforço.

Yeva o soltou e cambaleou para trás, para que ela pudesse recuperar sua bolsa e seu arco.

— Obrigada. — Ela sussurrou, e então se virou e tropeçou novamente.

Ela colocou a maior distância possível entre ela e Solmir, rezando para que ele não mudasse de ideia. Se ele mantivesse sua palavra — e ela não tivesse motivos para pensar que ele não o faria — isso lhe daria algum tempo. Se ela não pudesse voltar nos próximos dias, pelo menos suas irmãs seriam mantidas seguras e Solmir não viria atropelando-a pela floresta.

Ela não tinha tempo de pensar em Solmir. Agora ela sabia o que estava procurando naquela floresta.

No final do dia, sua visão estava se esvaindo de exaustão. Ela sabia que precisava dormir. Mas, depois de tanto tempo em movimento, achou difícil que seus membros acomodarem. Ela colocou a cabeça na bolsa, envolvendo-se na capa extra por seu fogo escasso. Seus olhos cansados procuravam padrões nas chamas, viu asas de fogo se estendendo para o céu e ela adormeceu ao ouvir a voz do pai contando suas histórias do Pássaro de Fogo no fundo da floresta.

Nos seus sonhos, uma serpente deslizou em sua direção, olhos vermelho-dourados a capturando e segurando como se ela fosse um coelho encarando sua morte. Incapaz de correr ou gritar, ela só podia assistir enquanto deslizava sobre o peito. Sua pele estava gelada e macia quando alcançou seu rosto, deslizando

sobre seus lábios e bochechas como um beijo gelado. Ela assobiou quando sua cabeça roçou sua orelha, puxando-a para fora de seu torpor.

Ela sentou-se ofegante e arranhando o rosto, tentando jogar a serpente fora apenas para encontrar os dedos se fechando em torno da neve meio derretida. O fogo estava quase morto, suas últimas brasas sibilando desesperadamente sob o ataque de uma nova tempestade. Yeva piscou e olhou para cima e viu uma forte nevasca afogando o acampamento, cobrindo toda a metade inferior do corpo.

— Não. — Ela ofegou, lábios entorpecidos lutando para formar a palavra. — Não, não. Pelei!

Ela procurou sob a neve o arco e a bolsa, depois tropeçou nas mãos e nos joelhos.

O amanhecer estava começando, luz pálida lançada difusamente sobre a madeira. A trilha de Pelei era visível apenas como uma série fraca de cavidades na neve, quase indistinguíveis de outras características obscurecidas pela nova neve e enchendo rapidamente.

Yeva se levantou e correu pela trilha, ainda sacudindo os restos de seu pesadelo, a mente mal funcionando. Mas a trilha de Pelei estava quase acabando e sem ela, ela seria apenas uma pessoa em uma vasta floresta desconhecida, sem nenhuma maneira de encontrar seu pai.

Ela não podia se dar ao luxo de perder meio segundo se recompondo.

A neve caía cada vez mais espessa, o vento aumentando para jogá-la contra seu rosto e cegá-la a cada passo. A trilha de Pelei também ficou mais distorcida, refletindo alguma confusão no caminho original do cão. Por duas vezes teve que parar e voltar, refazendo os passos até o ponto em que confundira uma cavidade no terreno com a trilha.

Ela perdeu toda a noção do tempo na tempestade, as nuvens e a neve caindo muito pesada para que ela visse algum sinal do sol. As árvores cresciam mais densamente aqui, deixando passar pouco da neve. Isso significava que havia menos neve para cobrir a trilha de Pelei, mas que também havia menos neve para preservá-la.

Eventualmente, ela tropeçou em um tronco escondido, caindo com força sobre o estômago. Sua respiração parou, ela gemeu tentando forçar seus pulmões a sugar um novo ar. Ela rolou de costas e ficou lá até poder encher os pulmões normalmente, a cabeça girando. Ela sentou-se, procurando a trilha de Pelei e não viu nada. Havia apenas a extensão desigual de neve em todas as direções e sua própria trilha dispersa levando de volta por onde ela veio.

Yeva se pôs de pé, tremendo agora que parou de se mover e a transpiração dos esforços se instalou em sua pele. Embora a densidade das árvores impedisse que a neve fosse muito espessa, ela não conseguia mais ver nenhum caminho a seguir. Ela ficou lá, os olhos se esforçando pela escuridão, o coração batendo forte e a respiração fumegando no ar.

Quando ela se virou em um círculo lento algo picou no interior do nariz, distinto da queima de gelo da neve caindo. Rastrear pelo cheiro era geralmente impossível com tanto frio tudo era limpo pelo ar congelado. Mas Yeva sentiu um leve cheiro metálico que fez os cabelos subirem em seus braços.

Sangue.

Fera

Sangue por toda parte. Isso nos queima, nos horroriza, nos incendeia. Nós temos fome. Nós rugimos. Queremos nos divertir e queremos fugir. Andamos pela neve encharcada de sangue, nosso coração palpitando em nossos ouvidos.

Mas algo vem. Recuamos e escondemos nosso perfume, esperando. Outro caçador tão parecido com o primeiro. Mais jovem, menor. Nós deslizamos mais perto através das árvores espessas para olhar.

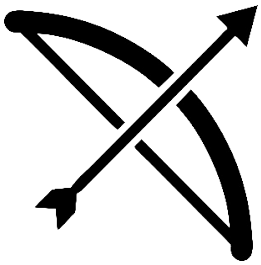
É fêmea. Paramos abruptamente, farejando novamente. Seu perfume é inconfundível. Uma companheira? Não. Ela é jovem e ele era velho.

Descendência.

Talvez nosso plano não esteja perdido. Nós a observamos do nosso lugar escondido, respirando seu cheiro e ouvindo o silêncio de seus passos. Ela se move como um animal no corpo de uma mulher.

Ela se move com beleza.

Capitulo Cinco



Yeva tomou a posição de um caçador. Onde havia sangue, havia catadores[1] e lobos alimentados como um bando. E embora os lobos normalmente fugissem da presença de um humano, se eles sentissem que sua comida estava sendo ameaçada, eles poderiam tentar defendê-la. Com todos os seus sentidos sintonizados, ela se arrastou para frente com os pés procurando por cavidades ou obstáculos que pudessem tropeçar nela.

O que quer que tenha sido morto aqui era muito maior que um coelho ou uma raposa. Sangue estava espirrado na área, pintando as árvores e a neve vermelha à meia-luz. A neve que caíra cobria grande parte dela, ela calculou que o sangue havia sido derramado apenas horas antes.

O pai dela esteve aqui? Ele encontrou a Fera de suas histórias e a matou? Yeva caiu de joelhos para tocar um dedo no chão. O sangue estava congelado. Talvez tivesse passado mais tempo do que ela imaginara. Uma irregularidade sombria chamou sua atenção a alguns passos de distância, e ela se abaixou e limpou a neve do objeto.

Era o machado do pai dela.

Yeva olhou para a arma, sua mente se recusando a processar o que estava vendo. Uma sensação de erro se formou em seu intestino. Por que ele teria abandonado? Seu cabo era especialmente esculpido, brilhante e suave de usar e encaixava na mão dele. Ele o largou depois de matar a Fera?

E então Yeva viu o que a sensação de errado estava tentando lhe dizer.

A lâmina do machado estava limpa, sem sangue. Não havia derramado o

sangue manchando o chão.

A certa distância, uma forma familiar a arrastou para a frente. Ela descobriu o arco dele e a alguns metros, encontrou a bolsa, o couro rasgado e o conteúdo espalhado sob a neve.

Com as mãos trêmulas, ela se ajoelhou sobre a próxima corcunda coberta de neve, afastando a neve. Ela vislumbrou algo como carne crua, o branco de osso brilhando na penumbra.

Um gemido rasgou sua garganta quando ela se jogou para longe da coisa, que era pequena demais para um corpo inteiro. Ela caiu de mãos e joelhos ofegante, olhando cegamente para a neve vermelha diante de seus olhos. Havia apenas a pressa em seus ouvidos e a agonia em seu peito enquanto seus pulmões lutavam por ar.

Ela percebeu que estava segurando o arco dele, a corda pressionada contra sua bochecha, suas longas curvas cavando seu peito. Seus braços entorpecidos se recusaram a deixar passar. Seu corpo tremia, náuseas arranhando seu caminho da barriga.

Um cheiro invadiu sua consciência e sua mente se apoderou dele, procurando algo para se distrair. Esse perfume não era sangue, mas algo mais selvagem, mais rico. Almiscarado, mas não desagradável. Yeva abriu os olhos, olhando através da escuridão da floresta. Seu sangue surgiu através dela, uma onda selvagem de fúria.

O arco ainda estava em sua mão. Ela agarrou com força o suficiente para que os nós dos dedos brilhassem brancos como ossos.

De repente, uma imensa sombra se moveu e Yeva ficou atordoada com a inação momentânea. Ela estava procurando por uma criatura do tamanho de um lobo, mas era como se uma seção inteira da floresta tivesse subitamente se jogado para trás através da clareira.

Sem mais pausa, ela girou o arco do pai e o embainhou em um movimento suave. A flecha voou reta e verdadeira. Houve um rugido de fúria e dor que a abalou com os ossos que a jogou no chão com sua intensidade e então o gigante

sombrio saltou pela floresta.

Ela ficou lá atordoada, o cérebro tentando entender o que tinha visto. Nenhum animal natural poderia ter feito aquele som ou parecer tão grande. Só quando o cheiro do sangue do pai a lembrou de onde ela estava, ela balançou a cabeça para limpá-lo.

Yeva amarrou o machado de seu pai nas costas, depois se levantou e foi embora atrás da Fera. Ela deixou seu próprio arco para trás, segurando o arco de seu pai com os nós dos dedos brancos sem espaço para pensamentos racionais. Havia apenas a caça, a necessidade de matar, para borrifar o sangue da criatura na neve. A nevasca havia parado e o sol estava se pondo atrás da camada oculta de nuvens. A floresta ficou mais escura a cada segundo, mas ela não se importou. A Fera que matara seu pai estava aqui. E ela estava indo para destruí-la.

Bem ali, um respingo de sangue fresco a alguma distância de onde ela estava. Fresca demais para pertencer ao pai. Gotas saíam do local e um buraco na neve contava algo grande se afastando.

Ela começou uma corrida longa e suave, com os olhos no chão concentrados na trilha. Mesmo que os rastros de seu grande corpo arrastando pela neve não fossem um caminho claro, ela seria capaz de rastrear seu perfume. Seu sangue era uma espiga negra e selvagem de metal no fundo de sua garganta. Se fosse uma criatura menor, ela imaginaria que fosse um golpe arterial, mas ela viu o tamanho da Fera quando ela apareceu, antes de largar a flecha. Para um animal tão grande, a quantidade de sangue que salpicava o chão não seria fatal. Se ela tivesse sorte, ela perfuraria um pulmão e a Fera seria lentamente sufocada. Se ela conseguisse rastrear o suficiente, seria capaz de matá-lo.

Seu pai lhe ensinara esse passo, firme e baixo até o chão, percorrendo distâncias de maneira suave, rápida e silenciosa. Ela correu atrás da Fera. O cheiro ficou mais forte a cada passo, enquanto ela fechava o espaço entre eles.

Tudo ficou em silêncio, exceto pelo ocasional baque surdo de neve deslizando dos galhos dos pinheiros. Com a tempestade agora passada, a floresta

estava quieta e seca e doendo com o peso do inverno. Não havia outros animais, apenas a Fera e logo atrás sua caçadora.

O crepúsculo lixiviou a cor do mundo, e as manchas de sangue na neve eram de um cinza rico. Não demoraria muito agora.

Mais à frente, ela ouviu um som. Algo tossiu. A respiração úmida e difícil ondulava no ar. O pulso de Yeva batia ferozmente em suas têmporas. Com o arco do pai na mão direita, ela esticou a mão esquerda para tocar o punho do machado do pai. O peso disso era um conforto.

Uma clareira se abriu à sua frente. A escuridão da floresta se transformou em um crepúsculo traiçoeiro, revelando a sombra maciça caída no centro.

A ascensão e queda dele era desigual. Ele soltava respirações agitadas que prendiam e ofegava na expiração. Grandes nuvens de condensação subiram, capturando a mistura de nascer e pôr do sol.

Ela avançou, procurando sob a neve com a ponta da bota até encontrar um graveto. Ela pisou nele de maneira inteligente enviando uma rachadura aguda no ar, não mais silenciosa por seu cobertor branco abafado.

O pedaço de sombra se contraiu, sua respiração chiando. Ele estendeu a pata dianteira e tentou se levantar, apenas para cair na neve novamente onde estava imóvel, exceto por sua respiração ofegante e pelos trêmulos.

Yeva podia esperar que morresse, que o ar e o sangue acabassem. Mas ela não suportava esperar, e isso era uma morte muito gentil. Uma desaceleração gradual do corpo que terminava em sono. Essa morte era muito gentil para este monstro. A luxúria estava crescendo nela, o silvo selvagem de vingança borbulhando para substituir a fria razão de caçadora.

Ela queria sentir o estalar de seu crânio através do cabo do machado, ver sua vida derramar na neve em uma torrente fumegante. Ela queria ver o rosto da Fera que matou seu pai no momento em que entendeu que havia perdido. Ela queria o ver morrer.

Jogando o arco do pai por cima do ombro, ela esticou o braço para libertar o machado da alça, olhando atenta cada passo suave. Ao se aproximar, viu que

não era um urso monstruoso, como pensara, mas algo diferente e estranho. Ela decidiu que cortaria sua medula espinhal e pegaria sua cabeça, que tinha a delicada elegância de um lobo com os músculos da mandíbula esmagadora de um glutão. Esse troféu ela não venderia. Este era dela.

Ela mudou seu aperto no machado, com cuidado para ficar fora do alcance de suas garras, que agora cavavam na neve buscando a salvação.

Mais perto ainda e ela podia ver seus olhos na escuridão. Ele os rolou para ela, com um ar cruel e implorador. A sede de sangue inchou.

Como o pai dela havia desistido dessa vida? Na mente dela, uma tapeçaria se desenrolava a vida que ela poderia ter levado como filha de seu pai, lado a lado com ele. Se ele a tivesse trazido em sua caçada final. Se ao menos ele não tivesse encontrado esta Fera sozinho. Se apenas...

A Fera rosnou e a tapeçaria desapareceu como o fantasma de sua respiração no ar. O grunhido se transformou em um gemido e ela imaginou que seu tiro anterior realmente havia perfurado seu pulmão. Tentou levantar-se mais uma vez, mas voltou a afundar com um baque com o pelo coberto de neve branca. Seus olhos se fecharam, a boca aberta enquanto ofegava e sangrava.

Ela estava perto o suficiente agora que a força de sua respiração agitou o cabelo que revestia seu capuz. O ar cheirava a sangue, umidade e almíscar selvagem. Ela inalou, suas narinas dilatadas.

— Para você, papai. — Ela sussurrou, levantando o machado.

Seu único aviso foi o brilho de seus olhos quando eles se abriram. Tarde demais, ela viu que as patas traseiras da Fera estavam agachadas sob seu corpo, os músculos tensos e prontos. Tarde demais, ela viu os cadáveres de vários coelhos, decapitados e esfriando no sangue fresco que a levou à clareira. Tarde demais, ela percebeu o quão perto da Fera ela estava.

A Fera atacou-a, derrubando o machado com um golpe que o fez cair inutilmente ao seu lado. O som de seu rugido era o som da floresta, as vibrações sacudindo a neve de todos os galhos e jogando-a no chão em um eco perverso da tempestade de inverno que a trouxera. O impacto do corpo da Fera atingindo o

dela fez com que a cabeça se soltasse para fora do capuz, enquanto a erguia dos pés.

Seu último pensamento, estranhamente racional quando seus corpos navegaram no ar, foi: Isso não é uma Fera, criou uma armadilha para mim. Este é um caçador.

E então seu corpo esmagou o dela no chão e foi com o estalo de seus ossos que ela perdeu a consciência.



Yeva acordou na escuridão total. O ar estava pesado com a sensação de terra pressionando-a. Ela piscou várias vezes, convencendo-se de que seus olhos estavam funcionando não havia diferença entre tê-los abertos ou fechados.

Ela estava deitada de costas, com os braços abertos na pedra. Afastando o pânico de ter ficado cega, ela tentou se sentar. A dor aguda atravessou seu lado direito, fazendo-a ofegar em voz alta. Ela tentou bater palmas, mas apenas o braço direito se moveu. O esquerdo estremeceu com o som estridente de metal, um punho gelado cortando seu pulso.

Yeva lentamente fez um inventário do resto de seu corpo. Com as pontas dos dedos cuidadosamente, ela encontrou não uma, mas três costelas que fizeram seus olhos lacrimejarem quando tocadas. Ela podia mexer as pernas, dobrar a coluna — com muita dor na lateral — e o pescoço. Sua cabeça doía e quando a moveu, sentiu um ponto doloroso nas costas. Quem a colocou aqui a largou sem se importar. Ela deve ter batido com a cabeça no chão de pedra. Ela podia sentir o cheiro de sangue no ar e se perguntou se era dela.

Estou acorrentada no subsolo com costelas quebradas e sem luz, ela disse a si mesma, fechando os olhos e deixando o medo passar por ela. Seu pai sempre lhe dissera que não importa a situação, um caçador nunca deveria mentir para si mesmo. Somente entendendo o problema é que podemos ver além dele. O pai dela. Yeva apertou os lábios, os olhos formigando por trás das pálpebras

fechadas. Ela não podia se dar ao luxo de pensar nele agora.

A última coisa que ela lembrou foi o rugido de triunfo antes que a Fera se lançasse sobre ela. Ela engoliu, o pescoço formigando. *Deveria ter arrancado minha garganta*. Em comparação, cativeiro e costelas quebradas pareciam triviais.

Alguém a salvou antes que a Fera pudesse terminar de matá-la? Mas por que salvá-la apenas para acorrentá-la em uma caverna?

Antes que ela pudesse pensar em uma explicação, veio uma raspagem áspera de metal e pedra. Ela respirou fundo, sentindo a pontada da respiração em suas costelas quebradas e levantou a cabeça, mas não viu nada nessa direção. Algo caiu no chão e depois o arrastou, como se estivesse sendo empurrado em sua direção. Yeva se esforçou e piscou na escuridão. Antes que seus olhos pudessem discernir qualquer coisa, exceto o contorno fraco de um retângulo, o grito agudo de dobradiças voltou novamente seguido pelo som de algo se fechando.

Forçando-se a respirar superficialmente, Yeva tentou se acalmar. Não era uma caverna se houvesse uma porta, embora a sensação de estar no subsolo permanecesse. Ela tentou pensar se tinha visto uma figura na porta, mas a escuridão estava completa demais.

Ela tentou se sentar novamente, rangendo os dentes contra a dor e conseguiu se erguer sobre um cotovelo. Estendendo a mão com uma perna, ela prendeu o calcanhar sobre a borda do objeto que havia sido colocado em sua cela e o arrastou em sua direção. Ela estava descalça — alguém havia tirado as botas. E sua capa e bolsa também, ela percebeu.

E as armas dela.

Ela aproximou o objeto para alcançá-lo com as pontas dos dedos e em seguida puxou-o pelo resto do caminho. Era uma bandeja, ela descobriu, explorando seu conteúdo com os dedos no escuro. Ela reconheceu a textura da carne seca, bem como tubérculos crus e um pouco de água. Eles eram de seus próprios suprimentos.

Havia também duas tiras de algo áspero e semi-rígido sob os dedos. Ela pegou uma, segurando-a no nariz e depois escovando-a com os lábios, que eram muito mais sensíveis ao toque do que os dedos. Casca de árvore.

Seu coração disparou com confusão quando ela tocou a tira na língua. Salgueiro. Para dor. Ela parou um pouco com os dentes e mastigou, a amargura tão forte que ela teve que lutar contra o desejo de cuspir imediatamente. Mastigue, não engula. Ela chupou a casca, a cabeça doendo com o gosto ruim dela. Mas a dor começou a diminuir, tanto na cabeça quanto na lateral dela. Cuspiu a massa de polpa e alcançou a vasilha de água para lavar o sabor.

Por que alguém a trancaria aqui e depois lhe traria comida e remédios para a dor? Ela comeu as rações, parte de sua mente se afirmou e lembrou que se ela esperava escapar precisaria de suas forças. Com dificuldade, ela seguiu a algema que prendia a mão esquerda de volta à parede e tentou se apoiar nela. Porém, a dor nas costelas ainda era grande demais, apesar dos efeitos entorpecedores do salgueiro.

A comida e a medicação chegaram apenas alguns segundos depois que ela acordou. Alguém poderia ouvi-la ofegar?

— Olá? — Ela chamou para a escuridão, sua voz rouca como o raspar de uma faca limpando couro. O som era pequeno, monótono e sem eco. O quarto em que ela estava não podia ser grande. Ela engoliu em seco e tentou novamente, sua voz um pouco mais forte.

— Olá? Obrigada a quem me deu a casca.

Talvez fosse um servo de quem a segurava, sentindo pena dela.

— Por favor, preciso de luz. Estou ferida, mas não sei dizer o quanto estou sem poder ver.

Não houve resposta. Ela deixou a cabeça cair contra a parede à qual estava acorrentada. A escuridão girou em torno dela, embora ela não pudesse dizer se era por medo ou dor ou por uma overdose de casca de salgueiro. Ela fechou os olhos e caiu no sono.

Seu sono era no máximo perturbado, assombrado por imagens

monstruosas e flashes de luz. Ela sonhou que era cega, capaz apenas de ver listras vermelhas como se tentasse ver por trás das pálpebras fechadas.

Os raios se tornaram um par de olhos, os olhos da serpente de seu sonho na floresta, mas também da Fera. Eles a perseguiram e ela descobriu que estava paralisada e cega. A Fera se aproximou e quando ela tentou gritar sua voz fugiu, ela se ergueu e sentiu a pontada de presas em seus pulmões e gritou, os olhos se abrindo.

Yeva olhou ofegante para o teto quando o sonho se esvaiu. Seu lado doía onde seu movimento repentino sacudiu suas costelas feridas. Ela piscou no teto de pedra cinza por longos momentos antes de sua mente alcançá-la.

O teto de pedra cinza? Ela podia ver.

Ela rolou para o lado com dificuldade, sua corrente raspando a pedra abaixo dela. A alguns metros de distância, no chão perto da porta, havia uma pequena lâmpada de óleo.

Alguém a trouxe luz.

Yeva estendeu a mão e puxou a luz para mais perto, incapaz de tirar os olhos dela, apesar da maneira como queimavam seus olhos depois de tanto tempo na escuridão.

— Obrigada. — Ela sussurrou para seu aliado invisível. — Obrigada.



Recostou-se novamente nas costas, desatando a túnica para poder levantar a camiseta. Raivosos hematomas vermelhos e azuis se espalhavam por seu lado, tingidos com o amarelo de um céu tempestuoso. Ela explorou as bordas com as pontas dos dedos e estremeceu contra uma pontada de dor. Quebrado, como ela temia. Ela lentamente colocou a blusa de volta no lugar e olhou em volta.

A luz permitiu que ela visse que sua cela tinha uma forma aproximadamente quadrada, um pouco mais do que ela era alta. Não havia janelas, apenas uma porta de madeira maciça amarrada com ferro e uma

fechadura grossa. No canto adjacente ao que estava acorrentada havia uma escotilha de madeira, com pouco mais de meio metro quadrado. Embora ela não pudesse sentir o cheiro de nada, Yeva supôs que ela deveria se aliviar lá. De outro modo a sala estava vazia, exceto por Yeva e sua luz e a bandeja de tubérculos crus e não consumidos.

Ela pensou em tentar assar os tubérculos sobre a lâmpada de óleo, mas depois de algumas tentativas sem entusiasmo, decidiu que a chama não estava quente o suficiente. Quem quer que tivesse deixado sua comida, simplesmente pegou os suprimentos da bolsa e os depositou na bandeja, sem pensar se eles eram realmente comestíveis crus.

A lâmpada emitia uma pequena quantidade de calor e ela a puxou para perto de seu corpo, tentando ignorar as sombras monstruosas que lançava nas quatro paredes de sua pequena cela. As sombras a lembraram demais da criatura na clareira antes que ela atingisse.

Yeva respirou fundo, mexendo o ar o suficiente para fazer a chama tremular através das paredes.

— Eu sei que você pode me ouvir. — Disse ela, a voz soando muito mais certa do que ela sentia. — Não sei quem você é ou por que está me ajudando. Mas preciso de remédios que trouxe comigo. A casca do salgueiro era boa, mas não é suficiente.

Ela esperou, mas houve apenas silêncio.

Yeva olhou novamente os dedos sobre as costelas estremecendo com a dor, mas incapaz de deixá-la em paz.

— Eu preciso da pomada do pequeno pote vermelho. Isso vai me ajudar a curar, por favor. — Ela se esforçou para ouvir, ouvidos zunindo com o silêncio. Houve um arranhão leve de tecido ou couro em pedra, tão fraco que ela teria descartado o som, se não tivesse sido seguido por uma voz.

— Você terá que apagar sua luz.

A voz era um baixo estridente, pesado, musical e rico. Yeva estremeceu, esperava uma voz mansa e gentil. Alguém compreensivo o suficiente para

ajudar. Mas fraco demais para realmente libertá-la. Tudo nessa voz falava em força e muita pouca compaixão.

— Mas é a única luz que tenho. — Respondeu ela, movendo a mão livre instintivamente para a lâmpada. — Não tenho como acendê-la novamente.

— Vou deixar você andar de pederneira. — Disse a voz. O barulho de couro, pele ou tecido na pedra veio novamente, como se alguém estivesse se mexendo sem ser visto na pequena cela. — Mas você deve apagá-la.

— Por quê?

— Sem perguntas.

Yeva estremeceu. O pensamento de ser deixada sozinha no escuro novamente era suficiente para fazer seus olhos arderem, mas ela não tinha motivos para desconfiar de seu benfeitor. Ele não deixaria uma luz apenas para tirar dela novamente.

— Muito bem. — Ela sussurrou e abaixou o pavio, a luz encolhendo e tremendo. Yeva quase não viu, as imagens dançando diante de seus olhos e cegando-a.

A porta se abriu, o barulho de dobradiças enferrujadas rasgando o silêncio. Yeva bateu a mão nos ouvidos, fazendo uma careta. Então veio aquele som minúsculo, um passo. A pessoa, quem quer que fosse, usava os sapatos mais macios. Ou então estavam descalços como ela.

— Você também é prisioneiro? — Ela perguntou à escuridão.

A voz não respondeu imediatamente. Houve um barulho silencioso quando algo foi colocado na bandeja de comida.

— Sim. — Disse a voz então, a palavra emergindo como um suspiro.

— E ainda assim você é livre para se movimentar e ver outros prisioneiros?

— Eu *disse sem perguntas.*

Houve um rosnado na voz, uma pitada de raiva que fez Yeva querer recuar. Ela se manteve firme, igual as horas gastas esperando do lado de fora de tocas de coelho para ajudá-la a ficar quieta.

— Obrigada por me ajudar. — Disse ela suavemente. Ela não podia se dar ao luxo de alienar a única pessoa que poderia ajudá-la.

— Desejo que você melhore. — Embora as palavras fossem gentis, a voz não era.

Yeva engoliu em seco.

— Essas raízes. Eles devem ser cozidas antes que eu possa comê-las.

— Eu não me importo. — Disse a voz. A porta se fechou com um chiado de dobradiças raivosas, deixando-a mais uma vez, em silêncio.

A respiração de Yeva a deixou ofegante, com o coração batendo forte. Ela rastejou em direção à bandeja, ignorando a dor ao seu lado e recuperou a pomada. Então, ela sentiu a superfície da bandeja até que seus dedos encontraram o que estavam procurando: um par de pederneiras e uma tira trançada de lã como isca. Yeva apertou a mão em torno deles, não se importando como as pedras cavaram em sua palma. Pelo menos ela não seria deixada no escuro.

Fera

Não tínhamos intenção de machucar a fêmea, mas os corpos dos seres humanos são frágeis. Mesmo quebrada, ela servirá. Nós a manteremos viva até que um caçador venha buscá-la e então o levaremos para servir ao nosso propósito.

Ficamos muitas vezes do lado de fora de sua porta, ouvindo-a respirar e aprendendo o cheiro dela. Dessa forma, se ela tentar fugir poderemos caçá-la. A luz da sala não passa de um fio ao longo da parte inferior da porta. Muito raramente ele pisca quando ela passa entre ele e a porta, uma sombra de movimento.

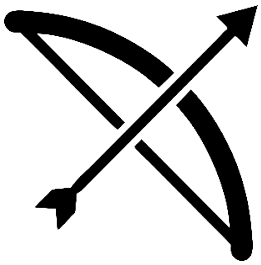
— Obrigado. — Ela sussurra quando deixamos suas coisas.

Nós não entendemos essa gratidão. Somos os seus captores! Nós seremos a morte dela. Nós somos feras e ela é tão frágil quanto a outra. Devemos mostrar-lhe o nosso rosto e deixá-la gritar até que ela quebre. Eles vão procurá-la, quer ela tenha a cabeça ou não.

Nós não faremos isso. Pedimos que ela apague a luz quando abrimos a porta para que ela não veja nosso rosto.

Por quê?

Capitulo Seis



Suas costelas curaram lentamente, em grande parte devido à sua incapacidade de ficar quieta. Yeva testou os limites de sua cela, capaz de alcançar a escotilha no canto apenas estendendo-se até onde a corrente a deixaria ir. Ela mal podia tocar a beirada da porta, as pontas dos dedos roçando as ligações de ferro. Quando suas refeições chegavam, ela nunca ouvia o som de uma fechadura girando. A corrente a mantinha aqui. A porta estava destrancada. O que explicava como seu aliado ia e vinha.

Yeva fez perguntas das trevas, esperando o retorno da voz. Embora seu tom não oferecesse nada de bondade ou simpatia, o aliado invisível trouxera comida, remédio, luz. Não voltou a falar, mas de vez em quando os pedidos de Yeva eram atendidos. Ela recebeu ataduras no pulso, que ficaram cruas e ensanguentadas dentro de sua algema. O combustível em sua lâmpada foi substituído. As dobradiças da porta estavam cobertas de óleo e não mais gritavam. E depois de um sono particularmente frio e instável, ela acordou e descobriu que um cobertor havia sido depositado ao seu lado.

Mas a voz nunca falou.

Ela entendeu que, se desejava que seus pedidos fossem atendidos ela precisava apagar a luz e esperar. A escuridão era tão pesada, tão sufocante, que ela falava para preencher a escuridão vazia.

Yeva sempre preferiu o silêncio às conversas dos outros, sonhando acordada com a floresta em silêncio enquanto as damas da baronesa riam e fofocavam. Seus pensamentos ganharam vida na quietude da madeira, nutrida pelo ar, pelo aroma e pela vivacidade dela. Mas com o passar dos dias em sua

cela, ela descobriu que nunca havia conhecido o silêncio - não o verdadeiro silêncio. Na floresta, o ar estava vivo com cheiros de madeira e umidade, os sons de seus passos ecoando na vastidão. Sempre havia a possibilidade de movimento e vida, um coelho saindo de uma toca ou um breve vislumbre do rabo de uma raposa que desaparecia de vista.

O silêncio de sua cela era pequeno e estagnado. O ar pesado pressionava por todos os lados e quaisquer sons que ela emitia eram engolidos pelo peso da terra. Ela desejava ouvir o som de uma voz humana, mesmo que fosse dela.

Ela começou a falar de tudo que lhe vinha à mente, para preencher o silêncio faminto. Ela descreveu sua cela inexpressiva: o modo como a pedra cinza se encaixava tão perfeitamente que ela não podia ver a argamassa, o frio doloroso da rocha sob ela, o barulho musical da bandeja, o roçar gelado das pontas dos dedos contra as ligações de ferro nas portas. Ela falou de sua lâmpada, olhando para a chama por horas respirando o leve aroma ardente e fazendo-a tremer com o sopro de suas palavras.

Ela imaginou que o dono daquela voz profunda e estridente a estava ouvindo e que quando ela falava que ela estava de alguma maneira oferecendo uma troca. A ajuda dele, pelas palavras dela.

Quando ficou sem coisas para descrever, falou de sua família. Embora não conseguisse se lembrar do pai, falou sobre as irmãs. Ela descreveu o pé torcido de Asenka e explicou como seu sorriso e sua risada fazia as pessoas esquecerem sua deficiência. Ela lembrou o humor tolo de Lena com um sorriso, embora não houvesse ninguém para vê-lo. Ela até falou de Albe e de sua falta de jeito e de como seu desejo de agradar, compensava bem mais do que as suas tentativas frustradas de ajudar.

— Eu os deixei. — Ela confessou para as sombras. — Eles me imploraram para ficar e prometi voltar. Eu prometi.

Seus olhos ardiam. Se ao menos ela tivesse escutado. Ela não tinha sido capaz de ajudar o pai e agora... agora parecia provável que ela nunca mais os visse. *O que você está procurando lá fora?* Asenka havia perguntado a ela. A

garganta de Yeva se fechou.

Isso não.

Quando ela não podia mais falar sobre sua família sem chorar, sua mente vagou pelas histórias que seu pai contava sobre as criaturas que viviam no coração da floresta negra. A princípio, as histórias foram desarticuladas. Fazia tanto tempo desde que ela ouviu, e o silêncio que a envolvia era uma distração. Seu corpo estava sempre frio e a enfraqueceu, uma deterioração gradual da força que ela não tinha como impedir.

Ela contou sobre o pobre garoto trabalhador que fez a princesa rir e roubou seu coração e sobre a garota que foi educada o suficiente para que o pai fosse recompensado com um baú de tesouros. Ela contou sobre Vasilisa, a Bela, e como em um conto ela superou suas irmãs malvadas com a luz mágica de Baba Yaga; e em outro, como ela enganou um rei que queria se casar com ela, acreditando que era um menino cavalgando e caçando melhor do que qualquer homem.

Era uma de suas histórias favoritas. Sua voz tendia a ficar rouca depois que ela falava na escuridão por mais de algumas horas. Ela estava meio sussurrando quando se aproximou do final desta última história, com a lâmpada baixa para conservar o óleo. Ela sentou-se encostada na parede, olhos fechados.

— E então finalmente o rei ordenou que o “jovem” tomasse banho com ele. — Ela sussurrou. — Mas Vasilisa... — Sua voz ficou presa na garganta e se transformou em tosse e ela pegou a pele da água para acalmá-la.

Do corredor do outro lado da porta, veio um som que ela veio a reconhecer: o mais leve dos arranhões, significando o passo de pés descalços ou couro macio. Yeva congelou, ouvindo o som de seu coração batendo. O aliado invisível estava do lado de fora.

O silêncio se estendeu até que, tão silenciosamente, Yeva sentiu mais nas pedras do que ouviu.

— Continue.

Um sorriso apareceu nos cantos da boca de Yeva. Ela engoliu um bocado de água e depois sussurrou:

— Mas Vasilisa foi rápida demais para ele. Ela se trocou, tomou banho e foi embora antes que o rei terminasse de tirar todas as suas roupas. Ela deixou um bilhete para ele dizendo que, por toda a riqueza e poder dele, ele não era tão rápido ou inteligente como ela. Pois não era Vasilisa. Ele havia sido enganado por uma garota.

Mais uma vez houve silêncio e depois um suspiro melancólico do outro lado da porta.

Yeva engoliu em seco, arrastando-se para a frente até estar tão perto da porta quanto sua corrente permitiria. — Você não vai me ajudar a escapar? — Ela implorou, a voz embargada novamente em um sussurro. — Nem sei onde estou, ou quem me capturou, ou qual foi a finalidade.

Ela o ouviu mudando de peso do outro lado da porta.

— Não posso.

— Por que arriscar me ajudar então?

Silêncio. Depois: — Por que ninguém veio atrás de você?

— Para mim?

— Para resgatar você. Um irmão ou um companheiro. Há uma trilha para encontrar você, se eles olharem.

Yeva engoliu em seco.

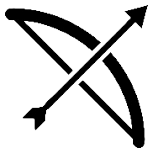
— Acho que eles não sabem que fui pega. Eles acreditam que estou procurando meu pai. — Sua garganta se apertou com a menção dele.

— Não é assim que deve ser. — A sugestão de um rosnado estava de volta em sua voz, o som de raiva mal controlada. — Alguém deveria ter vindo.

Yeva estendeu a mão em direção à porta, as pontas dos dedos tocando o ferro.

— Ninguém virá atrás de mim. Você é tudo que eu tenho. Por favor me ajude!

Não houve resposta, mas o som de passos desaparecendo pelo corredor novamente.



Na próxima vez que Yeva acordou de seus sonhos conturbados, ela encontrou perto de sua cabeça um prato cheio de tubérculos, assados com óleo e sal. Ainda estavam quentes, fumegando suavemente à luz da lanterna.

Seus pulmões e garganta pioraram ao longo dos próximos dias até que a fala provocou uma tosse barulhenta que a forçou a se apoiar na parede de pedra. O frio implacável de sua cela se instalou em seus ossos e nem mesmo o cobertor foi suficiente para protegê-la disso. Seu aliado forneceu-lhe mais casca de salgueiro de seus suprimentos, mas em pouco tempo o estoque remédios esgotou e nenhuma casca apareceu na bandeja.

Ela sabia que estava mostrando sinais de febre, mas havia pouco que ela podia fazer. Ela parou de contar histórias, pois elas precisavam de mais energia do que ela tinha e ela não conseguia falar sem tossir. Sua cabeça latejava quando a punha para dormir e doía quando se sentava novamente.

— Estou doente. — Ela sussurrou, seguindo teimosamente o conselho de seu pai para ser honesta consigo mesma sobre sua situação. Fazia vários dias desde que ela ouviu a voz e apenas o fato de a comida ainda aparecer em sua cela dizia que ele ainda estava lá. Ela se esforçou para ouvir o som dos passos dele no corredor além, mas ouviu apenas o silêncio pontuado pelo latejar de sua cabeça.

Ela tomou um gole de água até que a provocou mais tosse e depois baixou a cabeça. A lâmpada queimava em seus olhos, então ela apagou a luz, banhando as pálpebras na escuridão abençoada. Yeva rolou de costas, pulmões chacoalhando com o esforço de respirar.

— Você pode andar?

Ela não ouviu a porta se abrir. Desde que seu aliado lubrificou as dobradiças, a porta estava mais silenciosa. Mas não tão silenciosa, foi o som difícil de sua própria respiração que a mascarou. O s olhos dela se abriram,

lutando para olhar através da escuridão. Ela não podia ver nada na escuridão completa. Mas podia senti-lo ali, no entanto, a alguns metros de distância.

— Eu acho que sim. — Ela sussurrou.

Algo suave caiu contra suas costelas onde ela estava.

—Coloque isso. — A voz não teve emoção, embora estava longe de ser plana. Cheia de riqueza e profundidade. Não havia como desobedecer. Yeva sentou-se com dificuldade, pegando o objeto e descobrindo que era uma tira de tecido, mais fina do que qualquer outra que ela sentia há meses. Seda, dobrada várias vezes. Os dedos dela se fecharam em torno dele. — Sobre os seus olhos. — A voz esclareceu, a impaciência emergindo na mínima sugestão de um rosnado.

Ela se apressou a obedecer, os dedos tremendo. Ele iria tirá-la da cela? A venda era para que ela não pudesse vê-lo e o implicasse mais tarde, se ela fosse novamente pega?

A algema ao redor do pulso dela se abriu e pela primeira vez em semanas, Yeva conseguiu pressionar o braço nu contra o corpo sem a irritação do ferro. Ela sentiu vontade de desabar de alívio. Mas a voz ordenou que ela se levantasse, e ela o fez segurando a parede e apoiando-se nas pernas trêmulas. Como ela havia perdido tanta força tão rapidamente? Depois de ter lutado tanto para recuperá-la novamente. Por trás da venda, ela fechou os olhos com mais força.

— Siga-me. — Ordenou a voz, antes que o som de seus passos sussurrasse contra a pedra.

— Espere. — Yeva virou a cabeça para um lado e para o outro na escuridão duplicada da cela e da venda. — Como posso seguir se não consigo ver?

— Você não consegue rastrear pelo som e pelo cheiro? — Houve um breve silêncio, e então seus passos novamente. — Coloque sua mão no meu ombro e eu vou levá-la.

Yeva estendeu a mão trêmula até que as pontas dos dedos encontraram

pelo. O que ela não daria por sua capa de pele, agora enfeitando os ombros da esposa de um comprador oportunista. Ela enfiou os dedos frios profundamente no casaco invisível do aliado e se afastou da parede.

Ele a levou para fora da cela e virou à esquerda, descendo o que Yeva imaginou ser um corredor. Eles giraram de novo e de novo, até que ela perdeu todo o senso de direção. Ela tentou contar os passos deles, mas sua cabeça girava de febre e frio e desistiu de seguir o caminho deles.

De febre e frio e do perfume. Ela cheirava algo almiscarado e selvagem, algo familiar que ela não conseguia identificar. O casaco de pele dele, ela pensou. Mas assim que ela pensou, sabia que não era verdade. Isso não era pele morta. Talvez seu captor possuísse cães. Mas isso também não explicava, pois Yeva conhecia o cheiro de cães o suficiente para saber que não era o mesmo. Os cabelos subiram ao longo de seus braços, e ela estava agradecida pelo calor sólido debaixo da mão pelo movimento lento do corpo dele sob o casaco.

Sua escolta parou, forçando-a a parar também. Ouviu-se um leve zumbido de ar, como de uma porta se abrindo e então uma parede de calor a atingiu. Ela ofegou, levantando a mão do casaco e alcançando sem pensar na venda.

— Não. — Era mais um rosnado do que uma palavra, falada tão perto do ouvido dela que a força de sua respiração mexeu com os cabelos dela.

A mão dela congelou e ela lutou contra a necessidade ardente de fugir cegamente de volta pelo corredor. Ele é meu aliado, lembrou a si mesma, o rosto voltado para o calor invisível. Ele é meu aliado. Ele não deve ser temido.

— Venha.

Ela encontrou o ombro dele novamente, e ele a levou para a frente no lugar que ela não podia ver. Atrás dela, a porta se fechou novamente com um arranhão e um clique. A pedra fria sob seus pés descalços deu lugar a um tapete exuberante, enviando uma onda de prazer inesperado através dela. Há quanto tempo ela não sentia tanta riqueza? Não. Pela primeira vez, ela perguntou-se onde poderia estar.

Seu aliado a levou para frente e depois ordenou que ela se sentasse. Yeva

largou o ombro dele com relutância. O pelo estava quente e macio, e ela se viu gostando da sensação de outra pessoa debaixo da mão. Ela procurou com os pés e descobriu uma pilha de almofadas e afundou nelas. À sua esquerda estava o crepitar e o assobio do fogo, o calor martelando sua pele.

— Você pode ficar nesta sala o tempo necessário para recuperar sua saúde. — Disse a voz. O coração de Yeva disparou. — Com uma condição.

— Qual condição?

— Que você nunca retire a venda por qualquer motivo. Se você o fizer, você morrerá. Você me entendeu?

Yeva engoliu em seco. Preferia morrer quente e confortável a fria e doente. Mas é melhor não morrer.

— Sim. Eu não vou removê-la. Você tem minha palavra.

— Conte-me sobre seu pai.

Yeva fez uma pausa no meio da refeição, engolindo a boca cheia de faisão assado.

— Meu pai. — Ela repetiu.

— Você fala de suas irmãs, sua serva, sua mãe. Mas nunca seu pai. Você o odeia tanto?

Ela piscou atrás da venda, tentando ler as formas nebulosas além dela. Alguma luz atravessou a seda, mas ela não conseguia rastrear nada, a menos que estivesse entre ela e a luz.

— Não. Eu o amava.

— Então, você não fala dele porque ele está morto?

A garganta de Yeva se fechou novamente, apesar de ter se recuperado nos últimos três dias do frio em seu corpo. Sua tosse permaneceu, mas principalmente quando ela dorme. Agora, sua garganta se contraiu de dor.

— Como você sabe que ele está morto? — Ela sussurrou.

— Você disse que o *amava*. — A voz enfatizou a última palavra, o pretérito soando pesado.

Yeva ficou em silêncio ouvindo o fogo, a refeição esquecida. Seu aliado

conseguiu obter mais comida para ela desde que ela se retirou da cela, o jogo mais rico foi preparado com perfeição. Talvez ele também fosse um caçador. Talvez ele entenda.

— Antes de meu pai conhecer minha mãe, ele era o maior caçador de todos. Talvez o mundo. Ele parou para agradá-la, pois era um trabalho perigoso, mas em seu coração ele amava a floresta. Ele era o único que podia se aventurar em seu coração, caçar as criaturas mais selvagens e estranhas que viviam lá.

— Você mencionou apenas irmãs. Ele não teve filhos?

Yeva balançou a cabeça.

— Somente minhas irmãs e eu. A caçula. — Ela hesitou. Mas o que importava o que seu aliado pensava dela? Ele não arriscaria a raiva de seu sequestrador para ajudá-la e depois se afastaria por causa do escândalo. Ela respirou lentamente. — Quando eu era jovem, ele me tratava como faria com um filho, ensinando-me o que sabia. Eu caçava ao lado dele. Eu era mais feliz lá.

— Ele treinou você para caçar? Caçar como ele fez? Com as mesmas habilidades? — Pela primeira vez, algo coloriu a voz pesada. Surpresa talvez. Ou consternação. Yeva achou difícil ler a emoção.

Ela levantou o queixo.

— Você desaprova. — Ela comentou. — Porque eu sou uma menina?

— Não. — A voz parou. — As mulheres geralmente são as melhores caçadoras. Elas devem prover os jovens e sobreviver quando os machos estão muito ocupados pastando para fazê-lo. Mas não é assim com os humanos.

— Humanos? — Os pensamentos de Yeva pararam. Como ele poderia falar como se não fosse um?

Outra pausa.

— Peço desculpas. Passo todo o meu tempo aqui na floresta, e me sinto mais em casa aqui entre os animais do que entre os homens. A essa altura eu sou mais fera do que o próprio homem.

Dessa vez, Yeva não teve dificuldade em ler a emoção ali. Amargura, grossa e preta, trazendo a cor para as bochechas.

— Eu não acho que isso seja verdade. — Ela se viu dizendo.

— Não?

— Não. — Rla respondeu com firmeza. — Você me ajudou quando não precisava. Quando quem me colocou naquela cela pudesse retornar e punir você por me deixar sair.

O ar se agitou e Yeva viu uma sombra se mover além da venda. A forma era enorme, seu aliado devia estar mais perto do que ela pensara.

— Você não sabe nada. — Rosnou a voz. Seus passos se afastando eram pesados no tapete. A porta se abriu e fechou, e Yeva foi deixada em silêncio novamente.

Fera

Andamos, mais em casa agora mesmo em nossa toca de terra e frio do que dentro de quatro paredes de pedra e fogo. Sobre a cabeça, a terra treme com os nossos passos, cobrindo a pele com sujeira.

Ele a treinou para caçar como ele. Ela tem as habilidades dele. Estávamos esperando alguém com as habilidades necessárias para resgatá-la, as habilidades para nos servir, quando ela esteve ao nosso alcance o tempo todo. E nós quase a deixamos apodrecer até a morte na cela.

Nossa respiração é curta, rosna com raiva. Devemos mostrar a ela o que somos, forçá-la a fazer a nossa vontade agora. Não devemos perder mais tempo. E ainda...

E, no entanto, ela nos conta histórias. E já faz tanto tempo desde que ouvimos uma voz que não estava gritando.

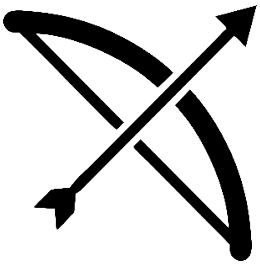
Ela colocou a mão em nós e não se afastou.

Ela nos disse que não éramos animais.

Nossos rosnados parando. Até a nossa toca agora cheira a ela, e parte de nós se emociona, sentindo a presa. Nossa boca se enche de saliva e fugimos para o mundo acima, para encontrar algo para nos alimentar.

Nós sempre seremos a Fera.

Capitulo Sete



— E, para recompensá-lo por seu amor e fidelidade, o fantasma deu a Ivan o cavalo castanho. Com ele, ele foi capaz de saltar mais alto do que qualquer outro cavaleiro do reino e conquistar o coração da princesa. Ela o reconheceu pelo beijo.

O crepitar do fogo em suas costas foi o único aplauso que Yeva recebeu por terminar o conto, mas ela se acostumou aos silêncios de seu aliado — seu amigo, quando ela estava pensando nele. Ela ainda não ousou perguntar o nome dele, pois estava claro que ele desejava permanecer anônimo. Há muito que crescerá bem de novo, mas nenhum deles sugeriu um retorno à cela e, por isso, passou os dias na lareira saboreando o calor. A presença ao seu lado mudou, sombras se movendo através de sua venda. Mais uma vez, ela captou o leve toque de selvageria, fazendo seu coração se contrair. Ela sentia falta da floresta, apesar de não poder reclamar de seu tratamento aqui.

— Este Ivan. — Ronronou a voz, seu tom pesado ainda mais ponderado deliberadamente. — Você o mencionou várias vezes.

Para passar o tempo, ela pediu e recebeu seus suprimentos para fazer flechas. A pequena faca para aparar a madeira e as penas não era suficiente para ela se libertar, mesmo que quisesse prejudicar o amigo. Ela aprendeu a trabalhar com o toque e a sensação, e agora ela estava ajustando o alongamento no final da flecha.

— Ele é o herói em muitas histórias. — Respondeu ela, passando a ponta do dedo ao longo de uma faixa de alongamento, julgando sua retidão. — Às vezes é Vasilisa quem é a heroína.

— Vasilisa, a Bela. — Ecoou o amigo, a elevação de sua voz transformando-a em uma pergunta.

— Sim.

— Qual é o seu nome?

A pergunta veio de repente, e os dedos de Yeva congelaram com o trabalho as penas caindo no colo.

— Bela. — Talvez fosse a tarefa que ela estava realizando.

A palavra veio sem pensar. O nome do pai dela.

— Bela?

— Não. Não. Meu nome é Yeva. O outro é apenas um apelido. Yeva é o meu nome.

A voz ficou em silêncio por um tempo e depois se moveu novamente. Dessa vez, Yeva sentiu o pelo de seu braço e estremeceu. Por que ele continuava vestindo seu casaco, apesar do rugido atrás deles?

— Vou chamá-la de Bela. — Disse ele finalmente.

Yeva abriu a boca para protestar, certa de que o som de seu outro nome iria penetrar profundamente na ferida ainda crua da morte de seu pai. Mas, na voz calorosa do amigo, ela parecia verdadeira e correta, e ela exalou sem falar.

— Qual é o seu? — Ela sussurrou.

— Eu não lembro.

Yeva desejou afastar a venda e ler a expressão em seu rosto.

— Como você pode não se lembrar do seu próprio nome?

— Eu disse que estou aqui sozinho há muitos anos. Quando você não usa uma coisa, ela murcha e se torna pó.

— Como seu mestre chama você? Quem me capturou?

Silêncio.

Yeva engoliu em seco.

— Eu devo te chamar de algo. — Ela protestou gentilmente. — Devo te chamar Ivan então?

Sua expiração era quase um grunhido, embora o som não assustasse mais

Yeva. A emoção havia mudado de medo para algo completamente diferente.

— Eu não sou um herói.

O calor do fogo subiu para o rosto de Yeva. Ela podia sentir isso irradiando contra a venda na curva de suas bochechas. Forçando sua voz a permanecer calma, ela disse suavemente:

— Você é para mim.

A presença ao seu lado se moveu abruptamente, o som de passos se afastando. Yeva apertou a mandíbula, a flecha caída no colo. Mas, assim como seus passos alcançaram a porta eles pararam e se aproximaram novamente, trazendo com ele aquela selvageria picante no ar quente.

— Conte-me mais sobre este Ivan.

Yeva lutou para manter o alívio em seu tom.

— Ele está em muitas das histórias antigas. Ele é frequentemente é o caçula de vários irmãos e muitas vezes o tolo. Mas ele geralmente tem um coração gentil. A história mais famosa de Ivan é provavelmente a história dele, do Pássaro de Fogo e do Lobo Cinza.

O ritmo parou, o ar parou. De repente, Yeva sentiu a tensão se encaixar na sala, os pelos dos braços levantando em resposta. Ela nem conseguia ouvir seu amigo respirar.

— Devo contar essa? — Ela sussurrou.

— Sim.

Yeva fechou os olhos atrás da venda enquanto seu aliado se sentava novamente, casaco de pele roçando o braço. Ela começou como o pai muitas vezes começara a história e descobriu que se lembrava dela tão claramente como se tivesse lido ontem.

Era uma vez um rei que tinha o jardim mais magnífico do mundo. No centro do jardim havia uma árvore encantada que dava maçãs douradas. Mas toda vez que uma maçã amadurecia, o Pássaro de fogo vinha à noite e a roubava.

Furioso, o rei chamou seus dois filhos mais velhos e disse que quem pegasse o Pássaro de Fogo ganharia metade de seu reino e se tornaria seu herdeiro. Seu filho mais novo, Ivan, pediu ajuda, mas o rei o viu fraco e tolo enquanto seus irmãos eram fortes e ele recusou. Então os irmãos mais velhos partiram para pegar o pássaro, e beberam e se divertiram a noite toda em comemoração às recompensas iminentes. Mas desmaiaram de madrugada e, quando acordaram, as maçãs sumiram novamente.

Então o rei permitiu que Ivan tentasse. É verdade que Ivan não era tão forte quanto seus irmãos, mas era inteligente e engenhoso. Ele ficou acordado a noite toda e não tocou uma gota de vinho. Assim, quando o Pássaro de Fogo chegou, estava pronto. O pássaro era mais rápido do que ele, no entanto, e então Ivan só conseguiu pegar uma única pena da cauda do pássaro.

O rei enviou seus filhos ao mundo para pegar o Pássaro de Fogo, e novamente Ivan teve que implorar para ir. Quando seu pai finalmente cedeu, Ivan partiu sozinho e chegou a uma encruzilhada com uma placa. Quem seguisse um caminho sentiria fome e frio, quem levasse o segundo sobreviveria, mas o cavalo morreria e quem levasse o terceiro morreria, mas o cavalo viveria. Ivan escolheu o segundo caminho, e logo um enorme lobo cinza saiu da floresta e comeu seu cavalo, forçando Ivan a andar. Mas Ivan estava determinado e caminhou até cair de exaustão.

O lobo teve pena dele e se ofereceu para carregá-lo de costas, e juntos encontraram o reino onde o Pássaro de Fogo vivia em uma jaula de ouro. O lobo o avisou para não pegar a gaiola, mas Ivan era ganancioso e pegou as duas, acionando alarmes por todo o castelo. O governante daquele reino pegou Ivan e, depois de ouvir sua história, disse que ele poderia ter o Pássaro de Fogo se lhe trouxesse o cavalo com a crina de ouro.

E assim o Lobo Cinza o levou ainda mais longe, até que chegaram ao reino seguinte, onde vivia o cavalo com a juba dourada, usando uma bela rédea dourada. Mais uma vez o lobo o avisou para pegar o cavalo sem o freio dourado, mas Ivan não ouviu, e novamente foi capturado. Este governante ouviu sua história e disse que deixaria Ivan ter o cavalo se ele concordasse em

capturar Yelena, a Bela, uma princesa em outro reino, e trazê-la de volta para ele.

E assim o Lobo Cinza o levou para o próximo reino, e o advertiu para não se apaixonar por Yelena quando ele a levasse. Novamente Ivan não ouviu, e quando eles retornaram ao segundo reino, Ivan implorou ao Lobo para ajudá-lo. O Lobo concordou em tomar a forma de Yelena para ser entregue ao rei, e então Ivan pegou o cavalo e ficou com a mulher que amava. O Lobo escapou do rei e acompanhou Ivan, Yelena e o cavalo de volta ao primeiro reino, onde Ivan novamente convenceu o Lobo a mudar de forma. Ivan fez o mesmo truque, trocando o Lobo na forma de cavalo pelo Pássaro de fogo, e novamente o Lobo escapou e se encontrou com ele mais tarde.

E assim Ivan voltou ao seu reino com Yelena, o cavalo e o Pássaro de Fogo. Ele e o lobo se separaram, mas quando ele se deitou para dormir, seus irmãos o encontraram. Eles foram confundidos pela primeira encruzilhada e, portanto, nada fizeram. Com ciúmes do sucesso de seu irmão mais novo, eles mataram Ivan durante o sono e cortaram seu corpo em pedaços. Eles concordaram que alguém se casaria com Yelena, e o outro trocaria o Pássaro de Fogo pela metade do reino de seu pai.

Mas, novamente, o Lobo sentiu pena de Ivan e, com a ajuda da água da vida, ele restaurou o corpo de Ivan. Ivan acordou a tempo de cavalgar mais uma vez nas costas do Lobo para parar o casamento e recuperar sua parte do reino, enquanto o Lobo comeu seus irmãos traiçoeiros inteiros.

Após as últimas palavras da história, Yeva tocou o eixo recém-aparado da flecha semi-feita, ouvindo sinais de vida de seu companheiro. Ele estava ainda mais quieto que o normal; Yeva pensou que ele deveria poder ouvir o coração dela batendo forte.

— Então é um final feliz para Ivan?

Yeva assentiu.

— Ele ficou com o cavalo, Yelena e o Pássaro de Fogo e também herdou o reino de seu pai.

— Por que você não me contou essa história no começo?

Os dedos de Yeva se fecharam ao redor do eixo da flecha.

— É o mais popular, mas é um dos meus menos favoritos. — ela admitiu. — Não acaba bem.

— Por quê?

Ela hesitou, tentando pensar em uma maneira de explicar.

— Contos de fadas são sobre lições. Aqueles que são virtuosos e verdadeiros são recompensados, enquanto aqueles que são maus e gananciosos são punidos. Diz-se que Ivan é inteligente e engenhoso, mas nesta história ele parece apenas ganancioso e descuidado. O Lobo o avisa repetidamente e Ivan nunca escuta. E, no entanto, Ivan nunca é punido. O Lobo o ajuda sempre, e nem ele nem o Lobo precisam pagar pelo que fizeram. No final, Ivan consegue tudo o que quer e vive feliz para sempre.

Silêncio de seu companheiro, embora Yeva pudesse ouvir o som suave e rico de sua respiração não muito longe de seu cotovelo.

— Você pode me chamar de Ivan. — Ele disse finalmente, surpreendendo-a.

— Por causa dessa história?

— Porque seu Ivan não é um herói.

Yeva virou-se para o som da voz, a flecha esquecida. Ela estendeu a mão para onde ela adivinhou a mão ou o braço dele, os dedos se fechando em torno do pelo.

— O que você está fazendo? — Ele se afastou dela abruptamente.

Seu coração batia forte contra as costelas mal curadas.

— Eu estava indo para pegar sua mão.

— Não. — O rosnado havia retornado. Porém, agora não a fazia sentir medo.

— Eu nunca te trairia. Eu quero apenas ver seu rosto.

— Você prometeu. — Veio a voz, baixa e perigosa. — Você me deu sua palavra.

Yeva alcançou a venda de qualquer maneira, apenas para ter seu braço batido para trás com tanta força que ele ficou dormente ao seu lado. — Eu não ligo. — Disse ela. — Vim cuidar de você Ivan ou quem quer que seja. Eu quero ver seu rosto.

Ela estendeu a mão novamente e desta vez algo enorme se atirou nela, derrubando-a de volta no chão. Sua cabeça bateu forte o suficiente para atordoá-la, apesar do tapete para amortece-la. A seda atada cedeu sob o golpe.

— Você deu sua palavra. — Rosnou a voz, sua respiração quente contra sua bochecha. Seu peso, casaco de pele aquecido pelo fogo, prendeu-a debaixo dele.

Seu coração batia com medo e saudade de ambos, sabendo que o rosto de Ivan estava apenas a uma mão do dela. Yeva virou a cabeça, o nó afrouxando ainda mais e a seda escorregou de seus olhos.

A centímetros do rosto havia um rosto de pesadelo, presas rosnando e olhos vermelho-dourado. Ela gritou, todos os músculos ficando rígidos enquanto ela tentava se libertar, mas as garras cavaram sua pele por todos os lados, não lhe dando espaço para se mover. De qualquer forma, ela se esticou com um braço, ignorando a dor rasgando. Os dedos roçando o cabo de sua faca esticada.

— VOCÊ NOS DEU SUA PALAVRA! — A voz era quase irreconhecível, o rugido tangível contra o rosto dela enquanto os dentes brilhavam à luz do fogo. As garras se apertaram, perfurando toda a sua pele e fazendo-a chorar de dor e terror.

A mão de Yeva se fechou em torno da faca e com um grito, ela levantou o braço em um arco, afundando a faca no punho da Fera. Seu rugido de raiva e dor ultrapassou o dela, e ela deixou o braço cair novamente quando a sala girou na escuridão.



Yeva acordou mais uma vez na escuridão, corpo frio e rígido. Ela se

arrastou de joelhos, seu corpo dolorido solicitando reconhecimento. Ela estava de volta à cela. Seus dedos encontraram múltiplas marcas de perfuração nos ombros, no peito e nas pernas. A venda se foi, mas ela estava na escuridão novamente. Ela explorou os limites da cela pela sensação e não encontrou nada, nem algema e corrente, nem cobertor, nem bandeja e nem lâmpada. Desta vez, a porta estava trancada.

Sem fogo, sem cobertor, sem lâmpada; ela tinha pouco calor para conservar, mas pouco era melhor que nada. Ela afundou no chão e puxou os joelhos até o corpo, ignorando a maneira como o movimento causava dores gritantes em seus membros. Ela abaixou a cabeça, cerrando os dentes.

Estou trancada em uma cela, ela disse consigo mesma, com a mente gaguejando e sem foco enquanto tentava seguir o conselho de seu pai. — *Sem comida, sem luz e sem esperança de escapar. E o único amigo que eu tinha é o monstro que matou meu pai.*

Seus olhos ardiam, mas quando ela levantou a cabeça, eles estavam secos. Com cuidado, ela esticou as pernas uma de cada vez, mordendo os lábios quando os movimentos puxaram os músculos doloridos e perfuraram a pele da mesma forma. Então seus braços, suas costas e seu pescoço. Ela não tinha armas e nenhum plano, mas era rápida, e talvez — apenas talvez — se a Fera pensasse que ela estava ferida, isso lhe daria a chance de fugir.

Ela estava fazendo o possível para limpar o sangue seco da pele quando a porta se abriu, uma enorme escuridão enchendo o espaço. Ela nunca tinha visto a sombra enorme antes, porém, ela não estava procurando por ela. Ela estava procurando uma forma do tamanho de um homem.

— Levante-se! — Disse a Fera.

Todo músculo estava rígido. A voz ainda era a que ela conhecia, o baixo musical com notas de selvageria. Mas ela reconheceu sua ferocidade agora e a voz não a aqueceu mais. Os ossos dela eram como gelo.

— Não.

— Levante-se ou mataremos você agora.

Yeva apertou sua mandíbula com tanta força que doía. Ela se levantou, exercitando a dor de seus músculos e agindo com mais rigidez do que sentia.

— Venha. — A sombra jogou a venda para ela e depois se afastou da porta.

Agora era sua chance. Estava de costas e ela podia tentar correr. Yeva olhou para a área mais clara das sombras que contava o corredor vazio. *Sou a prisioneira do monstro que matou meu pai,* ela pensou com súbita clareza de cristal.

Ela não deixou suas irmãs para trás por nada. Ela não havia rastreado o pai e o descoberto morto, apenas para morrer como prisioneira de uma Fera.

Ela sabia agora por que estava aqui. Ela veria o monstro morto.

Yeva entrou atrás dele, seguindo-a pelo cheiro e pelo som pelo corredor. Pelo som de seus passos, estava mancando. A faca dela o feriu. Ela sentiu uma onda de satisfação tão forte que seus ouvidos ecoaram com o triunfo.

— Onde você está me levando? — Ela sussurrou, levantando a venda no lugar e prendendo-a atrás da cabeça.

No silêncio veio sua voz desprezível mais uma vez.

— Treinamento.

Fera

Nós estávamos errados. Não há animal nela. A maneira como ela fala conosco agora, tão cheia de fúria, é mais humana do que qualquer coisa que experimentamos em muitos anos. Animais não odeiam. Esse é o domínio legítimo da humanidade.

É melhor assim, que ela nos veja pelo que somos. Estamos satisfeitos. Ela ainda é forte e hábil, apesar de sua doença. Ela fará o que exigimos dela e será feito. Estaremos livres.

Não há mais subterfúgios, não há mais fingimento para a humanidade. Não precisamos prestar assistência ou esconder-nos nas sombras. Não precisamos ouvir a voz ou as histórias dela, não precisamos que ela nos dê um nome como se fossemos um homem. Não precisamos fingir sentimentos.

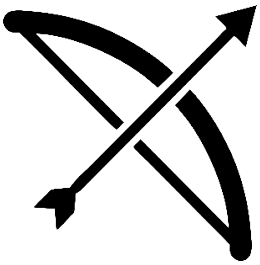
É melhor assim. Ela nos viu e isso também é liberdade. Irá rapidamente agora. Nós sabemos disso.

É melhor.

É melhor.

É melhor.

Capitulo Oito



Yeva seguiu a Fera enquanto a conduzia por um labirinto de corredores. Ela tropeçou mais de uma vez, mas a Fera não ofereceu seu ombro para guiá-la, e ela não perguntou. Ela pensou que havia uma ligeira inclinação ascendente no caminho deles, mas não podia ter certeza até que uma luz fria e clara estourasse sobre ela, brilhante o suficiente para ver através da venda.

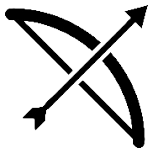
A sensação do pesado subsolo desapareceu, o ar revivendo com movimentos, cheiros e sons distantes da vida. O sol, pálido e frio no céu de inverno, era palpável em sua pele.

Por um breve momento, Yeva esqueceu sua fúria, tropeçando na neve e respirando a brisa fresca do ar como alguém que estava sufocando até a morte. Mas seu alívio diminuiu a cada passo, enquanto ela lutava cegamente na neve profunda. Ela se concentrou em cada respiração, a punhalada de ar em seus pulmões, tentando memorizar até onde eles estavam indo, que turnos eles faziam.

— Retire sua venda.

Yeva parou, a realidade batendo nela de volta e soltando sua imagem mental semi-formada de onde eles estavam. Ela forçou as mãos a se firmarem enquanto puxavam a venda dos olhos. Ela ficou de pé, piscando, meio cega. O céu estava nublado, mas a neve era brilhante o suficiente para que ela mal podia ver.

A seus pés, ela percebeu uma forma familiar. O arco do pai e ao lado a aljava.



— Esse é o seu alvo. — A Fera estava sentada em seus quadris como um enorme lobo a alguma distância dela, seu imenso corpo de alguma forma diminuído agora que estava do lado de fora, em vez de nos limites dos corredores. Sua cauda grossa e desgrenhada enrolava-se perfeitamente ao redor do corpo como a de um gato.

— Você atirará no alvo e se tiver sucesso, tentaremos a uma distância maior.

Yeva estendeu a mão para o arco, não se incomodando em desviar o olhar da criatura por tempo suficiente para ver qual alvo estava indicando. Deveria sentir alívio e triunfo por ter lhe fornecido uma arma. Mas só sentia gelo. Ela apertou o punho na palma da mão e embora tenha voltado os olhos para o alvo, não viu nada além de uma névoa vermelha descer sobre sua visão.

— Atire quando estiver pronta.

Yeva respirou fundo enquanto apertava uma flecha, calculando o arco entre o alvo que ela deveria atingir e a Fera ao lado. Não longe. Ela piscou a névoa dos olhos, a sede de sangue aumentando em antecipação. Soltando o fôlego, ela puxou e girou para o lado para mirar na Fera, depois soltou a flecha em um movimento suave.

A Fera mal se moveu. Ele levantou uma pata e jogou a flecha para o lado no ar, onde se enterrou em uma árvore.

Yeva ficou olhando e ofegou, as mãos segurando o arco repentinamente sem emoção. Era impossível. Nada poderia se mover tão rápido, animal ou homem. A Fera olhou para ela, o vermelho-dourado de seus olhos imperturbável.

— Novamente. — Dizia, sem nenhum sinal da fúria que exibia quando ela puxou a venda perto da lareira.

Por todo o seu poder, o arco não a ajudaria. Ela deixou os braços caírem e jogou a arma na neve a seus pés.

— Não.

A ponta do rabo da Fera sacudiu. Irritação.

— Você tentará novamente ou morrerá.

— Mate-me, então. — Yeva sabia que deveria ter medo, mas só havia espaço dentro dela para raiva.

Com cuidadosa deliberação, a Fera se levantou, o tamanho dela mais uma vez roubando a respiração de Yeva. Veio em sua direção, cada pata pousando tão suavemente que não fazia barulho na neve. Yeva se manteve firme, mesmo quando a Fera parou a centímetros do rosto.

— Você fará isso de novo. — Dizia em seu rosnado baixo e perigoso. — Ou mataremos sua família.

Yeva congelou.

A Fera sentou-se novamente, o cheiro doce e almiscarado de seu pelo quase dominando o frio gelado.

— Ah! — Disse, satisfação amarga colorindo sua voz sem emoção. — Sim. Você fará o que mandamos a partir de agora, ou mataremos todos eles.

Ela havia contado a ele sobre cada um deles, sobre as piadas de Lena e o pé torcido de Asenka, a falta de jeito de Albe e gestos bem-intencionados. Ela descreveu as árvores ao redor da cabana, como ela se aninhara no garfo de um riacho que corria para ambos os lados. Ela descreveu a casa.

— Pegue a arma. — Os olhos da Fera se fixaram nos dela.

Yeva começou a sentir tensão e frio, queimando no ar gelado. Ela se curvou, sem tirar o olhar do monstro enquanto recuperava o arco. Ela puxou outra flecha da aljava a seus pés, os dedos se fechando ao redor de seu eixo, como se estivesse agarrada à sua última esperança de sobrevivência em uma tempestade de neve uivante.

A Fera se levantou e virou as costas, movendo-se para onde estava quando ela tirou a venda. Yeva levantou o braço para enfiar a flecha na espinha.

— Se você tentar nos matar de novo. — Disse a Fera sem se virar. — Certifique-se de ter sucesso.

Yeva congelou novamente, seu braço subitamente pesado como chumbo.

— Se você tentar e falhar, suas irmãs pagarão o preço. Você se manterá viva o tempo suficiente para assistir.



— Novamente.

A voz da Fera se tornou tão familiar que os ouvidos de Yeva quase não a registraram. Ela sentiu como uma vibração profunda no peito, uma agitação da fúria ainda subindo por suas veias. Ele a levou para fora dia após dia para atirar no mesmo alvo, uma árvore velha e retorcida, com uma mancha enegrecida de podridão do tamanho de seu punho. Primeiro ele a fez disparar a trinta passos, depois a quarenta e cinquenta. Sua precisão com o arco mais rígido de seu pai não era o mesmo que havia sido com o seu. Mas ela abandonou seu arco mais leve quando pegou as armas de seu pai para perseguir a Fera que o matou. À medida que sua força melhorava, seu objetivo também era o do arco velho e pesado. Todos os dias ela era obrigada a praticar, e todas as noites voltava à cela escura e gelada para comer rações frias e dormir. A princípio, ela ficou acordada e inquieta, passeando, pensamentos debatendo-se contra os limites desta prisão, buscando uma saída. Mas com o passar dos dias ela não pôde deixar de cair em um sono exausto e sem sonhos.

Em vez de perder a flecha que ela embainhou em resposta insensível ao comando, ela abaixou o arco e fechou os olhos.

— Eu disse novamente. — A voz da Fera se elevou e, embora não houvesse raiva, Yeva podia sentir a aceleração, a intensidade dela. — Seu objetivo hoje é pior.

— Eu não posso. — Disse Yeva, jogando o arco e a flecha na lama bem pisada de gelo e neve a seus pés. — Meus ombros doem. Não descansei, não tive tempo para que meus músculos se recuperarem.

A Fera — sentada como sempre, a uma distância suficiente para que ela

não pudesse tentar atacá-la — levantou-se de seus quadris e estreitou os olhos vermelho-dourado.

— A necessidade de descanso é uma fraqueza humana.

— E eu sou humana! — Yeva retrucou, a exaustão roubando-a de bom senso. No momento, ela não poderia se importar se irritasse seu sequestrador. Por um momento, ela esqueceu a cabana situada na bifurcação do rio, suas irmãs e seu amigo, seus cães, as vidas que ela tinha que proteger. Por esse momento, ela só conseguia pensar na dor profunda em seu corpo e na certeza de que não poderia apontar nem mais uma flecha.

— Uma ilusão. — A Fera rosnou. — Você só imagina que precisa descansar.

— É uma ilusão que minhas flechas não consigam atingir seu alvo hoje? — Yeva apoiou os pés no chão, determinada a não ceder ao desejo de ceder sob ela e enviá-la na lama. — É imaginação que ontem perdi completamente a árvore e perdi uma das minhas flechas?

A Fera ficou em silêncio, continuando apenas a encarar Yeva com aquele olhar de animal irritante e sem piscar. Ela se manteve firme, desejando não tremer. Dias, talvez semanas, haviam se passado e ela ainda não conseguia conciliar os olhos dos animais com o fato de que sua boca com presas falava, que seus lábios podiam se comprimir, achatar e se enrolar em torno de palavras como as de um homem.

Yeva colocou a capa em volta de si mesma, afastando-se do arco.

— Você me diz que estou treinando, mas não me diz para que devo treinar.

— Porque você ainda não precisa saber.

Yeva apertou a mandíbula.

— Você insiste que eu atire em uma árvore morta, mas, a menos que haja alguma competição de arco e flecha em algum reino distante, esse treinamento é inútil. Nenhum alvo está lá, esperando para ser atingido várias vezes.

A Fera não respondeu imediatamente e, se fosse um homem, Yeva o consideraria hesitante. Mas apenas olhou para ela. Sem piscar. Impassível.

Então, ponderadamente, ele respondeu:

— Precisamos de um caçador.

A pele de Yeva formigou e ela suprimiu a onda de antecipação que ameaçava se mostrar em seus traços. Foi a primeira dica de uma resposta que ela já recebeu da criatura.

— Por quê?

— Existe uma certa coisa que precisamos capturar. — O estrondo baixo de uma voz da Fera estava tão imperturbável quanto sempre.

Yeva examinou o rosto da Fera por algum tempo antes de perceber que estava procurando alguma sugestão de seus pensamentos em sua expressão — alguma sugestão humana. Mas isso não era humano. Ela engoliu em seco a raiva incandescente que a sustentava desde que descobriu a identidade de seu captor.

— Capture sua coisa você mesmo. Você coloca armadilhas com a mesma eficiência que qualquer caçador.

— Nós não podemos. — O rosto da Fera ondulou pelo espaço de um batimento cardíaco. Nas feições que tremularam, o brilho dos dentes, os olhos vermelho-dourados. Por um instante, Yeva reconheceu. Frustração. Raiva.

Desamparo.

— Por que não? — Yeva sussurrou.

— Porque nós... — As palavras da Fera pararam tão subitamente como se seus pulmões não tivessem ar. As sobrancelhas entraram, as sobrancelhas que Yeva não havia notado antes. Ele balançou a cabeça, o movimento viajando pelo corpo da criatura como um calafrio até que ele se agachou baixo, a barriga quase descansando na neve.

Talvez, se ela não tivesse passado tanto tempo na cela contando histórias, trazendo à tona os contos que ouvira quando criança, ou se não tivesse passado nas últimas semanas sendo cativa de uma criatura que só poderia existir em tais contos, Yeva não teria tido o pensamento seguinte: ele não pode me contar, pois está sob um feitiço.

Em todo conto de fadas havia regras. Mesmo os monstros não podiam

quebrá-los.

E onde, exceto nos contos de fadas, existiam animais falantes?

Fera

Pensamos que o ódio facilitaria. Que se ela continuasse acreditando que éramos a morte de seu pai, seu medo e sua fúria nos libertaria do nosso lado humano. Achamos que ela se tornaria apenas uma ferramenta, uma arma a ser empunhada, uma flecha a ser solta de um arco.

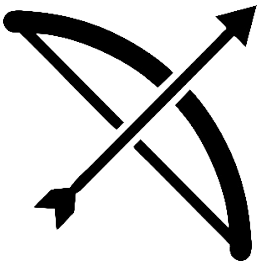
Nós pensamos...

Nós pensamos demais.

Porque, embora o ódio seja um fogo que apenas o homem sente, ele não odeia a Fera que vem durante a noite. A humanidade teme, luta, afasta, mas ele não odeia. Ninguém odeia o urso, o lobo. Eles não odeiam o vento ou a neve. Eles não odeiam a morte.

Eles se odeiam.

Capitulo Nove



Yeva se encolheu no canto de sua cela, a capa puxada firmemente sobre ela enquanto ela afundava em meio cochilo. O frio escoava das pedras em seu corpo como veneno, fazendo-a se enrolar mais contra si mesma, apesar dos protestos de seus músculos. A tensão de puxar o arco pesado do pai dia após dia estava rasgando as articulações dos ombros, rasgando um nó de tensão entre as omoplatas que se formavam cada vez mais a cada noite que passava no frio.

Ela sabia que deveria ficar de pé, andar pela sala, se espreguiçar e permanecer o mais flexível possível. E a princípio, ela fazia isso todas as noites. Mas ela não conseguia mais se mexer. Talvez se ela rasgasse um músculo para não poder puxar o arco, a Fera a deixaria descansar.

Sua mente, como costumava fazer nessas horas sombrias e silenciosas, tentou se voltar para os pensamentos de sua família. Das irmãs, e como elas se preocupavam, de Solmir, e quanto tempo ele continuaria cuidando deles. De quanto tempo eles levariam para acreditar que ela estava morta. Mas ela não podia se dar ao luxo de pensar neles, pois não podia imaginar sua casa sem o pai ali também, e lembrar-se dele era uma pontada de dor tão real quanto suas costelas quebradas, seus músculos doloridos. Ela se recusou a pensar neles, em qualquer um deles. Mais tarde haveria tempo para sofrer, depois que ela matasse a Fera.

Um som além da porta da sua cela a trouxe bruscamente de volta ao presente. Não passava de um sussurro, mas era um som que ela conhecia bem, de dias, semanas, talvez meses atrás. Um som que significava que era hora de retomar a história que ela estava contando para seu aliado invisível, esperando

em silêncio logo depois da porta.

Seu aliado invisível. Yeva poderia ter rido de sua cegueira. Aliado? Ele sempre foi seu captor.



Yeva estremeceu tão violentamente que um som escapou de seus lábios, um pequeno gemido arrebatado pelas pedras famintas da sala vazia.

— Você disse que precisava descansar. — A voz da Fera era mais baixa e, por um momento, havia dois rostos na mente de Yeva: o que ela imaginou pertencer a seu amigo e o que ela viu rosnando e rugindo diante de seus olhos quando sua venda caiu.

Ela não respondeu.

Os passos da Fera vieram novamente, o suave arranhar de seus pés contra a pedra. Ele estava andando na frente da porta dela.

— Você precisa descansar, e nós exigimos...— O ritmo parou por um batimento cardíaco e depois continuou. — Eu exijo... Eu preciso de conversar.

Foi a primeira vez desde que ela aprendeu o que ele era que ele não se referia a si mesmo como “nós”. Yeva sempre imaginou que deveria haver outras pessoas neste lugar, servos ou talvez outras criaturas das histórias antigas. Alguém cozinhou as batatas que ela havia comido. Alguém abriu a bolsa e vasculhou o embrulho de remédios, preparou bandejas para ela e acendeu uma lâmpada de óleo. A Fera não poderia ter feito isso, não com as grandes patas aveludadas agora andando de um lado para o outro diante da porta.

Mas os dois rostos brilharam novamente diante dos olhos de Yeva e de repente ela não tinha tanta certeza. Ela engoliu em seco.

— Conversar?

— Sim.

A cabeça de Yeva girou e ela soltou uma mão da capa para pressionar as pontas dos dedos frias na têmpora.

—Você quer que eu fale com você? Em troca de descanso?

Os passos cessaram e o silêncio se espalhou pelas pedras como o frio. Então a ferocidade da Fera retornou na forma do rosnado reverberante que fez uma parte primitiva da mente de Yeva recuar e enviar comandos urgentes através de seu corpo para fugir, se esconder, se defender.

— Não importa. — Ele rosnou.

E os passos recuaram, voltando ao silêncio e à escuridão, e Yeva foi deixada sozinha.

— Você pode começar.

Eram as mesmas palavras que a Fera usava todos os dias para sinalizar que Yeva poderia remover sua venda para o treino-ao-alvo do dia. Ele sempre a levava ao mesmo local, longe o suficiente do lugar que continha sua cela, para que ela não pudesse vê-lo, não via nada além de árvores.

Mas quando ela puxou a seda em volta do pescoço desta vez, foi diferente. A velha árvore retorcida que ela usara como alvo não estava à vista e a floresta ao seu redor era nova. Ela não havia notado o quão familiar a outra clareira se tornara. Ela podia ver suas pegadas saindo pela neve, e a Fera ao lado da dela, a neve indistinta ao redor de suas pegadas, onde seu pelo e cauda o haviam deixado de lado.

O arco e a aljava estavam aos pés, como sempre, mas não havia um alvo claro. Ela hesitou, virando-se para a Fera, que estava sentada olhando para ela como ele sempre fazia.

— Eu não entendo. — Ela disse lentamente.

— Você estava certa. — Apenas a ponta da cauda da Fera se moveu, passando de um lado para o outro, onde se enrolava em torno de suas ancas. — Presas reais não param, esperando para serem baleadas. Hoje você vai caçar.

Uma faísca saltou no coração de Yeva. Ela se inclinou para recuperar o arco de seu pai da neve sem tirar os olhos da Fera.

— O que eu estou caçando?

— O que você quiser.

Os dedos de Yeva se curvaram ao redor do punho do arco, sentindo onde a escultura era adequada para mãos maiores, mãos que nunca mais a embainhariam.

— E o que me impede de correr?

— Eu estarei observando você.

Yeva se endireitou, sentindo-se franzir a testa.

— Você vai afastar a caça! — Ela protestou. — Eles vão sentir você, ouvir você. Eles saberão que há um predador atrás deles.

A cauda da Fera se mexeu novamente, o único sinal externo de qualquer impaciência.

—Eles não saberão que eu estou lá.

— Aconteceu quando meu pai estava caçando. — Argumentou Yeva, apertando a mão ainda mais ao redor do arco. Os dedos da mão que ela desenhava coçaram para pegar uma flecha, o instinto não podia ser fundamentado ou convencido da futilidade de tentar atirar na criatura.

— Não. — A resposta da Fera foi curta, os olhos vermelho-dourado eram a única cor além de seu pelo na madeira coberta de neve. Mas quando ele olhou para ela, ele pareceu amolecer. Algo sobre as pupilas mudando, a redondeza dos olhos se alongando em traços mais parecidos com os de um homem. Ele piscou, depois desviou o olhar do dela.

— Ele levou a caça para longe.

Yeva abriu a boca para protestar, mas um flash de memória a impediu de falar. Ela viu o pai invadindo a casa depois de semanas na floresta, derramando neve enquanto ele pisava aqui e ali, de olhos arregalados e impacientes. A mesma loucura que o levou a jogá-la no chão poderia ter engolido sua habilidade e furtividade também.

Então um pensamento se agitou, se encaixando.

— Você estava assistindo ele. — Ela sussurrou. —Na floresta, antes de ele morrer.

—Sim.

— Você precisa de um caçador.

—Sim.

Uma onda de raiva tão quente que ela não conseguiu engolir a água que inundou a boca de Yeva com o sabor amargo do metal, e sua mão tremia onde segurava o arco de seu pai.

— Ele foi o melhor caçador neste país, talvez em qualquer país. Você o estava seguindo, podia ver a habilidade dele, por que matá-lo? Por que rasgá-lo em pedaços e deixá-lo para os catadores pegarem?

A cabeça da Fera se levantou, os olhos fixos em Yeva enquanto eles se estreitaram. Ele não respondeu, mas ficou quieto. Até seu rabo que sacudia parou de se mover, deixando-o tão congelado que os flocos de neve caíam em seu pelo, tremendo a cada batida de seu coração.

— Por quê? — Ofegou Yeva, com a voz embargada, a paixão fazendo sua visão embaçar e o corpo tremer. — Me responda!

A Fera levantou-se abruptamente de seus quadris e deu alguns passos, a cauda varrendo longas passadas na neve atrás dele. Quando ele se virou, Yeva sentiu que ela deveria ter imaginado que tinha visto algo diferente de sua natureza bestial. Sua cabeça de lobo pendia baixa, com o queixo caído, como um predador poderia cheirar a presa do vento.

— O que fazemos e o porquê, não é da sua conta! — Rosnou a Fera, as palavras distorcidas como se falar em torno de suas presas tivessem subitamente se tornado difícil. — Você pode começar.

O tempo parecia lento, como se captado pelo rugido do sangue de Yeva passando por seus ouvidos, retido pela tensão que cantava por todos os músculos. Seu corpo se mexeu antes de seus pensamentos, como se a mão que pegasse uma flecha da aljava estivesse dando os comandos, e não seu coração. Ela ajustou a flecha na corda e deu um passo para trás com o pé esquerdo e puxou o arco antes que o impulso viajasse o suficiente para alcançar seus pensamentos e naquele momento tudo o que ela conseguia pensar era: *eu o matarei, o matarei, o matarei.*

E quando ela se virou para a Fera, ele se foi.

Yeva ficou ofegante, com o arco ainda esticado, os ombros tremendo com esforço e a respiração subindo pelo ar. O local em que ele esteve pisoteando, sua borda externa mais distinta com pegadas, o centro apenas tinha neve e lama. Não havia nada. E enquanto ela estava ali, até o cheiro dele, aquele estranho e feroz almíscar, desapareceu no gelo até que tudo o que restou foi a picada de inverno no nariz de Yeva, enquanto ela tentava recuperar o fôlego.

Ela abaixou o arco lentamente, a ponta da flecha inscrevendo um arco na neve enquanto se movia. *Se você tentar nos matar novamente,* a Fera havia dito a ela, *certifique-se de ter sucesso*. Ele desapareceu antes que ela pudesse fazer essa tentativa e testar a ameaça por trás dessas palavras.

Empertigada, vacilante, Yeva jogou o arco sobre o ombro e colocou a flecha de volta na aljava, juntando-se para se mover. Ela não sabia se o desaparecimento da Fera era magia ou habilidade. Se ele poderia se tornar invisível ou se estava simplesmente tão afinado com a floresta que poderia usá-la para mascarar até mesmo seu cheiro. Isso não importava. De qualquer maneira, a habilidade dele era maior que a dela e ela não tinha escolha a não ser fazer o que ele havia ordenado.

Então ela iria caçar.

Yeva olhou para o céu, o que ela podia ver através dos braços negros e finos das árvores. A posição do sol estava oculta por uma espessa manta cinza de nuvens, mas ela achava que um ponto do céu parecia mais brilhante que o resto. Ela estava inconsciente quando a Fera a levou para a cela e estava com os olhos vendados cada vez que era levada para longe, para que ela não soubesse onde estava na floresta. Mas a cabana de caça de seu pai ficava ao norte através da floresta da cidade onde eles moravam, e Yeva sabia que o covil da Fera tinha que estar mais longe no coração escuro da floresta do que a cabana. Então, ela escolheu a direção que achava que poderia ser o sul e atacou.

Apesar das semanas de cativeiro ela seguiu seus velhos hábitos como se caísse em uma cama confortável, os passos de pernas longas que devoravam o

chão sem sobrecarregá-la. O ajuste de seus ouvidos para registrar cada novo som e arquivá-lo como parte da tela de fundo. Comparada ao silêncio de sua cela, a floresta estava viva com cores e sons. O sombreamento da neve sob uma velha árvore retorcida, que ia do azul pálido ao lilás mais profundo, contava um buraco ali e uma toca abaixo. A agitação pelo canto do olho de um galho, bem acima dela, traiu o caminho de um esquilo pulando de árvores em árvores. O grito áspero de um gaio distante alertou seus companheiros de um intruso e disse a Yeva para se mover com mais cuidado, mais silenciosamente.

E por toda parte, atravessando esse caminho e que, como trilhas no mapa das estradas invisíveis da floresta, havia pegadas de animais. Algumas eram frescas, como as longas covas deixadas pelos coelhos, ou os delicados buracos de raposas trotando em círculos em torno de seus territórios. Outros eram mais velhos, meio cheios de neve soprada sobre eles, mais difíceis de ler.

O nariz de Yeva sentiu um leve e rápido suspiro de um perfume almiscarado e seu coração pulou, pensamentos imediatamente conjurando uma imagem da Fera, mas esse perfume era diferente, mais tedioso e mais familiar. Alguns momentos de busca descobriram uma árvore com longas rendas na casca e tufos de pelo marrom-preto presos nas lascas. Em algum lugar próximo, um urso estava hibernando com seus filhotes. Yeva podia ler tão claramente como se estivesse escrito com letras, e deu um amplo espaço à área.

O tempo passou, impossível de rastrear sem uma visão clara do sol - uma hora, talvez duas, e o fundo da mente de Yeva começou a formigar, convocando pensamentos que cada vez mais ela não podia ignorar. Onde está a Fera? Faz horas desde que eu vi ou cheirei até uma pitada dele.

E então, talvez eu possa correr...

Ele prometeu que poderia disfarçar sua presença dos animais cujos sentidos eram muito mais aguçados que os de Yeva, e era verdade que as únicas criaturas se assustaram com a toca e o esconderijo pelos quais foram expulsos.

Os passos de Yeva, não os de alguns predadores invisíveis. Mas isso significava que ele estava dizendo a verdade? Ou isso significava que ele não

estava mais a seguindo?

Há algo lá fora, o pai dela sussurrou, enquanto ele olhava com olhos loucos e selvagem para o fogo na lareira. *Algo astuto. Me rastreando.*

Yeva, sozinha na floresta, estremeceu porque sabia que não estava sozinha.

Apesar dos cabelos arrepiarem na parte de trás do pescoço, seu coração também parecia se erguer, cercado pelo mundo que ela conhecia, pelo mundo que amava. Embora ela ainda estivesse em cativeiro, por essas poucas horas ela estava livre e mais livre do que nunca em suas caçadas na cabana do pai. Algo neste mundo, o vale da Fera, fez sua vida em casa parecer uma lembrança distante. Seus passos foram mais fáceis, e a dor nas costelas pareceu aliviar quando ela respirou o ar fresco do inverno. O menor tentáculo de um sentimento cintilou em seu coração, lambendo-se como chamas para aquecer os dedos gelados e os dedos doloridos. Ela se sentiu... em casa.

Ela se deparou com as pegadas frescas de um cervo solitário quase por acidente, com pensamentos preocupados. Ela raramente caçava veados sozinha, seu arco não era pesado o suficiente para perfurar consistentemente a pele mais espessa de um cervo. Mas o arco de seu pai era. Ela apontou as botas na direção dos rastros dos cervos e partiu.

Sem saber quando a última neve caíra, ou se havia vento recente para perturbar a camada superior da neve, era impossível saber há quanto tempo o cervo passou por ali. Poderia demorar uma hora ou dias. Mas ela não teve outra escolha senão seguir para onde os trilhos levavam, e esperava que isso lhe trouxesse algum sucesso. Por qualquer medida que a Fera estivesse usando.

Ela seguia a trilha há uma ou duas horas quando um som, diferente da tapeçaria de fundo dos ruídos que catalogou, a interrompeu. Ela parou no meio do caminho, uma mão estendendo o braço por cima do ombro e ouviu.

Algo estava vindo em sua direção e vindo rapidamente. Grande demais para raposa ou coelho, mas pequeno demais para urso ou javali. O barulho estridente do mato falava de uma criatura com grandes avanços, e enquanto os segundos se estendiam, ela ouviu uma respiração difícil vindo em grandes

suspiros.

Um lobo?

Yeva agarrou o arco, puxando-o do ombro e colocando uma flecha na corda em um segundo. Ela se preparou, encarando o som do animal que se aproximava, os olhos procurando a madeira congelada.

Lá. Uma torrente de movimento, um sulco de neve e galhos voadores. Ela pegou um breve lampejo de pele no meio do mato, não no cinza desgrenhado que ela esperava, mas um ouro pálido. Um grito agudo cortou o ar e Yeva congelou, a confusão lavando onde havia certeza e estivera momentos antes. Isso não era lobo, isso é...

A criatura saiu dos arbustos e se atirou em Yeva, jogando-a para trás na neve. Tudo era pelo, latidos, gemidos e uma língua banhando seu rosto, e patas geladas esfaqueando seu intestino, suas coxas, um rabo batendo nos joelhos, seu rosto, quando a criatura se virou e se virou, latiu e ofegou na pele dela.

— Olhos-de-Corça! — Yeva chorou, sua voz rasgando, tristeza e amor e alívio e medo emaranhado em sua garganta. Há quanto tempo sua cadela a procurava? Na neve e no frio, ela não foi criada para suportar. — Oh, Olhos-de-Corça, sua cadela má, sua coisa maravilhosa e terrível.

Então Olhos-de-Corça pisou em seu peito com entusiasmo para se aproximar o máximo possível de sua ama e as costelas de Yeva, ainda apenas parcialmente curadas, queimaram. Yeva soltou um grito de dor antes que pudesse se conter.

E então a Fera estava lá.

Ele veio do nada, rosnando com raiva e fúria, presas à mostra e pelos arrepiados de prontidão. Ele pulou em direção a Yeva, transformando seu grito de dor em um grito de terror genuíno e ela se puxou com força para se proteger do golpe que sabia que estava por vir.

E então ela abriu os olhos para encontrar a Fera em pé sobre ela, rosnando e tremendo, olhando para Olhos-de-Corça. Que agora estava a apenas um passo ou dois dela, todas as quatro pernas plantadas na neve, os próprios dentes à mostra.

Ela sentiu a Fera se preparando para atacar, sentiu como se pudesse sentir suas próprias intenções e se jogou para frente, agarrando seu ombro subitamente com medo de perceber que era a primeira vez que o tocava desde que a venda caiu. E ela viu quem — o que — ele era. Com muito medo de processar o que ela viu, que ele a estava protegendo.

— Não! — Ela chorou, e sentiu os músculos dele se contraírem e pararem sob a mão dela. — Não! Ela é minha amiga, não...

A Fera parou, a cabeça tremoço girando para que ele pudesse fixar os olhos em Yeva mais uma vez. As pupilas dilatadas com o ímpeto da caçada, subitamente se contraíram sob o brilho nevado quando a luta deixou seu olhar.

— Eu — Ele disse e então Olhos-de-Corça saltou.

Ela era uma fração do tamanho dele, e construída para a velocidade, não para a luta. Seus membros longos e delgados a deixavam saltar tão alto quanto o ombro dele, os dentes afundando na carne e segurando-a. Seus olhos estavam frenéticos, selvagens, cheios de fúria em relação à Fera que ela pensava estar atacando sua ama.

A Fera deu um pequeno rugido, não mais do que uma onda lenta de aborrecimento, e sacudiu seu grande corpo que desalojou a cadela e a fez voar.

O coração de Yeva encolheu, depois estalou quando Olhos-de-Corça colidiu com uma árvore e caiu em uma pilha na neve, imóvel.

Fera

Eu me mudei sem pensar.

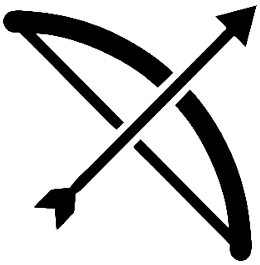
Instinto animal. Nada mais. As ações de um predador defendendo sua matança, seu território, sua propriedade.

E, no entanto, não decidimos agir, eu o fiz. Sozinho. Ouvi sua voz, suas histórias, sua suavidade enquanto ela falava de sua família e seu ferro como ela falava de mim — eu a ouvi gritar e me mudei sem pensar.

Precisamos das habilidades dela. Isso é tudo. Só ela pode nos libertar desse tormento e é isso que estávamos protegendo. Nossa liberdade. Nossas vidas. Nossa esperança.

E ainda...

Capitulo Dez



— NÃO! — Yeva gritou debaixo da Fera, que ainda estava de pé sobre ela. Ignorando-o, ela se levantou e correu para o local onde Olhos-de-Corça havia caído.

Sua cadela levantou a cabeça, e Yeva respirou fundo quando seu coração começou mais uma vez. Olhos-de-Corça choramingava para ela, a cauda batendo uma vez em um apelo patético. Ela tentou se levantar, mexendo na neve e latindo de dor.

— Não, fique. — Yeva pressionou a mão na cabeça da cadela, firme e quente. — Deite-se e não se mexa. — O fato de ela ter se machucado em algum lugar era óbvio, mas Yeva não conseguia ver onde. Se ela estava sangrando, era interno.

Ela sentiu a Fera se mover atrás dela, mas não conseguiu encontrar nenhum sentimento por ele, sua atenção estava em Olhos-de-Corça.

A Fera retumbou uma vez, um eco do rugido que ele deu quando reapareceu. — Ela vai morrer. — Disse ele, a voz mais calma e sem emoção do que nunca.

Yeva girou, o movimento levantando neve. — Não! Ela não vai.

A Fera caiu sobre os quadris, olhando-a com aqueles olhos desconcertantes, envolvendo o rabo em volta de si e inclinando a cabeça como um grande gato despreocupado.

— Por que isso importa?

— Porque eu a amo! — Yeva retrucou. — Ela é minha. Ela veio aqui me procurando. Ela é minha responsabilidade. Você não entende lealdade? Amor?

Você não tem noção de outra coisa senão caçar?

A Fera não respondeu, continuando a olhar, continuando sentada, continuando a existir daquela maneira odiosa. Como se tudo o que Yeva dissesse não tivesse importância. Como se tudo o que ela pensasse, sentisse ou fizesse fosse uma pequena irritação para ele, um aborrecimento a ser suportado e dispensado.

Yeva soltou um grito sem palavras e voltou-se para Olhos-de-Corça, estendendo a mão para passar pelo corpo da cadela, observando-a e tentando ver se algum ponto lhe causava dor.

A voz da Fera voltou novamente depois de um momento.

— A perna dela está quebrada.

Yeva olhou por cima do ombro.

— Como você pode saber disso?

A Fera piscou.

— Como você não pode?

Yeva passou a mão primeiro na perna dianteira, depois na outra. Pulou quando Olhos-de-Corça gritou, sua língua pendendo imediatamente depois, como se estivesse se desculpando por ter sentido a dor ao toque de Yeva.

— Essa é a única lesão? — Ela perguntou, os olhos ainda em sua cadela.

— Sim. — Disse a Fera.

— Você disse que ela iria morrer. — Protestou Yeva, acariciando a cabeça de sua cadela, fazendo o possível para mantê-la quieta.

— Ela vai. Nesse frio, incapaz de andar ou se alimentar, ela morrerá de fome ou exposição. Isto é... é misericordioso acabar com o sofrimento dela. — A Fera fez uma pausa, seu olhar perturbado novamente. O mesmo olhar de antes, como se um homem franzisse a testa. — Eu farei isso se você desejar.

As mãos de Yeva tremeram e ela manteve uma em Olhos-de-Corça enquanto olhava para a Fera. Uma parte dela desejava gritar com ele por sua insensível despedida da vida, contra a fria insensibilidade de sua oferta de matar sua amada Olhos-de-Corça, sua única amiga nessa floresta sombria. Mas havia

outra parte dela, o mesmo canto do coração que podia ler os arranhões em uma árvore e dizer a diferença entre o farfalhar de um coelho e o de um esquilo. E aquela parte do seu coração doía com uma compreensão repentina.

Na natureza. Nessa natureza, seria misericordioso matar um animal ferido. E mais misericordioso ainda em não fazê-la ser a única a dar o golpe fatal a sua própria companheira.

Mas o que uma Fera poderia saber de misericórdia?

Yeva respirou trêmula.

— A que distância estamos da sua casa? Eu a carregarei.

A Fera parou, calculando a distância ou hesitando em compartilhar as informações, Yeva não sabia.

— Você não pode carregá-la se estiver com os olhos vendados.

— Não. — Concordou Yeva, olhando de volta para ele.

A cauda da Fera se contraiu, disparando de um lado para o outro.

— Não está longe. — Disse ele finalmente. — Me siga.

Olhos-de-Corça não era uma cadela pequena e embora as semanas de puxar o arco do pai tivessem fortalecido seus ombros, Yeva ainda cambaleou sob o peso da cadela após a primeira hora. A Fera não ofereceu nenhuma ajuda, e Yeva não esperava que ele se aproximasse. Olhos-de-Corça endurecia em seus braços, pernas agitadas enquanto seus instintos lhe diziam para colocar os pés no chão em ordem. Defender-se e sua ama.

Depois de lançar alguns olhares em sua direção, a Fera seguiu em frente, como se estivesse frustrada com o ritmo lento de Yeva. Mas quando ele se movia, seu corpo pisava na neve à frente dos passos de Yeva, tornando sua jornada consideravelmente mais fácil. Embora ele claramente tivesse alguma maneira de viajar pela floresta sem deixar um sinal, agora ele caminhava como qualquer animal comum, abrindo caminho à frente.

De vez em quando Yeva punha Olhos-de-Corça no chão para descansar as costas, e a cadela mancava uma curta distância com três pernas. Embora Yeva soubesse que devia sentir uma dor considerável, Olhos-de-Corça continuava

olhando para ela com aquele sorriso de queixo caído, língua pendendo para fora, olhos buscando segurança.

A Fera os levou a uma longa encosta, uma encosta que Yeva não se lembrava de descer enquanto estava vendada. Ela supôs que ele devia tê-la levado por algum outro caminho e agora estava seguindo um caminho mais direto. À frente, as árvores diminuíram, dizendo a Yeva que estavam se aproximando de uma cordilheira com vista para um dos muitos vales da floresta. Ela colocou os Olhos-de-Corça novamente na expectativa de parar no topo da cordilheira e não conseguiu impedir o gemido que escapou de seus lábios. Os ossos de sua coluna estouraram em protesto enquanto ela se endireitava, ela pressionou as mãos nas costas para alongar os músculos.

Quando ela abriu os olhos novamente, a Fera havia parado. Ele a estava observando. Aquele olhar sem piscar ainda era irritante, mas a onda de terror que corria por Yeva toda vez que a enorme criatura olhava em sua direção diminuía. Ele ainda era assustador, alienígena, imprevisível. Mas ela descobriu que podia retornar seu olhar agora sem tremer.

Como se sentisse os pensamentos dela, a Fera afastou os olhos primeiro e olhou para as árvores em queda.

— Minha casa é no... vale. — Disse ele, hesitante como se tivesse que fazer uma pausa para lembrar as palavras certas. —Você não vai me fazer perguntas.

Yeva franziu as sobrancelhas e deu um passo em direção à cordilheira.

— O que você quer dizer? Por que eu deveria...

— Eu não acabei de lhe dizer que não havia perguntas? — A voz da Fera acelerou com irritação.

— Você fez. Mas não concordei com seus termos.

A Fera se recompôs.

— Não há negociação. Eu te dei uma ordem.

— Que bom para você. — Yeva estalou a língua para Olhos-de-Corça, que estava cheirando furiosamente um pedaço de neve amarela deixado por uma

raposa que passava. A cadela deixou o local com relutância, caindo em um passo manco ao lado de sua ama enquanto Yeva partia para o cume.

Ela sentiu a consternação da Fera, ouviu-a no estrondo sem palavras de protesto quando passou por ele. Ela se arrependeu de seguir em frente instantaneamente, já fazia algum tempo desde que ela teve que abrir seu próprio caminho na neve e ela se acostumou ao caminho pisoteado deixado na esteira da Fera. Mas ela não deixaria a criatura ver sua luta. Ela abriu caminho pela neve, mantendo os olhos baixos.

Não foi até uma centelha de luz chamar sua atenção que ela olhou para cima e encontrou um vale se abrindo abaixo dela. O céu nublado estava clareando em alguns pontos, deixando a luz do sol sair para lavar a vista adiante. Um rio corria pelo vale, apenas uma faixa estreita de extensão branca sem árvores no inverno gelado. As árvores se afinavam para um lado do vale, sugerindo um prado ou um pântano sob o manto de neve e do outro lado havia uma cordilheira de pequenas montanhas altas o suficiente para que seus picos limpassem a linha das árvores e ficasse totalmente branca as manchas de sol.

Mas nada disso foi o que prendeu o olhar de Yeva. Porque no fundo do vale, montando o rio aninhado no sopé, havia um castelo.

Yeva ficou atordoada, vagamente atenta a Olhos-de-Corça encostada nas pernas. O castelo parecia escuro e cinza, tanto como parte da paisagem quanto as árvores ou as montanhas distantes. Seus telhados pontudos estavam cobertos de neve e a essa distância dificilmente parecia real. Como a imagem de um castelo que, assim que Yeva se movesse, se trairia como falso.

A Fera passou por ela, seu grande corpo baixo no chão e agitando a neve como um arado nos campos. Ele não parou para admirar a vista ou para absorver o choque de Yeva, mas começou a descer o vale. Yeva ficou de pé até Olhos-de-Corça dar o menor dos gemidos e a tirar de sua confusão. Ela engoliu em seco, inclinou-se para pegar a cadela e seguiu a Fera.

Fera

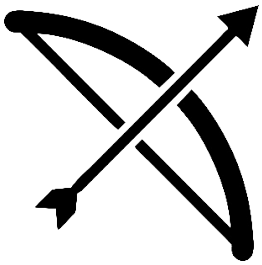
Não violamos os termos de nossa sentença. Não podemos explicar, ou corremos o risco de permanecer presos pelo resto da eternidade. Mas o rosto da garota, quando nos viramos para olhá-la, carrega mil perguntas e ela é esperta. Nós devemos pisar com cuidado.

Você não entende lealdade, ela nos questionou, *ou amor?*

Queríamos responder: *não. São preocupações humanas e não somos humanos há séculos. Nós somos, sempre fomos, animais.*

Mas a pergunta paira no ar como o cheiro de uma tempestade que se aproxima e tememos a mudança que a tempestade traz.

Capitulo Onze



Enquanto eles estavam perto do castelo, Yeva viu que estava em péssimo estado de conservação. As pedras em ruínas, rachadas por séculos de congelamento e degelo, estavam cobertas de líquen congelado e muitas das grandes gárgulas esculpidas que revestiam os beirais estavam quebradas ou completamente desaparecidas. As janelas estavam escuras e frias e muitas delas quebradas, deixando apenas molduras de pedra esculpidas em volta da escuridão além.

O palácio parecia ter sido abandonado por séculos.

A maior parte do edifício ficava do outro lado do rio, com uma guarita no lado mais próximo, conectada ao resto por uma ponte. Embora Yeva tenha hesitado com a ideia de atravessar uma estrutura tão antiga e em ruínas, a Fera continuou em frente sem parar.

Se ela aguenta o peso dele, Yeva pensou em dúvida, deve ser capaz de aguentar o meu. Mas então, a Fera parecia capaz de se tornar tão leve quanto o ar quando escolhia, para não deixar impressões na neve e não fazer barulho enquanto se movia.

Yeva andou com muito, muito cuidado.

Do outro lado da ponte, uma parte da paliçada que ladeava a caminhada se desintegrou e Yeva viu um caminho bem trilhado que descia em direção ao rio. Lama e neve agitadas levavam a um buraco na fundação rochosa que sustentava o castelo, algum buraco ou caverna úmida. Uma casa condizente com uma Fera. Yeva meio que esperava que a Fera se virasse e a levasse ladeira abaixo, mas, em vez disso, apoiou o ombro em uma das grandes portas do outro lado do pátio e

empurrou até que a madeira apodrecida se abrisse o suficiente para que eles passassem.

A única luz lá dentro vinha de uma fileira de janelas cobertas de sujeira no alto, séculos de teias de aranha e poeira transformando a pálida luz do sol do inverno na cor do crepúsculo. A Fera continuou andando sem parar, capaz de ver no escuro com aqueles olhos de animais, mas Yeva tropeçou quando seus pés encontraram uma pedra quebrada no chão. Ela ofegou e quase derrubou Olhos-de-Corça que gritou quando o aperto de Yeva mudou e ela empurrou a perna ferida.

Yeva ouviu a Fera parar, não mais do que uma mudança na maneira como o ar se movia. Ela não podia vê-lo, apenas uma mudança nas sombras à frente.

— Espere aqui. — Disse ele, e antes que Yeva pudesse responder, ele se foi.

Yeva caiu de joelhos no chão de pedra fria, sem saber o que a Fera queria que ela esperasse, mas agradecida pelo resto. Olhos-de-Corça descansou ao lado dela e deitou a cabeça no colo e, embora estivesse muito escuro, Yeva viu em sua mente o olhar que a cadela estava lhe dando: olhos arregalados, procurando o rosto de Yeva, a cauda batendo no pó. Ela acariciou as orelhas de Olhos-de-Corça e olhou para a fina luz cinza escorrendo pelas janelas lá em cima.

O castelo não era grande, ou melhor, era muito maior do que qualquer edifício que Yeva já tivesse visto. Incluindo a propriedade do barão, mas era muito menor do que os castelos que Yeva havia visto retratados em pinturas e tapeçarias. Os castelos de histórias antigas eram vastos e amplos, com torres e contrafortes fantásticos que se estendiam em direção ao céu. Este era mais compacto, sem a ornamentação e a fantasia dos que estavam nas fotos. Esse era o tipo de castelo que poderia ter sido defendido em um cerco, ela pensou.

A Fera se foi por tanto tempo que Yeva considerou deitar ali mesmo nas pedras para dormir. Mas assim que ela começou a se inclinar, as sombras à sua frente se moveram abruptamente. Uma chama surgiu à vida: uma lanterna, sem blindagem. Yeva não conseguia ver como a Fera a controlava sem dedos e

mesmo assim ele estava parado, sentado em seus quadris, a lanterna pendurada em uma pata enorme.

— Aqui. — Disse ele, sem expressão.

Yeva levantando-se com alguma dificuldade, pois seus músculos maltratados se enrijeceram. Ela estendeu a mão para a lanterna, desejando que seu braço se firmasse, apesar do desejo. Tremia, tão perto das garras da Fera.

A Fera virou-se novamente sem falar e levou Yeva através do que deveria ter sido um grande vestíbulo. A lanterna apenas iluminava o suficiente para que Yeva visse o chão sob seus pés e a menor sugestão da sala ao seu redor, mas ela avistou uma grande escada de pedra à direita, tão larga que poderia ter se debruçado sobre cada degrau várias vezes. Ela teve a impressão de vastas tapeçarias contra a parede e desviou um pouco nessa direção, mantendo um olho na Fera enquanto levantava a lanterna.

Ela viu apenas pano e poeira desbotados, velhos e sujos demais para revelar qualquer imagem por baixo, e uma pontada de decepção tomou o lugar de sua curiosidade.

— Por aqui. — Disse a Fera, a voz acelerando da mesma maneira que quando ele estava irritado.

Yeva viu que ele estava diante de uma porta menor que estava entreaberta, abrindo para uma escada estreita que descia. Yeva sabia o que havia nos lugares escuros dos castelos. Ela se afastou e Olhos-de-Corça, mancando ao seu lado caiu em seus quadris. A Fera parou quando ela o fez e Yeva viu o brilho dos olhos dele pegando a luz da lâmpada.

— Não me faça voltar para a cela. — Yeva deixou escapar, antes mesmo de ter resolvido falar. — Você me traz para fora, me faz caçar por você, mas me mantém trancada onde eu não posso ver o céu, não posso dizer que tempo chegou e se chegou à noite. Como posso saber quantos anos um conjunto de trilhas tem, se não sei quando caiu a última neve? Ou se o vento foi forte o suficiente para tirar neve dos galhos das árvores? Como posso aprender a floresta bem o suficiente para rastrear suas criaturas se eu nunca souber onde

estou ou para onde estou indo?

As palavras saíram apressadas, sua voz subindo com a força de seu pedido. Ela não podia viver o resto dessa existência, por mais que demorasse um tempo até que a Fera terminasse com ela, em uma sala trancada de pedra.

— Eu vou morrer lá! A parte de mim que caça cairá de qualquer maneira e serei inútil para você. E Olhos-de-Corça não foi construída para o frio. A perna dela doerá lá, sem calor e ela nunca se curará adequadamente se eu não puder vê-la tratá-la e deixá-la boa. Eu..

— As masmorras. — dDisse a Fera calmamente, interrompendo-a. — Estão perto da porta do outro lado do corredor.

O resto da respiração de Yeva caiu em um suspiro gaguejante, pontuado pela luz oscilante da lâmpada pendurada em sua mão.

— Minha casa, — Continuou a Fera. — Quando escolho morar lá, fica aqui embaixo.

Yeva engoliu em seco. Aqui, onde a Fera a estava levando. Ela mudou seu peso, seus músculos cansados tremendo e fazendo a chama dançar e tremer.

— Tudo bem então.

A escada estreita se curvava ao redor e enquanto desciam mais para as profundezas sob o castelo, o ar ficou mais frio e pesado. Yeva começou a tremer — não por exaustão ou medo, mas por um frio mais penetrante que o vento forte lá fora. Esse frio apareceu de todos os lugares, arrepiando toda ela, até seus ossos, apesar de sua capa e roupas grossas de lã. Olhos-de-Corça desceu as escadas com grande dificuldade, mas era muito estreito para Yeva carregá-la e mesmo que pudesse, ela precisava de suas mãos para não escorregar. Os degraus estavam gastos em seus centros, curvando-se para dentro por séculos de pés esculpindo cavidades lisas na pedra que ameaçavam a deixar deslizar.

A escada terminava em um corredor estreito com portas de ambos os lados. Yeva adivinhou que essa área já deveria ter abrigado os servos do castelo e ela se perguntou novamente como a Fera veio morar aqui. Se o castelo estava em ruínas quando o encontrou, ou se — isso a fez tremer ainda mais — ele era o

motivo pelo qual o castelo havia sido abandonado.

A Fera parou na frente de uma porta a alguns degraus da escada e ergueu uma pata para a trava. Yeva ergueu a lanterna, determinada a ver o truque, como ele dominava as tarefas humanas com nada além de suas garras. Mas, apesar da luz sobre ele e a trava da porta, seus olhos não conseguiam entender o que estavam vendo. O olhar dela continuava tentando desviar do que estava acontecendo. No entanto, ele conseguiu, ele abriu a trava tão facilmente quanto ela teria feito e abriu a porta.

Além, o quarto estava escuro e frio. Mas quando Yeva se adiantou, suas botas atingiram o tapete. Ela fez uma pausa. Abaixo de seus pés, havia um tapete vermelho exuberante e ao olhar em volta, percebeu que era o quarto que a Fera havia trazido para ela quando estava doente. Era mobiliado com móveis em ruínas e incompatíveis, obviamente de várias salas do castelo. Algumas delas pareciam mais bem cuidadas, se desbotadas, enquanto outros itens, como uma mesa torta e desgastada que ficava sobre três pernas e uma pilha de livros com mofo no lugar da quarta perna, não seriam adequados para um casebre. O chão estava coberto por tapetes sobrepostos de cores conflitantes. Ao longo de uma parede havia uma lareira e embora continha apenas cinzas e carvão enegrecido, ao lado da lareira havia uma pilha de penas e hastes. Os suprimentos de Yeva para fazer flechas. E ali, a alguma distância deles, estava sua faca de aparar. Sua lâmina estava manchada de marrom enferrujado e, com um sobressalto, Yeva lembrou-se de esfaqueá-la no ombro da Fera enquanto ele a atacava por remover sua venda.

Você nos deu sua palavra, ele rugiu. Na época, ela estava com muito medo de pensar. Mas agora, quando a Fera ficou de lado enquanto ela explorava a sala, ela se perguntou a profundidade de sua fúria. Ele mal pareceu notá-la esfaqueá-lo, mas a traição, a quebra de sua palavra, o deixou tão furioso que a lembrança disso fez o corpo de Yeva ficar ainda mais frio.

Yeva parou no centro da sala, tentando não pensar no divã azul desbotado a alguns passos de distância, e como seria fácil e adorável cair sobre as

almofadas mornas e fechar os olhos. Mas a Fera ainda estava lá, e tão exausta quanto ela, essa parte primitiva de seu cérebro nunca seria capaz de descartar a presença de um predador na sala com ela.

— Você pode permanecer aqui. — A Fera disse friamente — Desde que você dê sua palavra de que não tentará escapar e de que não tentará novamente nos matar. Lembre-se de que sabemos onde sua família mora, que os assistimos, que podemos matá-los a qualquer momento.

Yeva engoliu em seco, desta vez forçando a mão a parar.

— Dou minha palavra. — Disse ela lentamente. — Que não vou fugir.

— Você mentiu para nós uma vez. — disse a Fera suavemente.

— Talvez eu me arrependa de fazer isso. — A própria voz de Yeva se acalmou. Pois era verdade. Talvez, se não deixasse que a curiosidade a vencesse, nunca teria aprendido a identidade de seu sequestrador, e poderia ter continuado na ignorância, contando histórias para seu amigo perto do fogo.

A Fera ficou em silêncio por um longo tempo, tanto tempo que os olhos de Yeva começaram a pregar peças nela. Sua forma derreteu de volta às sombras projetadas pela lanterna, e ela começou a se perguntar se ele ainda estava lá. Quando ele falou de novo, ela quase pulou.

— Você prometeu não correr. — Ele murmurou. — Você não prometeu não tentar me matar.

— Não. — Yeva concordou. — Eu não prometi.

A Fera ficou em silêncio novamente por alguns segundos. Então veio o som mais estranho e inesperado, um estrondo baixo, uma rápida explosão de veludo rico sem o frio sombrio que sua voz normalmente carregava.

Ele estava rindo.

Antes que Yeva pudesse reagir, a Fera se foi.

Fera

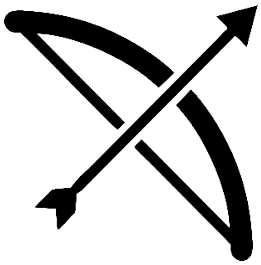
Ela acreditava que poderia nos matar. Ela quer vingar a morte de seu pai, deixando ódio e fúria alimentá-la. Sua palavra para não correr vem com facilidade porque ela não deseja fugir. Não até que estejamos mortos.

Ela tem um fogo que não vemos, não sentimos, há muito tempo. Que o fogo queira nos consumir não faz diferença, que a paixão a tornará mais forte, mais rápida. Mais útil para nós. Isso é tudo que importa. O fogo não pode nos machucar.

E, no entanto, quando acendemos uma lanterna, há um momento em que observamos o pavio queimar na escuridão. Um momento em que quero tocar a chama.

Só para ver se ainda posso ser queimado.

Capitulo Doze



Yeva fez o que poderia para Olhos-de-Corça. Depois de acender um fogo na lareira fria com a chama da lâmpada de óleo, ela quebrou uma flecha em duas para talas, que amarrou à perna quebrada com tiras arrancadas da túnica. Se ela tivesse os remédios que trouxera, poderia usar a pomada de cipreste que aplicou em suas próprias costelas, mas não tinha como convocar a Fera para voltar. Tampouco sentiu vontade de pressionar ainda mais a sorte com ele.

Quando Olhos-de-Corça soltou um suspiro barulhento e rolou de costas, com as quatro patas no ar e na barriga expostas ao fogo, Yeva se inclinou contra a borda do divã e fechou os olhos.

Aquela risada.

Os animais não riem. É verdade que Olhos-de-Corça sorria para ela, mas não era um sorriso do jeito que a maioria dos humanos o reconhecia. Yeva sabia que estava vendo a felicidade quando a boca de sua cadela se abria e a língua saia e isso se traduzia em um sorriso em sua mente, porque ela conhecia Olhos-de-Corça. Conhecia cada movimento de sua cauda ou movimento de suas orelhas e o que elas significavam... Mas o riso da Fera não exigia tradução, nem interpretação aprendida de sua linguagem corporal.

A risada era humana.

Uma coisa era querer caçar e destruir o animal que matou seu pai. Era inteiramente novo pensar que o que o matara era, de alguma maneira, humano. Isso fez de sua morte algo mais.

Isso matou sua morte.

Um animal raivoso, devorador de homens, não merece nada além de uma

morte rápida para poupar a ninguém o destino que seu pai sofreu. Mas um assassino?

Isso merecia uma espécie de vingança que transformou o coração de Yeva em gelo.

Por trás dos olhos fechados, as imagens tocavam como luz através de vidro colorido. Fragmentada, brilhando tão rapidamente de um para o outro que seus pensamentos se tornaram tão dispersos quanto a própria luz. A boca feroz da Fera, a centímetros dela. A calma com que ele falou da tortura e morte de sua família, se ela o traísse. A angústia nos olhos dele quando a venda caiu e ela viu o rosto dele. A faixa de neve pisoteada que abriu um caminho para ela carregar seu cão ferido com maior facilidade.

Em algum momento, as imagens paradas se tornaram cenas comoventes de coisas lembradas e imaginadas e logo as cenas se tornaram sonhos e Yeva dormiu.

Yeva foi acordada na manhã seguinte pelo gemido urgente de Olhos-de-Corça e um nariz frio cavando a dobra do cotovelo. Embora ela não pudesse dizer na sala sem janelas se era de manhã, ela sentiu como se estivesse dormindo há dias. Mas enquanto esfregava os olhos, ela viu que seu arco estava faltando e sua aljava de flechas. Ele pegou as armas dela. Até a faca que estava no chão desde que ela o esfaqueou havia desaparecido, deixando apenas um respingo de sangue velho onde estivera.

Olhos-de-Corça gemeu novamente e Yeva escorregou do divã e agachou-se, assumindo que a veria favorecendo a perna machucada. Em vez disso, Olhos-de-Corça soltou uma manobra incômoda e urgente, que, após um momento de confusão, Yeva reconheceu com uma explosão de clareza.

— Você terá que esperar. — Disse Yeva aa cadela, pensando com pavor no longo lance de escadas necessário para chegar ao ar livre. — E prometa não molhar minha túnica se eu carregar você, porque eu só tenho uma.

A Fera não a proibiu de sair da sala, apenas de fugir completamente do castelo, mas sua mão tremia assim mesmo quando ela alcançou a trava. Cedeu

sob seu toque, e a porta se abriu. Olhos-de-Corça mancava passando por ela, galopando de pernas duras, subindo a escada à frente de Yeva. Pelo menos ela não teria que tentar carregá-la e a lanterna.

Yeva se sentiu tão vacilante quanto sua cadela quando seguiu o rastro de Olhos-de-Corça. Ela descobriu que a escada não era tão longa quanto se lembrava do dia anterior, que a exaustão havia esticado a distância em sua memória. Olhos-de-Corça lembrou-se do caminho, e assim que Yeva abriu a porta no topo da escada ela avançou, abrindo caminho para as enormes portas da frente.

Elas ainda estavam abertas, e um leve borrifo de neve soprado pelo vento brilhava à luz do sol lançada no chão. Ela não havia notado ontem que o chão era de mármore polido, liso, exceto pelos lugares onde a pedra havia rachado depois de séculos de assentamento e mudança do castelo. Olhos-de-Corça disparou em direção à luz do sol, e Yeva a seguiu.

As nuvens haviam se dissipado durante a noite, e o brilho do sol na neve era tão cego que Yeva teve que ficar do lado de fora das portas, segurando o braço sobre os olhos para protegê-los e apertar os olhos para acompanhar o progresso de sua cadela. Olhos-de-Corça desceu apenas alguns passos pela parede externa do castelo antes de se agachar para se aliviar.

Yeva virou o rosto para a manhã brilhante. O sol estava apenas algumas palmas das mãos acima das montanhas distantes, mas ainda estava brilhante o suficiente refletido na neve para fazer seus olhos lacrimejarem e coçar o nariz com o desejo de espirrar. Ela enxugou os olhos e examinou o vale, seguindo o rio de onde passava sob a ponte à sua frente em direção onde desaparecia nas árvores a oeste.

Não havia sinal da Fera. Nenhuma pista nova saía da porta, exceto aquelas que o Olhos-de-Corça acabara de fazer, e embora fosse difícil distinguir novas pistas da antiga, Yeva não achava que nenhuma lama congelada agitada que levava à caverna era fresca. Então, onde a Fera passou a noite?

Em algum lugar do castelo, Yeva sabia, ela encontraria o que precisava

para sobreviver. Cozinhas, latrinas, talvez até algum quarto não muito deteriorado para ela dormir. A Fera poderia preferir viver no subsolo, mas Yeva não podia suportar a ideia de passar mais uma noite com o peso de toda aquela pedra sobre a cabeça. E se nada mais, seria impraticável fazer Olhos-de-Corça subir e descer aquelas escadas toda vez que ela precisasse sair.

Yeva decidiu explorar. Uma parte dela se encolheu com a ideia, incerta que horrores ela poderia descobrir em um castelo rodeado por uma Fera amaldiçoada. Mas o resto dela se emocionou com o pensamento, curiosidade se instalando e dominando seu medo.

Porque havia outra razão para vasculhar os cantos desse castelo antigo e em ruínas. Em algum lugar de alguma forma, ela encontraria a chave para destruir esta Fera. Ele era muito rápido e forte demais para machados ou arcos, mas ela encontraria uma maneira. Ela descobriria o segredo para matá-lo.

Agora que sua urgência havia diminuído, Olhos-de-Corça estava se movendo muito mais rigidamente com sua perna ferida. Mas Yeva não podia ordenar que a cadela ficasse parado. Sempre que tentava, Olhos-de-Corça descia sobre as patas traseiras, abanando furiosamente e então, assim que Yeva voltava as costas para deixar o grande vestíbulo, ouvia as unhas dos pés de Olhos-de-Corça clicando-se contra o mármore e então sentia seu hálito quente nas costas de suas panturrilhas.

— Tudo bem. — Yeva disse a ela finalmente, com exasperação. — Você pode vir junto. Mas não reclame quando sua perna doer hoje à noite.



Olhos-de-Corça apenas sorria para ela, mancando, língua pendente pulando a cada passo. Na verdade, Yeva estava feliz com a companhia.

Ela manteve suas explorações no térreo por causa de Olhos-de-Corça. Ela encontrou quarto após quarto de tapeçarias desbotadas e grandes pisos de mármore. Uma sala continha pilhas de armaduras antigas e enferrujadas

espalhadas em intervalos regulares, uma sala de exibição, um arsenal decorativo. Em outra sala havia uma mesa de jantar que Yeva não poderia ter jogado um prato de manteiga de um lado para o outro. Algumas das cadeiras estavam faltando e outras foram quebradas em pedaços ou mutiladas, com as almofadas derramando como entranhas no chão.

Ela chegou a outro corredor, alinhado de um lado com o que antes havia sido uma série de vitrais, a maioria dos quais estavam quebrados agora. A neve soprou através dos caixilhos de pedra vazios, caídos em trechos finos na frente de cada janela. Yeva atravessou em direção a uma que ainda tinha alguns pedaços do vidro original grudados nas bordas. Ela estendeu a mão para traçar os dedos sobre as vívidas pontas douradas da asa de um pássaro. Não havia ilustrações no livro de contos de seu pai, mas Yeva sempre imaginou o Pássaro de Fogo dessa maneira: asas estendidas, douradas, brilhando mesmo na luz do inverno. Ela sentiu uma súbita pontada de perda pelas imagens que as janelas tinham uma vez.

Suas botas chiaram contra a neve soprada quando ela se virou, mas o som a fez parar. É verdade que seus passos havia triturado contra a neve, mas não no vidro quebrado que deveria estar espalhado por toda parte, se séculos de tempestades tivessem explodido as janelas. Yeva rastejou até a borda e agarrou a moldura da janela enquanto se inclinava, olhando para baixo. Havia apenas a extensão vazia de um pátio coberto de neve. Mas ela sabia que em algum lugar embaixo do branco haveria os restos dessas janelas. Porque alguém as quebrou por dentro.

Yeva saiu do corredor nevado e seguiu em frente. Encontrou as latrinas e a cozinha, cobertas de teias de aranha, cada panela e prato embotados com poeira e idade. Ela não encontrou quartos, pois eles deveriam estar no segundo ou terceiro andar, mas tropeçou em salas de estar suficientes com divãs e sofás mofados que ela certamente poderia fazer uma cama para si mesma se pudesse suportar o cheiro de mofo e da idade. Dada a escolha entre o divã mais limpo no quarto subterrâneo da Fera e um palete no chão de uma sala de estar ao alcance

do ar livre, ela escolheria o último sem hesitar.

Seu estômago estava roncando infeliz, mas Yeva ainda não tinha visto sinal da Fera ou de comida que ele havia deixado para ela. Ela dera sua palavra para não fugir, mas isso incluía sair do castelo para encontrar algo para comer? Ele confiscou o arco dela e ela não tinha arame para armadilhas, mas mesmo no inverno ela poderia encontrar raízes comestíveis se procurasse. Embora as raízes fariam pouco para satisfazer sua fome.

Se ao menos ela tivesse alguma maneira de encontrar a Fera e pedir seu arco.

Como se o pensamento o tivesse chamado, um rugido ecoou pelos corredores, vibrando através das solas das botas de Yeva. Seu coração pulou em uma onda e Olhos-de-Corça pressionou lateralmente contra sua perna, orelhas arremessadas contra seu crânio. Yeva empurrou o flash instintivo de medo para baixo.

Ele precisa de mim, ela lembrou a si mesma. Ele não vai me machucar.

E, no entanto, ele matou o pai dela.

O som voltou e desta vez, Yeva pensou ter ouvido palavras.

— Menina! — A Fera rugia. — Onde você está? Venha.

A irritação aumentou, aquecendo-a onde o medo havia congelado seus pés no chão.

— Quem ele pensa que eu sou? — Ela perguntou a Olhos-de-Corça. — Alguma serva trêmula? Ser convocada sempre que ele desejar?

Olhos-de-Corça não respondeu.

— Menina! — O rugido veio novamente. — VENHA!

As mãos de Yeva se fecharam em punhos, e ela se afastou por onde tinha vindo. Pelo eco multifacetado do rugido da Fera, ela imaginou que ele estivesse na sala de estar. Ela entrou no corredor, Olhos-de-Corça deslizando ao seu lado e respirou fundo para gritar de volta para o monstro assim que viu sua grande silhueta pela luz pálida que vinha da porta aberta.

Mas a Fera estava carregada de algo, inclinando-se para trás e arrastando

um grande fardo entre os dentes. Ele deu um passo para o lado, os ouvidos erguendo-se para cima quando ouviu os passos dela e virou-se pela metade. O que ele estava arrastando era um cervo, de olhos vidrados enquanto sua cabeça pendia em direção a Yeva. A Fera parou, seus grandes olhos vermelho-ouro rolando em direção a Yeva, os dentes presos à base do pescoço do jovem fanfarrão. Ele abriu a boca para largar o fardo, trabalhando a mandíbula por um momento como se relaxasse os músculos ali.

— Trouxe comida para você.

A Fera cambaleou um passo para o lado, depois caiu sobre as patas traseiras, a mandíbula ainda ligeiramente aberta enquanto tentava esconder sua respiração mais rápida.

Yeva foi atingida tão repentinamente e tão vividamente por uma lembrança que sua própria boca se abriu. Ele se parecia muito com Pelei, seu outra cadela, sempre que levava para casa um esquilo ou coelho morto que pegava. Onde Olhos-de-Corça traria arrumado, Pelei traria as carcaças mutiladas diretamente para dentro da casa, depositando-as no tapete limpo de Lena, e então ficava lá no meio do sangue e da pele, ofegando e sorrindo orgulhosamente como se dissesse: Eu não sou uma boa cadela?

A Fera ainda a estava observando, claramente esperando por alguma resposta. Quando Yeva não disse nada, seu rosto ficou sombrio, as sobrancelhas baixando e o queixo se fechando.

— Bem? — Ele exigiu.

A respiração de Yeva a alcançou e ela franziu a testa.

— Bem o que? Você espera obrigada? Você me fez sua prisioneira. Não vou agradecer por me alimentar.

— Coma ou não. — Rosnou a Fera. — Eu não me importo.

Yeva respirou fundo. Não havia dúvida: nenhum animal poderia ser tão temperamental, isso era… infantil. Havia sem dúvida um elemento da humanidade, ainda que profundamente enterrado, dentro desta Fera.

— Você se importa, porque você se esforçou para me pegar e treinar, para

qualquer finalidade que não explique.

A Fera apenas rosnou para ela e se virou para se afastar, em direção ao lado oposto do castelo daquele que ela havia explorado.

— Fera! — Yeva chamou. — Espere! — E quando a Fera parou, ela também fez, reunindo seus pensamentos. — Você sabe como tirar uma carcaça, ou apenas como matá-lo?

— Eu não sou seu servo. — Respondeu a Fera, olhando-a por cima do ombro.

— Não. — Yeva concordou. — Mas não tenho faca e nem nada com o qual possa cortar a carne desses ossos. Não posso simplesmente arrancar pedaços com os dentes como você faria.

A Fera ainda estava franzindo a testa, mas seu agravamento se transformou em consternação.

— Se eu lhe der uma faca, você tentará me matar.

O estômago de Yeva roncou novamente e ela não pôde deixar de revirar os olhos. Agora, matar a Fera não estava em sua mente.

— Eu não vou tentar te matar quando estiver com fome.

A Fera olhou para ela. Ela olhou de volta para ele. Olhos-de-Corça olhou entre eles, ainda pouco à vontade na presença da Fera e pressionando perto de sua ama. No final, a Fera resmungou baixo e levou Yeva para fora, carregando o cervo com ele, deixando-o cair na neve a alguma distância da porta. Ele desapareceu e depois reapareceu algum tempo depois com sua bolsa, na qual Yeva encontrou tudo o que havia trazido com ela. Embora os estoques de comida estivessem quase acabando agora e o salgueiro também, os outros remédios estavam lá, o fio dela para armadilhas e a faca de aparar também.

Tirar a pele de um esquilo e coelho era uma coisa, massacrar a carcaça de um cervo era outra. Sempre foi o pai dela que fez esse trabalho quando criança, e quando ela teve suas entranhas em uma pilha, do lado da carcaça, ela descobriu que não estava mais com fome, afinal. Suas mãos ensanguentadas tremiam e ela limpou a testa com a manga para ganhar tempo. Ela não mostraria fraqueza na frente da Fera, que ficava a certa distância, observando-a esculpir sua oferta.

Olhos-de-Corça, que estavam pegando vários órgãos e depois mancando para engoli-los com um olhar cauteloso na Fera, terminou de comer o fígado do cervo e voltou para pressionar Yeva. Ela parou antes de arranhar as orelhas da cadela, os olhos nas mãos cobertas de sangue.

A Fera deu um estrondo baixo.

— Você é ineficiente.

— Sim, com você me encarando. — Yeva murmurou de volta, muito cansada e esgotada pela tarefa de se preocupar em irritá-lo.

— Volte para dentro de casa. — Ordenou a Fera.

— Eu preciso terminar!

— Volte! — A voz da Fera se aumentou e ele se elevou mais alto, parecendo de modo que os Olhos-da-corça ofegou um gemido inaudível contra o braço de Yeva.

Yeva lutou contra o instinto de fugir.

— Eu tenho que comer!

A Fera respirou fundo, depois duas, e Yeva percebeu que ela também. Paciência, ela pensou. É isso que estou buscando a cada respiração, ele poderia estar fazendo o mesmo?

Finalmente, a Fera abaixou a cabeça.

— Vou terminar sua tarefa. — Disse ele lentamente. — Foi isso que eu quis dizer.

— Então diga isso. Não me comande como se eu fosse sua propriedade.

A Fera rosnou baixo e perigoso.

— Você é minha.

— Você pode me prender. — Disse Yeva. — Você pode controlar quando posso sair, o que como e por quanto tempo posso viver. Mas você não é meu dono. — Ela fez uma pausa e acrescentou irritada: — E não me chame de menina, como se eu não tivesse nome.

O rabo da Fera se afastou, tremendo de raiva.

— Você me chama de Fera.

— Isso é o que você é. Você me deu motivos para gostar de você?

A Fera hesitou, fazendo uma careta pela neve ensopada de sangue para ela.

— Vou te chamar de Bela então. — Disse ele. — Pois é isso que você é.

Yeva lembrou-se de suas histórias e de sua decisão de chamar seu amigo invisível de Ivan e seus pensamentos não conseguiram conciliar esse nome com o rosto monstruoso a alguns passos de distância. O apelido de seu pai soou estranho a essa criatura, a coisa que o assassinou. E, no entanto, ela podia imaginá-lo chamando-a de mais nada. De outra pessoa, seria lisonja, mas não havia falsidade no rosto da Fera. Yeva não ficaria surpresa se ele fosse incapaz de mentir, se sua natureza animal o mantivesse fiel à verdade o tempo todo.

O elogio a pegou tão desprevenida que sua resposta veio antes que ela pudesse impedi-lo.

— Obrigada. — Ela murmurou, deixando cair a faca para limpar o sangue das mãos contra a neve.

Fera

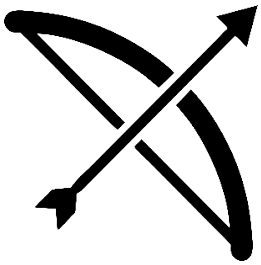
Ela chama você de Fera, pois é isso que você é.

E Bela.

A surpresa não é o elogio, nem a verdade que ela é linda. A surpresa não é que desejamos ajudá-la. A surpresa não é nem o calor elétrico que sobe ao som de sua voz, mesmo quando ela está gritando.

A surpresa é o quanto desejo ouvi-la me chamar, mais uma vez, de Ivan.

Capitulo Treze



Dali em diante, a Fera trouxe sua carne sem a carcaça e em alguns pedaços. Ela não sabia como ele administrava um trabalho tão delicado com apenas garras e dentes, porque ele nunca a deixava assistir. Às vezes ela mesma matava a caça, enquanto ele continuava a levá-la para a floresta para praticar suas habilidades. Outras vezes, quando a caçada dela era escassa, ele saía sozinho. Ele nunca deixou de trazer algo para casa.

Ela limpou um espaço de poeira e teias de aranha na vasta cozinha e limpou uma das quatro lareiras para poder usar o espeto de assar. Ela esfregou algumas panelas e frigideiras, e também alguns pratos e tigelas. Uma das salas de estar que ela tomou como sua, e a Fera não se opôs quando ela começou a dormir lá, em vez de seu covil embaixo. Ela imaginou que estava esculpindo um pedaço do castelo sem vida para seu próprio uso ou então dando vida a esse pedacinho novamente. Ao seu redor estava a carcaça morta e em decomposição de qualquer tribunal que já existisse aqui, e ela estava apenas vivendo em um pequeno canto da concha.

Olhos-de-Corça se deliciou em galopar depois das pequenas coisas no mato que vira, e dormia muito mais profundamente pelo exercício. Ela se comportava muito melhor contra o frio do que Yeva imaginava, embora isso possa ter tido tanto a ver com a lealdade do cão quanto com sua resistência.

Yeva acompanhou os dias com um pouco de carvão na parede. Embora ela não soubesse há quanto tempo estava na cela, ela calculou que já fazia pelo menos um mês. O que significava que, até agora, suas irmãs devem pensar que ela conheceu o mesmo destino que seu pai. E Solmir deveria acreditar no

mesmo. Quanto tempo duraria sua palavra? Ela sabia que ele era um bom homem, mas se ele entendesse que Yeva jamais voltaria a se casar com ele e o pagasse por cuidar de sua família, por quanto tempo ele continuaria? Suas irmãs nunca haviam aprendido a caçar como ela e Albe certamente não sabia nada sobre isso. Como eles sobreviveriam sem ela?

Lembrou-se das palavras de sua irmã enquanto se preparava para correr na floresta em busca do pai delas, as palavras que ela ignorou sem pensar duas vezes. *Nós precisamos de você aqui*. E ela as abandonou de qualquer maneira.

Não. Não. Ela não pensaria nelas. Não até que tenha sido feito, e a morte do pai fosse vingada. Ela não podia pagar. Ela forçou o coração a endurecer, afastou as irmãs da cabeça.

Com a pomada de cipreste de Yeva, a perna de Olhos-de-Corça começou a se curar com o passar dos dias em semanas. Ela ainda mancava, devido às talas que mantinham a perna reta, mas ela podia se mover muito mais rápido, e não mais favorecia do jeito que tinha sido. Yeva poderia trazê-la junto quando a Fera a caçasse e embora Olhos-de-Corça ainda estivesse muito lenta para pegar alguma coisa, duas semanas depois de ela ter se mudado para o castelo acima, quando a Fera veio como de costume buscá-la para dia de trabalho. Desta vez, no entanto, ele parou na extremidade da ponte e sentou-se, fixando os olhos em Yeva.

Ela passou o arco por cima do ombro e o olhou de volta, incerta com a mudança na rotina deles.

— O que é isso, Fera?

— Sua habilidade em caçar na floresta é suficiente. — Anunciou a Fera. — Agora você começará a caçar na minha.

A testa de Yeva se franziu.

— Sua? Eu não entendo.

A Fera hesitou, seu olhar deslizando em direção à floresta além da estrada coberta de vegetação que levava ao castelo.

— É difícil de explicar sem… — Ele parou, como se alguém tivesse

roubado o fôlego.

O pulso de Yeva acelerou, a curiosidade formigando em sua espinha. — Sem violar os termos do feitiço?

A mandíbula da Fera se abriu e se não fosse pelo número de dentes afiados e ameaçadores que sua boca segurava, Yeva poderia ter rido do choque escrito nas características de animal. Ele ficou absolutamente imóvel, até a ponta do rabo que geralmente era tão expressiva. Por um instante, ele ficou tão parecido com uma das gárgulas em ruínas nas ameias do castelo que Yeva pensou que talvez apenas falar de seus segredos o tivesse transformado em pedra.

Mas então ele soltou um suspiro e caiu mais baixo na neve, agachando-se como um animal ferido, as pernas dianteiras dobradas e a respiração mexendo os flocos superiores com cada sopro.

— Você é inteligente. — Ele murmurou.

— Eu sei histórias. — Yeva corrigiu. — O acusado nunca pode falar do que os aflige, isso sempre faz parte da maldição.

Os olhos da Fera se erguram.

— Você acredita que eu sou amaldiçoado?

Foi a vez de Yeva hesitar. Sua mente ainda não conseguia decidir se ele era um homem que havia assassinado seu pai ou um animal que havia cedido ao instinto animal e o despedaçado. E ainda não conseguia decidir o que seria pior. De qualquer maneira, ele teria que responder pelo que havia feito.

— Eu sei que você não é natural. — Disse ela finalmente. —E você pode claramente caçar muito melhor do que qualquer caçador humano, então sua necessidade por mim deve significar que você tem uma tarefa que não pode concluir por conta própria.

A Fera não disse nada, não confirmou seus palpites. Mas ele também não os negou.

— E essa existência é clara. — Yeva fez uma pausa, engolindo. — É claramente miserável.

A Fera ficou em silêncio.

— Então, sim. — Yeva respirou fundo. — Sim, eu acredito que você é amaldiçoado.

Ainda assim, a Fera não deu resposta, o que deu a Yeva tempo para estudar seu rosto. Embora ele tenha deixado os olhos caírem os novamente, havia algo em seus traços que chamou sua atenção. Ele parecia diferente hoje, e não apenas porque mudou a rotina parando no final da ponte. Seu focinho parecia um pouco menos alongado, seus olhos menos bestiais, sua boca mais expressiva e menos presa. Quanto mais ela olhava para ele, mais parecia, no brilho ofuscado pelo sol, que ele também era um homem ajoelhado na neve. Ela piscou, piscou novamente e não pôde descartar a imagem.

— Chega! — disse a Fera abruptamente, sacudindo a si mesmo que parecia fazer com que a humanidade caísse como pele. — Basta você saber que existe outro mundo dentro dessa floresta, um que você não foi treinada para ver. É neste mundo que você encontrará sua presa, então é neste mundo com o qual você deve se familiarizar.

— Outro mundo? — Yeva olhou para a floresta como a Fera fizera.

— A maneira mais fácil de explicar é... pense nas suas histórias. — O rosto da Fera foi desviado, revelando apenas uma parte do seu perfil. — As histórias que você contou sobre Ivan. Esse é o mundo que você deve aprender a ver.

Yeva se viu segurando o arco, não com medo, mas com uma súbita emoção. O pai dela mencionou ter visto lampejos de coisas que não podiam existir. Ele havia falado sobre espíritos, demônios e criaturas que não tinham nomes. Mas todas as crianças receberam essas histórias e todas cresceram com elas. Ela nunca imaginou as coisas que seu pai lhe disse que poderiam ser realidade.

— Então, o que eu estou caçando hoje? — Yeva perguntou, um milhão de imagens imaginárias piscando diante de seus olhos. Ela pensou nas pontas das asas de vidro ainda agarradas à moldura da janela no longo corredor quebrado.

Os lábios da Fera se afastaram e Yeva não conseguiu decidir se era um sorriso ou um rosnado. — Hoje. — Ele disse. — Você me caçará.

Yeva sentiu vontade de jogar o arco em frustração. Depois de três dias caçando a Fera, ela não conseguiu encontrar nenhum rastro dele até que ele apareceu perto do pôr do sol para trazê-la de volta ao castelo. Ela sabia agora que tinha que ser mágico, e seus pensamentos gritavam com a injustiça disso. Afinal, ela era humana. Apenas uma garota com um arco e um par de braços e olhos fortes. E nada disso poderia ajudá-la ao rastrear uma criatura mágica por uma floresta que, para ela, continha apenas esquilos, veados e gaios.

Ela tinha tanta certeza de que este era um passo para alcançar o que precisava fazer, que aprender a rastrear a Fera faria parte de aprender a matá-lo. Mas isso parecia mais distante do que nunca, agora que ela sabia o quão verdadeiramente impossível era obter vantagem sobre ele. A Fera estava tão frustrada quanto ela. Ela podia ler na tensão crescente em sua voz todos os dias, quando ele terminava a caçada, revelando-se a ela. Então, quando, no quarto dia, ele apareceu cedo — não mais que uma ou duas horas depois do meio dia — o coração de Yeva tremulou com uma batida de pânico. Ela deveria ser punida?

Mas a Fera simplesmente ficou lá, aparecendo por trás de uma árvore enquanto ela caminhava. Ele a encarou, contemplativo e pela primeira vez, Yeva se recusou a deixar que o olhar a perturbasse. Em vez disso, ela olhou para trás passando o dedo na flecha que mantinha encaixada no arco.

— Venha. — Disse a Fera finalmente.

— Ir para onde? — Yeva perguntou cautelosamente.

— Aqui, para mim.

Yeva não se mexeu, apenas agarrou o arco com mais força e olhou para a Fera de lado, engolindo medo.

As sobrancelhas da Fera se levantaram.

— Eu não vou machucá-la.

— Sua palavra? — Yeva perguntou.

— Minha palavra.

As mãos de Yeva tremiam quando ela devolveu a flecha na aljava e ela se aproximou da Fera. Ela parou quando estava perto o suficiente para sentir o calor

do pelo dele no frio, perto o suficiente para cheirar aquele cheiro selvagem e ver as manchas vermelhas que davam a seus olhos dourados o tom. A Fera inclinou a cabeça, uma mistura de assentimento e arco que deixou Yeva mais confusa do que antes. Um gesto cortês, tão familiar desde seu tempo entre os companheiros da baronesa, mas tão estranho a essa criatura.

— Se vire.

Yeva fez o que ele pediu, embora todos os nervos do corpo lhe dissessem para não dar as costas para ele, dizendo que ela estava louca por deixar um predador tão próximo.

Ela ouviu a Fera se aproximar mais atrás dela, e uma pata quente parou no centro de suas costas. Ela suprimiu o desejo de tremer, certa a qualquer momento que sentiria suas garras. Em vez disso, ela ouviu a voz dele.

— Feche os olhos e ouça. — A voz dele era muito baixa e apesar da vasta floresta aberta ao redor, suas palavras pareciam íntimas, privadas. Yeva pensou que, mesmo que alguém estivesse a alguns passos de distância, não o ouviria. Era como se ele estivesse falando diretamente nos ouvidos dela.

— Diga-me o que você ouviu.

— Eu ouvi você. — Respondeu Yeva. Quando isso não obteve resposta, ela respirou longa e lentamente e deixou sua atenção se mover para fora. Era difícil ouvir com o lembrete da Fera logo atrás dela, mas quando os sons da floresta se acalmaram no silêncio, ela quase se esqueceu do toque dele.

— E eu ouço gaios. — Ela sussurrou. — Chamando um ao outro. Há um vento em algumas direções para o leste, fazendo as árvores suspirarem uma contra a outra, mas não está vindo em nossa direção. Neve deslizando de um galho.

— Isso é tudo?

Yeva, de olhos fechados, sentiu as sobrancelhas se unirem.

— O que mais eu devo ouvir?

— Ouça!

Yeva ouviu. Ela ouviu até que seus ouvidos começaram a tocar no silêncio.

Ela estava prestes a falar e respirou fundo para dizer que não ouvia nada, quando algo a fez parar. A pele na parte de trás do pescoço formigou e não da presença da Fera. Ela sentiu a cabeça girar, tornando o formigamento mais forte.

— Eu ouço… — Seus pensamentos se esvaziaram quando ela tentou nomear a sensação. Algo a puxava, chamando sua atenção para noroeste, e era um som. Exceto que não era um som ao mesmo tempo. — Eu ouço... música.

A Fera ficou sem fôlego e começou de novo.

— Música? — Ele repetiu, parecendo surpreso.

— Eu não consigo descrever. — Os ouvidos de Yeva se esticaram. Não era música, não mesmo. Mas sua mente não podia interpretar de outra maneira, esse sentimento, esse pulso rítmico e abrangente que continuava chamando sua atenção pela floresta. — Isso está me chamando do mesmo jeito que a música faz.

— Música. — A Fera ecoou novamente, sua voz baixa e pensativa, quase maravilhosa. — Não é isso que eu ouço.

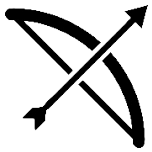
— O que você ouve?

— Isso não é importante. Por enquanto, apenas se concentre no som. Isso é tudo?

Yeva, de olhos fechados, sentiu as sobrancelhas se unirem.

— O que mais eu devo ouvir?

— Ouça!



Em sua mente, foi transposto contra a cena. Havia um ponto focal, um ponto de onde a luz parecia emanar, e Yeva a encarou. De repente, uma mulher ficou parada, encostada a uma das árvores. Seus cabelos eram longos e negros e ela estava nua, como se o frio não significasse nada para ela. Yeva sentiu o rosto esquentar, subitamente consciente da lã áspera em sua própria pele e da presença da Fera atrás dela. A mulher estava além de bonita e ela estava passando os

dedos longos pelos cabelos como uma donzela esperando por um amante. Então ela fez uma pausa e virou a cabeça. Ela olhou diretamente para Yeva e quando seus olhos se encontraram, sentiu algo dentro de si se despedaçar.

Ela gritou e deu um passo para trás, caindo contra a massa quente da Fera. Ela se atrapalhou com o arco no ombro, tentando pegar uma flecha, mas conseguindo apenas um punhado do pelo da Fera. Ela ofegou, com medo correndo por suas veias e olhou de volta para a mulher. Ela se foi. Havia apenas um par de sapinhos assustados que irromperam do mato, chorando e flutuando na floresta distante.

Yeva ficou de pé, com o coração batendo forte. De repente, ela percebeu o quanto estava encostada à Fera e que todo o seu medo era pela mulher estranha na floresta e que em vez de aterrorizante, a presença calorosa da Fera atrás dela era tranquilizadora. A Fera era sua inimiga, que ela existia agora apenas para matá-lo. Foram apenas algumas batidas do coração, seus pensamentos inundados com a música deste outro mundo estranho, mas ela havia esquecido. Seu estômago tremeu, adoeceu e ela se afastou dele.

Quando ela se virou, ele estava calmo, olhando-a como se nada de estranho tivesse acontecido.

— O que foi isso? — Yeva mexeu na alça da aljava para ajustá-la, desembaraçando a capa sobre ela tentando se recompor.

— O nome dela é Lamya. — Disse a Fera. — Ela e as irmãs moram no próximo vale, mas viajam com frequência. Lamya prefere ficar deitada ao lado do meu rio para derramar suas peles ao sol.

— Derramar suas… — Yeva piscou, tentando entender. —Derramar suas peles?

— Ela é um dragão. — A sobrancelha da Fera franziu. — Você nunca viu a pele de uma serpente nas árvores?

— Mas... mas ela era uma mulher, não uma serpente.

— Ela é isso também.

Yeva olhou para as árvores, tentando convocar aquela explosão de cor e

música. Ela pensou ter ouvido um pulso distante e rítmico, como o bater de couro de grandes asas, mas depois parecia nada mais que uma rajada de vento distante. A cabeça de Yeva girou.

— Fera, o que... O que é isso?

A Fera afundou em seus quadris.

— Este é o meu mundo.

—O... O que você precisa de mim? — disse Yeva. — Você quer que eu cace uma criatura deste mundo, seu mundo?

A Fera assentiu.

— Lamya?

— Não, não Lamya.

— Mas você não vai me dizer o que é?

— Não posso.

Yeva deixou escapar o ar rapidamente.

— Como posso caçar uma coisa se não sei o que é?

A Fera ficou em silêncio. Yeva o conhecia bem o suficiente para ver pelo rosto que ele estava perturbado.

— Eu... Eu não sei. — Ele disse finalmente. — Mas se você puder ver a Lamya, também poderá vê-la.

Ela.

Yeva arquivou o petisco, amarrando-o entre os outros restos que coletou. No momento, eles eram pedaços de quase nada mas talvez, se ela reunisse o suficiente seria capaz de juntá-los em uma tapeçaria com respostas. Por enquanto, ela esperaria e ouviria aquela música distante. Talvez, em algum lugar de seu pulso rítmico, da maneira como se infiltrava nos espaços vazios de seu coração como mel quente em pão seco... talvez nessa música ela encontrasse o caminho para matar a Fera.

— Fera? — Disse ela, mantendo a voz firme, deixando-a quente.

— Sim?

— Você disse que não ouviu música. — Yeva observou o rosto dele. — O

que você ouviu?

— Para mim, — Respondeu a Fera. — É como um batimento cardíaco.

Yeva lutou com um sorriso puxando os cantos da boca.

— O batimento cardíaco da floresta.

A Fera sacudiu-se um pouco e depois inclinou a cabeça para o leste. — Isso é o suficiente por hoje. Voltaremos agora.

Quando ele se virou para passar por ela, a Fera se moveu em cima da neve, suas patas nem mesmo mexendo a neve solta que espanava a crosta gelada. As botas de Yeva trituravam, mas ele se movia como vento, como espírito. Ele estava lhe mostrando como podia viajar pela floresta sem deixar vestígios e Yeva observou cada passo como se estivesse hipnotizado.

— É o mesmo som que ouvi. — Disse a Fera quando passou por ela. — Quando eu vi você pela primeira vez.

Fera

Lembramos de um momento de tanta clareza. Nós éramos Fera, corríamos com lobos e caçávamos presas, vivíamos com o vento e respirávamos a floresta. Não queríamos nada além de ser, correr, suportar. O desejo não existia.

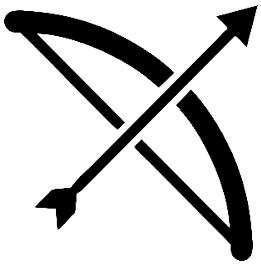
E nos lembramos de outra época também, uma época de desejo, onde existíamos como nada além de querer. Sempre a próxima coisa inatingível. Não havia alegria no que tínhamos, apenas no que poderia vir.

E agora esses dois eu’s, essas duas mentes amaldiçoadas a existir como um, todos os dias crescem mais em desacordo. Voltamos à nossa toca para andar de um lado para o outro e acabamos nos cercando contra a escuridão e a sujeira, deitamos diante do fogo em nosso quarto e coçamos nos limites de pedra e argamassa.

Só ela libertará nós dois. Ela se move com graça, sussurra para nós o vento e a floresta e conta histórias! Histórias que acordamos durante a noite, sonhando sonhos de uma vida passada. Ela nos lembra o que costumávamos ser.

Ela sussurra para nós o que poderíamos ser.

Capitulo Quatorze



Yeva e a Fera caíram em um padrão quando as semanas começaram a se esticar. Embora ela ainda não pudesse rastreá-lo através da floresta, mesmo quando desenvolveu um ouvido para magia, ela descobriu outras maravilhas que viviam no vale da Fera. Árvores que tinham rostos, vozes, espiando ela um instante e desaparecendo no seguinte. Luzes dançando ao longe, montando os ventos da tempestade, risos chamando-a para se juntar a eles. Uma raposa que parou e sorriu para ela. Pássaros que voavam juntos dessa maneira e daquela ao vento, pintando formas no céu sobre o prado: um rosto, uma onda no topo, uma manada de veados correndo.

Ela perguntou à Fera sobre todos eles. Às vezes, ele tinha nomes para eles e às vezes não. Às vezes, muito, muito raramente, ela contava sobre uma criatura que ele nunca tinha visto. Yeva pensou, em particular, que aqueles momentos pareciam encantá-lo. Ela perguntava a ele cada vez, a cada nova maravilha, se era isso que ela deveria caçar. A cada vez ele dizia não.

Foi quase dois meses depois de se mudar para o castelo, pela contagem de carvão na parede da cozinha, que ela acordou e encontrou a Fera agachada no canto do quarto.

No começo, ela não o viu e levantou-se meio dormindo do ninho de cobertores para adicionar alguns troncos ao fogo para que o quarto esquentasse enquanto ela acordava o resto do caminho. Olhos-de-Corça nunca se incomodou em acordar quando o fez, resmungando alegremente de sua parte do palete até que o fogo a levou a se aquecer no calor. Yeva se enrolou em seus cobertores e balançou os joelhos para cima e para baixo para trazer o sangue de volta aos

dedos dos pés e esperou o calor.

As sombras no canto oposto se moveram e Yeva soltou um grito antes que ela pudesse se conter. Ela viu coisas sombrias e assustadoras na floresta musical, e seus sonhos estavam mais perturbados desde que começara a ver esse outro mundo. Ela alcançou o atiçador de fogo antes que pudesse pensar.

A Fera avançou para a luz e piscou os olhos redondos para ela.

— Não pretendiamos assustá-la.

Yeva engoliu seu pânico, seu coração acelerado começando a se acalmar ao ver que era apenas a Fera e não algum monstro de seus sonhos.

Era apenas a Fera? Quando isso aconteceu?

— Você não pode entrar aqui assim, enquanto eu estou dormindo. — Ela ofegou, medos persistentes, provocando irritação para aguçar sua voz.

As sobrancelhas da Fera baixaram.

— Por que não?

— Não é educado. — Replicou Yeva, depois respirou fundo quando o ridículo disso afundou. Quais eram as maneiras de uma Fera?

Mas enquanto ela lutava por um motivo que ele entenderia, a Fera simplesmente inclinou a cabeça uma fração para o lado.

— Muito bem. Deseja que nós saiamos?

A voz de Yeva parou. Sim, ela pensou. Ou então deixe-me te matar e acabar com tudo isso. Mas em voz alta, ela disse apenas:

— O que você quer?

— Educação. — Ecoou a Fera, murmurando a palavra como se para si mesmo. Mas havia um brilho perverso em seus olhos que fez Yeva parar rapidamente, uma percepção estalando em sua mente como uma faísca por irritar a lã.

Ele estava brincando com ela.

— É hora de treinar.

A cabeça de Yeva doía. Ela estava cansada, mas mais do que isso, estava frustrada. Quanto mais ela entendia desse mundo que a Fera mostrava a ela, mas

via como tinha pouca esperança de vingar o pai, a menos que pudesse descobrir uma fraqueza, algum segredo que lhe daria vantagem.

Mas estava claro que ela não encontraria a fraqueza da Fera por meios comuns, e não podia se dar ao luxo de continuar complacente, para deixar os dias passarem despercebidos. Ela rastreava essas criaturas na floresta, as que ela aprendeu a ver com a ajuda da Fera. Um deles tinha que saber algo, qualquer coisa, que a ajudasse a matar a Fera. E ela caçaria cada um deles, se fosse o caso.

Rapidamente, ela se levantou e atravessou a sala para jogar água gelada da bacia no rosto.

— Fera. — Disse ela, ganhando um grunhido fraco em resposta. — Eu quero ir para a floresta por conta própria hoje.

As sobrancelhas da Fera se ergueram, mas ele não disse nada, claramente esperando uma explicação.

— Eu preciso ser capaz de navegar neste mundo seu sozinha, sem a sua orientação. — Yeva podia ver a Fera mudar seu peso de um lado para o outro, vê-lo começar a responder. — E, — Ela acrescentou rapidamente. — Qualquer presa que eu pretenda encontrar, ainda não a encontramos. Talvez não se revele a você. Mas talvez se revele para mim, se eu estiver sozinha.

Isso deixou a Fera mais pequena, e ele a olhou com aqueles olhos firmes, a cauda balançando de um lado para o outro como um pêndulo lento e suave. Ele a encarou por tanto tempo que os olhos de Yeva começaram a lacrimejar com o esforço de não desviar o olhar. Quando ele falou, sua voz era baixa e cuidadosa.

— Ainda tenho sua palavra de que você não tentará escapar?

Yeva tragou com esse lembrete, amargura em sua língua.

— Você ainda tem minha palavra. Desde que você matará minha família, se eu fizer.

Silêncio novamente, quebrado pelo assobio e estalos intermitentes do fogo na lareira.

— Sim. — Ele disse finalmente.

Yeva hesitou.

— Sim, você matará minha família se eu escapar? Ou sim, eu posso ir sozinha?

— Ambos! — As sobrancelhas da Fera baixaram. — Eu aceito sua palavra. Se você tivesse mentido, teria prometido não me matar no começo. Como você não fez, acredito em você quando diz que não vai fugir.

Sua voz era tão baixa, tão amarga, tão cheia de ódio, que Yeva quase deu um passo para trás. O fogo não parecia mais lhe aquecer, e ela estremeceu.

— Você matou meu pai! — Ela sussurrou. — Eu nunca poderia deixar sua morte sem resposta.

Os olhos da Fera eram planos e sem brilho.

— E é por isso que você fica. Não por ameaças ou medo. Porque você acredita que um dia vamos baixar nossa guarda e você pode vingá-lo.

A mandíbula de Yeva se apertou. Ela tinha pouca esperança de convencê-lo do contrário, não quando ele a via com tanta facilidade. Então sejam eles inimigos. Ela encontraria uma maneira de destruí-lo, independentemente.

— Sim.

A cauda da Fera parou. Os olhos chatos se suavizaram, seu rosto subitamente tão humano que Yeva sabia que ele havia mudado, que não era truque da luz ou de seus próprios olhos. Ele parecia dividido entre duas naturezas em guerra e o que o governasse a qualquer momento, esse aspecto assumia o controle.

Agora mesmo, seu rosto, sua expressão, estava tão cheio de angústia que a fúria de Yeva desapareceu e seu coração doeu tanto que ela mordeu o lábio.

— Nós o matamos. — Disse a Fera depois de uma eternidade, e seu rosto se fechou novamente quando ele olhou para a porta. Quando ele olhou para trás, ele era a Fera mais uma vez. — E talvez um dia baixemos a guarda. Então você conseguirá o que mais deseja.

Ele se virou e se foi.

Yeva lutou contra o instinto de limpar a água gelada do rosto. Ela queria segurar o frio, queria se lembrar de que não podia, não estaria confortável aqui.

Ela era uma prisioneira neste castelo decadente, ligada à coisa que havia destruído a pessoa que ela mais amava em toda essa existência.

Mas algo, uma dor que Yeva não nomearia se agitou profundamente em seu coração. Com essas palavras, a Fera renovou sua dedicação à vingança, reforçou sua determinação de permanecer aqui. Mesmo que ele dissesse que ela poderia libertar-se amanhã, ela ficaria, esperaria e encontraria um caminho. Com essas palavras, ele garantiu que ela não tentaria deixá-lo. Era algo humano dizer a uma pessoa o que ela queria ouvir. Coisa humana de manipular e ocultar a verdade para servir aos próprios fins. Uma coisa humana a mentir.

E no momento em que ele admitiu ter matado o pai dela, ele parecia muito humano.



Embora o céu estivesse limpo e ensolarado, o ar estava terrivelmente frio e Yeva deu um ritmo acelerado para manter o sangue bombeando. Olhos-de-Corça trotava nos calcanhares, sua perna tão melhorada que ela poderia acompanhar Yeva o dia inteiro, se necessário. O arco de seu pai na mão, sua bolsa cheia de seus próprios equipamentos, Yeva se sentiu mais em casa, mais verdadeiramente livre, do que se lembrava de ter sentido. Mesmo sem as ameaças da Fera contra sua família, ela retornaria ao castelo dele por opção. A vingança, não o medo, a traria de volta. E se tudo desse certo, ela retornaria armada com o conhecimento das fraquezas da Fera.

Ela podia ouvir a música agora, um fio constante que permanecia no fundo de sua mente, a menos que ela chamasse sua atenção. Não era diferente da maneira como ela sempre ouvira a floresta antes, seus pequenos ruídos e brisas se entrelaçando automaticamente para pintar uma imagem além do que ela podia ver. A deixou nervosa, a facilidade com que a música se tornou parte dessa imagem. Ela afastou esses pensamentos e se concentrou, virando a cabeça para um lado e para o outro para localizar os diferentes fios da magia, como trilhas de

perfume. Ela girou em direção ao mais próximo, dando a Olhos-de-Corça um assobio agudo para ficar perto, e partiu.

Yeva aprendera com suas excursões com a Fera que as criaturas nessa floresta raramente eram más e nem eram boas. Eles simplesmente eram, do jeito que os animais eram. Os espíritos que desencaminham os viajantes também poderiam ajudá-los a encontrar a estrada novamente. Aves que alertam para os perigos à frente também podem gritar e trair a presença de uma pessoa para os animais à espera.

Este era um mundo governado pelo equilíbrio. As más ações geram más consequências. Bênçãos usadas para propósitos ruins poderiam rapidamente se tornar maldições. Embora Yeva seguisse com cuidado e soubesse que qualquer informação que procurava exigiria algum tipo de pagamento, ela tinha certeza de que, mesmo nesse reino, só poderia ser recompensada por tentar destruir a Fera.

Ela estava várias horas fora do castelo, sobre a cordilheira e para o vale além dela, quando um movimento chamou sua atenção e a fez parar. Ela colocou a mão na cabeça da Olhos-de-Corça, sinalizando silenciosamente para ela ficar quieta.

Logo à frente, principalmente escondido pelas árvores, havia um rosto. Um velho estava olhando para ela, tão quieto quanto o mundo nevado ao seu redor. Sua pele era forrada e sulcada como casca, os cabelos longos e tingidos de verde como musgo, os olhos azuis pálidos de uma piscina gelada. Ela nunca o tinha visto antes.

Ela respirou e avançou um passo, mas no instante em que seu peso mudou, o rosto desapareceu atrás da árvore novamente.

— Espere! — Ela chamou, correndo, os olhos procurando por uma forma correndo pela floresta. Mas quando ela alcançou a árvore atrás da qual o homem estava parado, ela encontrou uma raposa ali, sentada calmamente na neve e olhando para ela.

Yeva, sem fôlego, olhou para ele, e olhou de volta. Ao seu lado, Olhos-de-Corça cheirava com interesse - mas não ficou rígida como teria feito se uma

raposa comum aparecesse em seu caminho.

— Sim? — Disse a raposa.

Yeva uivou e não pôde deixar de dar um passo para trás, levantando o arco. Ela prendeu a respiração, notando que a raposa tinha os mesmos olhos azul-claros que o homem. Ela engoliu em seco.

— O que você é?

— Eu sou Borovoi.

Yeva mudou seu aperto no arco, forçando-se a relaxar para que a raposa — ou o velho, ou o que ele fosse — sentisse seu nervosismo.

— Esse é o seu nome ou o que você é?

A cabeça da raposa inclinou para o lado.

— Eu sou Borovoi. Que desperdício de uma pergunta. Você só tem mais uma.

A boca de Yeva se abriu para protestar mas ela se deteve antes que pudesse falar. Nos contos de seu pai, o número três sempre foi importante. Três filhos, três desejos. Este mundo era governado pelas leis dessas histórias. Ela respirou fundo, escolhendo suas palavras com cuidado, e perguntou:

— Você pode me mostrar como destruir a Fera?

A raposa parou por um longo momento. Então seus lábios recuaram em um sorriso largo e cheio de dentes, e ele girou com um lampejo de rabo vermelho e disparou para a floresta. Yeva correu sem pensar, empurrando o arco no ombro e correndo o mais rápido que pôde. Ela não podia ver rastros, mas a raposa estava sempre à sua frente, visível como um lampejo de pelo vermelho contra a lona branca de neve. Ela correu até tropeçar em um bosque denso, que emaranhou em suas pernas; seu impulso tentou mantê-la em movimento e ela caiu nos galhos secos e sem folhas.

Ofegando, ela se arrastou para a frente, se desembaraçando da melhor maneira possível, ignorando os arranhões no rosto e os galhos arranhando os cabelos. Quando ela finalmente se libertou, se viu em uma clareira coberta de neve e a raposa Borovoi não estava à vista.

Yeva ficou ofegante, tentando recuperar o fôlego quando Olhos-de-Corça veio se contorcendo através do mato atrás dela. Língua pendendo, boca aberta, Olhos-de-Corça olhou para sua ama como se dissesse: Que divertido! Novamente! Ainda sem fôlego, Yeva caiu agachada. Ela esfregou as orelhas da Olhos-de-Corça enquanto examinava a clareira.

Tinha que haver uma pista aqui, alguma importância para este lugar. Embora os trapaceiros estivessem por toda parte nos contos de fadas, eles raramente mentiam. Qualquer infortúnio era sempre culpa do herói ou heroína, entendendo mal o que realmente estava sendo dito. Então Yeva duvidou que encontrasse alguma arma enterrada sob a neve que pudesse matar a Fera, mas sabia que alguma parte da resposta devia estar aqui.

Ela partiu pela clareira, passos cautelosos, olhos cautelosos. Não foi até que ela estava quase na metade do caminho que ela notou uma extensão plana que era mais baixa que o resto e, principalmente, sem neve.

Quando ela se aproximou, descobriu que era uma lagoa, uma nascente da floresta que havia congelado no frio. Yeva andou a meio caminho, espiando o gelo, que mostrava pouca água negra debaixo dela. Ordenando que Olhos-de-Corça permanecesse parada, Yeva cuidadosamente esticou um pé para testar a superfície do gelo. Ele deu apenas o menor gemido em resposta quando ela passou mais do seu peso para o pé.

Ela estava prestes a dar outro passo quando um flash de ouro sob o gelo a fez parar. Com o coração batendo forte, ela olhou para as profundezas negras, esperando outro vislumbre. Chegou novamente, uma varredura de ouro fogo e, de repente, estava lá.

O Pássaro de Fogo.

Yeva ofegou e se jogou de joelhos para encarar o gelo. O Pássaro de Fogo estava preso ali, suas asas douradas estendidas, batendo futilmente contra a superfície do gelo. Com um grito, Yeva tirou a faca de trinchar da bota e lascou o gelo. Ela esqueceu Borovoi, esqueceu sua razão de vir sozinha para a floresta, esqueceu até a própria Fera. Ela podia ver apenas o Pássaro de Fogo, ouvir

apenas seus gritos abafados, cada um sendo como uma facada em seu coração.

Durante toda a sua vida, ela ansiava pelo menor vislumbre dessa criatura. Ela não deixaria isso se afogar. Ela o libertaria, pegaria por si mesma, sentiria o calor de suas asas ardentes em seu rosto. Ela esfaqueou o gelo repetidamente, sentindo-o estremecer embaixo dela. Cada gemido do gelo a fazia trabalhar mais, mais rápido. Os latidos frenéticos de Olhos-de-Corça na beira da lagoa desapareceram para um zumbido distante em seus ouvidos. Tudo o que ela ouviu, tudo o que era, era a música do Pássaro de fogo.

O pássaro deu um estalo poderoso e um borrifo de água cobriu o rosto de Yeva. Ela se moveu para poder descer no buraco com a bota, colocando toda a força que tinha por trás dele e então o gelo inteiro cedeu com um rugido.

Yeva estava na água antes que ela soubesse o que estava acontecendo, o ar saía de seus pulmões e voltava em um enorme suspiro antes de sua cabeça afundar. Por um longo instante, ela não sentiu nada — nem frio, nem umidade, nem medo na escuridão repentina — apenas a necessidade do Pássaro de Dogo. O desejo de tocá-lo uma única vez, mesmo que voasse para longe e ela nunca mais o visse. Ela se virou, a alegria inundando seu coração enquanto esperava ver finalmente o Pássaro de Fogo, inteiro e à sua frente, não obscurecido e embaçado pelo gelo. Em vez disso, um rosto podre apareceu na escuridão, braços ossudos a puxando para perto. Uma vez fora uma mulher, seus cabelos longos ainda grudaos no que restava de seu couro cabeludo e a carne de suas bochechas estavam funda e apodrecidas. Yeva podia ver seus dentes de perfil enquanto a coisa se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Fique comigo. — A mulher morta suspirou, segurando Yeva com força não natural. Estavam afundando na escuridão, muito mais fundo do que uma piscina de campo deveria estar. O cabelo da coisa enrolava em volta de Yeva, envolvendo seu pescoço, deslizando ao longo de sua pele sob as roupas.

Yeva tentou gritar, mas tudo o que veio foi uma torrente de bolhas. O feitiço quebrou, seu desejo pelo Pássaro de Fogo se foi, o corpo de Yeva lutou pela sobrevivência. Seus pulmões estavam queimando mesmo antes de ela

desperdiçar ar tentando gritar e ela lutou para soltar um dos braços do aperto da coisa. Quando ela atingiu a água fria, seus músculos haviam apreendido e ainda estava na mão a faca que ela estava usando para lascar o gelo. A mente de Yeva parecia lenta e a cada segundo que afundavam, ficava mais difícil pensar.

Ela levantou a cabeça e viu o brilho distante do sol pálido do inverno, e com um esforço doloroso que dirigiu outra inundação de bolhas de seus pulmões, ela soltou o braço do alcance da coisa morta. Ela esfaqueou a faca o mais forte que pôde, enfiando-a no ombro da coisa até que ela roçou no osso. Uivou, um grito tanto de tristeza e desespero quanto de dor, mas seu aperto apenas aumentou. Yeva esfaqueou novamente, sua visão ficando embaçada, e novamente e novamente. Finalmente a faca triturou o crânio da coisa e abruptamente, seus braços caíram. Yeva tentou nadar para cima, seu próprio corpo mal respondendo aos comandos de sua mente. Quando olhou para baixo, tudo o que viu foi uma forma pálida fantasmagórica afundando lentamente, silenciosamente, nas profundezas negras.

Ela subiu, o brilho da luz acima dela parecia mais distante a cada golpe. Mas, eventualmente seus braços se lembraram de nadar e quando seus pulmões se preparavam para respirar água, caso ela não conseguisse encontrar ar, ela quebrou a superfície com um borbulhar.

A lagoa em si era pequena e embora o gelo fosse muito fino para ela subir em cima dele, ela poderia caminhar até a beira, o gelo se quebrando ao seu redor. Ela caiu na neve, tonta e tremendo, soluçando por ar. Os rugidos em seus ouvidos começaram a desaparecer, substituídos pelos latidos frenéticos de Olhos-de-Corça. Yeva abriu os cílios cobertos de gelo para encontrar sua cadela dançando acima e ao redor dela, cutucando-a por todos os lados. Ela nem sentiu quando Olhos-de-Corça começou a lamber a água das mãos.

Tudo o que ela queria era ficar ali deitada na neve, respirar e encarar o céu, que estava ficando cinza com as nuvens. Alguma parte distante de sua mente sabia, porém, que isso estava errado. Ela deveria se mover ou morrer de frio. Com um gemido, ela rolou para o lado e puxou os joelhos para perto do corpo,

depois tirou a bolsa dos ombros. A maioria de seus suprimentos estava úmida, incluindo sua pederneira para iniciar um fogo, mas ela não tinha lenha ou gravetos, e não era isso que ela estava procurando. Ela mantinha seu cobertor de dormir no fundo da bolsa, e o couro da bolsa e as camadas de suprimentos a protegiam um pouco. Estava úmido, mas muito mais seco do que qualquer outra coisa.

Ela tirou as camadas externas ensopadas de suas roupas, movendo-se tão rapidamente quanto seus dedos entorpecidos e trêmulos permitiam. Seu tremor começou a diminuir, mas, em vez de facilitar o movimento, parecia cada vez mais difícil se mover. Ela sabia que isso era ruim — que tudo isso era ruim — que ela morreria de exposição. Ela se perguntava o que aconteceria com sua família, se a Fera os mataria por seu fracasso ou se eles simplesmente continuariam vivendo naquela cabana para sempre. Ela imaginou Lena aprendendo a caçar e depois se viu rindo com o pensamento de sua irmã primitiva tentando recuperar uma flecha de um cervo. Foi um latido agudo de Olhos-de-Corça no ouvido que a trouxe de volta a si mesma, arrancando seus pensamentos de casa com um esforço. Uma onda de medo que ela estava perdendo sua capacidade de pensar tirou-lhe o resto do caminho da capa e das roupas até que ela estivesse apenas em seu uniforme de lã, pois mesmo molhada a lã a ajudaria um pouco. Então ela tentou chamar Olhos-de-Corça, sua voz embargada e sussurrada. A cadela aproximou seu corpo e Yeva se envolveu ao redor dela e o cobertor ao redor das duas, e tentou pensar.

Seu pavio estava encharcado, mas se ela conseguisse chegar à floresta, talvez o matagal em que caíra a caminho da clareira tivesse madeira seca o suficiente para provocar faíscas. Se conseguisse pôr as mãos em funcionamento, poderia raspar os cachos com a faca. Se ela tivesse uma lanterna, poderia aquecer um pouco de água para beber. Ela deveria pedir ao amigo invisível que lhe trouxesse uma lanterna, que destrancasse suas algemas e a deixasse sair da cela fria e entrar na sala com o divã azul e a lareira. Ela se enrolou com mais força ao redor do corpo quente ao lado do dela e murmurou:

— Asenka, seus dedos estão tão frios.

Os latidos de Olhos-de-Corça a despertaram e ela gemeu:

— Quieta, ainda não está amanhecendo! — Mas havia luz contra suas pálpebras e uma sombra se movendo sobre elas. Ela tentou abrir os olhos, mas suas pálpebras não escutavam. Ela tentou levantar uma mão para forçá-las a abrir, mas não sabia dizer se o braço dela estava se movendo.

— Onde está meu braço? Eu preciso disso para atirar.

— Silêncio! — Disse uma voz em seu ouvido, tensa e profunda. Não era a voz do pai dela. Mas familiar de alguma forma. Quente como veludo. — Vou carregá-la nas minhas costas. Mas você deve esperar ou vai cair.

— Não sou criança! — Protestou Yeva. A voz a ignorou e ela esperava sentir um par de braços levantando-a. Em vez disso, algo apertou seu ombro, uma pressão firme, e a arrastou para trás e a meio caminho para uma ladeira suave.

— Suba. — A voz ordenou.

Yeva agarrou automaticamente, os dedos se fechando ao redor de punhados de pelo. Seus músculos pareciam fracos por algum motivo, enquanto ela se arrastava para cima, uma tarefa que deveria ter sido fácil. A coisa macia abaixo dela se moveu, cambaleando para o lado e quase a derrubando. Então subiu, fazendo seu estômago revirar.

— Espere. — Desta vez, a voz veio de baixo dela, retumbando contra seu peito e bochecha como o ronronar de um gato doméstico, ou a agitação de trovões distantes. A coisa começou a se mover devagar no começo, depois mais e mais rápido até que Yeva pressionou o rosto contra o pelo apimentado para que o vento não arranhasse suas bochechas.

Quando a consciência de Yeva desapareceu, ela ouviu a voz novamente, murmurando: *Espere.*

Fera

Nós não temos medo. Nós nunca temos medo. Faz séculos desde que conhecemos o medo, mais ainda desde que havia algum ser, animal ou homem, forte o suficiente para nos prejudicar.

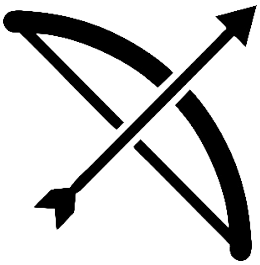
E, no entanto, nosso coração bate como um trovão em nossos ouvidos, ecoando como uma voz gritando para nós corrermos mais, mover-nos mais rápido. Nossas patas parecem desajeitadas e na metade do tempo, afundamos na neve que aprendemos há muito tempo a atravessar sem deixar vestígios. Embora sempre saibamos exatamente a que distância estamos do castelo, ele se sente duas vezes, três vezes mais do que deveria.

O corpo contra nossas costas está frio. Ela não está mais se mexendo. Só que ela não caiu, suas mãos ainda segurando nosso pelo, nos diz que ela ainda está viva.

Espere, Bela.

Aguente.

Capitulo Quinze



Yeva acordou porque sua pele estava pegando fogo. Sua voz estava embargada e ela descobriu que mal podia se mover e que quando o fazia seu corpo queimar ainda mais.

— Vá devagar. — Disse uma voz baixa. Ela conhecia aquela voz. A Fera.

Ela abriu os olhos para encontrá-lo agachado a vários passos dela, os olhos dele se estreitaram em seu rosto. A ponta do rabo dele se contraiu quando ela encontrou o olhar dele, depois se contraiu como se ele quisesse esconder aquela pequena sugestão de reação.

Yeva estava deitada no chão diante da lareira em seu quarto, em cima de várias camadas de cobertores, cuja parte superior era de lã macia. E, no entanto, arranhava sua pele como estopa. Alguns detalhes surgiram lentamente em sua mente e não foi até ela desviar o olhar da Fera que ela percebeu o que era.

Ela estava nua.

Yeva deu um grito baixo e horrorizado e pegou os cobertores para juntá-los ao redor do corpo. Seus dedos estavam desajeitados e inchados, mas ela os forçou a agarrar os cobertores.

Os olhos da Fera se estreitaram ainda mais, os lábios se curvando para trás. Yeva não sabia dizer se ele estava rosnando ou sorrindo.

— Você está melhorado. — Disse ele.

— Você me despiu? — Yeva exigiu, começando a tremer. O fogo na lareira a estava aquecendo muito mais do que os cobertores ao redor dela estavam fazendo agora.

— Se eu não tivesse, você provavelmente teria morrido. — O rabo da Fera

chicoteou uma vez. — Você preferiria a morte a preservar sua modéstia?

Fragmentos de memória estavam voltando agora: o frio chocante da água gelada; a inundação de terror quando ela se virou para encontrar não o Pássaro de Fogo, mas um espectro assombrado diante de seus olhos, o cheiro do pelo da Fera enquanto ele a carregava em suas costas. Ela engoliu em seco, lembrando a queimação nos pulmões quando começou a se afogar. Olhos-de-Corça estava ao seu lado e se aproximou. Yeva abriu o cobertor o suficiente para que a cadela se arrastasse ao seu lado, emitindo calor como uma fornalha.

Quando Yeva não respondeu a Fera deu um grunhido baixo e sentou-se, recostando-se nas ancas para que mais uma vez pairasse sobre Yeva, de bruços no chão.

— O que isso importa? Eu sou um animal diferente do cão de caça ao seu lado.

Yeva apertou a mandíbula por um momento, juntando Olhos-de-Corça contra seu corpo e depois encarando a Fera.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. — Ela retrucou.

Os pelos da Fera ergueram-se ao longo de sua espinha, uma crista de irritação que Yeva passou a reconhecer tão claramente quanto o sulco na testa de um homem ou o afinamento dos lábios. Ele virou-se para a porta.

— Espere. — Yeva ficou sem fôlego quando a Fera parou. Ela sabia que deveria agradecer a ele por salvá-la, mas as palavras ficaram presas na garganta. Para agradecer ao assassino de seu pai? O raptor dela? Ele só a salvou por causa de sua necessidade de um caçador e ainda assim ela sentiu a urgência no passo da Fera enquanto ele corria, a irregularidade de sua respiração quando ele se esforçou mais e mais rápido, para levá-la de volta ao abrigo. Para o castelo.

Obrigada.

Mas quando Yeva abriu a boca novamente, ela disse apenas:

— O que foi aquilo? A coisa naquela lagoa?

A Fera voltou-se, olhando-a antes de se acomodar novamente.

— A lagoa pertence a uma das Rusalka, uma garota morta há muito tempo

por um amante, pai ou irmão. Ela parece aos homens o desejo de seu coração, para atraí-los para a morte.

Não apenas homens, Yeva pensou amargamente.

— E o que dizer de Borovoi?

— Borovoi? — As sobrancelhas da Fera ergueram-se com uma expressão tão surpresa que quase fez Yeva esquecer os dentes, os olhos como os de um lobo, as orelhas que a picaram quando ela falou. — Você o conheceu? Ele raramente se mostra.

— Ele me levou para a lagoa dos Rusalka.

— Borovoi é um dos espíritos da floresta. Ele concede respostas, embora as respostas que ele dá muitas vezes desviem os viajantes. O que você perguntou?

Os lábios de Yeva pressionados juntos. Ela perguntou a ele como destruir a Fera, mas se ela tinha alguma esperança de convencer a Fera a baixar sua guarda, ela certamente não poderia lhe dizer isso.

—Eu... Não me lembro.

A Fera ficou em silêncio por um tempo, tempo suficiente para que Yeva se perguntasse se ele poderia saber que ela estava escondendo a verdade. Mas então ele inclinou a cabeça e deu um passo para trás.

— Eu vou deixar você se recuperar. Você não terá que treinar amanhã.

Yeva, ainda tremendo apesar do calor trêmulo de Olhos-de-Corça, observou como a Fera caminhou suavemente em direção à porta, o rabo varrendo suavemente atrás dele. Ela perguntou aos esquisitos como destruir a Fera e isso a levou a um lugar que se não fosse a Fera, teria sido sua morte. Ela sabia que a Fera precisava de suas habilidades como caçadora, que ele esperava que ela tivesse algum papel em quebrar sua maldição. Mas a morte dela dificilmente o destruiria, apenas atrasaria sua liberdade até que ele encontrasse outro caçador para usar.

A Fera parou na porta por alguns segundos antes de olhar por cima do ombro.

— O que você viu? — Ele perguntou calmamente. — Na lagoa dos Rusalka. Qual era o desejo do seu coração?

O pulso de Yeva soou rápido e alto em seus ouvidos. Ela ainda podia ver o Pássaro de Fogo lá, suas grandes asas de ouro varrendo o gelo, chamando por ela.

— Eu… Eu vi minha família. — A mentira veio tão hesitante, ela teve certeza de que a Fera a veria.

Mas ele apenas inclinou a cabeça uma vez, os olhos caindo no chão antes de desaparecer, deixando-a sozinha.

Yeva se aproximou da lareira, certificando-se de que a Fera se foi antes de abrir os cobertores para deixar o fogo aquecê-la. Ela não deveria ter mentido. Ela deveria ter visto sua família, ou Solmir, ou seu pai vivo novamente. Deveria ter visto o lar, sua antiga vida, o conforto de um mundo sem monstros, maldições e Feras. Mas, em vez disso, ela viu a única coisa que mais simbolizava o mundo que sonhava quando criança.

Em vez disso, ela viu mágica.

Como se a Fera pudesse de alguma forma controlar o clima, assim que Yeva se recuperou o suficiente para se aventurar do lado de fora novamente, a calada do inverno bateu como um punho de ferro e não era mais seguro para Yeva enfrentar a floresta. A nevasca uivou através do castelo, forçando-a a fechar as portas e se aconchegar com Olhos-de-Corça perto do fogo. Ela meio que esperava encontrar a Fera esperando atrás dela, como ele fazia na floresta quando ela caçava, mas ele nunca veio. Ela voltou uma vez da cozinha para descobrir que camadas de tapeçaria haviam sido fixadas sobre os altos caixilhos das janelas, que deixavam entrar o frio. Ela não conseguia pensar em como a Fera poderia alcançá-los, e por um instante a imagem dele tentando subir uma escada com quatro patas e um rabo a fez querer rir. Mas o quarto dela estava muito mais quente e ela adormecia nos tapetes antes do fogo olhando para as tapeçarias altas e imaginando que histórias estavam escondidas sob os séculos de desbotamento e poeira.

Ela viu muito pouco dele durante aquelas semanas sombrias. Por um tempo, o único sinal de que ele estava lá foi uma ocasional despensa de jogos. De vez em quando ela via um flash de olhos vermelho-dourado desaparecendo nas sombras enquanto explorava o castelo ou um vislumbre de uma cauda desaparecendo na esquina, mas ele nunca ficava ou a procurava.

Olhos-de-Corça era sua companheira constante, seguindo-a por toda parte. Mesmo que a cadela estivesse dormindo, rolando de costas em frente ao fogo. Se Yeva se levantasse a ponto de visitar as latrinas, Olhos-de-Corça acordava, se levantava e trotava ao lado de Yeva. Sua perna tinha se curado quase tão bem quanto a nova, apenas um leve coxo deixado para trás quando Yeva não conseguiu manter o fogo quente o suficiente e o frio entrou. Yeva estava feliz por Olhos-de-Corça a encontrar tão milagrosamente na floresta naquele dia, salvando ela da dor da solidão.

E, no entanto, apesar do corpo quente de seu cão encostar-se a ela enquanto dormia, algo vibrou profundamente em sua psique, um descontentamento que Yeva não podia e nem quis nomear. Ela observava as janelas enquanto vagava pelo castelo vazio, a paisagem às vezes obscurecida por tempestades, às vezes uma quietude branca e cristalina. Uma vez que ela viu a silhueta de uma ave de rapina distante circulando a madeira e então a viu girar, e o lampejo de uma cauda longa e bifurcada a deixou sem fôlego. *Ela é um dragão*, a Fera havia dito a ela após seu breve encontro com Lamya na floresta. Agora, quando Yeva piscou e a silhueta mergulhou depois de algumas presas invisíveis atrás da próxima cadeia, ela não podia ter certeza do que tinha visto. Presa dentro de casa, cercada por neve e vazio, seus olhos podiam facilmente brincar com ela.

Sinto falta do ar livre, ela disse a si mesma, virando as costas para a janela. *Sinto falta de caçar. Eu sinto falta da minha família.*

Só ocasionalmente, quando ela se demorava demais na sensação de estar inquieta, incompleta, ela se lembrava: *Ele matou meu pai. Ele é um assassino. Ele é uma Fera.*

Não sinto falta da companhia dele.

O próprio castelo era um mistério suficiente para manter a mente de Yeva ocupada durante as longas e escuras semanas de inverno, enquanto esperava sua chance de vagar novamente. Com Olhos-de-Corça ao seu lado, ela começou a explorar à luz das lanternas os intermináveis corredores e salas. Alguns, especialmente no último andar, estavam tão em mau estado que o telhado cedeu. Nesses lugares, tudo era neve e escombros e era impossível dizer para que eram usados. Outros estavam quase inteiramente intactos e, exceto pelos séculos de poeira e teias de aranha, só poderiam ter sido abandonados a não muito tempo.

Pela aparência da neve recém-caída do lado de fora das portas do castelo todas as manhãs, ela podia dizer que a Fera não passava as noites no covil embaixo do castelo. Yeva supôs que ele poderia estar escondendo seus rastros, mas ele nunca havia feito isso antes a caminho da caverna, então ela não conseguia pensar por que ele o faria agora. Ela presumiu que ele devia estar morando no castelo, mas a sala abaixo da longa escada em espiral onde ela ficava e contava suas histórias estava vazia e a lareira fria.

Ela disse a si mesma que estava procurando por seu novo covil para poder ficar de olho nele, monitorá-lo e talvez até pegá-lo de surpresa enquanto ele dormia. Mas quando ela virava cada esquina, atravessava cada porta, era a curiosidade que a levava. E embora fosse uma chama mais suave do que a fúria, queimava muito mais devagar e nunca se apagava.

Yeva sabia que a Fera era amaldiçoada de alguma forma, e que a resposta para sua maldição envolvia capturar ou matar alguma criatura que vivia no mundo mágico da floresta. Embora ela tenha imaginado que ele já foi humano, às vezes sua certeza vacilava. A ferocidade em seu olhar quando ele arrastava para casa o jantar do dia, o olhar estranho de seus olhos enquanto ele examinava a natureza, os momentos de abandono absoluto quando ele corria pelas árvores.

Talvez ele já tenha sido um animal, amaldiçoado agora com traços humanos. Qualquer um dos estados deveria ser um tormento. Para um animal ser assombrado pela consciência humana, a culpa humana, a solidão humana, o

medo e o desejo seriam enlouquecedores. E para um homem ter sua humanidade arrancada pelo ataque interminável de instintos animais e impulsos predatórios, seria de partir o coração.

O mistério do castelo era o mistério da Fera, e ela vagou dias a fio com as unhas das patas de Olhos-de-Corça clicando no mármore rachado a seus pés.

Embora não fosse nem de longe tão grande quanto os castelos retratados em histórias iluminadas e tapeçarias fantásticas, Yeva continuava descobrindo novos aposentos que de alguma forma havia perdido em suas andanças anteriores.

Encontrou os restos de uma antiga oficina, cheia de carretéis de linha desbotada e um tear e uma roda giratória envoltos em teias de aranha. Um único fio cinza ainda corria da borda da roda através do eixo, mas quando Yeva estendeu a mão para passar o dedo por ela, ela se desfez em pó ao seu toque.

Ela encontrou um vasto conjunto de quartos claramente destinados ao mestre e a ama do castelo, com uma cama tão grande que ela poderia se deitar de um lado para o outro e não alcançar as bordas, mesmo que ela esticasse as pontas dos dedos sobre a cabeça. As câmaras de banho seguravam uma banheira afundada no chão de mármore e um buraco na qual despejavam carvão para manter a água quente por horas a fio. Yeva nunca teve tanto luxo. Mesmo no auge da riqueza de seu pai, ela e suas irmãs decidiam com palitos sobre quem pegaria a banheira primeiro e conseguiria a água quente e fresca para si mesma. Yeva quase nunca puxou o canudo mais longo e muitas vezes estremeceu em seu banho. Sem criados para tirar água, levaria horas, senão dias, para trazer água suficiente para encher esta banheira. Mas o pensamento fez Yeva sorrir. Ela estava tomando banho com panos e baldes de água, e a ideia de submergir no calor, de estar totalmente, totalmente e totalmente limpa... Ela suspirou e seguiu em frente.

Foi na terceira ou quarta vistoria do castelo que ela tropeçou na biblioteca.

Ela parou e levantou a lanterna para iluminar todos os cantos sombrios. Yeva e suas irmãs sabiam ler e embora Asenka fosse certamente a mais instruída

das três irmãs, Yeva sempre adorava ler. A maioria dos livros de seu pai era de textos acadêmicos, mas um deles continha algumas das histórias antigas que ele havia contado quando ela era criança e embora ela pudesse ler as palavras, havia uma mágica em falar em voz alta com ela. Para que pudesse fechar os olhos e simplesmente ouvir e tecer imagens em sua mente à medida que as histórias se desenrolava.

Seu pai possuía mais de uma dúzia de livros, a maioria de todos na cidade, incluindo o próprio barão. E enquanto Yeva examinava as paredes, cada uma cheia de prateleiras e cada uma cheia de livros encadernados em couro, pelo menos uma centena de livros, mais do que ela sabia que existia em um só lugar, ela sentiu que seu coração poderia simplesmente explodir.

O lugar em si estava úmido e frio. Era uma sala interior sem janelas externas, mas vazamentos no teto haviam permitido que a umidade pingasse no chão, e o nariz de Yeva se encheu com o cheiro de podridão e mofo. Mas mesmo isso não conseguiu ofuscar o brilho da excitação quando ela correu pela sala para pousar a lanterna em uma das mesas finais, a fim de estender a mão e puxar um dos livros da estante.

A coluna dele se desfez ao seu toque, e ela levantou a tampa cuidadosamente. Ele se partiu em suas mãos e a página abaixo estava tão manchada de podridão que ela não conseguiu entender nada do texto. Ela colocou de lado e pegou outro, e outro. Mas cada um tinha sido tão contaminado pela idade e pela umidade que era ilegível. Yeva estava tão despreparada para a onda de angústia e com o pensamento do conhecimento perdido nesta sala que se sentou no chão com força, ofegando por ar. Olhos-de-Corça pressionaram-se contra ela, embora ela não soubesse o porquê, sabia que sua ama estava chateada e deu uma lambida experimental no ouvido.

— Você está infeliz. — A voz sombria veio de trás dela, mas Yeva se acostumou tanto às aparências abruptas da Fera que sentiu apenas um lampejo de surpresa.

Ela se virou para vê-lo enchendo a porta, uma grande sombra com olhos

brilhantes. Ela limpou o rosto e limpou a garganta.

— Eu esperava poder ler isso. — Disse ela calmamente. — Eu adorava ouvir meu pai… — Sua voz ficou presa e enquanto ela olhava de volta para a Fera, um brilho surdo desse desespero raivoso se levantou. Ela nunca mais ouviria o pai ler para ela.

A Fera deixou o silêncio se esticar, o único som que a pata roçou na pedra enquanto ele trocava o peso de um pé para o outro.

— Venha. — Disse ele, e sem esperar que ela respondesse, virou-se e desapareceu da porta.

Yeva considerou ignorar a ordem por despeito, mas começou a sentir diferenças na voz da Fera. Às vezes, suas ordens eram pesadas e afiadas e projetadas para fazê-la se sentir pequena e desamparada. Mas em outros momentos, como este, havia um apelo evidente no tom e embora ele nunca tenha dito ‘por favor’ ou ‘você vai’ ou ‘posso sugerir’, havia ainda espaço em sua voz para ela recusar.

Então ela se levantou, uma mão nas costas de Olhos-de-Corça para se firmar e seguiu a Fera pelo corredor.

Ele a levou para o outro lado do castelo, andando em silêncio. A lanterna de Yeva não lançou sua luz o suficiente para iluminar seu caminho, mas a escuridão não pareceu incomodá-lo. Ele nunca errava ou hesitava ou batia em uma parede.

Ele entrou na suíte principal de câmaras, que não tinha outra saída até onde Yeva estava ciente. Mas, em vez de parar, ele atravessou em direção a uma das tapeçarias. Um instante antes de alcançá-lo, Yeva viu que era mais brilhante e limpa do que os outras, tendo coletado menos poeira e quando a Fera a levantou, ela percebeu o porquê. A porta secreta levava a outra escada, e quando Yeva transpôs sua imagem mental do castelo, vista da cordilheira acima do vale, pelos corredores que começara a aprender. Ela pensou que eles deviam estar subindo em uma das grossas torres redondas. A Fera subiu a escada à sua frente, sempre desaparecendo ao redor da curva da parede quando ela o vislumbrou, mas ela viu

o suficiente para descobrir que ele estava subindo a escada com duas pernas, não quatro, e seu coração começou a bater contra ela. Contra sua caixa torácica. Embora as articulações de suas pernas estivessem erradas, e seu rabo ainda o variasse e seu pelo ainda capturasse a luz da lanterna, vê-lo andando como um homem fez com que todas as perguntas dela surgissem novamente até que ela quase esqueceu a biblioteca perdida abaixo.

A escada levava a outra porta e desta vez a Fera parou. Ele caiu de quatro quando Yeva se aproximou e fez uma pausa. Os olhos dele se voltaram para ela, e ela viu indecisão escrita ali, reconheceu sua hesitação tão claramente quanto ela faria no rosto de uma irmã. Então ele se sacudiu e estendeu a mão com uma pata na direção da trava.

Ela nunca tinha visto como ele controlava muitas das coisas que fazia, embora se tornasse óbvio que ninguém mais morava no castelo e que a Fera devia ter cozinhado sua comida enquanto ela estava na cela, acendido suas lanternas, trancando e destrancando suas correntes. Nenhuma fera com apenas patas e dentes poderia fazer essas coisas e Yeva teve que admitir o papel que a magia desempenhava em todos os aspectos da existência da Fera. Talvez ele apenas fizesse isso com um aceno de sua pata, da mesma maneira que ele simplesmente pisava no topo da neve como se fosse um solo sólido, ou desviava seu próprio perfume como uma torneira para se esconder da natureza.

Mas desta vez, enquanto ela observava, ele mudou. A pata dele parecia cintilar diante dos olhos dela, ondulando como ar quente escapando de uma porta em uma manhã gelada. Seus olhos doíam com a necessidade de desviar o olhar, mas ela se forçou a assistir ordenando-se a não perder dessa vez. Os dedos peludos se alongaram, as garras encurtaram, toda a articulação do punho se deslocou arrancando. Não era uma mão, nem uma pata, mas algo no meio. E tinha uma chave.

Ele destrancou a porta habilmente, e a chave desapareceu em algum lugar de sua pessoa. Quando ele colocou a mão de volta, era uma pata novamente, e ele olhou para ela como se nada de estranho tivesse acontecido.

— Venha. — Ele disse novamente, mais gentilmente desta vez.

Ela o seguiu até a sala.

A sala era redonda e tinha quatro janelas, bem fechadas contra o inverno lá fora. O teto acima era pontudo, sustentado por vigas de madeira que haviam sido reparadas e substituídas ao longo dos anos, cada uma manchando uma sombra ligeiramente diferente com o tempo. Como a que ficava embaixo do castelo, essa sala obviamente era habitada. Ao contrário daquela, no entanto, os móveis aqui não eram cobertos de pedras.

Poucos pedaços foram destruídos em todos os cômodos do castelo, ali eram de um tipo. Um divã baixo se estendia ao longo de uma parede abaixo de uma janela com venezianas, delimitada de cada lado por mesas iguais. Desigualdades e extremidades espalhavam suas superfícies: o crânio de um coelho pendurado com miçangas e penas; uma pequena caixa incrustada com madrepérola; uma pequena estatueta de pedra de um cavaleiro para uma criança poder brincar, desgastada pelo uso. Tapetes de felpa azul grossa cobriam o chão e a lareira do outro lado da sala brilhava com carvão fresco.

A Fera virou-se para um guarda-roupa que ficava perto do divã e afundou-se nas ancas para poder alcançar com as duas patas para abrir as portas do guarda-roupa. O ar voltou a brilhar, mas desta vez foi mais fácil observar quando ele se mexeu o suficiente para agarrar as maçanetas das portas. Ela esperava ver o que normalmente se encontra dentro de um guarda-roupa: capas, vestidos, sapatos, caixas de chapéu ou, supôs, túnicas e calças, se a decoração masculina falasse com o ocupante original da sala.

Em vez disso, o guarda-roupa estava cheio de livros.

Ao contrário dos da biblioteca abaixo, o couro desses era brilhante em cores, mostrando as cores originais, e seus títulos estavam estampados profundamente. Embora a folha de ouro e prata fosse usada por alguns deles, outros ela podia ler. Outros ainda foram escritos em idiomas que ela nunca tinha visto antes. Ela sentiu a respiração deixá-la, e antes que ela soubesse o que estava fazendo, ela foi ao lado da Fera para que ela pudesse levantar a lanterna mais alto e examinar a coleção. Havia talvez trinta ou quarenta deles — nada

perto do que estava na biblioteca arruinada — mas estes haviam sido cuidados, protegidos e preservados contra os anos. E apesar de mostrarem desgaste e cantos rachados, esfregados de tal forma que a cor havia desaparecido. Era o tipo de desgaste de uso, o desgaste que os livros de sua própria família havia mostrado antes de serem vendidos. Estes livros foram lidos muitas vezes. Esses livros foram amados.

A Fera se moveu ao seu lado, o pelo dele roçando seu braço e fazendo-a tremer. Ele estava quente, mais quente do que as brasas da lareira.

A mente de Yeva girou. As bordas que ela conseguia ler traziam os nomes dos contos dos velhos cavaleiros, a catalogação de criaturas mágicas, aventuras em terras distantes das quais nunca ouvira falar. Nenhum texto de estudiosos secos. Todos de histórias.

— Você. —Yeva ficou tão surpresa que achou difícil falar. — Você salvou estes?

Os olhos da Fera deslizaram do conteúdo do guarda-roupa para o rosto de Yeva, depois voltaram novamente.

— Alguém morava aqui. — Ele disse finalmente. — Foi ele quem os resgatou.

Yeva desviou os olhos dos livros para poder estudar o perfil da Fera. Quando ela olhou novamente para a sala, viu detalhes que não havia notado antes. O tapete felpudo que estava diante do fogo era mais desgastado que os outros, achatado e espessado com finos pelos cinza-claros, da mesma cor daqueles que cobriam o ventre da Fera. O interior da porta estava entalhado com arranhões, como o que poderia ser deixado por alguém com garras antes que ele se lembrasse de como usar uma trava.

— Você mora aqui! — Ela sussurrou, girando em um círculo lento enquanto seu olhar voava pela sala redonda da torre. — É aqui que você fica quando não está na caverna.

Os olhos da Fera caíram no chão.

— Sim.

— Mas... Por quê me mostra isso agora? Esses livros, as bugigangas… São

suas. Por quê escondeu isso de mim antes?

A Fera não respondeu. Ela não podia ver os olhos dele, pois a cabeça dele estava caída e o olhar fixo no chão. A Fera permaneceu em silêncio por um tempo, e se não fosse pela maneira como o peito dele subia e descia com velocidade cada vez maior, Yeva pensaria que ele a estava ignorando. Mas suas emoções estavam subindo, sua respiração acelerando e ela esperou.

— Você não se importaria. — Ele explodiu em um rosnado. — Não desejamos mudar sua opinião sobre nós. Você é a nossa arma. Nada mais. O fato de você ficar porque está esperando a chance de nos matar serve apenas para nossos fins, para mantê-la aqui para nossa tarefa.

Uma vez, Yeva teria se encolhido. Uma vez, aquele rosnado a faria tremer. Agora ela apenas o encarava, com mil perguntas girando em sua mente. Embora seus lábios continuassem tentando transformar as perguntas em palavras, havia muitas para ela resolver e ela só podia ficar ali, abrindo e fechando a boca.

A Fera olhou finalmente para ver sua expressão estupefata e os olhos humanos demais vacilaram por um instante, as sobrancelhas levantando da fúria para a dor. Então ele girou nos calcanhares e caminhou em direção à porta.

— Fera! — Yeva arrancou os pés do chão e correu para se jogar entre ele e a porta. — Espera!

A Fera parou, com a cabeça baixa, tão baixa que seu focinho quase roçou o tapete. Yeva conhecia a linguagem corporal de anos cuidando de Olhos-de-Corça e Pelei. Vergonha. Ele se arrependeu de sua explosão.

— Obrigada... Por me mostrar isso. — Disse Yeva.

A cabeça da Fera girou até que ele pudesse fixar os olhos nela e desta vez eles estavam redondos de surpresa. Yeva nunca o agradeceu por nada antes, desde que aprendeu a verdade do que ele era.

— Você — Sua voz se aprofundou. — Você pode vir aqui para ler quando quiser. Vou deixar a porta destrancada.

O coração de Yeva bateu forte quando a Fera partiu, suas patas sussurrando contra a pedra enquanto ele passava. Ela estava errada. Já havia

agradecido uma vez antes, quando ele trouxe um cervo para ela e a chamou de Bela.

Ela quis dizer isso então.

Ela quis dizer isso agora também. E isso, mais do que o temperamento da Fera, mais do que o rosnado de suas presas e o estalar de suas mandíbulas, a fizeram estremecer. A razão pela qual ele nunca havia lhe mostrado esse lugar antes era porque ele não tinha motivos para fazê-lo. Ela era sua prisioneira, mantida para seu propósito. E ele revelou este quarto agora, essa parte de si mesmo, simplesmente porque ela estava triste... Por que ele viu, na maneira como ela olhava para a biblioteca arruinada, o quanto uma sala assim significaria para ela.

Sua visão ficou turva e ela passou os olhos com raiva. Ela deveria jogar todos esses livros cuidados no fogo. Ela deveria esmagar todas as lembranças e memórias nesta sala. Ela deveria querer machucar a Fera de qualquer maneira que pudesse.

Ela se agachou no chão, enterrando o rosto nos braços. Ela não podia mais ficar aqui. Cada resposta que encontrou levou-a ainda mais a destruir essa criatura, esse assassino, essa coisa que matara seu pai. Ele foi o motivo pelo qual ela nunca mais ouviria o pai ler para ela. Ele era o verdadeiro filho, suas irmãs deveriam acreditar que ela estava morta. Ele era o motivo de tudo. Ela não podia deixar um lugar como esse mudar nada disso.

Olhos-de-Corça acariciou seu cotovelo até que ela levantou a cabeça, acariciando distraidamente atrás das orelhas de sua cadela. Os olhos dela caíram sobre a lareira, sobre o tapete diante dele e o revestimento de pelos finos do casaco da Fera. Ela ficou olhando por um longo tempo, tempo suficiente para seus pensamentos se acalmarem e seu pulso se acalmar. As peças demoravam a se conectar e ela sentiu deslizando no lugar com algo quase como pavor.

Por mostrar a ela este quarto, a Fera havia lhe dado exatamente o que ela estava tentando encontrar todos esses longos meses.

Ela sabia pela falta de faixas do lado de fora que ele não passava as noites

na cova escura abaixo da fundação. Mas agora ela sabia onde ele dormia no castelo, onde estava mais vulnerável.

Ela não era rápida o suficiente ou habilidosa o suficiente para matá-lo, não quando ele estava acordado e olhando para ela, alerta para todos os seus movimentos. Mas se ele estivesse dormindo.

Yeva se forçou a lembrar daquele momento na floresta, todas aquelas semanas e meses atrás, quando encontrou o corpo de seu pai. Ela se forçou a lembrar da onda de náusea quando percebeu que a Fera o havia matado, que o sangue respingado em torno daquela clareira era do pai dela. Ela fez sua mente inundar com imagens de sangue, vingança e ódio. Ela nunca mais ouviria o pai ler para ela, e a Fera a lembrou disso. Talvez ele se sentisse culpado, e isso foi o que motivou essas pequenas gentilezas, e houve uma parte de Yeva que a levou a pensar em usá-las contra ele. Mas ela era mais forte que a Fera, e era mais difícil, e poderia durar mais que a dele. Culpa sem ceder à sua própria simpatia pela situação dele. Ela deixou as agulhas a esfaquearem repetidamente, até sentir-se entorpecida pela picada.

Porque agora ela tinha os meios para fazer tudo certo. Ela poderia ir para casa, para suas irmãs, Albe e Solmir, embora não pudesse pensar neles, ainda não, até que tudo estivesse terminado. Não seria hoje à noite, nem amanhã, mas em breve.

Em breve ela poderia matar a Fera.

Fera

Vemos a maneira como ela olha para nós. Nós não somos cegos.

Ela odeia. Quando ela se esquece, o ódio se retira como as águas do rio no verão, mas as cicatrizes úmidas e arenosas que se estendem pelo vale revelam as águas subterrâneas ainda lá, ainda seguindo seu curso na floresta. E seu ódio ainda está lá, e suas cicatrizes marcam seu rosto toda vez que ela nos vê.

Ela não deve saber a verdade. Tudo o que precisamos é que ela fique e complete sua tarefa e se a sede de vingança for o que a manterá ao nosso lado, então teremos sede o suficiente para saber que ela ficará até que o tempo a roube da juventude e ela vá embora curvada e tremendo.

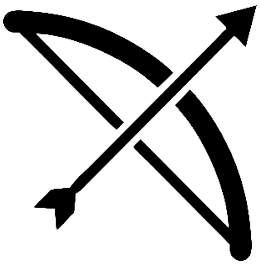
Gostaria apenas que ela me olhasse sem ódio.

Mas desejar é para homens. Querer é o que nos trouxe aqui. Desejo e ganância são traços humanos.

Nós somos a Fera.

E ainda... Eu gostaria.

Capitulo Dezesseis



Quando as tempestades acabaram, a Fera voltou a caçar com Yeva. Yeva esperava que o tempo mudasse, pois em seu calendário improvisado ela passara muitos meses aqui, e a primavera deveria ter começado a aparecer delicadamente nas margens da floresta. Mas o vale continuava coberto de neve, uma nova poeira caindo a cada poucos dias para apagar seus rastros e dar a eles uma nova tela para trabalhar.

Yeva começou a usar aquele vislumbre de magia que a Fera havia lhe mostrado, e lentamente ela se tornou melhor nisso. Logo ela poderia rastrear a Fera em léguas antes de perder seu rastro e a emoção de caçar presas que poderiam superá-la, ser mais espertos que ela, acelerou seus passos e aguçou o ar em seus pulmões. Ela dormiu mais profundamente do que em semanas enroscadas no castelo.

Às vezes, a Fera surgia do nada, logo depois que ela perdia o rastro, e demonstrava que ele estivera dois passos atrás dela na última meia hora, e Yeva se deixava rir. O som pareceu animar a Fera e Yeva sentiu sua linguagem corporal mudar, sua maneira esquentando. A primavera não chegava ao bosque, mas estava chegando ao coração da Fera. E, ao mesmo tempo, ela endurecia o seu.

Não era diferente de rastreá-lo através da floresta. Dia após dia, ela ficava melhor, mais rápida, mais sensível às dicas de magia que a alertavam para a presença dele. E dia após dia, polegada por polegada cansativa, ele baixava a guarda.

Uma noite, Yeva voltou ao castelo depois de desistir da trilha da Fera e

descobriu que ele havia transferido uma série de móveis da sala subterrânea para a que ela havia escolhido. O divã de veludo azul estava lá e a mesa e uma grande almofada plana recheada com palha de trigo e feno apareceram diante da lareira. Foi nessa almofada que Olhos-de-Corça saltou imediatamente e rolou até que ela pudesse esticar as quatro patas cobertas de neve em direção ao fogo, que estalou alegremente.

Yeva estava parada na porta, tocando a ponta do arco, que ainda não havia amarrado. Ela olhou, sentindo-se vaga e desconfortável, o coração se rebelando com a rapidez com que se sentia em casa aqui. Este não era, nunca poderia ser seu lar.

— Há mais alguma coisa que você deseja? — A Fera falou alguns passos atrás dela.

Yeva engoliu em seco.

— É maravilhoso.

A Fera pairava logo depois da porta. O olhar dele estava nas mãos dela, que ainda segurava o arco de seu pai.

Ela respirou fundo e depois deslizou a perna entre o arco e a corda, para poder dobrá-la na coxa e amarrá-la, enquanto a Fera observava. Ela colocou no canto e virou as costas. Ela teve que parar para lembrar como e então, com esforço, virou-se para sorrir para a Fera.

— Obrigada.

As orelhas da Fera bateram, achataram-se e depois se levantaram novamente, o que falou a Yeva de surpresa, depois de prazer. Ele deu um passo para trás e diante dos olhos dela, ele brilhou. Era o mesmo borrão que ocorria quando ele precisava de destreza para trancas ou travas. Mas desta vez era tudo dele e por um momento ele pareceu outra coisa, outra pessoa. Yeva ouviu uma onda de música, assim como ela ouviu na floresta. Só que essa era uma música dele. Um fio que ela podia separar, ouvir e conhecer.

Então a Fera se sacudiu e a miragem desapareceu como uma chuva de cabelos perdidos. Ele deu outro passo para trás.

— Boa noite Bela. — Disse ele e rapidamente correu para o corredor sombrio.

Yeva esperou, controlando sua respiração com um esforço. Ela sabia que a Fera ouviria o som de sua respiração acelerada se ela deixasse.

— Durma bem. — Ela sussurrou, em seguida sentou-se para esperar.



— Fique! — Yeva sussurrou para Olhos-de-Corça, pegando e segurando o olhar da cadela. Ela não gostava de afirmar seu domínio, pois isso deixava Olhos-de-Corça infeliz e incerta. Mas Yeva não podia arriscar que a cadela a seguisse e alertasse a Fera. Ainda assim, o cão se levantou, a cabeça inclinada incerta, enquanto Yeva se movia em direção à porta. — Cuide da casa. — Disse Yeva automaticamente, o comando que durante anos representou duas coisas: que Olhos-de-Corça deveria ficar e o mais importante, que Yeva retornaria.

Olhos-de-Corça recostou-se e com relutância deixou cair a cabeça nas patas.

Yeva entrou no corredor, a faca descansando confortavelmente na palma da mão. Era a lâmina que a Fera lhe dera para cortar e entalhar, e se não fosse tão afiada quanto sua faca de esticar, era muito maior e ela se familiarizou com ela ao longo dos meses. Ela deixou pendurar a mão debaixo da capa, fácil de esconder se a Fera estivesse acordada e localizá-la.

Ele poderia estar observando-a agora, das sombras. Mas Yeva achava que não. Ela tinha certeza de que, se ele estivesse por perto ouviria aquele fio mágico, aquela música que era toda dele. Se ele a estivesse observando, ela ouviria o modo como a música acelerava quando a via. Acelerando para corresponder à frequência de seu próprio batimento cardíaco. E embora seu coração estivesse acelerado agora, ela não podia ouvir a música da Fera.

Quando ela alcançou a escada em espiral escondida que levava à torre, seu coração bateu ainda mais rápido. Ela desejava poder controlá-lo da mesma

maneira que respirava, mas decidiu controlar sua velocidade e subiu rapidamente as escadas e atravessou a porta. Ela deslizou para a direita e pressionou o corpo contra a lateral do guarda-roupa. A sala estava mal iluminada pelos restos de uma fogueira e ela viu a maior parte da Fera no sofá-cama ao longo da parede. A constante ascensão e queda de seu esboço disse a Yeva que ele dormia.

Ou fingia dormir.

Ela pensou em trazer seu arco, para que não precisasse correr o risco de atravessar a sala e se aproximar da Fera. Mas mesmo que as flechas dela pudessem penetrar na pele dele, seu melhor tiro seria perfurar um pulmão e levaria muito, muito tempo para sufocar até a morte. Tempo suficiente, certamente, para matar Yeva pelo que ela fez. Além disso, Yeva não sabia a extensão de sua magia e se ele seria capaz de curar uma ferida assim. Seu ataque teria que ser decisivo e brutal para ser final.

Se ela pudesse matá-lo daqui, porém, ela não teria que ver o rosto dele. E ele nunca a veria. Nunca saberia quem deu o golpe fatal. Nunca saberia que foi sua Bela que o matou.

Ela se forçou a abandonar esses pensamentos. Ela teria que estar perto dele quando atacasse. A melhor chance dela era cortar a garganta dele. Ele a mataria instintivamente, a menos que ela penetrasse profundamente o suficiente para cortar sua coluna vertebral e amortecer seus movimentos. Mas mesmo uma Fera sangraria até a morte em segundos se ela pudesse abrir sua jugular. Muito rápido para qualquer mágica que ele possa invocar.

Ela se aproximou, observando a menor mudança em seu corpo. Ela respirou silenciosamente, proibiu-se de respirar fundo, proibiu-se de engolir o nervosismo, pois o menor som podia acordá-lo. Algo fez cócegas no fundo de sua mente que a cena não estava certa, algo sobre as proporções da sala que a fizeram sentir como se estivesse em um sonho e vendo o mundo distorcer. Ela se sentia grande demais e a sala também grande.

Ela percebeu o que era: a Fera era menor.

E então ele rolou e ela viu o porquê. Sua forma era humana.

Não inteiramente humana. Era como se o aspecto do lobo estivesse sobre ele como uma fantasia. E como uma fantasia, não parecia real. Os ouvidos, os dentes e as garras eram apenas sombras. Yeva congelou, olhando para o rosto dele com a faca na mão.

Ela sabia há muito tempo que a Fera tinha duas naturezas e que elas lutavam dentro dele. Ela o viu usar as mãos, o viu se mexer um pouco quando o tratou com bondade, viu a humanidade em seus olhos quando ele estava mais suave.

Ele parecia mudar sem pensar, sem comentar e Yeva se perguntava se era possível que ele não estivesse ciente disso ou se sua aparência externa mudava tão involuntariamente quanto as batidas de seu próprio coração. A faca parecia chumbo em sua mão.

Faça isso, disse a voz vingativa em seu coração. *Antes que ele capte seu perfume e acorde. Agora! Ele é o assassino de seu pai, não importa qual rosto ele use.*

Yeva levantou a faca.

Os lábios da Fera se separaram, suas pálpebras tremendas. — Yeva. — Ele murmurou. — Bela.

Ela congelou. Ele estava sonhando com ela. Ela engoliu em seco antes que pudesse se conter, o corpo inundando com cada grama de incerteza que estava empurrando para os cantos escuros e invisíveis de sua mente, onde ela não teria que enfrentá-lo.

Ela engoliu em seco e a Fera ouviu e seus olhos se abriram.

Eles encontraram os dela, ainda nublados de sonhos, ouro avelã refletindo a luz do fogo e sem nenhuma outra sugestão de vermelho. — Bela. — Ele disse novamente, mais distintamente e sua boca era humana, e Yeva não pôde se mover. A boca dele. Ela não conseguia desviar o olhar.

O rosto da Fera ficou sem sono e ele piscou, então viu a faca. Por um instante, seus olhos se voltaram para Yeva, choque, confusão e dor se misturando e naquele momento ele era humano. Yeva viu, que apenas seu aspecto humano

podia registrar e responder a esse tipo de traição.

Ela sabia que em outro momento ele seria a Fera novamente. E porque sabia que morreria quando ele fosse, e porque o instinto animal no fundo de seu coração sabia o que fazer, ela atacou.

A faca esfaqueou profundamente a garganta dele e atingiu os ossos, e Yeva ofegou alto quando ela empurrou a faca para o lado, tentando cortar. Não era suficientemente afiado e encontrou resistência, todos os tecidos e tendões do pescoço dele lutando contra ela. Seu suspiro virou um gorgolejo e um gemido. E então a faca estava fora e havia sangue por toda parte, sangue no tapete e sangue respingando no guarda-roupa. O sangue salpicou as páginas de um livro que havia sido deixado ao lado da cama, como se ele estivesse lendo pouco antes de dormir.

O sangue sibilou e caiu. Sangue misturado com as lágrimas que Yeva de repente as sentiu escorrendo por suas bochechas e pingou, vermelha e fina em sua túnica.

A Fera gemeu de novo e ele era mais uma vez a cada centímetro o lobo, exceto que Yeva pensou ter ouvido uma palavra no horrível murmúrio: — Bela. — Era o nome dela? Ou o coração dela estava procurando a palavra, de alguma forma querendo encontrá-la naquele suspiro de morte?

Um suspiro final. E então ele ficou quieto.

Yeva largou a faca, descobrindo que parte do gemido que ecoava através da torre tinha sido dela própria, e sua voz sumiu em um grito fino e seco até que ela tragou ar. Ela cambaleou para trás e caiu, caindo no tapete felpudo. O quarto girou quando ela levou a mão ao rosto e ela se inspecionou, porque não podia ter certeza de que a Fera não a havia atingido antes de morrer.

Mas ela estava inteira.

Ela ofegou novamente, o som emergindo hesitante, como se seu corpo precisasse confirmar que a Fera estava realmente morta e ela estava realmente viva, apesar das evidências diante de seus olhos. Yeva não conseguia olhar para o corpo e ficou olhando o livro manchado de sangue até que sua imagem foi

queimada em seus olhos. Ela esperou por uma sensação de vitória. Triunfo. Elação. Qualquer coisa.

Mas ela sentiu... nada.

Não, isso estava errado. Enquanto o quarto se acalmava e seu coração se acalmava e sua mente lentamente começou a se desenrolar e a recolocar seu corpo, ela sentiu algo. Ouviu alguma coisa. Muito fraco, mas crescendo a cada respiração.

Música. A música da mágica.

A Fera abriu os olhos.

Yeva gritou e recuou até bater na parede. A faca estava fora de alcance, mas ela não conseguia nem pensar nisso agora. A Fera estava morta, ela tinha certeza disso, mas agora estava olhando para essa coisa impossível, como aconteceu na sua frente.

A garganta aberta da Fera se uniu ordenadamente, como se estivesse assistindo uma costura rasgando ao contrário. Os pulmões dele respiraram profundamente, úmidos e chocalhando e ele tossiu mais sangue no tapete, depois respirou novamente, e desta vez tossiu espuma rosa. Depois, levantou a cabeça e cambaleando como um grande golpe, rolou no chão e em pé.

Ele deu um rugido abafado, parecendo quase mais incomodado e confuso do que furioso e deu um passo à frente. Então sua cabeça, ainda se movendo hesitantemente enquanto os ossos e tendões em seu pescoço se recuperava, girou até seus olhos encontrarem Yeva.

Ela não conseguia nem se preparar. Ela sabia que ele era mágico, mas isso era feitiçaria além de qualquer coisa que ela pudesse ter imaginado. Isso não era nada que ela pudesse lutar. Ela nunca se sentiu tão desamparada.

A Fera saltaria sobre ela em breve e terminaria com isso e seu terror era tão real e tão completo que ela se viu rezando para que ele o fizesse, e agora, para que ela não tivesse que sentir esse medo que tudo consomia por mais um instante.

— Não tenha medo. — Ele sussurrou, depois caiu de lado e caiu no chão.

Yeva ficou sentada, ofegante, encarando a Fera. Ela não o imaginou falando com ela em vez de simplesmente destruí-la e ela certamente não esperava que as palavras dele fossem... Aquelas.

Ela encontrou as omoplatas descascado da parede. Seu corpo parecia se mover por conta própria, rastejando de quatro perto da Fera.

Ele gemeu e levantou a cabeça. Sua boca estava entreaberta, ofegando como um animal que está a muito tempo sob o sol e deveria se refrescar. Mas esses suspiros eram para respirar e Yeva sabia que ainda havia sangue em seus pulmões e que ele havia caído por falta de ar.

— Você acha que... — Ele disse hesitante, parando para ofegar — Eu não tentei... terminar com a minha vida?

Yeva não conseguiu falar, apenas o encarou entorpecida.

— Eu suponho... — Ele chiou —Que isso nunca ocorreu... para você. — Ele deixou sua grande cabeça cair nas patas, a exaustão fechando os olhos.

— O quê? — Yeva conseguiu sussurrar.

— Que eu também sou prisioneiro. E tenho sido muito mais tempo que você.

Yeva repentinamente, brutalmente, teve consciência de seu corpo. Dos músculos tensos e gritando, do bater em sua própria cabeça por causa de muito ar, hiperventilado. Do modo como o sangue grudou em seus dedos, do jeito que de alguma forma havia entrado na perna da calça e estava grudando a parte de trás do joelho quando ela se arrastou. Seus olhos ardiam e ela não sabia se eles tinham lágrimas, ou se um pouco do sangue da Fera havia penetrado neles.

A Fera respirou fundo várias vezes e cada uma deslizou um pouco mais suavemente em seu peito do que a anterior.

— Por um tempo, não sei quanto tempo, tentei tudo o que conseguia pensar. Eu me joguei da minha torre. Eu abri minhas veias. Saí para o frio, deitei-me na neve e esperei o inverno me levar, mas isso nunca aconteceu. Parei de comer, morri de fome por meses e esperei dormir e nunca mais me mexer, mas acordei todas as manhãs da mesma forma, vazio dentro de mim. Eu implorei

a Lamya e aos outros que me matassem. Mas eles também falharam.

Ele parou para respirar novamente antes de abrir os olhos para olhar para Yeva, uma grande tristeza neles que cortou seu choque, finalmente, e a deixou à beira do choro.

— Se eu pensasse que você teria sucesso, eu teria deixado você me matar naquele dia na floresta, quando você encontrou seu pai e me seguiu em minha armadilha.

— Por quê? — Yeva tremeu, sua voz tão rouca como se tivesse sido sua garganta cortada. — Por que me proíbe de tentar te matar, por quê ameaça minha família? — Ela engoliu em seco. — Por que mentir?

— Porque nós sabemos querer. Nós conhecemos o desejo. Nós sabemos a necessidade.

— Necessidade?!

— Você precisava acreditar que tinha um propósito. Você precisava acreditar que poderia me matar. Você precisava… de esperança. — A Fera a observava, os grandes olhos tristes vazios de toda aquela raiva, toda aquela ferocidade bestial que ela vira naquele primeiro dia na floresta. — Agora você entende que não há.

Eles se entreolharam através dos tapetes ensanguentados, das páginas manchadas do livro, da faca cintilante e pegajosa. Os carvões na lareira brilhavam constantemente e do lado de fora o vento do inverno soprava através das bocas das gárgulas e soprava neve contra as pedras do castelo. Em algum lugar lá embaixo Olhos-de-Corça esperava, ouvidos espetados e olhos fechados, pelo som dos passos de Yeva retornando.

— Diga-me — disse a Fera suavemente. — Se você soubesse desde o início que eu não poderia me matar e que você nunca teria sua vingança... Você teria ficado?

Yeva não respondeu. Ela não conseguiu responder. O coração dela esvaziou. Seu desejo de vingança não tinha para onde ir. Sem ele, o que ela tinha? O que ela era? No que ela se tornou?

Mas as palavras da Fera a picaram, tocando uma corrente enterrada que ela vinha ignorando há dias. Por semanas. Desde que ele lhe trouxe um cervo e por cima de sua carcaça, a chamou de Bela.

— Fera. — Ela sussurrou, entorpecida. — Você matou meu pai?

Seus olhos brilharam, o fantasma de algo passando diante deles de modo que, por um momento, ele não estava mais olhando para ela. Mas com alguma lembrança, alguns pensaram que ela não podia ver. Ele não respondeu, mas ficou de pé instável. Antes que ela soubesse o que estava fazendo, Yeva também se levantou e foi para o lado dele.

A Fera congelou. O olhar dele caiu do rosto de Yeva para onde a mão dela tinha pressionado contra o peito dele para impedi-lo de sair.

Ela engoliu em seco, consciente de quão pouco frequentemente o tocava e se forçou a lutar contra o instinto de se retirar. Ele se moveu como se quisesse passar por ela, mas Yeva não tirou a mão do peito dele e enfiou os dedos no pelo macio.

— Deixe-me ir. — Disse a Fera calmamente. Então, tão suave que ela quase perdeu: — Por favor.

— Ele já estava morto, não estava? — Perguntou Yeva. — Quando eu o encontrei naquela clareira. Você estava vindo para encontrá-lo, para rastrear o caçador que precisava para sua tarefa e você encontrou o corpo dele momentos antes de mim. Os catadores o alcançaram. Ele já estava morto, não estava?

A Fera se mexeu, os músculos se mexendo sob a mão dela, lembrando-lhe que se a Fera realmente quisesse sair, ele poderia afastá-la com um golpe fácil de sua pata.

Ele não respondeu. Não havia necessidade.

— Por que me quer? — Yeva perguntou.

Os olhos da Fera se fecharam, como se fosse mais fácil falar sem o rosto de Yeva diante dele.

— Porque eu pensei que caçadores como o seu pai viriam atrás de você se você desaparecesse. Eu pensei que poderia levar um deles para a minha tarefa.

Eu sabia que tinha que encontrar outra pessoa, alguém mais jovem, mas ainda possuindo sua habilidade. Eu não sabia então que você...

A respiração da Fera engatou. Yeva podia sentir sob a mão dela, e a batida do pulso dele, tão parecida com a música que ela ouvia na floresta. Pela primeira vez, ela entendeu como a Fera podia ouvi-la como um batimento cardíaco.

— Eu não sabia — Ele começou novamente. — Que você era quem eu procurava.

Antes que ela pudesse responder, ele passou por ela. Yeva pôde ouvir seus passos pela primeira vez, parando enquanto ele continuava se recuperando da ferida mortal que ela lhe dera, descendo a longa escada curva da torre. Ela pensou que eles pareciam com um ritmo calmo e não um galope.

Nada em seu corpo estava funcionando, nem seus pulmões nem pernas, e Yeva caiu no chão com um sentimento de facas no peito. Ela começou a soluçar tão violentamente que seu corpo parecia que poderia quebrar. A fúria que a sustentava, a necessidade ardente de vingança que a mantinha viva na cela, que a levou na floresta a afiar seu arco e flecha e seu rastreamento. O que ela tinha agora? O fogo se apagou e ela sentiu a perda tão profundamente como se estivesse de luto pela morte.

E ela estava. Quando a morte do pai havia sido um assassinato, quando ele morreu porque uma fera selvagem arrancou sua garganta, ela não precisava sofrer. Ela poderia encontrar o assassino e destruí-lo, ficar de pé sobre ele, vê-lo morrer. Ela poderia ter sacudido a própria terra com sua vingança e preenchido o buraco no coração com sangue.

Ela poderia ter matado a própria morte.

Mas tudo isso se foi agora. Em vez disso, seu pai havia morrido a morte de um homem velho, de um coração enfraquecido e de uma mente doentia. Ele morreu frio e sozinho em um bosque que não conhecia mais. E não havia ninguém que pudesse pagar por isso, ninguém cujo sangue pudesse diluir a dor de Yeva.

Ela ficou deitada no chão chorando no tapete encharcado de sangue

cercada pelos livros que seu pai nunca leria para ela, o castelo que ele nunca veria, a primavera que para ele nunca veria. E como se pela mesma mágica que transformara a Fera, ela se tornasse nada mais do que uma garotinha que perdeu o pai.

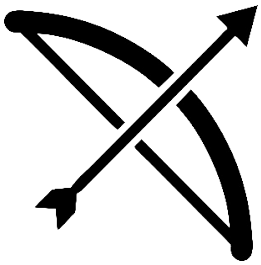
Fera

O som de seu choro nos segue até os confins mais longínquos do castelo, até a nossa cova abaixo, de volta à terra e às profundezas. Amaldiçoamos a audição de nosso animal e amaldiçoamos o conhecimento de nosso homem sobre o que é a dor e amaldiçoamos a dor desconhecida de arrependimento que se arrasta cada vez mais fundo.

Amaldiçoamos tudo, porque somos amaldiçoados e não temos braços para protegê-la, nem lábios para pressionar seus cabelos e acima de tudo, nenhuma palavra para dizer a ela que conhecemos a perda e a dor e se eles eram monstros, poderiam lutar contra nós. Os teria matado em seu nome há muito tempo, como os heróis da antiguidade.

Mas não somos heróis. Nós somos amaldiçoados.

Capitulo Dezessete



Eventualmente o choro de Yeva diminuiu pois, embora a dor lancinante em seu coração permanecesse, seus olhos não puderam produzir mais lágrimas. Ela não conseguia ficar em pé, sentindo-se tão fraca como se estivesse na cama por semanas. Em vez disso, rastejou até o divã e afundou nas almofadas de veludo.

Ela dormiu.

Mais tarde, ela acordou com um som minúsculo, não mais alto que um sussurro, mas um som que ela conhecia tão bem. Um único passo, o deslizamento das patas contra a pedra. A Fera estava do outro lado da porta. Ela esperou, mas ele não falou e não entrou. Depois de um tempo, ela ouviu os passos dele se afastando novamente e ela se levantou trêmula. Quando ela abriu a porta, encontrou comida, uma porção de água e embrulhada em um rolo de linho desbotado, seus suprimentos para fazer flechas. E lá estava Olhos-de-Corça, tinha ficado ansiosa esperando por ela lá embaixo, esperando poder entrar.

E então ela descobriu que ainda podia chorar, pela Fera que sabia que não queria companhia e lhe dava aquela solidão, pela Fera que não podia saber o quanto ela queria que ele falasse com ela, sobre qualquer coisa que não fosse seu pai, e nada além de seu pai. Ela chorou porque não sabia o que queria e porque queria tudo e porque seu pai estava morto. Ela não podia comer, e com o tempo voltou a dormir. Desta vez, a fome a acordou e Olhos-de-Corça farejou o seu cotovelo. Yeva tropeçou em direção à tigela de ensopado que a Fera havia deixado para ela. Estava fria agora quando ela o descobriu, mas comeu mesmo

assim, comeu até que se forçou a parar para poder oferecer o resto a Olhos-de-Corça que estava sentada aos pés dela, tentando não olhar ansiosamente a comida de Yeva.

Yeva afundou de volta no divã ao som de Olhos-de-Corça limpando ruidosamente o resto da tigela. Os olhos dela voltaram a olhar para o livro, aquele que a Fera estava lendo onde ele dormia, aquele cujas páginas estavam manchadas com o sangue dele. Sua mente estava entorpecida com a verdade.

A Fera não matou o pai.

Ela não tinha mais motivos para ficar, pois cada vez que a Fera repetia sua ameaça de punir sua família se ela escapasse, ela acreditava cada vez menos. Agora, ao pensar na dor nos olhos dele quando ele finalmente lhe disse a verdade, ela sabia que ele não os machucaria. Tão certo quanto ela conhecia o ritmo de seu próprio batimento cardíaco. Ela poderia sair. Agora ela podia sair pela porta, descer a ponte e sair do vale e nunca olhar para trás. Ela poderia ir para casa.

Como se o pensamento deles tivesse convocado seus espíritos, Yeva sentiu a ausência de sua família tão intensamente, tão abruptamente, que se curvou na cintura e apoiou a cabeça nos punhos cerrados. Ela queria Asenka, seu sorriso caloroso e a sensação da lã entre os dedos enquanto Asenka tricotava. Ela queria a energia e o espírito de Lena e até mesmo a repreensão e não podia deixar de imaginar o que diria da aparência de Yeva se pudesse vê-la agora, manchada de sangue e magra. Ela queria as tentativas desastradas de Albe de bondade, seu sorriso carinhoso, sua devoção à família que o criara desde a infância. Ela até queria Solmir. A simplicidade dele, como seria fácil voltar com ele de volta à cidade para ser sua esposa, andar a cavalo pelas árvores e ter criados para tomar banho, livros, irmãos e irmãs, cachorros e uma vida sem mágica e mistérios e naquele instante ela soube que poderia fazê-lo. Ela poderia viver essa vida. E agora ela queria mais do que qualquer outra coisa.

Ela deixou o quarto da torre alta. Ela desceu a torre em espiral torcida e atravessou a suíte do quarto principal e entrou no longo corredor, desceu a

escada seguinte e entrou no vestíbulo e desceu os largos degraus de mármore no amplo piso de mármore. Ela empurrou as portas largas até que elas se abriram o suficiente para fazê-la tropeçar, ofegar e piscar sob o brilho severo do sol e da neve. Ela deslizou e tropeçou pela encosta coberta de neve até ficar na boca da caverna da Fera, respirando com dificuldade, respirando pelo ar e os olhos ofuscados pelo sol conjurando fantasmas da escuridão para nadar e torcer além das bordas de sua visão.

— Bela. — A voz veio das profundezas da caverna, baixa e suave, baixo aveludado que ecoou no mesmo lugar dentro dela que ouviu a música da floresta mágica.

— Fera. — Ela respondeu, ainda respirando com dificuldade. — Eu preciso ir.

Silêncio. Ela não podia vê-lo apenas a escuridão, mas sabia que ele podia ver sua silhueta contra a luz do dia na boca da caverna. Então, suavemente sua voz voltou.

— Eu sei.

O coração de Yeva encolheu. Teria sido mais fácil se ele tivesse rugido, se a tivesse jogado no chão, a trancado, dada a razão de odiá-lo novamente. Teria sido mais fácil se ele fosse a Fera. Ela engoliu em seco.

— Minha família. Eles estão sozinhos. Eu tenho que ir até eles.

— Você não precisa explicar.

Mas eu quero. Yeva ficou de pé, as mãos torcendo no tecido de sua capa, ouvindo Olhos-de-Corça andar atrás dela desconfortável tão perto da cova da Fera.

Alguma parte das sombras se moveu e ela viu os olhos dele, brilhando brevemente com a luz do sol refletida. Então ele se moveu novamente e o vislumbre se foi.

— Você vai dar sua palavra para voltar um dia? — Disse a Fera, tão suavemente Yeva não podia ter certeza de que ela não a havia imaginado.

A boca de Yeva se abriu, mas tudo em que ela conseguia pensar era no eco

da conversa que eles tiveram há muito tempo, quando ficaram cara a cara pela primeira vez.

— Vou lhe dar minha palavra, não vou tentar matá-lo novamente.

— Você não prometeu voltar. — Disse a Fera e sua voz era um lamento, tão abalada que Yeva quase começou a chorar novamente.

— Não. — Ela sussurrou. — Eu não prometi.

Ela fechou os olhos e ouviu com a alma e do fundo da cavidade da caverna ela ouviu a canção da Fera, o pulso de magia que ele a ensinou a ouvir. Era baixa e doce, pesada com dor e idade e o borrão do tempo. Continha sugestões de coisas há muito esquecidas, de histórias, palavras e sonhos e acima de tudo, desejos.

A música queria. Queria da maneira que Yeva sempre quis. Queria tanto uma coisa como algo além de poder nomear, algo mais que diferente, mais profundo. Foi o desejo que a impediu de dizer sim a Solmir, embora ele lhe oferecesse tudo o que ela poderia ter nomeado em voz alta. Foi o desejo que a trouxe para a floresta todos os dias, o desejo que encheu seus sonhos de alguma outra vida, algo além do que os outros desejavam. Era o desejo que gritava para o céu que ela daria tudo, ela mesma e tudo que ela seria, para viver um momento daquela outra vida, a que ela não poderia explicar, nem mesmo para si mesma.

Ela fechou os olhos e ouviu o coração da Fera.

E antes que pudesse começar a chorar novamente, ela se virou e correu.

Fera

Bela. Nós a sentimos correndo. A centelha de sua vida em nossos sentidos acelerando para o sul, mas ficando cada vez menos fraca para a distância. Nós a sentimos como uma estrela na escuridão espessa do nosso vale, mas ela se aproxima de sua borda.

Nós pensamos que teríamos mais tempo.

Não deveríamos tê-la deixado ir.

Tivemos que deixá-la ir.

Bela. Bela.

Caçadora, caçadora. Não sabemos mais o que ela é, o que queremos que ela seja, o que precisamos que ela seja. Sabemos apenas que precisamos dela. Nós devemos trazê-la de volta.

Você deve trazê-la de volta. Você a deseja. Você a quer.

Sim. Mas ela é Bela. Ela estará livre. Eu desejo que ela seja livre.

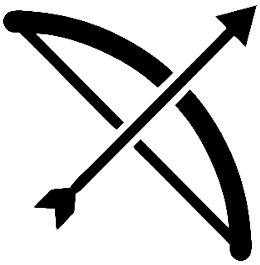
A faísca dela oscila à beira de nossos sentidos, à beira do vale e então brilha. Em todas as direções, há apenas o frio longo e escuro do inverno.

Bela.

Bela.

Bela.

Capitulo Dezoito



Durante muito tempo Yeva só percebeu o bater dos pés, as solas das botas e o triturar da neve, o ar gelado penetrando profundamente nos pulmões a cada respiração e a alegria ofegante de Olhos-de-Corça enquanto a cadela corria ao lado dela. Se ela não estivesse treinando com a Fera quase todos os dias, não seria capaz de respirar o ar gelado com tanta facilidade, mas endureceu os pulmões contra o frio e corria como um cervo, como um lobo, como a Bela.

Eventualmente, a dor em suas coxas e o aperto de seus pulmões a desaceleraram, até que ela andou entorpecida, seus músculos estalando com energia e pingando como um metal em brasa esfriando lentamente depois de ser puxado da forja do ferreiro. Então, abruptamente, ela parou.

Ela estava suando. O sol estava quente no topo de sua cabeça, através das folhas manchadas. Folhas? Ela não estava mais andando pela neve.

Não havia neve. Qualquer lugar.

Havia folhas nas árvores.

Era primavera.

Não! Ela piscou, depois piscou novamente, depois olhou para cima, sem entender. As folhas no alto eram douradas e vermelhas e cor de laranja e seus pés trituravam enquanto ela caminhava, mas não da neve. Os dedos de suas botas perturbavam pilhas de folhas caídas e através dos longos arcos das árvores, ela viu um brilho de ouro aqui e um lampejo de vermelho ali, enquanto folhas individuais caíam e caíam aqui e ali no ar parado do outono.

Outono.

O coração de Yeva encolheu.

Ela percebeu que o tempo, como muitas coisas no vale da Fera, não funcionava lá como no mundo exterior. Mas o que ela não sabia, o que ela não tinha como saber, era quanto tempo havia passado. Ela perdeu apenas um verão? Ou havia mil anos se esvaindo, para que os filhos de suas irmãs e os filhos deles tivesse desmoronado há muito tempo?

Olhos-de-Corça, sem prestar atenção à estranheza do inverno se tornando outono do outro lado das montanhas, pulava de pilha em pilha de folhas, afundando nos ombros e depois pulando livre a língua voando de seu sorriso de queixo caído.

Mas nada disso conseguiu levantar o coração de Yeva, que parecia pequeno, apertado e frio no peito.

Levou seus dias para encontrar um marco familiar, e não foi mais do que a proximidade da toca de um coelho a uma sempre-viva em particular que despertou sua memória. Ela já viu essa toca antes, há muitos meses — ou talvez muitos séculos — atrás. Ela conhecia a floresta no vale da Fera agora melhor do que jamais conhecera a que cercava a cabana de seu pai. Mas enquanto se levantava, girando lentamente em círculo, sentiu seus instintos clicarem em uma sensação de seu ambiente.

Mais dois dias e ela e Olhos-de-Corça encontraram o riacho que corria ao redor da clareira. E quando o sol se pôs, elas emergiram na clareira e viram a cabana.

Estava vazia.

A respiração de Yeva ficou presa e por um tempo, ela simplesmente ficou ali, vazia, seus pensamentos entrando em fragmentos estranhos. Ela estava cansada demais para juntá-las com bom senso. Mas quando Olhos-de-Corça começou a cheirar a cabine, depois a cheirar com mais urgência, a bater na porta com entusiasmo, algumas coisas começaram a se acalmar.

A clareira ainda estava clara e maior do que tinha sido, com apenas alguns pedaços cobertos de folhas para contar as árvores que haviam sido cortadas para lenha. A carroça se foi e quando Yeva abriu a porta, viu que grande parte dos

móveis também estava. E o chão, exceto por algumas teias de aranha nos cantos, estava arrumado e limpo.

A cabana poderia estar vazia, mas foi esvaziada recentemente. Yeva voltou para a clareira, vasculhando o chão em busca de qualquer sinal da carroça ou de trilhos de cavalo. Mas, embora a arrumação significasse que a cabana não ficara abandonada por mais de alguns meses, levaria apenas algumas semanas, ou mesmo dias, se houvesse chuva, para que todos os vestígios do caminho de sua família desaparecessem.

Yeva passou a noite na cabana, tremendo diante de uma pequena fogueira, não porque o ar estava frio, mas porque seu coração estava e ela não conseguia esquentá-lo. Ela resolveu voltar para a cidade e perguntar se alguém havia ouvido falar das filhas de Tvertko, ou sabia em que direção elas haviam viajado, ou qualquer coisa que tivesse acontecido com elas.

Pelo que sabia, ela se fora há séculos, e era outra família, outra carroça, outra vida que se afastara daquela cabana e lhe dera esperança.

Esperança, a Fera havia dito.

Yeva apertou sua mandíbula e se recusou a pensar nele e na grande tristeza em seus olhos e na maneira como ele simplesmente a deixou ir, porque ele não tinha mais nada com que segurá-la.

Mas enquanto ela conseguia controlar seus pensamentos até certo ponto, ela não conseguia controlar seus sonhos uma vez que adormecia, e enquanto sua guarda baixava todos os pensamentos eram sobre a Fera. Seus ouvidos zumbiam com o canto da magia e o bater das asas, ela acordou com os olhos arenosos e cansada ao amanhecer.

Ela parou na primeira fazenda que alcançou e trocou uma cinta de coelhos por pão integral, maçãs e uma caneca de cidra, e embora a esposa do fazendeiro a olhasse e sorrateiramente fizesse um sinal para afastar o mal, Yeva perguntou a eles em que ano estava e descobriu que apenas um ano se passara desde a ruína de seu pai e que ela não passou um século na companhia da Fera.

Ela seguiu em frente e pagou uma noite em uma pousada com um punhado

de ovos de codorna e uma aula de arco e flecha para o filho do estalajadeiro e ficou tão impressionada com a sensação de lençóis contra a pele que acabou dormindo no tapete antes do fogo com Olhos-de-Corça.

Ela chegou à periferia da cidade em uma tarde cinzenta, chuvas torrenciais saindo das nuvens encharcadas para molhar os cabelos de Yeva e pesar sua capa. Ela estava ansiosa para encontrar alguém que soubesse para onde sua família foi ou o que havia acontecido, mas após a reação da esposa do fazendeiro, ela não quis começar rumores de uma louca associada a eles. Pela chance de sua família estar viva e bem, ela queria que eles continuassem assim.

Não foi até que ela viu um rosto familiar que ela disparou do beco para a rua.

—Galina! — Yeva exclamou, chocada com o rosto da velha amiga. Ela parecia tão jovem, sua pele tão clara e limpa, sem um cabelo fora do lugar. Até a linha de lama que afiava sua saia da rua era organizada e civilizada. Tudo o que Yeva havia perdido no ano passado.

Galina deu um pulo, assustada e depois tropeçou para trás ao ver Yeva. Yeva sabia que devia parecer alarmante: lamacenta, arranhada, desgastada pelo tempo e molhada. Seus braços e pernas estavam agora magros com músculos, e seus cabelos eram grosseiros com seus próprios óleos e poeira das folhas e do vento. Suas roupas ainda eram as manchadas de sangue que ela usava quando tentou matar a Fera e embora as manchas fossem velhas e marrons, não eram difíceis de identificar. A cadela ao seu lado estava tão úmido e lamacento quanto ela e rígido com a tensão que estava sentindo da ama.

— Eu… eu não carrego dinheiro. — Disse Galina, com um medo claramente escrito em seu rosto. — Por favor, estou grávida pelo bem dele, não...

Yeva piscou e levantou a mão, congelando quando o movimento pareceu assustar mais Galina.

— Galina… — Ela parou, registrando o vazio absoluto com o qual sua velha amiga a considerava. Ela não reconheceu Yeva. Ela engoliu em seco. — Você está casada?

Galina assentiu, olhos arregalados, braços se abraçando.

— Na primavera passada. Quem...

— Não quero lhe fazer mal. — Disse Yeva. Ela se perguntou com quem Galina se casou, tentou pensar se alguma vez mencionou uma fantasia passageira. Com uma pontada, Yeva percebeu que sabia muito pouco sobre sua amiga e quase nada sobre os desejos secretos de seu coração. Ela sempre esteve tão ansiosa para se afastar da comitiva da baronesa que nunca conheceu Galina de verdade. Ela tentou reprimir a pontada de arrependimento e suavizou a voz. — Eu só quero informação.

O medo de Galina havia diminuído apenas o suficiente para ela respirar.

— Como você sabe meu nome?

— Eu perguntei a alguém. — Yeva pensou rapidamente. — Você parece ter a idade das pessoas que procuro e pensei que poderia ter ouvido falar delas. Você se lembra do comerciante Tvertko, que morou aqui até o outono passado?

— É claro! — Disse Galina, o medo diminuindo e deixando espaço para simpatia. — Mas lamento dizer que ele está morto.

O coração de Yeva se encolheu.

— Eu sei. Eu queria perguntar se você sabia onde as filhas dele foram. Depois da cabana. Elas foram para a cabana, a cabana de caça de Tvertko e depois?

A testa de Galina se franziu ao inspecionar Yeva, aquela coisa suja, sangrenta e selvagem que havia saído das sombras para a rua movimentada e que atraía olhares e maldições dos transeuntes.

— Duas de suas filhas moram aqui, na cidade. Elas moram na casa velha de Tvertko, em ascensão. — Galina engoliu em seco, o rosto piscando com uma dor antiga e lembrada. — A outra, a mais nova. Ela também está morta.

Yeva a encarou, entorpecida e estupefata para responder ou ocultar o quanto as palavras de Galina a afetaram. Então, suas irmãs acreditavam que ela estava morta. Não é de surpreender, dado o desaparecimento de Yeva no meio do inverno, sem sinal dela por quase um ano. Mas descobrir que elas estavam vivas

e bem, e vivendo em sua antiga casa, estava além do que Yeva poderia esperar delas. Ela sentiu os olhos se enchendo, um pouco daquela coisa apertada, fria e dura no peito diminuindo.

Quando viu as lágrimas, Galina se inclinou para a frente com a respiração presa.

— Por que você fez essas perguntas? Quem... — Ela parou, a testa ainda franzida. Uma faísca, o menor sinal de reconhecimento acendeu por trás de seu olhar vazio.

— Obrigada! — Resmungou Yeva e correu com os Olhos de Corça aos seus calcanhares, antes que Galina pudesse ter uma chance de ver através dos meses na floresta e pisos de pedra fria para encontrar a garota embaixo. Ela não sabia por que fugia. Exceto que seria difícil o suficiente enfrentar as irmãs, que acreditavam que ela estava morta e que estavam de luto por ela e seu pai durante todos esses longos meses e ela não queria passar por isso primeiro com Galina.

Subir a subida até a casa antiga deixou Yeva com a aljava mais curiosa no coração, uma mistura de medo e antecipação que deixou suas mãos nervosas. Ela queria pegar seu arco, — suas mãos continuavam tremendo com o desejo de puxar a arma do ombro — mas não havia outro inimigo para lutar além de seu próprio nervosismo. Olhos-de-Corça parecia se lembrar do caminho, seus passos ficando mais leves de emoção.

Yeva parou vários passos da porta, os olhos varrendo a casa enquanto Olhos-de-Corça investigava os arbustos que ladeavam o caminho. A casa de seu pai parecia exatamente como estava há um ano atrás, com peônias espalhadas pelo chão até a porta da cozinha, trepadeiras subindo a treliça pela janela do antigo quarto. Em vez de pegar a aldrava, ela saiu do caminho e espiou pela janela. Havia os móveis que eles trouxeram da cabana, embora alguns deles tenham sido substituídos por peças mais novas e agradáveis. Ela viu alguém se mudar de um cômodo para outro. Um servo, ela pensou, mas não sabia dizer quem. Ela circulou a casa, espiando através de janela após janela até que, sem aviso prévio, suas irmãs estavam lá.

Elas estavam na cozinha e assavam pão. Lena estava cantarolando, embora Yeva não pudesse ouvi-la através do vidro da janela entortada e ondulada, ela podia ver pela inclinação rítmica da cabeça de um lado para o outro que estava ouvindo música enquanto trabalhava. Asenka estava com ela, seu ombro roçando os de Lena de tempos em tempos enquanto elas trabalhavam. Ela tinha farinha no cabelo.

Lena pegou a mistura de ervas para rolar a massa e os olhos de Yeva nadaram com lágrimas inesperadas. Crostar o pão com ervas era o trabalho de Yeva desde a infância e ver seu papel na família tão bem eliminado. Ela lutou por respirar e passou o braço pelos olhos, a capa tão pesada pela chuva que quase caiu de joelhos.

Elas não tiveram escolha senão tentar continuar. Elas acreditavam que ela estava morta. Yeva sabia disso. Mas aqui estavam elas, felizes e instaladas na casa que amavam, claramente as que recebiam uma imensa fortuna. Talvez Yeva não devesse voltar para suas vidas, talvez fosse melhor se elas simplesmente continuassem como estavam.

Ela ficou, indecisa, a imagem de suas irmãs lado a lado ondulando com lágrimas e vidro distorcido.

Então uma voz atrás dela exigiu severamente:

— Não se mexa. — Era a voz de um homem, e Yeva congelou. Ela ainda estava tão acostumada a ouvir qualquer voz, exceto a da Fera, que sentiu uma pontada de medo. — O que você está fazendo aí?

— Sinto muito. — Ela levantou as mãos para mostrar que estavam vazias de armas. Olhos-de-Corça ainda estava do outro lado da casa, cheirando as árvores e plantações. —Eu... Conheço esta casa e só estava tentando... quero dizer a elas, não farei mal nenhum. — Disse ela, repetindo fracamente o que disse a Galina.

— Uma mulher? — O homem parecia surpreso ao identificar o sexo dela pela voz dela. — Vire-se.

Yeva engoliu em seco e obedeceu e depois olhou. Era Solmir.

Seu olhar duro não vacilou e ele a olhou desconfiado.

— Se você me perdoa por dizer isso, senhorita, não parece alguém que conhece as senhoritas desta casa.

A língua de Yeva não funcionaria. Quando ela descobriu que um ano se passara enquanto estava com a Fera, ela supôs que Solmir já se foi há muito tempo. Ele concordou em cuidar da família dela em troca da mão dela quando ela voltasse. Yeva tinha certeza de que, quando fosse morta Solmir se retiraria educada e silenciosamente para procurar uma esposa em outro lugar.

Mas ali estava ele, um ano depois, vestido com belos couros do lado de fora da casa de Tvertko, protegendo as irmãs da louca encharcada de lama que as encarava pela janela.

Quando Yeva não falou, Solmir deu um passo em sua direção e depois parou. A tensão deixou seu corpo, os braços caindo para ficar flácidos ao seu lado. Suas sobrancelhas se ergueram e seus olhos se arregalaram e uma expressão estranhamente suspensa entre horror e esperança tocou suas feições. — Eu não acredito. — Ele sussurrou, o rosto ficando sem cor.

Ao contrário de Galina, Solmir tinha visto através da sujeira, do sangue e da magreza dos membros e do rosto. Ele a conhecia de relance, mesmo como ela era.

— Olá, Solmir! — Disse Yeva fracamente.

Fera

Desespero. Desespero. Não pode. Deve ir. Penhasco. Água. Sangramento. Final.

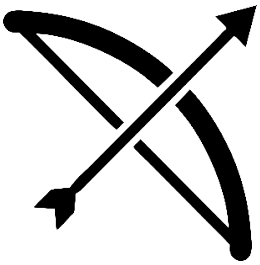
O animal não entende, não pode entender a necessidade de acabar com a nossa existência. Mas eu estou aqui agora, eu nos controlo. Deixei-me levar por tantos anos, tantos anos, mas ela me trouxe de volta.

E não posso voltar a mergulhar nessa loucura, no meio entre o animal e o homem. Cuja combinação nos deixa menos que a soma de nós, menos do que quem e o que éramos. Não posso me perder para instinto agora que me lembro... Agora eu lembro...

Fim, nosso coração chora. Pare. O. Vazio. Por favor.

Vamos morrer humanos. Vamos morrer lembrando de Bela.

Capitulo Dezenove



Solmir não se mexeu, o reconhecimento o petrificou no lugar. Ele olhou para Yeva como se ela fosse o próprio Pássaro de Fogo, o mito se tornando real. A magia se tornou mundana e em pé no jardim da frente de alguém. Quando ficou claro que ele não falaria novamente, Yeva tentou pigarrear e o som interrompeu qualquer feitiço que continha Solmir e o fez engolir ar.

— Estou viva. — Disse Yeva. Ciente de que isso era uma coisa boba de se dizer, dado que ela estava parada diante dele.

Mas pareceu animar Solmir, que deu um passo à frente e depois outro e outro até que ele pudesse alcançar. Sua mão parecia incerta sobre onde descansar e depois de pairar no ombro dela, na bochecha, traçando a borda externa de uma mecha de cabelo enlameada, ela caiu ao seu lado novamente. — Yeva! — Ele respirou finalmente. E ali, nos cantos dos olhos, Yeva viu algo inesperado: tristeza. — Eu não... Eu pensei…

Certamente ela deve estar imaginando a tristeza ali, era sua confusão tentando guiá-lo de um jeito ou de outro. Yeva tomou o primeiro do que sentiu que seriam muitas respirações longas e firmes.

— Vou te contar o que aconteceu e onde estive. — Disse ela. — E eu vou querer ouvir o que aconteceu com você. Mas... mas eu gostaria de ver minhas irmãs primeiro. E gostaria de contar tudo de uma vez.

Ela não achou que poderia contar a história duas vezes.

Solmir começou e a maneira como ele enfiou a mão pelos cabelos em repentino desgosto era abruptamente tão familiar para Yeva, e tão completamente humana, que ela sentiu um sorriso puxar insistentemente as

bochechas.

— É claro. — Disse ele, voltando-se para a porta como se relutasse em se afastar de Yeva por medo de que ela desaparecesse novamente. Seu rosto estava tão mudado, tão marcado por emoções que Yeva não conseguiu interpretar todas. Alegria, descrença, confusão, alívio e novamente, aquele flash conflituoso de tormento que ela não conseguia identificar.

Ele procurou a trava e depois desapareceu, invadindo a casa e deixando Yeva atrás dele, sentindo-se estranhamente como um visitante em sua própria casa, como se ela devesse esperar na porta para ser mostrada na sala. Como se por sinal um servo aparecesse, alguém que não havia trabalhado para eles antes e que Yeva não reconheceu.

— Posso levar sua amiga. — A empregada começou, depois parou ao ver a aparência bélica de Yeva. — Sua capa? — Ela fez uma pausa e depois ameaçou: — Senhorita?

Yeva engoliu em seco e pegou o fecho na garganta instintivamente antes de pensar em apontar que ela estava tão lamacenta e molhada sob a capa quanto em cima dela e faria pouco bem. Mas a empregada já estava cuidadosamente tomando a coisa suja em seus braços e em vez de pendurá-la com as roupas muito mais limpas — e mais caras — nos ganchos da porta, ela desapareceu no quarto ao lado.

Ela ouviu a voz de Asenka disparando perguntas, aproximando-se. — O que você está dizendo? Ela quem? Solmir, eu não entendo

Yeva virou-se e viu Lena parada na porta da sala, com o rosto branco e congelado, e Asenka seguindo, apoiando-se no braço de Solmir para se firmar. Antes que Yeva pudesse falar, Lena gritou e recuou colidindo contra o batente da porta, para que Solmir soltasse o braço de Asenka ou deixasse Lena cair no chão.

Os olhos de Asenka encontraram os de Yeva e se agarraram ali, redondos e escuros e depois de alguns segundos, se enchendo de lágrimas. — Eu sabia! — Ela sussurrou. Yeva mal conseguia ouvi-la sobre os sons de Solmir tentando acordar Lena, que ainda estava sem sentido ao ver sua irmã morta. — Eu sabia

que você estava viva. — Asenka mancou para a frente.

Yeva descobriu que não conseguia falar, nem se mexia e foi só quando sentiu os braços de Asenka ao seu redor que ela começou a chorar. Lena se recuperou e cambaleou em direção a elas e abraçou as duas, mas seus joelhos ainda estavam dobrados e após um momento de instabilidade, as três irmãs afundaram no chão, amontoando-se e abraçando-se e ficando enlameadas por causa disso. As roupas de Yeva que não eram mais fáceis de dizer quem era quem.

Quando chegaram à sala de estar, o resto da família ouviu a comoção e a notícia se espalhou de que a filha mais nova de Tvertko havia retornado dos mortos. Alguns dos funcionários que Yeva conhecia, pois estavam empregados pelo pai e haviam retornado. A cozinheira gritou quando viu Yeva e em voz alta, anunciou que estava com a chaleira para o chá. Outros eram novos e mais confusos sobre o que estava acontecendo, pois tudo o que sabiam era que tanto o comerciante quanto a filha mais nova havia morrido durante o inverno que passaram na cabana de caça.

Talvez ele também tivesse ficado, mas ele era tão tímido com Yeva — ou talvez com medo dela, ela não sabia dizer qual era— que ele pairava no corredor, espiando pelo batente da porta aberta sempre que ela falava e desaparecendo novamente sempre que olhava o jeito dele.

Lentamente, muito lentamente, com pausas para mais lágrimas e explicações, Yeva ouviu o que havia acontecido com sua família depois que ela desapareceu.

Solmir continuou fielmente a ajudar a alimentar e proteger Albe e as irmãs, monitorando o perímetro da casa em busca de qualquer sinal do retorno de Yeva. Depois de pouco mais de uma semana, Radak, o noivo de Lena antes da ruína financeira do pai havia aparecido na cabana, de olhos arregalados e exigindo ver Lena. Ele ficou tão perturbado e angustiado que continuou repetindo sua demanda mesmo depois que Lena ficou na frente dele repetindo:

— Eu sou Lena! Eu sou ela! Radak, o que é isso?

Ele ouvira falar da situação do pai dela quando viajava de volta de um empreendimento comercial, deixou seus vagões e contratara o cavalo mais rápido que pudesse encontrar e chegou à casa da cidade para encontrar outra família morando lá, sem nenhuma pista do paradeiro de Tvertko, nem as filhas dele. Eventualmente, ele encontrou um caçador que trabalhava com o comerciante há muito tempo e que conhecia a localização aproximada da cabana. A partir daí, encontrou os rastros de Solmir, que o levaram à porta.

Quando a voz de Lena o tirou do frio e da exaustão, ele caiu de joelhos e pediu que ela se casasse com ele novamente, ali na porta aberta da cabana, encharcado até os joelhos com a neve derretida e o rosto rachado pelo vento da viagem, e ela chorou, beijou-o e disse que sim. Radak, na posse de uma nova e bela fortuna como resultado de seu empreendimento, comprou a casa de Tvertko de volta. Eles se casaram imediatamente, para que ele pudesse levar ela e a irmã para morar com eles. Mas ainda não estavam dispostos a deixar a cabana, esperando que Yeva e o pai retornassem.

Yeva não podia contar a eles sobre encontrar o corpo de seu pai, sua voz se recusando a formar as palavras. Mas quando o rosto de Lena se ergueu e ela sussurrou: — E o pai? — Todos puderam ver a resposta de Yeva em seus olhos enquanto caíam, em suas mãos. Elas torceram juntas, no conjunto de seus lábios quando ela virou o rosto.

Foi a partir desse ponto de vista que ela viu a mão de Solmir se contrair, um gesto que reconheceu como o desejo de ajudar, tocar, confortar. E quando ela olhou para cima, os olhos dele não estavam nela, e sua tristeza. Eles estavam em Asenka, que ainda estava sentada enquanto lágrimas silenciosas escorriam de seu queixo e em suas mãos cruzadas.

Yeva ficou tão envolvida com isso que quase se distraiu com a inversão da fortuna de sua família. Mas então Radak apareceu na porta, tendo sido buscado por um dos criados para voltar para casa e ver a irmã perdida de Lena. Ele era um homem alto e magro, com uma terrível febre do feno e um nariz perpetuamente avermelhado, que ficava rachado e escamoso pelo constante

atrito do lenço. Mas ele sempre foi muito gentil e depois da história que ela ouvira sobre sua devoção à irmã e à família. Yeva achou que o rosto dele era talvez um dos mais bonitos que ela já viu. Ele se juntou a eles perto do fogo e beijou sua bochecha e, em seguida, pegou Lena nos braços, envolvendo-a por trás dela e foi só então que Yeva notou com um sobressalto a curva do estômago de sua irmã.

Ela ofegou sem palavras e Lena, vendo os olhos de Yeva irem para sua barriga, sorriu.

— Eu sempre gostei de coisas rápidas. — Disse Lena, fazendo Radak rir baixinho em seu ouvido. — O bebê não é exceção. Ele deve chegar daqui a mais quatro meses.

Yeva ficou boquiaberta. Ela ainda estava se acostumando a ser irmã novamente, e agora teria que aprender a ser tia.

— Eu senti muita a sua falta. — Disse ela, passando a mão sobre os olhos.

— Onde você estava? — Solmir explodiu. Ele ficou quieto durante a maior parte da história, contribuindo apenas para descartar as descrições das irmãs sobre sua devoção a elas durante a ausência de Yeva, balançando a cabeça e batendo com a mão. Ele não olhava para Yeva diretamente, não se ela estivesse olhando para ele. Ele olhava como um homem culpado, como se seus cuidados e proteção com as irmãs dela fossem um ato que ele deveria ter vergonha.

Yeva demorou a responder, a princípio porque estava distraída com Solmir e depois porque não conseguia pensar em como começar. Cada minuto que ela passava em sua casa, com suas irmãs, cercada pelas armadilhas do lar, de riqueza e segurança e tudo o que lhe fora tirado no ano passado, fazia sua vida no vale da Fera parecer cada vez mais distante.

Como se não fosse mais que um conto de fadas, para ser lido em um livro antigo de capa de couro, da segurança e conforto de uma cama quente.

Yeva aceitou uma xícara de chá da cozinheira e soprou na superfície fumegante para ganhar tempo para ordenar seus pensamentos. Ela tomou um gole para molhar a garganta e começou.

— Você se lembra do pai falar das feras, antes de desaparecer?

À medida que a tarde passava a ser noite, Solmir saiu para retornar à casa do barão, onde ele estava hospedado. Como solteiro solícito, dificilmente seria apropriado ele ficar até muito tarde em uma casa com duas meninas solteiras. O barão sofria de um calafrio no inverno passado e como seu herdeiro aparente, Solmir era um grande conforto para ele.

Os criados trouxeram o jantar, depois o chá, os doces e depois o cordial e o conhaque, o tempo todo na sala de estar enquanto Yeva contava a história. Ela os imaginou reunidos na cozinha, cada um contribuindo com o que ouviram enquanto tentavam unir, fio por fio, a tapeçaria do tempo de Yeva com a Fera.

— Ouvi dizer que ele não era um monstro, mas um homem amaldiçoado. — Dizia um, enquanto outro interrompia:

— Mas eu a ouvi dizer que ele tinha presas e garras, e um rugido tão alto que sacudia a própria terra sob seus pés.

A princípio, suas irmãs, Radak e Solmir também a interromperam com perguntas. Mas depois que Solmir foi forçado a partir, as perguntas diminuíram e suas irmãs e seu cunhado se calaram ao ouvir a história. Depois de terminado, eles se sentaram juntos em frente ao fogo, digerindo o que Yeva havia dito a eles e observando-a com uma descrença e reverência ainda mais profundas do que quando a viram pela primeira vez, ressuscitando da sepultura.

Depois de algumas horas desde que o último criado apareceu para escutar, Yeva pigarreou e levantou-se para colocar outro tronco no fogo, que estava queimando baixo em sua grade. Radak adormeceu no assento de amor ao lado de sua esposa, a cabeça jogada para trás, respirando audivelmente pela boca em deferência à febre do feno. Lena lançou-lhe um olhar afeiçoado de onde estava sentada, enrolada no círculo agora mole de seu braço e o cutucou gentilmente até que ele se sentou ao lado e seu ronco cessou.

— Ele trabalha demais. — Ela murmurou no silêncio, o primeiro que alguém falava há algum tempo.

Yeva afundou no tapete diante do fogo, virando-se para que as brasas a

aquecesse e abraçou os joelhos contra o peito.

— Eu sabia que ele te amava, independente da riqueza do pai.

O sorriso de Lena aumentou e ela lançou outro olhar para o homem dormindo ao lado dela. —Eu esperava. Mas esse tempo foi tão terrível, tão cheio de infelicidade que parecia que toda a nossa sorte havia fugido e tudo o que poderia azedar iria.

— Nosso pai morreu. — Asenka disse suavemente. — E com ele, nossa irmãzinha.

Yeva sempre esteve mais perto de Asenka que de Lena, tanto em espírito quanto em idade. E sempre fora Asenka a quem Yeva confessara seu coração. Desde o momento em que Yeva conversava, Asenka sempre a ouvia quando sua pequena alma não suportava mais o peso de tudo o que queria, a aventura e a magia, a floresta larga e todas as coisas que ela não podia. Nomes, que ninguém mais parecia entender.

Os olhos de Yeva ardiam, mas ela havia derramado tantas lágrimas naquele dia que nenhuma caiu agora, o poço dentro dela estava seco.

— Se eu pudesse ter enviado a notícia de que estava viva, teria. Achei que nunca mais veria nenhuma de vocês.

— Esperamos o máximo que pudemos. — Disse Lena, com o sorriso desaparecendo agora. — Mas depois que o verão terminou, sabíamos que não poderíamos passar mais um inverno na cabana. Não quando Radak tinha esse lugar para nós novamente. E não com seu novo sobrinho a caminho.

Yeva sabia que Lena estava esperando um menino, mas ela podia ouvir um som embaixo de todo o resto, um ritmo minúsculo e pulsante como o que ela ouvira no vale da Fera e quando fechou os olhos, a imagem posterior da irmã pareceu brilhar contra suas pálpebras. E naquele brilho, Yeva pôde ver que a criança seria uma menina, embora não pudesse explicar como a via. Era mágico e assustou Yeva que ela pudesse vê-lo mesmo aqui, na cidade, tão distante do vale da Fera quanto do mar do leste.

Yeva observou a irmã e a sobrinha que ainda não nascera e não disse nada.

O silêncio quebrou quando Radak prendeu a respiração e ele murmurou enquanto dormia, meio acordado. Lena pegou a mão dele e beijou sua bochecha, mandou-o para a cama e ele foi, só depois que ela prometeu que viria em breve.

— Yeva, essa história. — Lena sacudiu a cabeça, as sobrancelhas franzidas. — Se fosse alguém além de você, eu a chamaria de mentirosa.

— É a verdade. — Disse Yeva. E no entanto, havia partes da história que ela não havia contado, fragmentos que ela guardava sem saber o porquê: a maneira como a voz da Fera mudava quando ele dizia *eu* em vez de *nós*. O modo como cheirava a especiarias e o vento, exceto quando o derretimento da neve umedecia seu pelo, quando cheirava como um cachorro molhado. Quão familiar o suave sussurro de suas patas no chão de pedra se tornara. Os olhos dele quando encontraram os dela, logo antes de ela cortar sua garganta.

Ela disse a si mesma que era porque eles não acreditariam nesses detalhes, mas no fundo ela sabia que não era esse o motivo. Embora ela não pudesse colocar a verdadeira razão em palavras.

— Eu acredito em você. — Asenka deslizou da cadeira para o tapete ao lado de Yeva com um suspiro e esticou os pés em direção ao fogo. — Mas levará algum tempo até que qualquer um de nós entenda.

— Eu sei. — Os lábios de Yeva se contraíram. — Eu nem entendo ainda. Só sei que vendo vocês e sabendo que vocês estão aqui e seguras... Quando vi a cabana vazia, temi que algo terrível tivesse acontecido com vocês.

Lena estava evitando os olhos de Yeva. Olhando para ela, mas olhando para longe sempre que sua irmã caçula olhava para cima. Ela finalmente soltou o ar rapidamente e se inclinou, o rosto nas mãos.

—Oh, Yeva. Sinto muito. — Ela começou a chorar.

Alarmada, Yeva olhou para Asenka, mas também não encontrou seus olhos.

— Está tudo bem. — Disse Yeva, deslizando para a frente no tapete em direção ao assento de amor até que ela pudesse pegar as mãos de Lena. — Estou bem. Nada disso foi culpa sua.

Lena levantou a cabeça, os olhos cheios e o rosto começando a ficar avermelhado e inchado.

— Não, não... Yeva, eu queria sair da cabana quando a primavera chegasse. Eu acreditava que você estava morta e queria voltar para casa, e fui eu quem mandou Solmir parar... — A voz dela sumiu e ela balançou a cabeça, incapaz de continuar.

— Você foi quem disse para ele parar de me procurar. — Yeva terminou para ela, gentilmente.

Lena olhou para Asenka, depois assentiu.

— Você fez certo. — Yeva apertou as mãos. — Você não sabia que eu estava viva.

— Asenka sabia! — Lena deixou escapar as lágrimas. — Ela nos pediu para ficar o verão. Ela se recusou a acreditar que você tinha morrido.

Yeva apertou as mãos de Lena novamente e olhou através do tapete para Asenka, cujos olhos estavam no fogo. Yeva inclinou a cabeça e beijou as mãos da irmã.

— Nada disso importa. — Disse ela com firmeza. — Eu não acho que alguém possa encontrar o vale da Fera, a menos que ele queira. Solmir não teria me encontrado mesmo se ele tivesse procurado por mil anos. Lena, você fez a coisa certa. Estou muito feliz em encontrar todas vocês aqui.

Lena murmurou alguma coisa e passou os braços em volta do pescoço de Yeva e elas ficaram assim por um tempo até que Yeva lhe disse para ir se juntar ao marido e dormir. Ela o fez com relutância, parando no terceiro passo para olhar para trás em direção ao fogo, e a irmã que ela pensara ter perdido, antes de desaparecer no andar de cima.

Yeva rastejou de volta pela lareira até chegar perto o suficiente de Asenka para se enrolar, como costumava fazer quando criança, com a cabeça no colo da irmã mais velha, os dedos agarrando as saias como se fossem um cobertor reconfortante. Asenka inclinou a cabeça e beijou a têmpora de Yeva, e Yeva sentiu um tremor nos lábios. Ela sentiu o tamborilar de uma lágrima batendo em

sua bochecha e depois outra, mas antes que pudesse olhar para cima, a mão de Asenka começou a afagar o cabelo sujo e lamacento do rosto de Yeva, e Yeva não queria se mexer por medo de parar.

Ela adormeceu assim, e seu último pensamento foi esperar para sentir a próxima lágrima cair do rosto de Asenka para o dela.

Fera

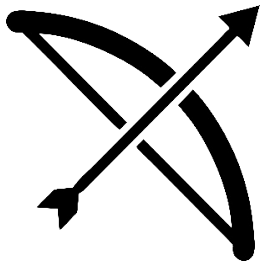
Eu não posso continuar.

O lobo é muito forte. Com ela eu pude... Eu fui... Mas o animal interior está zangado e sua raiva o torna forte. Ele quer que caçamos, nos alimentemos e corramos pela floresta. Ele quer que existamos como instinto e capricho, rápido e brutal como o inverno. Meus pensamentos deixam sua mente tão louca quanto seu instinto envenena o meu. Mas eu lembro o que eu era e isso me deixa fraco. Meu desespero é só meu, e estou tão cansado.

Ela não pode ficar... Enrole-se. Deixe-a. Eu vou desaparecer.

Desaparecer.

Capitulo Vinte



Yeva presumiu que sentisse vontade de caçar, depois de se tornar um hábito. Que a cidade pareceria lotada, suja e barulhenta, que a casa pareceria pequena depois de morar em um castelo. Em vez disso, surpreendeu-a como era fácil voltar dos mortos.

As notícias se espalharam pela cidade como o vento uivante do inverno, tão rapidamente que Yeva não precisou contar a história para ninguém, porque eles já sabiam. A maioria deles tinha ouvido completamente errado; para um estranho a história, mais elaborada se tornou na recontagem. Mas ela não sentiu vontade de corrigi-las.

E enquanto seu corpo estava acostumado a muito mais exercício, ela poderia passear pela cidade, logo entendeu que não estava sendo chamada a vaguear pelas florestas cobertas de neve ou correr atrás de animais selvagens.

Ela não era convidada a se juntar ao círculo de damas da baronesa, sem dúvida porque ninguém sabia o que fazer com ela, se passara o inverno com um homem solteiro sob uma maldição ou se passara na cama de uma mulher. Monstro. Embora nenhuma das duas fosse verdadeira, Yeva não se surpreendeu ao saber que tais dúvidas a impediram de voltar à alta sociedade. E como o salário da baronesa era o único aspecto de sua vida em casa que ela não tinha perdido, que lhe servia perfeitamente. Afinal, não importava se os habitantes da cidade não tivessem certeza sobre a honra de Yeva ou se sua história fantástica era a verdade. Ela não estava antecipando propostas de casamento de nenhum deles.

E havia Solmir.

Ele visitava diariamente e embora Yeva se sentisse tão afeiçoada a ele como antes da morte de seu pai, ela também não podia negar que havia um abismo estranho entre eles agora. Eles se aproximaram durante as caminhadas da tarde pela floresta, verificando as armadilhas de Yeva e conversando sobre caça, mas ele parecia mais rígido ao seu redor, incerto de si mesmo. A princípio, pensou que poderia ser sua nova reputação deixando-o pouco à vontade e depois de uma semana, finalmente encontrou coragem para perguntar a ele.

— Você não vai me dizer qual é o problema? — Yeva explodiu, depois que eles se sentaram em silêncio absoluto juntos debaixo da peônia, embrulhados no frio do outono e vendo as folhas douradas caírem ao seu redor.

Solmir começou, procurando por um instante como se tivesse esquecido que Yeva estava lá.

— O que? Qual é o meu problema?

— Você está infeliz. — Yeva disse suavemente, e embora tenha sido a primeira vez que usou essa palavra para si mesma, ela soube pela expressão no rosto de Solmir que estava certa.

— Não. — Ele disse rapidamente. — Estou feliz que você esteja em casa.

— Eu sei. Mas você pode ser feliz com uma coisa e triste ao mesmo tempo. Sentir uma coisa em seu coração não impede que você sinta outra. — Yeva puxou a capa com mais força. Se o tempo que passou no castelo da Fera não lhe ensinou mais nada, era que qualquer coisa — seja a Fera ou seu próprio coração — poderia ter mais de uma natureza.

— Não estou infeliz por você estar segura. — Disse Solmir, com tanta firmeza que quase falou as palavras. — Yeva, por favor. Só estou cansado, e o barão está doente e me preocupo com ele.

Yeva engoliu em seco.

— Eu sei que ele planejou nomear você como seu herdeiro. E conheço os rumores que circulam sobre mim. O fato de você estar amarrado a uma mulher certamente prejudicaria suas chances de...

— Chega disso! — Solmir fez uma careta para ela, o primeiro lampejo de emoção real e brilhante além daquela melancolia distante que ela tinha visto. — Se você acha que eu dou a mínima pelos rumores tolos que as pessoas sussurram nas ruas, você não deve pensar muito bem de mim.

Yeva não pôde deixar de sorrir, pois ele era seu antigo eu novamente naquele momento. Mas então seu sorriso desapareceu e ela suspirou.

— Eu penso muito em você. — Ela disse suavemente. — Eu quero que você seja feliz. É por isso que tudo o que quero dizer é que não pretendo cumprir com uma promessa que fizemos há um ano. Você acreditou que eu estava morta. Pelo que sei, você começou a cortejar outra pessoa, alguma outra garota na corte da baronesa. — A carranca de Solmir suavizou, seu rosto ficando branco. — Você não quer mais se casar comigo?

A respiração de Yeva ficou presa na garganta e, quando ela viu a dor tremer por trás daquela máscara inexpressiva e seu coração responder com uma vibração dolorosa, ela percebeu que o amava. Ela o amava como amava suas irmãs, como amava Albe. Ela amava o coração dele, a bondade dele e a devoção que ele mostrava à família dela, mesmo depois de todos acreditarem que ela estava morta. Ela não o amava como a esposa amava um marido, mas sabia que poderia aprender a fazê-lo, que poderia ser feliz com ele. Se isso o faria feliz.

— Você salvou minha família. — Disse Yeva. — Você ajudou minhas irmãs durante o inverno, mesmo depois de pensar que eu estava morta e nunca cumpriria meu fim da promessa. — Muito ousada, ela estendeu a mão e pegou a mão dele. — Farei tudo o que você pedir de mim.

Solmir olhou para ela, seu rosto de menino de repente abatido. Fracamente, seus dedos apertaram os dela de volta.

Yeva sorriu.

— Incluindo a liberação de nosso compromisso, se é isso que você deseja. Você tem sua própria reputação em que pensar, e eu sei disso.

Solmir ficou em silêncio, observando-a. Além dele e ao seu redor, as folhas de peônia caíam, flutuando de um lado para o outro como penas ao vento.

Sim, pensou Yeva. Eu poderia amá-lo.

Mas, embora lutasse para não fazê-lo, viu-se ouvindo com todas as suas forças o menor vislumbre de uma canção nele, a magia que a Fera havia lhe ensinado a ouvir. Tudo o que ouviu foi o farfalhar de uma brisa através dos galhos, o estalar de folhas enquanto Olhos-de-Corça e Pelei brincavam no jardim dos fundos, e o barulho distante do martelo do ferreiro na cidade, ecoando pelos prédios.

E então a voz de Solmir dizendo:

— Não quero nada mais do que continuar mantendo sua família em segurança, como prometi. Você é uma das mulheres mais notáveis que eu já conheci, Yeva e seria um tolo quem deixaria você ir. — Ele levantou a mão dela e o coração de Yeva tremeu, ela esperou que ele virasse a palma da mão. E beijasse o interior de seu pulso como ele fez naquele dia na floresta. Mas ele apenas roçou os lábios contra os nós dos dedos dela, e depois a ajudou a se levantar e a levou de volta para dentro.

Yeva sonhou naquela noite com a peônia. Ela estava beijando Solmir sob seus galhos e suas folhas caíam ao redor deles como uma chuva de fogo. Os braços dele estavam ao redor dela e as palmas das mãos pressionadas contra suas costas, e por todo o corpo dela correu uma torrente ardente que ela sentiu que poderia consumi-la a qualquer momento.

Solmir abaixou a cabeça para beijar sua garganta, depois atrás da orelha, respirando o perfume de seus cabelos e puxando-a para mais perto dele. Ela inclinou a cabeça para trás e ela abriu os olhos e ofegou.

As folhas que caíam ao redor deles não eram folhas, afinal, mas penas, penas de fogo vermelho-dourado. Yeva sabia que se um deles a tocasse seria demais, que apenas aquela minúscula centelha de calor seria suficiente para empurrá-la para o fogo e ela queimaria. Sua mente se encheu da música que ela estava procurando, e ela sentiu mágica no pulso dele, no ritmo da respiração dele e em sua pele em todos os lugares em que ele a tocava.

Então Solmir levantou a cabeça e ela viu os olhos dele, e eles eram

dourados, dourados como o Pássaro de fogo, dourados como as penas que rodeavam ao redor deles em uma tempestade de fogo. Afinal, o rosto dele não era o de Solmir, mas o que ela tinha visto apenas uma vez e apenas à luz fraca de um fogo que morria. Mas os olhos dele... Aqueles olhos eram tão familiares para ela quanto seu próprio batimento cardíaco.

— Bela. — Ele sussurrou, traçando as pontas dos dedos ao longo dos contornos do rosto dela.

Ela acordou ofegante como se fosse um pesadelo, mas seu corpo estava corado e febril e as batidas do coração não estavam dizendo para ela fugir. Seus pensamentos se encheram de arrependimento e, por um instante, ela desejou mais do que tudo que pudesse voltar a esse sonho, pois nunca em sua vida se sentira tão acordada.

Abruptamente, ela percebeu três coisas: que estava suando, que a janela se abriu durante a noite e que estava tremendo. O calor e a saudade do sonho desapareceram e ela gemeu, deslizando para fora da cama e correndo para a janela. Ela estava prestes a fechar quando ouviu algo que a fez parar.

Ainda era bem antes do amanhecer e a cidade estava silenciosa. Ela deveria ouvir apenas os barulhos da noite e do vento, mas, enquanto se esforçava, captou o som mais fraco que fez o fogo daquele sonho varrer sobre ela novamente.

Ela pensou ter ouvido uma música distante.

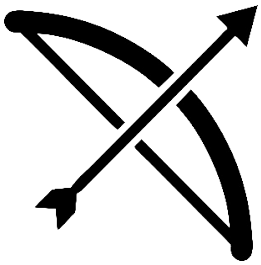
Fera

Música.

Fogo.

Bela...

Capitulo Vinte e Um



Galina veio visitar Yeva alguns dias depois que se espalharam as novidades pela cidade que a filha mais nova de Tvertko havia retornado. Ela descobriu a identidade da mulher estranha e de aparência selvagem que a abordou na rua e ficou cheia de desculpas e vergonha por não ter reconhecido Yeva de uma vez. Mas depois de algumas visitas, Yeva conseguiu convencê-la de que a falta de reconhecimento dificilmente era culpa de Galina. E como Galina era uma das poucas mulheres da idade de Yeva que não a evitavam e sua reputação como uma praga, Yeva estava feliz por sua companhia.

Além de suas irmãs, que estavam ansiosas demais para fingir que nada havia mudado e Solmir, que respondia a qualquer menção à ausência de Yeva com visível sofrimento. Galina era a única pessoa que não transformou todas as conversas em um fluxo de perguntas sobre a Fera. Ela falava sobre seu novo marido, um alfaiate na rua dos mercados que timidamente desenhou um lindo vestido para ela usar em uma das festas da baronesa. Ela falava sobre o quão cansativa e frustrante era sua gravidez, pois atualmente ela sofre uma série interminável de manhãs em que não consegue comer nada sem vomitar de novo. Ela falava sobre a moda atual e as outras mulheres, e quem estava saindo para a cidade e quem estava se mudando para a casa vaga no extremo leste da cidade, e se haveria uma geada precoce para danificar as colheitas.

Talvez tenha sido porque ela não perguntou sobre a Fera que Yeva acabou falando dele.

Elas passeavam pelo mercado, onde os vendedores pressionavam seus

produtos em transeuntes com vigor renovado, determinados a vender o máximo de suas ações possível antes do inverno fechar o mercado durante o ano. Galina descobriu que caminhar aliviava sua náusea, e Yeva ficou muito feliz em esticar as pernas que estavam acostumadas a longos dias correndo pela floresta.

— Yeva, qual é o problema? — A voz de Galina era suave, uma mudança do riso com o qual ela estava falando sobre as últimas experiências do marido com brocado.

Yeva levantou o olhar do chão, onde estava separando e categorizando as camadas sobre camadas de pegadas na rua de barro seco.

— O que? Não, estou apenas me sentindo quieta hoje. — Mas quando ela viu o rosto de Galina, gentil e preocupado e completamente sem artifícios ou qualquer coisa oculta, ela suspirou. — Eu tenho sonhado com ele.

— Solmir? — Galina perguntou, as sobrancelhas levantadas.

Yeva balançou a cabeça.

— A Fera.

Galina estava quieta, não diminuindo o passo. Yeva esperou pelas garantias padrão ‘Oh, os pesadelos desaparecerão. Você passou por uma coisa terrível, dará tempo e aprenderá que não tem mais nada a temer’ mas Galina apenas perguntou:

— Que tipo de sonho? — Yeva sentiu o rosto esquentar apesar do frio no ar e manteve os olhos baixos. — Eles não são pesadelos. Na verdade, eu... Eu gosto deles. São bons sonhos. Eles me fazem... — Ela parou antes que pudesse terminar a frase, não querendo pronunciar as palavras que estava prestes a dizer.

Eles me fazem sentir falta dele.

Galina acenou com a cabeça em direção à praça à frente e alegando cansaço, sugeriu que se sentassem na fonte áspera sobre o poço. Não era o lugar mais privado, mas agora ninguém estava buscando água, e o borrão de atividade sobre a cidade oferecia seu próprio manto de anonimato.

Yeva sentou-se, sentindo a pedra fria penetrar em suas camadas de saias. Ela estava pensando no vale da Fera cada vez mais, à medida que o inverno se

aproximava e embora ainda não houvesse geada, ela não tinha certeza se seria capaz de ver a cidade coberta de neve sem desejar a floresta. Sua música.

Galina soltou o ar rapidamente enquanto se sentava e observou as pessoas se moverem de um lado para o outro por um tempo antes de falar.

— Eu tenho uma prima em Kiev. — Ela disse finalmente. — Que se casou muito jovem, porque ela não era rica o suficiente para um dote grande e seus pais não sabiam se ela receberia outra oferta como a que ela recebeu.

Yeva se perguntou se Galina havia esquecido seus sonhos e assentiu.

— O marido dela não era um bom homem. Ele batia nela quando ela não fazia tudo exatamente ao seu gosto. Se o pão estava queimado ou se a casa não estava impecável, ou se ele pensasse que ela havia olhado demais para outro homem. Ele sempre a batia onde não aparecia, até que um dia ele perdeu a paciência e enegreceu os olhos dela e seu irmão reconheceu o que estava acontecendo. Mas quando ele se preparou para lidar com o marido, levar o caso ao magistrado e anular o casamento. Minha prima pediu que ele não o fizesse. Ela defendeu o marido e disse que ele só tinha um péssimo temperamento, que depois foi tão amoroso e se desculpou e que nenhum outro homem poderia fazê-la se sentir tão especial, tão amada. Ela disse que sem ele estaria perdida e que precisava dele.

Yeva ouviu em silêncio, seus próprios pensamentos perturbados. Ela conheceu outras mulheres que formaram vínculos com homens cruéis com elas, embora nunca conhecesse nenhuma em situações tão terríveis. Ela sempre pensou que elas eram tolas, fracas, sem a segurança de saber que eram melhores do que os homens cujos elogios feitos pelas costas as faziam ficar coradas. Mas talvez elas estivessem simplesmente apaixonadas. Talvez seus corações as tenham traído e não sua coragem.

Galina recostou-se.

— Eu digo isso porque me pergunto... Eu me pergunto se algo assim aconteceu com você.

Yeva conteve uma resposta rápida, forçando-se a absorver a história e

fechou os olhos.

— Ele nunca me machucou. Bem, ele fez uma vez. Mas, para ser justa, eu atirei nele com uma flecha e estava prestes a matá-lo com um machado.

A expressão de Galina tremeu, mas ela conseguiu não empalidecer muito visivelmente.

— Talvez não, mas você era prisioneira dele. Esse é um tipo diferente de dor, mas ainda assim machuca.

— E eu queria matá-lo. — Disse Yeva. — Quando eu era sua prisioneira. Era toda a minha razão de existir, sobreviver. Não me apaixonei por ele porque ele me machucou. A ideia é absurda!

As sobrancelhas de Galina se ergueram.

— Apaixonada por ele? Céus Yeva! Não foi isso que eu quis dizer. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

O rosto de Yeva queimava.

— Eu pensei... quero dizer, você estava falando sobre sua prima!

Galina sacudiu a cabeça rapidamente.

— Deus, não. — Agora ela estava observando Yeva de perto, com a voz baixa apesar do barulho das ruas movimentadas. — Você se importa com ele.

Yeva piscou com força, as palavras ecoando em seus ouvidos. Palavras que ela nunca ousou dizer nem para si mesma, mesmo nas partes mais profundas e silenciosas da noite, quando ela acordou suando e desejando.

— Eu... Eu sinto algo por ele. — Ela sussurrou. Seus olhos ardiam com a admissão e ela olhou para cima, mal conseguindo encontrar os olhos de Galina. — O que isso me faz?

Embora ela tentasse escondê-la, a expressão de Galina continha o menor vislumbre de horror e isso fez Yeva encolher. Mas Galina respirou fundo e quando ela soltou o ar, sua resposta veio em um suspiro:

— Humana.

Yeva fechou os punhos e os apoiou contra os olhos, punindo-os pela traição, garantindo que não houvesse mais lágrimas.

— Eu o odeio. Eu o odiava mais do que tudo, como nunca odiei antes. Eu não sabia que poderia odiar até odiar a Fera.

— Então, o que mudou?

Yeva teve que fazer uma pausa para respirar até que sua voz se estabilizasse.

— Eu descobri que ele também era prisioneiro. — Ela sussurrou. — E que ele estava tão sozinho quanto eu.

— Solitária? — Galina ecoou. — Mas Yeva, ele foi a razão de você estar sozinha e enjaulada sozinha naquele velho castelo.

— Não. — Yeva interrompeu. — Eu estava sozinha antes. Eu estava sozinha na cabana com minhas irmãs. Eu estava sozinha aqui com a baronesa.

Galina mordeu o lábio, os olhos caindo. Tarde demais, Yeva percebeu que estava dizendo que mesmo sua amizade com Galina a deixara sozinha. Mas era a verdade e ela não podia voltar atrás.

— Eu estava sempre sozinha e nunca soube até que conheci a Fera. A verdadeira Fera, a que está embaixo das presas, das garras e da raiva. Quem lê, que ouve contos de fadas, que ganha vida na floresta, que ouve música.

— Música? — Galina franziu a testa.

Yeva começou.

— Não, eu apenas quis dizer. — Pausou — Não sei o que quis dizer.

— Mas Yeva... Ele manteve você prisioneira. Ele ameaçou sua família.

— Eu sei. — Os olhos de Yeva subiram em direção à colina e embora ela não pudesse ver a casa de seu pai daqui, ela podia imaginá-la do outro lado da cordilheira. — E aproveitei da confiança dele e tentei matá-lo. Nós dois nos machucamos.

— O que faz você pensar que ele não tentaria machucá-la se você não tivesse escapado?

— Porque eu não escapei. — Respondeu Yeva simplesmente. — Ele me deixou ir.

O rosto de Galina estava perturbado.

— Dê um tempo. — Ela sugeriu suavemente. — Você tem suas irmãs, eu e Solmir. Pense em Solmir! Você não ficará sozinha aqui, Yeva. Você está cercada por pessoas que amam você.

Yeva sabia que ela estava certa. Ela pensou em Solmir, nos olhos quentes dele e nas tremendas gentilezas que ele mostrava à família dela. Ela tentou ignorar a mordida no ar quando ela e Galina se levantaram e começaram a caminhada de volta para sua casa. Cheirava a neve.



Asenka ainda passava a maior parte de seus dias na loja de Leech, ajudando a cuidar dos doentes. Leech era bom o suficiente para tratar doenças. Mas era um homem arrogante e ofensivo, sem paciência ou interesse pelas pessoas. Sua paixão estava na própria doença, em fazer listas intermináveis de sintomas e tratamentos e conectá-los. Assim era Asenka, seus sorrisos e sua simpatia inabalável diante de ferimentos ou doenças horríveis, a quem muitos dos habitantes da cidade atribuíam silenciosamente suas recuperações sempre que ficavam doentes.

Yeva vinha de vez em quando para compartilhar a refeição do meio-dia com ela. Embora Asenka recebesse o almoço na Leech, era mais frequentemente carne fria com pão frio. Então quando Yeva trouxe ensopado quente de casa, a mudança foi mais do que bem-vinda. O cantinho de Asenka do sótão do andar de cima era quieto e a menos que Leech tivesse pacientes tão doentes que precisassem de cuidados em tempo integral, as camas no sótão ficavam vazias. Era uma pausa na agitação da cidade e até em sua própria casa, cheia de criados, e Radak e Lena. Yeva chegou a entender por que Asenka aproveitava o máximo do tempo aqui.

Às vezes elas falavam sobre a Fera. Às vezes elas falavam sobre Lena e como ela estava ficando cada vez mais irritada devido ao bebê crescer em seu ventre. Na maioria das vezes elas simplesmente comiam juntas em silêncio,

desfrutando da rara e preciosa companhia de silêncio compartilhada.

Era o último minuto que Yeva quando decidiu embrulhar uma terrina de bolinhos de massa com carneiro e repolho e caminhar até a loja de Leech. Lena estava supervisionando a redecoração da sala de costura que ela estava sendo convertida em um berçário que Yeva sentiu que poderia gritar com ela se lhe pedissem mais uma vez para escolher entre duas tapeçarias quase idênticas para cobrir as paredes.

Mas quando ela subiu as escadas para a Leech no andar de cima, ela ouviu vozes.

— Pedi para você ir. — Embora a voz de Asenka fosse baixa, a dor nela desceu facilmente as escadas e fez Yeva parar.

— Eu não acredito que você esteja falando sério. — Era Solmir. Yeva reprimiu o fôlego de surpresa com a mão e embora sua consciência lhe dissesse que deveria se afastar novamente, ela não pôde deixar de ficar para ouvir. Solmir parecia tão triste e magoado quanto parecia ultimamente e faria qualquer coisa para descobrir a causa.

— Você não pode continuar vindo aqui. — Disse Asenka, a voz subindo. — É impróprio. Alguém vai vê-lo e falar, e nossa família teve mais do que seu quinhão de boatos e fofocas ultimamente.

— Com o que eu me importo? — Solmir explodiu, com a mesma paixão que Yeva havia achado agradável.

— Não é você! — Asenka chorou, fazendo Yeva vacilar nas escadas de surpresa. Ela não conseguia se lembrar da última vez que Asenka levantou a voz para ninguém. — Eu me importo, Solmir. Lena e Radak se importam. Yeva se importa.

Solmir soltou um som frustrado e sem palavras, e Yeva ouviu suas botas batendo primeiro de um jeito, depois do outro.

— Asenka. — Disse ele, mais silenciosamente agora. — Asenka, por favor. Devemos dizer a verdade. Se não o fizermos, você ficará infeliz, eu ficarei infeliz. Ninguém ficará feliz se continuarmos com isso.

— Yeva ficará. — Asenka sussurrou.

— Asenka...

— Vá.

— Não, eu não vou.

— Eu disse para ir! — A voz de Asenka ficou tão forte, de um jeito que Yeva nunca soube que ela possuía, e Yeva acabou olhando para o patamar vazio à sua frente. Foi só quando ouviu os passos lentos e soltos de Solmir indo para as escadas que ela se apressou o mais silenciosamente possível.



Naquela noite, Yeva esperou até que a casa ficasse em silêncio, e todos os criados fossem dormir e Radak e Lena estivessem dormindo. Ela se arrastou para fora da cama, tremendo enquanto vestia um par de meias de lã e em seguida, pegou a colcha na cama para envolver os ombros antes de deslizar para o corredor. Ela caminhou até o quarto de Asenka, onde a porta estava aberta, como sempre acontecia quando Yeva era criança e entrou furtivamente.

Quando jovem, Yeva rastejava na cama de Asenka para contar seus sonhos de monstros de contos de fadas e feitiços perversos, tão emocionantes e excitantes quanto assustadores. Esta noite seu coração acelerou como antes, e por um momento ela pensou que sua garganta não funcionaria até que seu sussurro explodisse:

— Asenka?

Sua irmã murmurou de maneira ininteligível, depois sentou-se.

— Yeva? O que está fazendo?

— Posso entrar?

— Sempre. — Asenka deslizou para o lado para dar espaço para Yeva na cama.

Yeva correu para baixo das cobertas, aquecida pelo calor do corpo de Asenka. Ela virou de lado e passou os braços em volta da irmã, pressionando a

testa contra o ombro.

— Eu preciso de conselhos. — Disse Yeva.

— Sobre o quê? — Asenka inclinou a cabeça para o lado até sua têmpora descansar no cabelo de Yeva.

— Solmir.

O corpo de Asenka ficou rígido. Estava tão perto que era impossível esconder de Yeva e ela sabia disso.

— Por favor. — Ela disse eventualmente, parecendo cansada. — Eu não posso.

Os braços de Yeva se apertaram e ela lembrou a si mesma que precisava saber o que estava acontecendo, mesmo que perguntar deixasse sua irmã infeliz.

— Algo está errado. Quero que ele seja feliz, mas ele não é. E ele não vai me dizer o porquê.

— Por que você acha que eu poderia responder, quando você não pode? — As palavras de Asenka foram cuidadosas. Ela nunca foi capaz de mentir bem e certamente não para sua própria família.

— Porque, — Disse Yeva. — Porque eu acho que você ainda está apaixonado por ele.

A respiração de Asenka se enredou em sua garganta, audível com Yeva tão perto dela. Pela primeira vez que Yeva se lembrou, sua irmã se afastou dela e sentou-se, recuando para o canto da cama e ajoelhando-se. — Yeva. — Ela ofegou, raiva tingindo sua voz. — Ele é seu noivo. Eu nunca... Era um capricho de menina, uma fantasia infantil que deixei de lado há muito tempo.

O coração de Yeva doía, porque ela podia ver a mentira mesmo no escuro, brilhando nos olhos de Asenka com mais intensidade do que a luz da lua da janela.

— Asenka, ele também se apaixonou por você?

Os olhos de Asenka brilharam.

— Claro que não! — Ela murmurou. — Ele te ama, está se casando com você. Ele quer passar o resto de sua vida com você, ele sempre o fez, desde que

conheceu você.

— Mesmo quando ele pensou que eu estava morta? — Yeva perguntou gentilmente.

— Não importa! — A voz de Asenka ficou subitamente feroz. —Eu nunca acreditei que você se foi. Eu sabia que você estava viva. Eu sabia que você voltaria e sabia que ele devia estar aqui, esperando por você, quando você aparecesse.

— Oh, Asenka. — Yeva estendeu a mão, tateando até encontrar a mão de sua irmã. — Se você o ama e ele a ama, você deve aceitar isso. Eu não serei quem fica entre vocês.

— Não. — Asenka retrucou, sua voz tão dura quanto quando ela expulsou Solmir da loja de Leech. — Ele foi feito para você.

— Eu não o quero. — Yeva falou o mais gentilmente possível. — Oh, eu ligo para ele, eu ligo muito para ele. Eu nunca posso retribuir tudo o que ele fez por nós. Mas Asenka, eu percebi... Ele não estava fazendo tudo isso por mim. Ele estava fazendo isso por você.

Asenka começou a chorar e balançava a cabeça várias vezes.

— Não! — Disse ela, a voz grossa. — Yeva, você é minha irmã. Eu te amo. Eu te amo mais do que qualquer coisa. Você e Lena são as coisas mais importantes do mundo. — Ela finalmente apertou a mão de Yeva, engolindo audivelmente. — Eu desistiria de mil Solmir por você.

Yeva se arrastou para frente e passou os braços em volta da cintura de Asenka.

— Eu sei. Mas não estou apaixonada por ele. Não do jeito que você está. Asenka, quero que você esteja com ele. Eu quero isso para vocês dois.

As lágrimas de Asenka transbordaram e ela soluçou sem palavras. Uma lembrança atingiu Yeva, a força que lhe roubava o fôlego: um único soluço, perdido na escuridão na parte de trás da cabana de caça, na noite em que Solmir veio propor Yeva e Asenka viu onde estava seu coração. Yeva puxou a irmã para mais perto e elas se sentaram assim, balançando juntas, amarradas e torcidas na

roupa de cama e murmurando uma para a outra.

Finalmente as lágrimas de Asenka diminuíram e ela levantou a cabeça. Yeva afastou os cabelos dos olhos e tocou as lágrimas nas bochechas, como Asenka costumava fazer por ela quando Yeva vinha chorando por conforto.

— Mas você deve se casar com Solmir. — Asenka sussurrou, os olhos atentos.

— Por quê? — Yeva balançou a cabeça, incapaz de pensar por que sua irmã era tão insistente.

— Porque se ele não a segurar aqui, você voltará. — Asenka estendeu a mão para colocar a mão na bochecha de Yeva. — De volta à Fera.

O coração de Yeva se contraiu e pulou, e ela prendeu a respiração.

— O que? Não... não seja tão absurda. Por que eu voltaria?

Mas, enquanto estavam sentadas juntas e Yeva segurava Asenka até adormecer, as palavras de sua irmã ecoaram em sua mente repetidas vezes, até que se estabeleceram no lugar, como uma peça que preenchia a forma exata do buraco em seu coração. E ela estava tentando ignorar.

De volta à Fera.

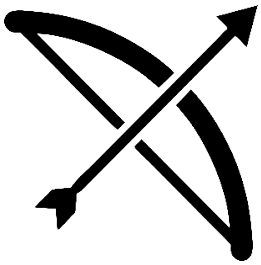
Fera

Nós corremos. Nós caçamos. Nós nos alimentamos.

Nós somos da floresta e da magia e sempre fomos. Nós nos gloriamos na matança.

Nós somos a Fera e sempre lutaremos.

Capitulo Vinte e Dois



A noite de Yeva foi um pesadelo. Ela sonhava que era o cervo e que a Fera a perseguia através da floresta. Ela não podia vê-lo, ouvi-lo ou cheirá-lo, mas algum instinto profundamente enraizado sabia que ele estava lá. Ela sabia que era a presa.

Mas quando ela acordou ofegante, não foi o pensamento de ser pega e consumida que ecoou em sua mente confusa. Tudo o que ela podia ver eram os olhos da Fera, vermelhos e fixos nela, cheios de sede de sangue e nada mais. Eles não possuíam humanidade, nem senso. Nem mesmo a astúcia cuidadosa de um predador. Os olhos eram simplesmente loucos, como os de um animal raivoso. Eles não eram os olhos da criatura, homem ou animal, que ela conhecera no castelo.

Levantou-se antes de qualquer um dos criados e acendeu o fogo na sala de estar e na cozinha e colocou uma chaleira com água para ferver para tomar chá. As tarefas a lembraram de sua vida na cabana de caça com sua família, e ela sentiu uma pontada de perda ao ficar aquecendo os dedos das mãos e dos pés diante das chamas. Ela sabia que suas irmãs se lembravam daqueles poucos meses como um período de terrível sofrimento e medo, mas Yeva não pôde deixar de vê-las como o início de uma jornada que a mudaria para sempre.

Pois ela foi mudada. Yeva sabia que morar aqui, entre sua família e os habitantes da cidade, tijolos, argamassa, aço e agitação. Exigiria diligência e foco. Ela não conseguia pensar na floresta, em Lamya e na música e nas coisas que ela viu no fundo do vale do castelo, na emoção daquele outro mundo. Ela não se lembrava de como estava viva quando era a animal, concentrada apenas

na caça.

Porque Asenka estava certa. Sem Solmir, sem o conhecimento de que ela deveria cumprir sua promessa, que deveria fazê-lo feliz em pagá-lo por tudo o que ele fez, que ela deveria se tornar feliz e fingir que essa vida ainda mantinha um lugar moldado para ela se encaixar. Sem tudo isso, o que seu coração mais queria era voltar. Seu pesadelo a envolveu, uma preocupação atormentadora pela própria Fera. Embora fosse apenas um sonho, ela não podia abalar o medo de que houvesse alguma verdade nele. Que sem ela, a humanidade da Fera estava desaparecendo.

Ela não podia banir o pensamento de que a Fera precisava dela.

No momento em que o resto da casa acordou, Yeva havia empacotado algumas poucas coisas em uma bolsa. O arco de seu pai, que estava sem corda desde o dia em que ela retornou, estava ao lado dele, com uma corda pendurada em uma extremidade entalhada, como se fosse um convite. Ela pegou sua faca de aparar, um pouco de pão, maçã, carne seca e uma pederneira, uma nova capa para substituir a rasgada e enlameada que Lena insistira em queimar. Ela pegou apenas o que achou que precisava na viagem de volta ao castelo da Fera.

Exceto por uma coisa que não tinha nenhum objetivo prático: ela pegou um livro, um dos poucos volumes que suas irmãs conseguiram rastrear e recomprar dos habitantes da cidade que compraram os pertences de Tvertko antes que a família partisse há um ano. Era o livro de contos de fadas que seu pai lia para ela quando ela era muito pequena, tão pequena que era a voz dele contando histórias que coloriam sua memória mais antiga. Lembrou-se de empoleirar-se no peitoril da janela do quarto com a vidraça e abrir uma fenda para poder deixar o inverno entrar, e lembrou-se de deixá-lo arder no nariz e lavar-se até ficar tremendo e azul.

— Ah, minha pequena Bela! — O pai dela falava quando ele abaixava o livro e a via. — Você estará congelado! Venha para cá. O que você está fazendo?

— Estou ouvindo o Pássaro de Fogo. — Respondeu a pequena Bela, a voz

tremendo de frio. — Você não consegue ouvir, papai?

O pai deixou o livro de lado e caminhou até a janela ao lado dela. Ele a envolveu em seus braços quentes, mas em vez de fechar a janela e trazê-la de volta para a cama, ele ficou ouvindo também. E depois de um momento, ela sentiu os bigodes roçarem sua bochecha enquanto ele assentiu. — Sim. — Ele disse gravemente. — Estou ouvindo.

— Que triste. — Disse a pequena Bela.

— Por que isso é triste? — Perguntou o pai.

— Porque é solitário.

Seu pai ficou quieto por um tempo, depois suspirou.

— Talvez nós demos alguma companhia. Quando a primavera chegar, você gostaria de ir comigo para minha cabana? Eu morava lá antes de conhecer sua mãe e ter as suas irmãs. Fica no fundo da floresta e posso ensinar tudo sobre as coisas que habitam lá.

— O Pássaro de Fogo mora lá? — Perguntou Bela, cheia de excitação repentina.

— O Pássaro de fogo sim e muitas outras maravilhas. Você gostaria disso, minha pequena Bela? — Bela gritou e se virou da janela e jogou os braços em volta do pescoço do pai, fazendo-o rir e cair para trás como se ela fosse uma fera selvagem cujo peso o tivesse levado ao chão.

Ela tinha cinco anos.

Yeva estremeceu, apesar do fogo voltar à vida diante dela. Que triste, ela pensou, lembrando-se da voz baixa e sombria da Fera. Quão solitário.

Pelei, embora feliz por ver Yeva novamente havia desenvolvido uma preferência rápida e surpreendente por Radak. Lena disse que, por causa de todos, Radak tinha sido o menos generoso com seus afetos pela cadela, o que parecia fazer Pelei trabalhar ainda mais para conquistá-lo. Embora Radak protestasse, ele não se importava com a criatura. Lena confessou em particular que na maioria das noites era Radak quem secretamente convidava o grande perfume desgrenhado que caía em sua cama, a se dobrar no buraco atrás dos

joelhos de Radak.

Olhos-de-Corça no entanto, ainda raramente saia do lado de Yeva. Fora Olhos-de-Corça que acordava com ela quando Yeva fugia dos seus sonhos e era Olhos-de-Corça que descia com ela, quando ela acordava cedo ou passeava pelo quintal sem rumo.

E era Olhos-de-Corça que estava deitada do outro lado da porta da frente agora, tentando parecer fácil e relaxada, mas observando todos os movimentos de Yeva com uma intensidade que a traiu. Mesmo quando os criados se mexiam e começavam as tarefas da manhã, Olhos-de-Corça não se mexia. Yeva se perguntou como ela poderia saber que esta manhã era diferente de qualquer outra, como ela poderia ler o coração de Yeva. Mas seu tempo com a Fera havia lhe ensinado como uma criatura podia gritar suas intenções para o céu sem sequer emitir um som. Ela sabia que Olhos-de-Corça podia ver Yeva pretendendo ir embora.

— Se você quiser vir, — Yeva sussurrou, agachando-se com Olhos-de-Corça e encostando a bochecha no topo da cabeça quente da cadela. — Então ficarei feliz com a companhia. Mas aqui você estará quente e alimentada e não posso garantir o que encontraremos. Ele pode estar... podemos estar por nossa conta.

Olhos-de-Corça soltou um grande suspiro, soprando ar quente e úmido no pescoço de Yeva e não se afastou de seu local, guardando os pertences de Yeva perto da porta.

— O que você está fazendo acordada? — Lena ficou parada no pé da escada, esfregando os olhos. Ela usava um roupão por cima das roupas de dormir e os cabelos estavam achatados de um lado por causa do travesseiro.

Yeva procurou as palavras para dizer à irmã que estava saindo, que estava com medo pela Fera, mas não conseguiu encontrar nenhuma. Mas depois de algumas respirações, os olhos sonolentos de Lena se arregalaram, viajando de Yeva, para Olhos-de-Corça deslizando urgentemente de um lado para o outro até a bolsa aos pés de Yeva.

O sono deixou o rosto de Lena e ela tropeçou nos últimos degraus em direção à irmã.

— Yeva! Onde você vai?

Yeva balançou a cabeça silenciosamente e juntou a capa nos braços com mais força contra o peito.

— Não. — Horror coloriu a voz de Lena. — Não, você não pode. Ele é um monstro.

Yeva fechou os olhos.

— Eu sei. — Ela murmurou. Quando ela abriu os olhos novamente, Asenka emergiu atraída pela nitidez do tom de Lena e ficou na escada, observando-as. — Ele é um monstro. Mas acredito que ele é um monstro por causa de algo que foi feito com ele. Acredito que posso salvá-lo.

— Você não deve nada a ele! — Lena gritou. — Ele não fez nada além de machucá-la!

Yeva balançou a cabeça.

— Ele me deixou ir. E se eu voltar agora, estaremos em igualdade de condições. Eu não vou caçar ele e ele não vai me caçar.

— Por que você quer voltar?

— Eu... Não sei explicar. — Yeva suspirou. — Mas... A Fera não é o monstro. O monstro é o que ele se tornou. Ele me levou porque achou que eu poderia libertá-lo e pretendo descobrir o porquê.

— Você não deve. — Lena teimosa como sempre, andou pelo chão e pegou a bolsa de Yeva, como se ela pudesse impedir sua irmã de sair se tirasse seus suprimentos. — Isso não faz sentido.

— Sim, é verdade. — A voz de Asenka veio calmamente de onde ela afundou para se sentar em um dos degraus que levavam ao andar de cima. Os olhos dela nunca deixaram os de Yeva. — Ela vai resgatá-lo.

Lena olhou de Asenka para Yeva, resmungando.

—R-resgatar? Yeva! Você não é um cavaleiro de uma história antiga e ele certamente não é uma donzela em perigo.

— Não. — Concordou Yeva, lutando contra o desejo irracional de sorrir. — Mas pretendo tentar, no entanto.

A expressão de Lena ficou nublada.

— Você nos deixou uma vez antes. — Disse ela atentamente, ciente de que estava recorrendo a táticas injustas. — Se não fosse por Radak e Solmir.. .

As palavras de sua irmã cortaram. Ela as abandonou em busca de vingança. Mas era diferente desta vez.

— Mas você os tem agora, para sempre. — Disse Yeva gentilmente. Os olhos dela se voltaram para Asenka cujo rosto corou, culpa e desejo se misturavam em suas feições. — Solmir nunca foi para mim, Lena.

Lena também olhou por cima do ombro para Asenka. Yeva sabia pela expressão no rosto de Lena que ela estava certa em libertar seu noivo da promessa dele.

Lena respirou fundo.

— Pelo menos fique mais uma noite. — Ela implorou. — Mais um jantar, mais uma noite antes de ir. Por favor?

Yeva hesitou, mas até a expressão de Asenka estava implorando e sua determinação desmoronou.

— Mais uma noite. — Ela concordou, depois se virou para a porta.

— Espera! Onde você vai?

— Eu preciso falar com Solmir. — Yeva não precisou olhar para Asenka para saber o que encontraria no rosto de sua irmã. — Prometo que voltarei. Aqui. — Ela acrescentou, quando Lena não parecia convencida. — Pegue o arco do pai. Eu não deixaria isso para trás.

Lena pegou o cajado comprido e curvado do arco não amarrado nas mãos que não estavam acostumadas a segurar armas de qualquer tipo e lançou a Yeva um olhar incerto.

— Mais uma noite. — Ela repetiu.

— Eu prometo.

A mansão do barão ficava no outro lado da cidade, e Yeva seguiu o longo

caminho que circundava as ruas mais movimentadas. Embora ela frequentemente preferisse evitar as multidões que ainda a olhavam como se ela fosse meio espírito, meio santa, hoje ela simplesmente queria tempo para reunir seus pensamentos.

A Fera estava esperando centenas, senão milhares, de anos para quebrar sua maldição. Mais um dia não seria o fim dele. E no entanto, o coração de Yeva estava apertado e desconfortável e seus pés coçavam pelo suave toque do tapete de mofo da floresta, em vez da lama das ruas da cidade.

Os portões da propriedade do barão estavam abertos, como quase sempre e Yeva não foi parada até chegar à mansão. O porteiro a levou para dentro. Solmir deve ter dado instruções à equipe com antecedência. Ela foi levada para uma sala de estar decorada com tapeçarias — uma das salas do barão e não aquela que frequentava como parte da comitiva da baronesa — e foi deixada para esperar.

Ela não pôde deixar de comparar esta sala com as do castelo no vale. Embora essa sala não tivesse indícios de mofo ou idade, nada de desgastado, rachado ou gasto, havia uma grandeza óbvia que Yeva considerava desagradável. As peças na sala foram selecionadas para mostrar a riqueza do barão e quem fez a seleção, não tinha o gosto do decorador do castelo, quem quer que ele fosse, todos esses séculos atrás. Ela estava inspecionando os livros exibidos com destaque em uma das prateleiras quando Solmir apareceu na porta. No ano passado, sempre que ele chegava para acompanhar Yeva nos passeios pela floresta, ele parecia desgrenhado e sem fôlego, a ansiedade corando o rosto e acelerando os passos. Agora, ela não pôde deixar de notar que seu rosto estava sério, seus passos sem pressa.

Ele inclinou o tronco alguns graus quando Yeva se virou.

— Bom dia. — Ele a cumprimentou, atravessando a sala para pegar a mão dela e levá-la a um dos sofás.

Ela agradeceu e sentou-se e de repente descobriu que tudo o que ela planejava dizer em sua caminhada até aqui desapareceu de sua memória. Ela olhou para Solmir, boba.

Ele ficou de pé junto à lareira, apoiando um cotovelo na lareira e parecendo exatamente uma pintura, uma moldura única de uma história de amor e tragédia perdidos. Quando Yeva não falou, suas sobrancelhas se franziram, preocupavam-se em colorir aquele rosto grave.

— Yeva? Você está bem? — Os olhos dele se arregalaram. — É sua família? Algo está errado?

— Não. — Yeva foi rápida para tranquilizá-lo, encontrando a língua novamente. — Não, está tudo bem. — Ela hesitou, depois olhou ao redor da ampla sala. — Eu nunca estive nesta parte da mansão. — Disse ela finalmente. — Apenas na ala da baronesa e no grande salão. É... grande.

Com isso Solmir sorriu, um pouco de sua rigidez relaxando.

— Vindo de você, tenho certeza de que isso não é um elogio.

O sorriso de Yeva saiu em resposta e ela riu.

— Você me conhece muito bem.

— Bem, você deve ser minha esposa. — Respondeu Solmir, o sorriso suavizando e se afastando. — Eu deveria te conhecer bem.

A garganta de Yeva se apertou.

— Foi sobre isso que eu vim falar com você.

— O barão me disse com confiança que serei o herdeiro dele. — Solmir disse isso sem muita surpresa ou prazer e Yeva pôde ver a dor ali. O barão estava morrendo e Solmir realmente se importava com ele. Muito mais do que as riquezas que herdaria. — Ele quer que eu case antes de anunciar publicamente. Ele acha que as pessoas ficarão mais à vontade se o novo barão tomar medidas para produzir um herdeiro, para que esse período de incerteza não se repita.

Embora as palavras fossem mercenárias, até insensíveis, a voz oca de Solmir disse tudo o que Yeva precisava saber para finalmente ter certeza absoluta de que ela estava certa.

— Solmir. — Ela soltou. — Eu sei que você está apaixonado por Asenka.

O rosto de Solmir congelou, depois ficou sem cor quando seus lábios afinaram.

— Eu não estou... Não é isso… Eu não vou sentar aqui e... — Yeva não desviou o olhar, embora ele se contorcia sob o olhar dela como um estudante sendo levado para a tarefa por mau comportamento.

— Solmir, estou feliz. Você entende? Quero que você se case com ela.

O rosto de Solmir ficou mais tenso e sua voz estava tensa.

— Yeva, eu fiz uma promessa a você.

— E eu para você. — Yeva se levantou e foi até a lareira. — Mas, por que manter uma promessa que não beneficia ninguém?

A expressão de Solmir tremeu, o menino espiando por sua recém-descoberta gravidade, antes que ele sacudisse a cabeça e olhasse para baixo.

— Não importa.

Yeva sentiu um lampejo de aborrecimento. Asenka e Solmir estavam ambos tão determinados a ser infelizes. Ela não deveria ter que lutar tanto para fazê-los ver que não queria fazer parte deles.

— Se isso não importa para você, certamente importa para mim. Não tenho interesse em me casar com um homem apaixonado por minha irmã.

— Eu te amo. — Disse Solmir ferozmente, como se ele pudesse fazê-lo dizendo as palavras com força suficiente atrás delas.

Yeva pegou a mão dele.

— E eu amo você. — Ela se inclinou para a frente, subindo na ponta dos pés o suficiente para pressionar os lábios na bochecha dele. — E quero nada mais do que chamá-lo de irmão.

O rosto de Solmir se enrugou e ele se afastou, saindo da lareira e enfiando as duas mãos nos cabelos.

— Não importa. — Ele repetiu. — Não importa, porque ela não me quer.

Yeva parou.

— O que?

— Eu perguntei a ela. — Solmir se virou e Yeva podia ver a culpa em cada linha de seu rosto. — Pedi que ela se casasse comigo, meses atrás, quando acreditamos que… — Sua voz pegou.

— Quando você acreditou que eu estava morta. — Yeva sussurrou.

Solmir assentiu sem palavras.

— E ela recusou?

Solmir limpou a garganta e depois limpou novamente quando as palavras ainda não chegavam.

— Ela me disse que não se casaria comigo porque sabia que você estava viva e que você voltaria para nós e que não trairia você.

Os olhos de Yeva se fecharam, coração inchado. Ela não sabia se queria abraçar a irmã ou beliscá-la por ser tão teimosa.

— Você deve perguntar a ela novamente.

Solmir olhou para Yeva o rosto angustiado, tão emocionado ao sentir que Yeva quase sentiu música nele.

— Eu não aguentaria ouvi-la me recusar pela segunda vez.

— Solmir. — Disse Yeva gentilmente. — Pergunte a ela novamente.



Naquela noite, Lena fez um jantar elaborado, conspirando com a cozinheira para criar um banquete muito além do que elas já haviam comido antes, mesmo no auge da riqueza de seu pai. Embora ela tenha dito que era para comemorar o noivado de Asenka com Solmir, Yeva suspeitava que não era em grande parte uma tentativa de mantê-la lá. Ela prometeu a Lena que só ficaria na noite passada, mas era óbvio que elas teriam o mesmo argumento novamente de manhã.

Como se viu, não era Lena que ela teria que lutar. Asenka e Solmir mal pareciam notar o resto da família, ou mesmo a comida. Solmir olhava para ela tão sonhadoramente que em um momento ele colocou o cotovelo na tigela e só percebeu quando a sopa encharcou o casaco e queimou a pele. E Asenka ficava parada como uma estátua, mal comendo, ficando vermelha igual beterraba cada vez que ela olhava para encontrar seu olhar sonhador.

Foi no final da refeição, quando Yeva estava oferecendo o último ensopado para Olhos-de-Corça debaixo da mesa, que Asenka finalmente respirou fundo e se afastou do olhar de Solmir.

— Vamos nos casar em uma semana. — Disse ela, interrompendo uma conversa sobre o plantio da primavera após o final do inverno.

Yeva começou. Ela não conseguia pensar quando eles tiveram tempo para decidir sobre a data, mas lá estavam eles, Solmir assentindo ansiosamente e Asenka sorrindo para o comprimento da mesa.

— O barão quer um casamento rápido — Continuou Asenka apressadamente. — Para poder anunciar Solmir como seu herdeiro. Caso contrário, não seríamos tão apressados.

— Não há necessidade de explicar. — Disse Yeva, sentindo um calor dentro dela que não tinha vindo do ensopado.

— Todos sabemos por que você está querendo um casamento rápido. — Acrescentou Radak, rindo e ganhando um cotovelo nas costelas da esposa.

Asenka ignorou isso, seu olhar em sua irmãzinha.

— Você deve ficar. — Ela deixou escapar, sua voz normalmente suave chegando com urgência. — Eu sei que você planejou ficar apenas mais uma noite, mas... Yeva, você tem que estar no meu casamento.

Yeva olhou de Asenka para Lena, cujo casamento ela havia perdido e seu coração doía. Aquela coceira em seus pés, a cavidade em sua alma que pedia a floresta, o vale e a canção da Fera inchou. A ferocidade animal da Fera em seu pesadelo puxava seu coração. O outono logo se tornaria inverno e uma vez que o inverno chegasse, seria uma jornada perigosa demais para tentar no frio intenso e na neve até a cintura. Mas, olhando para suas irmãs, cercada por seus novos irmãos e pelo calor de sua antiga casa e a cadela a seus pés, ela descobriu que a música parecia mais distante do que nunca, mais como um sonho do que uma memória e ela se viu assentindo.

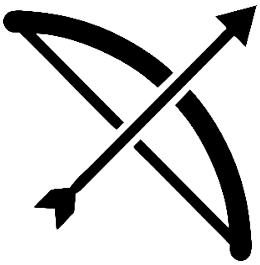
— É claro. — Ela sussurrou, e os olhos de Asenka se encheram. — Claro que vou ficar.

Fera

Ele se foi para sempre agora.

Eu sou o Lobo.

Capitulo Vinte e Tres



Asenka e de seu noivo ficariam muito satisfeitos com uma pequena cerimônia, o novo status de Solmir como herdeiro do barão exigia um certo grau de festividade quando se tratava de seu casamento. Yeva se viu tão ocupada com os preparativos que teve pouco tempo para pensar na Fera, nem no vale dele e em como ela poderia quebrar a maldição dele. Havia galhos de azevinho para tecer em guirlandas, pratos para organizar o banquete, vestidos para caber, dignitários para cumprimentar.

Yeva continuou a sonhar, mas todos os dias a mantinham tão ocupada que os pesadelos pareciam desaparecer como a névoa da manhã ao sol. Ela ainda tinha tempo. Os dias eram longos e embora se tornassem gradualmente mais curtos, ainda não haviam visto a primeira geada para anunciar o início do inverno. E depois que a irmã se casou, ela ficou tão exausta com todos os preparativos que se convenceu de que precisava descansar antes de partir. Suas irmãs não disseram nada, embora ela soubesse que estava na mente de Lena, pois o arco de seu pai havia desaparecido do canto. Sem dúvida escondido para evitar lembrar Yeva do que ela pretendia fazer.

Asenka mudou-se para os aposentos de Solmir, na mansão do barão, e uma semana depois da hora do casamento, o barão morreu. Seu funeral foi um evento grandioso e solene, pois ele era um bom proprietário de terras e seu povo prosperou sob sua orientação. As últimas folhas de outono caíram em uma chuva dolorosa de vermelho e dourado enquanto Solmir falava com as pessoas perto do caixão de seu antecessor. A chuva de cores lembrou Yeva... alguma coisa. Algo

que ela não conseguia definir em sua mente.

Embora a jovem viúva do barão fizesse movimentos para sair da ala da mansão que havia sido sua casa, Asenka não quis saber disso. Ela insistiu que a antiga baronesa ficasse e que, como nova baronesa, ela só precisava de alguns quartos pequenos para si mesma. Yeva vinha diariamente visitar sua irmã e encontrava a viúva do barão frequentemente ao lado de Asenka, as duas se tornando amigas rápidamente. Foi após essa visita que Asenka confessou a Yeva que subestimou a baronesa, julgando-a pelas descrições de Yeva de festas luxuosas e fofocas do tribunal e que a baronesa havia assumido grande parte do dinheiro enquanto seu marido estava doente. Ela estava se mostrando uma conselheira valiosa de Solmir, que pensava em lançar a tradição aos ventos e incluí-la em sua capacidade oficial em seu conselho.

Asenka e Solmir reservaram um conjunto de quartos para Yeva, pedindo que ela fosse morar com eles, pois Asenka tinha pouco interesse em caçar e Solmir se lembrava de seus passeios com Yeva com tanto carinho quanto ela. Agora que a perspectiva iminente de seu casamento se foi, Yeva considerou sua amizade com Solmir uma das mais próximas que ela já conhecera. Lena insistiu que Yeva ficasse com eles, em seu antigo quarto e Lena até parou de repreender Yeva por permitir que a cadela dormisse na cama dela. Ela não disse nada quando as lavadeiras se queixaram das dificuldades de tirar os pelos dos cães.

Radak, surpreendendo Yeva ao mostrar que a conhecia pelo menos tão bem quanto suas irmãs, ofereceu-se em silêncio para comprar a Yeva sua própria casinha na extremidade norte da cidade. Normalmente, seria um ato de suicídio social para uma mulher jovem e solteira viver sozinha em sua própria casa, mas Yeva era uma figura tão estranha na cidade como resultado de seu tempo com a Fera que não causaria muitas ondulações.

Ela ansiava tanto por voltar para casa, mas agora que ela estava aqui, e com uma enxurrada de casas diferentes para escolher, Yeva não pôde banir a pontada de descontentamento dentro dela. Ela não sonhava mais com a Fera, tendo conseguido treinar-se para acordar no início dos pesadelos quando eles

vinham. Mas a cidade não tinha música, não era como a floresta, a Fera ou seu castelo. E ela estava inquieta.

A barriga de Lena ficava mais redonda a cada semana e a felicidade de Asenka era tão contagiosa que Yeva não suportava a ideia de deixá-las. Mais algumas semanas, ela disse a si mesma, observando obstinadamente o tempo e dizendo a si mesma que o inverno ainda estava longe. Ela tinha tempo de sobra para voltar ao vale da Fera antes que a neve chegasse e tornasse a viagem impossível.

E então Yeva, escolhendo permanecer em seu antigo quarto na casa de Radak e Lena, se jogou no trabalho. Ela ajudava a preparar o quarto do bebê. Ela andava com Solmir. Ela administrava a equipe da casa para que Lena pudesse descansar. Ela mandou Radak ensiná-la a entender as finanças da família.

Radak se empolgou quando Lena aceitou sua proposta, comprando de volta as coisas que a família de Tvertko havia vendido para pagar suas dívidas. Nem tudo havia retornado ao uso diário. Algumas delas haviam sido escondidas no espaço de rastreamento do sótão para serem tratadas mais tarde, mas depois nunca haviam chegado. Havia livros, talheres, roupas de cama e restos de vestidos antigos, fora de moda. Yeva decidiu resolver tudo, mantendo o que ainda tinha significado para elas e dando o resto.

A hora era tarde em uma noite fria e ventosa quando Yeva entrou no espaço de armazenamento do sótão para vasculhar as pilhas de pertences cobertas de poeira. Ela descobriu que, se estivesse exausta, era mais fácil voltar a dormir depois de dispensar um dos pesadelos da Fera, por isso estava acordada há muito tempo que o resto da casa dormia. Ela estava vasculhando os baús de roupas quando encontrou um rolo empoeirado de estopa escondido atrás de um dos baús.

Ela a libertou, sufocando na poeira e tentando abafar a tosse.

Ela desembrulhou o pano e descobriu que estava escondendo o arco do pai.

Ele repousava sem força em suas mãos, sentindo-se mais pesado do que

ela lembrava e não familiar. E, no entanto, quando fechou os olhos e enroscou os dedos em volta do aperto, ela descobriu que suas mãos se lembravam bem de sua forma e achou o toque de sua madeira lisa um conforto.

Bela.

Um arrepio percorreu a espinha de Yeva. A palavra lhe veio à mente tão abruptamente e na voz da Fera, que por um instante ela pensou que ele estava atrás dela e falando seu nome em voz alta.

Assustada, suas mãos soltaram o arco. Antes de atingir o chão, Yeva abriu os olhos e se viu em pé em um bosque nevado. Era a clareira onde a Fera havia colocado sua armadilha para ela e ele estava deitado de costas para ela onde estivera antes. Subindo e descendo a cada respiração, a neve ao seu redor agitava e pisoteava.

Yeva estremeceu, pois usava apenas um fino vestido de lã e a neve estava encharcando suas meias.

— Fera? — A respiração ficou presa e parou, e Yeva sabia que ele a ouvira. — Fera, você me chamou? — Ele não respondeu, e Yeva se aproximou. A sensação familiar de que tudo isso havia acontecido antes formigava no fundo de sua mente, junto com alarme. É uma armadilha, dizia a memória dela. Ele está te caçando. Fuja.

Mas ela conhecia a Fera agora. E ele a conhecia. Ela sabia que ele não a machucaria. Ela estendeu a mão até poder enterrar a mão no pulso dele, o suave pelo cinza que cheirava a especiarias.

No instante em que o tocou, a Fera saltou. Ele girou, rosnando de raiva e sede de sangue e seus olhos se fixaram em Yeva. Ela recuou, mas depois se conteve, lutando contra o instinto de fugir.

— Fera, sou eu! — Ela chorou. — Sou Bela. Você me conhece!

Não houve resposta, nem o menor lampejo de reconhecimento nos olhos vermelhos e vazios. Ele deu um passo mais perto, seu corpo se movendo como o de um predador perseguindo sua presa. Seus lábios se curvaram para trás para desnudar os dentes em um rosnado molhado e penetrante.

Bela sentiu uma súbita pontada de medo. Esta não era sua Fera. Este… era um monstro.

Os músculos da Fera se contraíram, ondulando sob o casaco comprido enquanto ele se agachava. Ele se lançou e Yeva gritou, passando os braços sobre a cabeça e caindo na neve.

Seus joelhos bateram na madeira e seus olhos se abriram. Ela estava no sótão novamente. Um batimento cardíaco depois, o arco que ela deixou cair caiu no chão. Suas meias estavam secas e embora seu corpo tremesse com a lembrança do frio, ela descobriu que não tinha arrepios, dedos avermelhados, nada para sugerir que ela havia deixado o calor do sótão.

Sua respiração veio como um soluço quando ela se levantou. O sótão não tinha janelas, apenas uma abertura nas extremidades da casa para permitir que o ar circulasse no verão. Yeva tropeçou em uma das aberturas das janelas e soltou as persianas, sacudidas demais para trabalhar o fecho. O ar da noite entrou, envolvendo Yeva no frio e deixando-a tremendo em seu vestido de outono. Seu nariz formigou com a picada de gelo, a primeira geada.

Foi só depois que ela ficou ali por algum tempo que seus olhos se ajustaram à escuridão do lado de fora e ela viu que começara a nevar.

Yeva jogou em sua bolsa as necessidades que ela havia escolhido todas aquelas semanas atrás, as mãos tremendo com urgência. Olhos-de-Corça saltou do pé da cama de Yeva, onde esperava esperançosamente por sua ama, fingindo dormir enquanto ouvia se mover de um quarto para outro. Mais do que nunca, Yeva pôde ler o coração da cadela em seus movimentos e Yeva parou para agarrar o queixo de Olhos-de-Corça.

— Sim. — Ela sussurrou. — Vamos. — Olhos-de-Corça deu um olhar de soslaio e depois enfiou o nariz na bolsa, cheirando a carne seca. Yeva pensou em deixar um bilhete para as irmãs, mas disse a si mesma que não poderia desperdiçar aqueles poucos momentos preciosos. Na verdade, ela não tinha ideia do que escrever. Que ela teve uma visão da Fera, mostrando-o se tornar o monstro que eles temiam e por esse motivo ela tinha que voltar? Que encontrá-lo

e quebrar sua maldição era o que ela havia nascido, o que ela ansiava por toda a vida? Que ela nunca se sentiria satisfeita aqui, na casa cheia de pessoas que a amavam?

Não. Melhor sair agora. Eles iriam acordar para descobrir seu quarto vazio e Lena correria para o sótão onde ela havia escondido o arco do pai. Ela acharia que estava faltando e veria que Olhos-de-Corça também estava faltando, e ela saberia que Yeva se fora.

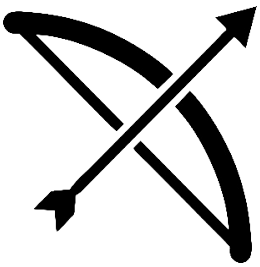
Vestiu as velhas perneiras de couro que Asenka havia feito para ela na cabana de caça, depois dois vestidos de lã por cima e depois a capa para se aquecer. Ela amarrou o arco, apoiando-o na perna e tentando não se encolher ao ver como seus músculos tremiam com o esforço. Amarrou o material nas costas e deslizou o arco por cima de um ombro.

Yeva fez uma pausa, apoiando-se no interior da porta enquanto olhava para o corredor de entrada para a sala de estar. Ela podia ver o pai ali, na cadeira empalhada de pés de garra perto da lareira que ainda exibia o recorte gasto que ele fez ao longo de tantos anos sentado no mesmo local. Ela podia vê-lo dobrado, com a cabeça nas mãos. Ela ouviu a voz dele na noite em que soube do destino de sua caravana, a voz que ficou tão triste, tão quebrada.

— *Oh, Bela.*

Ela fechou os olhos, procurou a trava nas costas e depois saiu para a noite.

Capitulo Vinte e Quatro



Embora Yeva nunca fosse capaz de identificar a localização do vale da Fera em um mapa, nem descrever para alguém como eles poderiam encontrá-lo, seu coração sabia exatamente para onde levá-la. Ela pensou em alugar um cavalo em uma das aldeias por onde passaria depois do amanhecer, mas decidiu não fazê-lo. Ela encontrou o caminho para sair do vale a pé e uma parte dela — a parte que conhecia as regras dos contos de fadas como ela conhecia lá de cima — tinha certeza de que ela deveria estar a pé para encontrar o caminho de volta.

Olhos-de-Corça também parecia saber o caminho. Por tudo que ela tinha sido cautelosa e até assustada com a Fera, ela se acostumou a morar perto de um predador e Yeva teve a estranha sensação de que a cadela estava empolgada por voltar. Embora Olhos-de-Corça passasse todas as noites com a família de Yeva estendida em frente ao fogo com a cabeça virada para baixo e radiante no calor dos carvões, havia uma faísca nela agora, um tipo de vida que faltava na cidade.

A cada passo, Yeva se sentia mais leve. Cada espaço que ela fechava entre ela e a Fera fazia com que ele puxasse ainda mais forte, como se ela fosse uma agulha puxada para um imã. Seu coração estava tão acostumado a odiá-lo que ela não conseguia entender como seus sentimentos por ele haviam mudado, mas ela sabia que agora, neste instante, nesta encruzilhada de sua vida, ela deveria encontrá-lo.

Ela não sabia o que viria depois, mas não sentia tanta certeza desde a primeira vez em que segurou o próprio arco nas mãos.

Ela o encontraria. Ela o libertaria.

A neve que começo a noite parou mais tarde no primeiro dia, e o sol pálido do outono foi suficiente para derreter nas estradas. Mas uma vez que ela deixou

a estrada para a floresta, a neve jazia sob as árvores em faixas brancas e frias que marcavam intrincados padrões de sombra onde o sol nunca penetrava nos galhos acima. Cada um parecia apontar para a frente, norte, iluminando seu caminho.

Seu sono — quando ela parou na escuridão da noite por tempo suficiente para descansar um pouco — era sem sonhos. Os dias voaram como se a magia a estivesse puxando para frente, convocando sua casa.

O ar mudou quando ela alcançou o rio onde passava pela fronteira sul do vale da Fera. Ela parou na beira da água, olhando a extensão brilhante. O rio brilhava ao sol da tarde, balançando contra as pedras a alguns passos de suas botas e Olhos-de-Corça se empoleirou para mergulhar ruidosamente. Aqui a água estava animada e dançava rapidamente através de seu curso esculpido, mas parte do rio, Yeva podia ver que estava congelada. O inverno profundo que congelou o tempo no vale da Fera, não havia mudado.

Yeva correu, jogando sabedoria e resistência ao vento em sua pressa. Olhos-de-Corça soltou um latido alegre e pouco característico e correu atrás dela, entrando em passo ao seu lado e respirando ruidosamente. O ar mais uma vez chamuscou seus pulmões com frio.

O castelo apareceu à vista, como sempre parecia, aninhado em um berço de gelo e neve, onde se estendia pelo rio que corria embaixo dele. O som dos passos fortes de Yeva mudou quando ela bateu na pedra da ponte, que uma vez cruzou com tanto cuidado. Ela foi primeiro para a sala, desviando-se das portas do castelo e deslizando apressada pelo caminho trilhado para a caverna. Apesar da violência de seus pesadelos, ela não sentia medo. Sabia que se a Fera pudesse vê-la, se ele soubesse que ela voltaria para ele, o lobo o libertaria.

A sala estava vazia. Ossos roídos cobriam os recantos sombrios da caverna e ela podia cheirá-lo, mas seu cheiro era fraco e parecia mais fraco a cada respiração. Yeva deu um passo para trás, olhou para baixo e viu que seus rastros eram frescos e novos, mas eram os únicos que haviam quebrado a crosta de uma neve velha. Ninguém mais apareceu por semanas.

Yeva girou e foi até as portas do castelo. Uma delas estava entreaberta,

como se fosse um convite. Ela correu pelo mármore empoeirado do grande salão, passou pela sala cheia de janelas quebradas e entrou no quarto com o divã de veludo azul e a mesa com livros sustentando-o e tapeçarias cobrindo as janelas altas para impedir a entrada de correntes de ar. Escuro, frio e vazio. Seu coração doía ao ver a lareira, que sempre brilhava forte ou brilhava com brasas. Ela nunca havia percebido com que frequência a Fera devia ter acendido até agora. Ela tinha tomado esse calor como garantido, como se o fogo tivesse se iluminado para ela todos os dias por mágica.

Suas pernas se recusaram a correr mais e a dor em seu coração começou a se espalhar. Pela primeira vez, uma onda de medo gelou os pelos da nuca.

Onde está a Fera?

Ela voltou para o grande salão. Olhos-de-Corça ofegante da corrida pelo vale, deu uma olhada nas escadas e caiu de bruços diante dela. Olhos-de-Corça lançou um olhar triste para ela e Yeva disse para que ficasse antes de subir a grande escada curva.

A biblioteca estava vazia e o quarto principal também - mas ela esperava isso. Era a sala da torre que ela procurava, a sala da torre onde ela sabia que encontraria a Fera. Ela puxou a tapeçaria para encontrar a porta secreta destrancada.

Você pode vir aqui a qualquer momento, a Fera havia dito a ela. Mas a lembrança de Yeva da oferta dele não conseguiu tocar o crescente medo em seu coração que ela se recusava a olhar diretamente.

Ela subiu os degraus dois de cada vez, gritando sem fôlego.

— Fera, sou eu. Bela. — Não houve resposta e Yeva o imaginou tão chocado que ela retornou que ele não conseguiu falar.

Mas quando ela atravessou a segunda porta no topo da escada em espiral, a sala da torre estava vazia. O fogo na lareira estava apagado e quando Yeva se aproximou e estendeu a mão para as cinzas, encontrou-as geladas. O tapete desmoronou e fedia sob seus pés, e ela viu que nada havia sido limpo, o sangue seco ainda manchava o chão.

A Fera se foi.

Yeva não conseguia pensar, não conseguia se mexer. Ela estava tão certa de que deveria voltar, tão certa de que toda a sua vida a estava dirigindo para este lugar, desta vez, para esta missão. Ela sabia que encontraria tudo o que sempre quis, tudo o que imaginou que poderia ser. Em vez disso, ela encontrou um castelo vazio, tão frio e escuro quanto o inverno no vale ao seu redor.

Yeva estava parada no centro da sala, tremendo, os olhos procurando qualquer coisa que pudesse aliviar o golpe.

A faca que ela usara para cortar a garganta da Fera ainda estava no chão onde ela a largou. A mancha de sangue que suas pernashaviam feito enquanto ela se afastava dele ainda riscava as pedras junto à parede. O livro cujas páginas foram espalhadas por...

Mas espere, onde estava o livro?

Yeva franziu a testa, examinando a sala novamente. Aquela noite estava tão intimamente esculpida em sua memória que ela podia ver em sua mente exatamente onde o livro havia estado: ao lado do sofá, aberto como se a Fera estivesse lendo. Ela abaixou o arco e atravessou para o lado mais distante da sala da torre, onde se agachou e viu o contorno fraco de um retângulo onde o livro estava, protegendo o chão embaixo dele do sangue da Fera.

A Fera havia mudado.

Ela convocou aquela noite mais uma vez, ignorando a pontada de culpa, a fim de comparar a memória com o lugar onde estava agora. Ali, em cima da mesa perto da janela, iluminada pelo sol pálido do inverno deslizando pelas persianas rachadas, estava o volume que ela procurava.

Estava fechado. Ela o pegou e encontrou uma pena de um pássaro pintado entre as páginas como um marcador, e deixou que ela se abrisse ali.

A caligrafia dentro era apertada e inclinada, não era escrita por um escriba como a maioria dos outros livros. Yeva não conseguiu ler. Ela virou algumas páginas e a escrita mudou e depois mudou novamente, escrita por muitas pessoas diferentes. Depois da página que a Fera havia marcado, o pergaminho estava em

branco. Yeva voltou ao início e uma série de números, mais facilmente lidos do que os escritos apertados, saltou para ela. Eles eram encontros.

O livro era uma história. E quando uma palavra ocasional emergia do emaranhado de letras antigas — terra, reino, dízimo, herdeiro, seca — ela percebeu que era a história da família que viveu aqui e a terra que governavam.

Yeva rapidamente voltou ao local marcado com a pena. A linguagem era tão arcaica que ela mal conseguia entender nada, mas ela viu o suficiente para saber que o escritor estava descrevendo uma família real. Um rei, sua rainha, seus três filhos, todos príncipes. A pena marcava a última entrada do livro, sem nada para dizer o que havia acontecido com aquela terra tantos séculos atrás, nem a família que a governara.

Era o nome do príncipe mais jovem que chamou a atenção de Yeva, mas uma mancha do sangue da Fera pousou nele, dificultando a leitura. Ela se inclinou para perto da página, segurando-a sob um raio de sol.

Eoven, ela leu.

Você pode me chamar de Ivan, a Fera havia lhe dito uma vez logo depois que ela contou a história do Pássaro de fogo.

Eoven. Ivan.

Com os dedos trêmulos, Yeva pegou a pena que havia marcado a página com o nome do príncipe. Ela pensou que era uma pena de um pássaro pintada, mas era mais dura do que isso, uma pena de cauda de um pássaro muito mais adequado para voar. Ela soprou nela, desalojando décadas ou séculos de poeira e sujeira, e passou uma ponta do dedo trêmula ao longo de sua espinha para unir as barbas desgrenhadas. Ela estendeu a mão para segurar a pena na luz.

No instante em que a luz do sol a tocou, a pena pareceu explodir em chamas. Yeva ofegou e quase a deixou cair, mas seus dedos não sentiram calor. Ela inclinou a pena para um lado e para o outro, observando a luz do sol capturar e dançar, transformando os marrons opacos em vermelho ardente, dourado e laranja. Como as folhas em seu sonho de beijar Solmir, de beijar o homem que a Fera fora outrora, as folhas que se transformaram em uma chuva de penas.

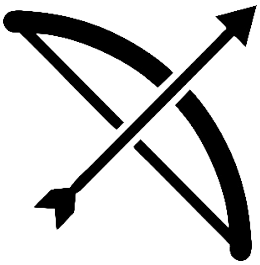
A Fera, antes de desaparecer para onde quer que tivesse ido, havia deixado este livro aqui para ela encontrar. E embora ele não pudesse lhe contar as origens de sua maldição, ele poderia deixar suas pistas para descobrir por si mesma. Yeva aproximou a pena e ouviu muito suavemente, tão suavemente que não se atreveu a respirar com medo de afogar o som, o menor pulso de música que roçava sua pele.

Sua Fera era o príncipe Ivan. E a presa que ele precisava que ela caçasse para quebrar sua maldição era o Pássaro de Fogo, a criatura das histórias de seu pai que Yeva sempre amou mais.

Para salvá-lo, ela teria que matar o que ansiava por toda a vida.

Yeva pegou seu arco.

Capitulo Vinte e Cinco



Yeva deixou a música da floresta levá-la. No começo, ela não tentou entendê-la ou separar seu padrão em segmentos individuais de música. Ela ficou no centro da clareira, com flocos de neve flutuando ao redor dela como partículas de poeira em um raio de sol e ouviu.

Quando um ritmo familiar se afirmou, puxando-a para o norte, ela abriu os olhos novamente e se virou na direção da música e a seguiu. Olhos-de-Corça trotou ao lado dela. A música era ilusória, movendo-se de um lado para o outro, e os instintos de Yeva pediram que ela se movesse com mais cuidado, perseguir sua presa como ela aprendeu a fazer. Mas ela não era caçadora hoje — pelo menos, não era o tipo de caçadora que tinha sido antes.

— Lamya. — Ela disse suavemente quando sentiu que a música que estava acompanhando, estava em todo ao seu redor agora. — Lamya, preciso da sua ajuda.

Não houve resposta, mas o ritmo da música mudou, como um batimento cardíaco acelerado.

Yeva tentou novamente, lambendo os lábios.

— Você se lembra de mim? Meu nome é Yeva. Eu vi você aqui e você me viu.

Novamente não houve resposta e o coração de Yeva se apertou. Sem a ajuda de uma das criaturas estranhas que viviam neste lugar, ela não tinha ideia de por onde começar, nenhuma pista de onde encontrar o Pássaro de Fogo na floresta que se estendia para sempre ao norte, até a beira do rio.

— É pela a Fera. — Yeva explodiu, a voz tocando alto no ar frio. — É por Eoven.

Uma rajada de ar quase a derrubou, o som de asas enormes quebrando o silêncio e cegando-a com neve lançada pelo vento. Quando Yeva limpou a neve que derretia dos olhos, não havia mais nada. Mas Lamya emergiu de trás de uma bétula muito magra para escondê-la. Ela não usava nada além de seus longos cabelos negros, que caíam sobre os ombros.

— Por Eoven? — Ela perguntou, sua voz aveludada.

— Ele me disse, que pediu sua ajuda uma vez antes.

— Ele queria morrer. — Disse Lamya sonhadora, movendo-se através da neve sem mexer um floco, com os pés descalços perfeitos e brancos e sem mostrar um pingo de frio. — Eu ajudei muitos assim.

— Ele disse que você não poderia matá-lo.

Os olhos negros de Lamya se voltaram para encontrar os de Yeva, e Yeva teve que lutar contra a necessidade de tremer com toda sua força.

— A Fera não pode ser morta.

— Eu sei. — disse Yeva tentando não demonstrar impaciência. — Eu preciso...

— Mas Eoven pode morrer. — Continuou Lamya como se Yeva não tivesse falado.

Yeva congelou, gelada como se estivesse tão nua quanto Lamya.

— O que você quer dizer?

— O mundo dos homens. — Lamya murmurou. — É tão estranho.

Ela esfregou o corpo contra uma árvore áspera com um pequeno suspiro de prazer. Uma mulher normal teria ficado arranhada e sangrando, mas a pele de Lamya apenas brilhava ainda mais. Quando ela continuou se movendo, inscrevendo um círculo largo e preguiçoso ao redor da clareira, Yeva viu um vislumbre de escamas deixadas para trás na casca da árvore.

Lamya continuou.

— Para você, todas as coisas têm uma natureza. Inverno é frio. A morte é

uma tragédia. Mas mesmo no mundo dos homens, isso não é verdade. Suas lembranças mais quentes são do inverno e os tempos passados perto da lareira e de casa. Para os doentes a velha morte pode ser um presente. E ainda assim você insiste em ver apenas os rostos das coisas. Eu sou mulher. Eu sou um dragão. Eu sou essas coisas o tempo todo e nunca sou uma, mas não a outra.

A impaciência de Yeva aumentou. Ela não podia alienar Lamya, mas a urgência em seu coração tornou quase impossível ficar de pé e ouvir.

— Por favor. Diga-me o que isso tem a ver com Eoven. Eu sonhei que ele se perdeu, que o animal dentro dele assumiu o controle, e eu preciso... Preciso saber que ele está bem.

— A Fera era um homem e um lobo. — Disse Lamya. — Como sou mulher e dragão. Mas no dia em que te vi com ele na floresta, ele não era mais essas coisas. Ele era apenas um homem. O rosto dele ainda falava do lobo, mas sua natureza — a verdade dele — era Eoven e não a Fera. Você fez isso com ele.

Yeva piscou.

— Como pode ser? Ele era a Fera quando eu o encontrei na floresta. Ele foi amaldiçoado muito antes de eu nascer.

— O Pássaro de Fogo fez dele um ser de duas naturezas. — Continuou Lamya. — Você o transformou em dois seres lutando por um único coração.

Um pequeno fio de horror tremeu na parte de trás do pescoço de Yeva.

— Você está dizendo que eu... Eu fiz o lobo assumir o controle?

— Você deixou o homem assumir. — Lamya a corrigiu. — E entregar seu coração a você. — Ela levantou uma mão lânguida e passou os dedos pelos longos cabelos para que caíssem lentamente, esculpindo a forma de uma asa de dragão no ar. —Agora, sem ele, Eoven não tem mais força para existir ao lado do lobo.

Os olhos de Yeva arderam. Ela enfiou a mão no bolso da cintura para poder enrolar os dedos em volta da pena.

— Foi o Pássaro de Fogo que o amaldiçoou. E é o Pássaro de Fogo que pode libertá-lo. Eu preciso encontrá-lo.

Lamya fez uma pausa, surpresa interrompendo seus movimentos sinuosos pela primeira vez desde que ela apareceu.

— O Pássaro de Fogo? — Ela ecoou. — Ninguém o vê há muitos anos.

— Você deve ter alguma ideia de onde encontrá-lo. — Implorou Yeva, aumentando o desespero. — Se sou eu quem fez isso com a Fera, é ainda mais importante que eu conserte.

As sobrancelhas de Lamya se uniram e seus olhos encontraram os de Yeva. De repente, a escuridão chamou Yeva, tornando-se não um abismo vazio, mas o calor de uma cama macia e aveludada. Yeva não queria nada além de cambalear para o lado de Lamya e se afogar naqueles olhos.

— Eu posso ajudá-la. — Lamya sussurrou e seus lábios eram tão macios quanto seus olhos. — Eu posso te libertar da dor no seu coração. O inverno não precisa ser frio. Eu posso te mostrar o calor.

Yeva sentiu dor, encontrando as bordas afiadas de seus pensamentos se desgastando. Ela estava tão cansada afinal. Cansada de contos de fadas, mágicas e castelos vazios, cansada de querer tão intensamente que não sabia o que queria.

Talvez Lamya pudesse ser o que ela queria. Isto seria tão fácil.

— O Pássaro de Fogo, Lamya. — Yeva levantou a pena na mão, o rosto corado apesar do frio. — Por favor.

Os cílios de Lamya caíram e, assim que seu olhar saiu de Yeva, o feitiço desapareceu como fumaça.

— Norte. — Ela disse suavemente. — Eu nunca vi o Pássaro de Fogo e vago aqui desde a primeira vez que o sol nasceu. — Sua voz suave continha uma profunda tristeza, um desejo que tocou Yeva tão profundamente que seus olhos ardiam. Yeva não era a única para quem o Pássaro de Fogo era um símbolo de querer. — Você não o encontrará aqui. Vá para o norte até o próximo vale e o outro além. O que você procura só pode estar no norte.

Agora que o calor de Lamya havia deixado o corpo de Yeva doeu com o frio repentino. Ela enrolou a capa com mais força no corpo. Ela descobriu que Olhos-de-Corça estava a alguma distância atrás dela, barriga baixa no chão e

orelhas para trás, seus grandes olhos redondos fixos com medo na mulher-dragão. Yeva recuou até sentir o calor do seu cão contra suas panturrilhas.

— Obrigado Lamya. — Ela sussurrou. Então ela correu.

Yeva mal havia percorrido algumas léguas no vale seguinte antes de sua exaustão começar a alcançá-la. Ela dormiu tão pouco na pressa de voltar à Fera, seu corpo agora doía e seus olhos ardiam e coçavam no ar seco e gelado.

Ela tocou a pena no bolso novamente. Um calor fortificante começou na ponta dos dedos e subiu lentamente pelo braço, espalhando-se pelo corpo e deixando-a piscar para longe a exaustão que a pesava. Ela não tinha certeza se o calor da pena era mágico ou se havia esperança que a atravessava, pedindo que ela deixasse de lado seu desejo de descansar.

Quando passou pela segunda vez por uma árvore retorcida, enegrecida por um raio, Yeva percebeu que estava andando em círculos. O senso inato de direção que a guiara até agora a deixara e quando ela parou confusa, Olhos-de-Corça parou também. A cadela inclinou a cabeça, intrigada com a repentina falta de direção de sua ama, depois se virou e saiu correndo pelas árvores.

Yeva a chamou, mas pela primeira vez desde que ela era um filhote de cachorro, Olhos-de-Corça não veio correndo ao som de sua voz. Soltando uma maldição cansada, Yeva se arrastou atrás de seu filhote.

Ela irrompeu através de um bosque denso e gelado e se viu na beira do rio, o mesmo rio que passava pelo vale da Fera abaixo. Olhos-de-Corça estava bebendo de um buraco no gelo, lambendo a água avidamente. O sol rompeu brevemente entre as espessas nuvens cinzentas e seu brilho no gelo do rio sacudiu Yeva de sua confusão cansada. Seus olhos viajaram rio acima e ela viu que seu curso passava por uma passagem entre as montanhas ao redor do vale em que estava. O sol brilhava na bochecha direita de Yeva antes de desaparecer atrás das nuvens novamente e Yeva percebeu que o rio corria de norte a sul.

— Obrigada, Olhos-de-Corça. — Yeva sussurrou. Ela encontrou seu caminho para o norte. Yeva descobriu enquanto caminhava que não precisava mais ouvir a magia da floresta. Na verdade, ela começou a se sentir ensurdecida

por ela. Embora a floresta estivesse silenciosa, sem os pequenos ruídos de uma região selvagem em hibernação, seus ouvidos tocavam com música. Quando a escuridão caiu, ela fez um pequeno acampamento e se aconchegou perto do fogo, com Olhos-de-Corça compartilhando seu calor sob a capa.

A magia aumentou e quando Yeva olhou para cima, ela viu a música pela primeira vez com os olhos. As nuvens haviam desaparecido e o céu estava dançando. Fitas de verde pálido e pêssego brilhavam acima dela, roubando-lhe o fôlego até que seu coração parecia bater de acordo com a mágica. Ela se recostou contra uma árvore para poder adormecer olhando para cima, e o céu dançante ficou mais e mais brilhante até que ardeu em vermelho e dourado e abriu asas de fogo e cantou a canção do Pássaro de Fogo.



Yeva acordou com um desejo tão forte no coração que ficou de pé e continuou se movendo para o norte, sem apagar o fogo ou guardar seus pertences. Ela deixou para trás a comida, a pederneira e a isca, a gordura de ganso que ela usava para proteger seus lábios e bochechas das rachaduras geladas do vento. Tudo o que ela trouxe foi o que havia adormecido: a pena no bolso, o livro de contos de fadas enfiado dentro da capa e o arco nas mãos com uma única flecha na aljava.

O sol estava alto e pálido no vasto céu azul cristalino quando um flash de vermelho brilhante ferrugem fez Yeva parar. Fazia dias desde a última vez que vira um conjunto de trilhas que não eram dela, muito menos um animal para deixá-las. E agora uma raposa apareceu à sua frente, sentada primariamente na neve com o rabo enrolado nas ancas.

— Borovoi? — Ela perguntou, sua voz rouca de desuso.

A raposa sorriu para ela, mostrando uma fileira de dentinhos pontiagudos e inclinou a cabeça angular.

— Essa é uma pergunta gasta.

Yeva respirou fundo para responder, mas fez uma pausa e, em vez disso, inspecionou a pequena raposa. Quase como ela viu as fitas de magia dançando no alto, ela podia ver no rosto da raposa a barba grisalha e musgosa, as bochechas vazias gravadas em casca, os olhos antigos do espírito esbelto que vislumbrava naquele primeiro dia sozinho na floresta, antes de conhecer o rusalka.

— Você tentou me matar.

— Eu te dei o que você pediu. — Disse Borovoi, a raposa, a esguia. — Eu não minto. Pergunte o que quiser.

Yeva não conseguia desviar os olhos da criatura, capturada por sua natureza dupla, os olhos do antigo espírito da floresta na moldura de seu rosto de raposa afiado.

— Eu vim aqui para... — Mas a música da magia e o rugido em seus ouvidos dificultavam a concentração. Yeva engoliu em seco. — Eu procuro o Pássaro de Fogo.

Borovoi sorriu de novo.

— Não todos?

— Preciso encontrá-lo. — Disse Yeva, jogando todo o sentimento atrás da voz. — É a chave para tudo o que eu sempre quis.

A cabeça da raposa inclinou para o outro lado.

— O que você fará se a encontrar?

Yeva olhou para a raposa, exaustão, confusão e magia entrelaçando sua mente para que ela não pudesse pensar direito.

— Eu... Eu só quero isso. É o meu destino.

— A Fera nunca pôde encontrar o próprio Pássaro de Fogo, você sabe. — A raposa levantou uma pata e mastigou um pouco de gelo entre os dedos. — O pássaro deve procurá-la. Por isso, ele acreditava que precisava de um caçador. Alguém para prender o Pássaro de Fogo e levá-lo até ele.

Yeva olhou para a raposa.

— A Fera? — Ela perguntou devagar, estupidamente. Sua mente cheia de

fitas dançantes de vermelho e dourado e uma música que ela ouviu pela primeira vez em um inverno aos cinco anos de idade, sentada ao lado de uma janela e ouvindo o pai ler para ela uma história.

— A música dele já chegou a você? — A raposa perguntou, parecendo surpresa. — Eu pensaria que você duraria mais.

— A Fera. — Yeva ecoou novamente. Em algum lugar no fundo de sua mente, a palavra Fera significava algo para ela além de ursos e javalis e outros perigos da floresta que sua memória evocava. A mão dela entrou no bolso sozinha, e os dedos tocaram as pontas macias e desgastadas de uma pena. — A Fera! — Ela gritou, lembrando. — Sim. Preciso encontrar o Pássaro de Fogo para a Fera.

— Vá para o norte. — Disse a raposa.

— Eu estou indo para o norte. — Protestou Yeva, ciente de que a qualquer momento sua exaustão a alcançaria e ela não seria capaz de viajar mais longe. — Estou indo para o norte há anos.

— Isso porque o Pássaro de Fogo está sempre ao norte de você. — Respondeu a raposa. — Não importa o quão longe você vá.



Yeva tropeçou na floresta, e só alcançando e encontrando o pelo quente de Olhos-de-Corça com os dedos, ela se lembrou de que era real, que isso era real, que não era uma história do livro escondido perto de seu peito.

Haveria um terceiro, ela sabia. Primeiro Lamya, a mulher-dragão, depois Borovoi, o esguio, e agora haveria mais um. Nas histórias, sempre havia um terceiro sinal, um terceiro teste, um terceiro pedaço de sabedoria para impulsionar o herói adiante. Três desejos, três príncipes, três penas, três corações, três...

Mas Yeva andou, andou, e encontrou apenas o próximo vale e o além, e o além e o rio que ela seguia se tornava cada vez mais estreito até que não passava

de um riacho. Ela cambaleou morros acima e escalou rostos de rochas e acabou se encontrando ao lado de uma cachoeira congelada que emergia como uma flor cristalina de uma fonte oculta nas rochas. A fonte do rio. O fim de sua estrada norte.

Ela viu verde pálido e pêssego refletidos nas dobras congeladas da cachoeira e quando piscou e olhou com mais força, viu vermelho-dourado e fogo.

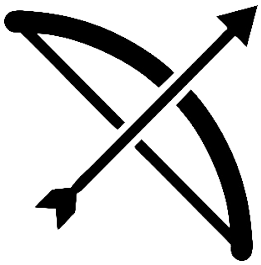
Ela foi para o rio congelado, ignorando como ele rachava e gemia sob seu peso. Vagamente o som a fez pensar em alguma memória meio perdida, outra vez que ela pisou no gelo que não a segurava, mas ela não conseguia se lembrar o que era. Olhos-de-Corça estava na margem e observava, e embora ela choramingasse, chorasse e andasse de um lado para o outro, parecia que não podia seguir sua ama. E assim Yeva seguiu sozinha até chegar à cachoeira.

O gelo se moveu, os lençóis congelados se enrolando e partindo como os cabelos de Lamya, como a neve caindo diante do vento, como folhas de outono da peônia. As cortinas de gelo se abriram para ela como as enormes portas de um castelo que ela conhecia, revelando que atrás da cachoeira havia uma caverna escondida. Yeva teria hesitado em entrar, mas a caverna era diferente de todas que ela já viu. O interior da caverna era mais brilhante que a luz do dia em que Yeva estava, como se contivesse seu próprio sol minúsculo.

Yeva entrou e no momento em que suas botas tocaram o chão de pedra da caverna, o gelo dobrou de volta no lugar atrás dela. Ela não podia ter medo, no entanto ela mal percebeu que estava selada por dentro.

Pois diante dela, dormindo com as asas enroladas no corpo como uma capa, estava o Pássaro de Fogo.

Capitulo Vinte e Seis



Yeva caiu de joelhos. O som do corpo dela batendo no chão de pedra despertou o Pássaro de Fogo, que levantou a cabeça dourada e olhou para ela. Parecia-lhe que nada em sua vida jamais a olhara. Parecia que cada centímetro de seu coração, toda sombra que já havia escurecido sua alma, toda coisa errada que ela já havia dito, feito ou sentido. Ele olhou para ela e inclinou a cabeça.

— Bem-vinda, Bela. — Cantou.

Yeva estava chorando e não de tristeza ou mesmo de alegria, mas simplesmente porque estava cheia demais para se conter.

— Eu tenho procurado por você. — Disse ela.

—Eu sei. — O Pássaro de Fogo desembrulhou suas asas e as esticou, e Yeva viu que eram como as asas de um falcão, largas e longas e feitas para voar e suas pontas roçavam cada extremidade da caverna. Embora Yeva pudesse se deitar sobre ela muitas vezes.

— Eu estive procurando por você a vida toda. — Mas, mesmo quando Yeva disse, algo minúsculo e silencioso se agitou dentro dela. Algo que, pela primeira vez desde que ela pegou a pena na sala da torre do castelo, abalou sua certeza.

— Todo mundo. — Disse o Pássaro de fogo. — Mas a maioria para de procurar. Muitos dizem a si mesmos que me encontraram em seus companheiros, em seus filhos, em seus campos e em seus deuses. — Os olhos de Yeva se turvaram.

— A raposa. — Ela sussurrou, tentando separar a memória dos sonhos, a

realidade da história. — A raposa me disse que você sempre esteve ao norte de mim, que sempre estaria ao norte de mim.

— A raposa nunca me encontrou. — Disse o Pássaro de Fogo. — E ele está com ciúmes.

— O que você é? — Yeva sentiu a música do Pássaro de Fogo naquele espaço vazio em seu coração, o espaço que sempre soube que ela queria mais do que sua vida mundana poderia oferecer. — Desejo?

O Pássaro de Fogo abriu as asas novamente, jogando a cabeça para trás e mostrando sua plumagem ardente e de tirar o fôlego em uma exibição que ofuscou os olhos semi-cegos de Yeva.

— Eu sou o objetivo. A recompensa no final da missão. O fim da história.

Yeva colocou a mão no bolso e tocou a pena. Só então ela viu que uma das penas da cauda do Pássaro de Fogo estava faltando e ela começou. — Eoven. — Ela respirou, lutando para lembrar. — Estou aqui por Eoven.

— Quem é Eoven? — Perguntou o Pássaro de Fogo.

— Eu... — Yeva olhou enfeitiçada nos olhos conhecedores do Pássaro de Fogo. — Não me lembro.

— Eu sou o que você procura. — Disse o Pássaro de fogo. — Eu sou a conclusão da sua jornada. Tudo o que você sempre quis. Magia. A música da floresta. Para sempre. Você está em casa, Bela.

Os olhos de Yeva começaram a se fechar, a voz doce do Pássaro de fogo esquentando partes dela que ela havia esquecido há muito tempo. Mas o nome dela, a palavra Bela, tocou em seus pensamentos e seus olhos se abriram. Por um momento, ela não viu o Pássaro de Fogo, nem sua caverna de cristal ou as fitas do céu dançando nas bordas de sua visão. Mas um par de olhos dourados, o estrondo de uma voz quente e a sensação de um divã de veludo azul embaixo da bochecha dela.

Ela viu sua Fera e sentiu o peso solitário do olhar dele e ouviu o som suave de suas patas na porta dela, e sentiu cheiro de especiarias e vento e, apenas um pouco, o cheiro de cachorro molhado. Ela lembrou.

— Você não é real. — Disse Yeva, ofegante. — É como Lamya disse. Nada é em si apenas uma coisa. Você não pode ser tudo o que eu sempre quis, porque nunca quis apenas uma coisa.

Os olhos do Pássaro de Fogo se estreitaram e depois se suavizaram. Eles tinham tanta aceitação, tanto conhecimento dela.

— Eu sou tudo. — Dizia.

Yeva forçou as mãos a apertar, com a intenção de enfiar as unhas nas palmas das mãos para se soltar do feitiço do Pássaro de Fogo. Em vez disso, descobriu que uma de suas mãos estava cheia e, quando olhou para baixo, lembrou-se de que ainda estava segurando o arco do pai.

— Você está certo. — Yeva sussurrou. —Você é tudo o que eu quero. Porque você é o que salvará minha Fera. Você é o terceiro teste.

Ela levantou o arco e ajustou a flecha na corda e desenhou em um movimento, tão praticado e rápido em seus meses de treinamento com a Fera que tudo aconteceu no silêncio entre uma batida do coração e a seguinte. O peito do Pássaro de Fogo inchou, suas asas ainda estendidas como se a desafiasse a atirar, como se tivesse certeza de que não podia.

Os dedos de Yeva tremeram.

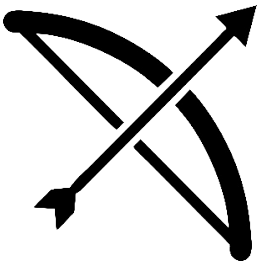
Vou te chamar de Bela, disse a Fera. Pois é isso que você é.

Ela afrouxou os dedos e deixou a flecha voar.

Fera

Fogo.
Neve
Bela.

Capitulo Vinte e Sete



A luz do pássaro de fogo saiu no instante em que a flecha teria atingido e Yeva se viu na escuridão tão completa e sólida que gritou, caindo no chão para que ela tivesse algo para tocar, algo para lhe dizer que estava viva e real. Ela tateou à sua frente, esperando tocar sangue e penas e a carcaça ainda quente da criatura, mas tudo o que encontrou foi uma única pena que havia deixado para trás, como a que a Fera havia deixado para ela encontrar.

Brilhava com o toque de seus dedos, apenas o suficiente para ela distinguir os contornos da caverna. A cortina de gelo a selara e desta vez, quando ela se aproximou, ela não se abriu. Era tão sólida e fria como pedra. Sua flecha atingiu a parede oposta e afundou na metade do seu cabo na rocha. Ela não conseguiu soltá-la e sem a ponta afiada da flecha, não tinha nada com o que lascar o gelo que selava a entrada da caverna.

O medo surgiu através dela como um vento de inverno e deixou seus dentes batendo. Ela estava com frio, mais frio do que jamais estivera em sua vida, como se estivesse exposta por semanas, mas só estava percebendo isso agora. Seu estômago doía de fome e ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha comido. Ela se sentiu tonta, fraca, perdida no escuro.

Estou sozinha, ela pensou. Seu pai havia lhe ensinado que ela nunca deveria tentar consolar-se mentindo sobre sua situação. Sem calor, sem comida e sem saída. Ela se colocou entre gelo e pedra, tentando capturar o pouco de calor que restava, instintos ainda lutando pela sobrevivência, apesar do que seus sentidos lhe diziam: que ela morreria aqui nesta caverna de gelo e escuridão. Yeva não pôde deixar de chorar, e foi apenas algum tempo depois, quando

começaram a congelar contra suas bochechas, que suas lágrimas cessaram.

Se ao menos a Fera estivesse aqui, Yeva pensou, seu coração entorpecido esquentando apenas o suficiente para doer. *Eu diria a ele que não me importo que ele seja a Fera. Eu diria a ele que o Pássaro de Fogo não importa, que ele não precisa ser curado. Eu diria a ele minha escolha, que ficaria com ele para sempre e o ensinaria a encontrar Eoven novamente e a mantê-lo seguro enquanto eu viver.*

Ela tinha tanta certeza de que estava destinada a salvá-lo que o deixou desaparecer.

O único calor que ela podia sentir vinha da pena em suas mãos e ela a levantou para poder ver sua luz pálida. Uma lambida de fogo dançou ao longo de sua borda e depois sussurrou, muito pequena para gerar um calor duradouro, mas Yeva não conseguia parar de a encarar diante de seus olhos. A caverna estava vazia, mas, com um sobressalto, Yeva lembrou-se do arco nas mãos e do livro aninhado contra o peito.

Ela tinha fogo. Ela tinha madeira. E ela tinha gravetos.

Suas mãos começaram a trabalhar antes que seus pensamentos se recuperassem, antes que ela pudesse pensar duas vezes, antes que pudesse se conter. Quem era ela sem histórias, sem a promessa da floresta em que caçava e o presente que seu pai lhe dera, para ver os contos silenciosos e ocultos que a floresta possuía? O que ela estava sem o desejo inquieto que a levava?

Ela rasgou as páginas do livro de contos de fadas sem hesitar, depois as rasgou em pedaços menores. Ela pegou o arco do pai e enfiou uma das extremidades em uma fenda na parede de pedra, e depois arfou com todas as suas forças, chorando de novo antes mesmo que a grande rachadura se rompesse e rasgasse o silêncio da caverna. O arco do pai ao pé da parede de gelo e depois pegou a pena do Pássaro de Fogo. Ela a segurou nas mãos em concha, sentindo a luz banhar seu rosto mais uma vez. Então ela a colocou no ninho de gravetos e madeira e deixou queimar.

Yeva cochilou aconchegada perto do fogo minúsculo, acordando de vez

em quando para soprar um carvão em decomposição aqui ou enfiar uma lasca do arco de seu pai de volta nas chamas ali. O calor do fogo derretia o gelo, mas devagar, muito devagar. Yeva limpou as gotas de água gelada com a ponta da capa para que a umidade não inundasse o fogo, balançou e esperou.

Não sabia ao certo quanto tempo se passara quando uma mudança a despertou com uma urgente sensação de pavor. Ela se inclinou automaticamente para o fogo para verificá-lo, e descobriu que ele havia diminuído para pouco mais do que alguns carvões fracos, revestidos com grossa cinza branca. Ela pegou o livro de histórias, mas todas as suas páginas haviam sumido agora e o fogo estava baixo e frio demais para queimar a capa de couro.

Yeva ficou de pé cambaleando e bateu com o ombro na cortina de gelo com todo o peso atrás dela, esforçando-se para ouvir algum gemido ou estalo ou sinal de que seu fogo havia afinado um pouco a porta de sua prisão. Mas mesmo sua imaginação não ouvia nada. Abafando um soluço de pânico, ela começou a rasgar tiras do fundo da capa, encontrando as seções mais secas para adicionar ao fogo.

Não! Seus pensamentos gritaram, enquanto tentava novamente mover o gelo, jogando toda a força que havia deixado contra a parede inflexível até que seu corpo doía com hematomas. *A história não termina assim.*

Mas se a experiência dela com o Pássaro de Fogo a ensinou alguma coisa foi que mesmo aqui, na extremidade do mundo, a vida não era uma história. Se ela morresse aqui, ninguém diria sobre isso. Ela seria mais uma alma perdida no deserto e a Fera ficaria para sempre correndo entre as árvores e caçando e se alimentando sem nunca olhar para cima, sem nunca ver o céu dançante. Yeva bateu contra a parede mais uma vez e depois ficou lá, o lado do rosto contra o gelo molhado que derretia lentamente, o frio era tão chocante que a fez ofegar.

E então, com o ouvido contra o gelo, ela ouviu um som. A princípio, pensou que era o gelo se depositando, mas quando chegou a segunda vez, e mais alto, reconheceu com um novo choque de terror o rugido de um animal selvagem.

A parede sob sua bochecha estremeceu e Yeva recuou. Um pedaço de gelo caiu do outro lado da parede, lançando uma fraca luz azul pálida na caverna. A criatura rugiu novamente, e de repente o coração de Yeva se encheu. Ela conhecia aquela voz, a conheceria em qualquer lugar, estivesse sussurrando seu nome ou rugindo em fúria.

— Fera! — Ela gritou, renovando seus esforços e batendo na parede novamente. Desta vez seus esforços a recompensaram com o mais fraco dos sons de estilhaços. — Estou aqui!

Houve um grande grito quando a Fera bateu com as garras na parede do lado de fora, depois estremeceu quando todo o seu peso corporal bateu contra a parede. Yeva recuou, sentindo-se reafirmando e lembrando-a de que ele a superava muitas vezes e que tentar ajudá-lo a quebrar a barreira provavelmente terminaria com ela esmagada por uma avalanche de gelo quebrado.

Os rosnados e rugidos ficaram mais altos quando a Fera esculpiu cada vez mais a parede. Bela podia ver sua forma atrás do gelo, em silhueta pelo sol. Levou apenas alguns instantes para toda a cortina congelada cair em uma chuva de fragmentos de cristal. A Fera irrompeu na caverna com um brilho brilhante do sol, cegando Yeva e fazendo-a levantar os dois braços para proteger os olhos.

— Fera! — Ela ofegou, lutando por respirar através de seu alívio. — Como você me achou? Como você soube?

Mas quando não houve resposta, Yeva abaixou os braços e olhou através do olhar repentino e viu a forma enorme da Fera circulando, cabeça baixa, cada passo meticuloso e calculador. Seus lábios estavam puxados para trás em um rosnado e quando ela encontrou seu olhar vermelho, ela não viu nenhum indício do homem que ela tinha vindo salvar. Ela deu um passo hesitante em direção a ele e todo o corpo da criatura ficou tenso, os músculos, os ombros contraídos, as ancas prontas para atacar. Yeva congelou, a mão meio estendida, sua mente ficando em branco. Ela não tinha mais armas. Todo equipamento que ela trouxera, deixara para trás em uma névoa induzida por magia.

Exceto... a pena desgastada pelo tempo que a Fera havia deixado para ela

ainda estava em seu bolso.

Ela começou a alcançá-la, mas o monstro que a perseguia viu o movimento e soltou um rosnado que sacudiu seus próprios ossos. Yeva teve apenas um instante antes dele pular nela, enfiar a mão no bolso e sacar a pena enquanto se jogava para trás, protegendo-se com as duas mãos instintivamente. Esperando sentir o peso esmagador da Fera, o rasgar dela em seu corpo com suas garras, o estalar cruel de suas mandíbulas.

Eles nunca vieram.

Quando ela conseguiu abrir os olhos, Yeva viu a Fera pairando sobre ela, ainda rosnando e ofegante com sede de sangue. Mas o foco dele se estreitou à pena presa em seus dedos. Comparada à coisa macia e brilhante que ela usara para acender o fogo, essa pena era maçante, suja e desarrumada, golpeada pelos séculos até ser quase irreconhecível. Mas a Fera a encarou bufando vapor no ar gelado, os músculos tremendo como se ele estivesse sendo retido por laços invisíveis. Yeva recuou, erguendo a pena como um talismã, o coração batendo dolorosamente e o medo deixando sua boca amarga e seca. Mas quando a Fera se moveu para dar um passo atrás dela, ela encontrou sua voz e soltou as primeiras palavras que vieram aos seus lábios.

— Deixe-me contar uma história! — Ela gritou. A Fera congelou, embora seu olhar nunca tremulasse. Yeva teve que respirar três vezes antes de encontrar sua voz novamente. — Vou lhe contar um conto de fadas.

Fera

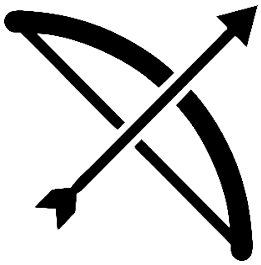
História. Mentiras. Palavras. Sem significado. Vazias.

Ela cheira a algo mais do que medo e sangue. Ela cheira a céu.

Nós bufamos e flexionamos nossas garras até elas moerem na pedra, mas ela nos segura. Nós poderíamos devorá-la de uma só vez, mas ela se aconchega lá em suas roupas rasgadas e ela nos segura como nenhuma criatura jamais poderia.

Ela é mágica. E vamos esperar o feitiço dela vacilar.

Capitulo Vinte e Oito



— Era uma vez — Yeva começou, sua voz tremendo, todo o corpo tremendo. — Havia um homem. Um rei, com três filhos. — Ela não podia deixar de lado o medo que a fazia querer correr para a boca da caverna, buscar a liberdade. Então, em vez disso, fechou os olhos e tentou com todas as suas forças fazer com que seu corpo acreditasse que estava de volta ao vale da Fera, em uma cela abaixo do castelo, falando com alguém do outro lado de uma porta trancada. Seu aliado invisível. Seu amigo, o homem chamado Ivan.

— Os filhos mais velhos imploraram que ele nomeasse um herdeiro, cada um deles querendo o poder e a riqueza que eles sabiam que os deixariam satisfeitos. Mas o filho mais novo era diferente. — A voz de Yeva se firmou um pouco. — Ele não queria o trono de seu pai, nunca quis que a vida lhe fosse explicada por seu nascimento. O que ele queria, ele não sabia o nome. Tudo o que sabia era que ele queria algo e que nunca estaria verdadeiramente em casa, nunca estaria realmente satisfeito, até encontrar tudo o que ansiava.

— Fale. — Seu rosnado era apenas uma voz, mas havia uma palavra e Yeva abriu os olhos.

A Fera estava agachada e a encarava com um olhar vermelho que a prendia no lugar, como uma serpente olhando para um rato que pretendia devorar.

Yeva estremeceu.

— O jovem príncipe partiu para encontrar o Pássaro de Fogo, mas em pouco tempo um grande lobo cinza saiu da floresta e exigiu o cavalo do príncipe. O príncipe implorou para que ele não comesse o cavalo, mas o lobo não

conseguiu conter a fome e logo devorou o cavalo inteiro. Mas quando o príncipe explicou que procurava o Pássaro de Fogo, o lobo teve pena dele e se ofereceu para levá-lo ao próximo reino, cujo rei se gabava de possuir o Pássaro de Fogo.

— O príncipe explicou a esse rei que ele precisava trazer o Pássaro de Fogo de volta para seu pai, e o rei lhe disse que ele lhe daria o Pássaro de Fogo se Ivan viajasse para o próximo reino e lhe trouxesse o que ele mais cobiçava: um cavalo, com uma juba dourada. Então o jovem príncipe voltou para o lobo, que concordou em carregá-lo para o próximo reino e o próximo rei.

— O príncipe contou sua história novamente. E novamente o rei teve pena dele e disse que daria a Ivan o cavalo com a juba de ouro se o príncipe entrasse no próximo reino e trouxesse de volta Yelena, a donzela mais bonita do mundo. Por quem o rei se apaixonou loucamente. Então o jovem príncipe e o lobo viajaram para o próximo reino e lá encontraram Yelena, a Bela, trancada em uma torre alta.

Yeva havia deixado a história original, a que seu pai havia lido para ela do livro que ela virou cinzas, atrás dela. Ela sabia que não podia adivinhar a verdade da vida de Eoven, ou como ele havia sido amaldiçoado, ou mesmo o que o levou a procurar o Pássaro de Fogo. Mas ela viu o desejo em seu próprio coração refletido no dele, na solidão de seu castelo e na esperança em todas as páginas dos livros de histórias que ele mantinha em segurança na sala da torre por todos esses longos séculos.

A verdade de sua vida era que também era a vida de Yeva. E havia uma razão pela qual ela sempre amou e odiou a história de Ivan e o Lobo, e o Pássaro de Fogo que os enviou para o mundo. Ela nunca soube até conhecer o Pássaro de Fogo.

A maldição do príncipe não era arrogância ou crueldade, como costumava acontecer nos contos de fadas. Sua maldição estava em sempre querer, sempre querer. E Yeva também.

— O jovem príncipe foi ao rei daquela terra e pediu que ele libertasse Yelena, mas esse rei era mais velho que os outros e ele tinha visto mais do

mundo, e avisou Ivan para ficar longe. Ele disse que, por mais que o jovem príncipe quisesse Yelena, a satisfação dos desejos saciados era curta e pálida em comparação com o sonho de querer.

— Seu pai, o rei, tinha um belo jardim com um belo pomar que era seu orgulho e alegria, mas todas as noites um ladrão invisível roubava as maçãs douradas de sua árvore mais apreciada. Ele reuniu seus três filhos e disse-lhes que qualquer príncipe que pudesse pegar o ladrão seria nomeado herdeiro. Os filhos mais velhos estavam tão ansiosos para pegar o ladrão que brigaram e lutaram entre si a noite toda e sentiram falta do ladrão. Foi o príncipe mais jovem que, apesar de ter pouco interesse no trono de seu pai, teve um vislumbre do bandido.

— Ele veio ao pai de manhã e disse que tinha visto o Pássaro de Fogo, a mais ilusória de todas as coisas mágicas, roubando as maçãs douradas do rei. O rei enviou seus filhos ao mundo para encontrar a criatura e embora o jovem príncipe não se importasse menos com o trono, no momento em que viu o Pássaro de Fogo, ele sabia que era tudo o que ele sempre quis.

A voz de Yeva, seca de medo e apertada de frio, ficou presa na garganta. Ela ouviu a Fera respirar fundo e por um batimento cardíaco aterrorizado, pensou que ele poderia pular. Mas, em vez disso, ele soltou um rosnado longo e baixo.

— O príncipe ignorou o aviso e voltou para o Lobo Cinzento, que se transformou em uma escada de corda para que o príncipe pudesse subir a torre alta e levar Yelena para si. Eles voltaram para o rei que a pediu, mas quando chegaram ao castelo, o jovem príncipe olhou para Yelena e decidiu que ele a queria para si mesmo, porque o amor o faria feliz, e ele implorou ao Lobo por sua ajuda. O Lobo assumiu a forma de Yelena e o jovem príncipe o levou ao rei, que ficou muito feliz de ter pelo menos o desejo de seu coração. De bom grado, deu ao príncipe o cavalo com a crina de ouro. Uma vez que o jovem príncipe estava além das fronteiras do reino, o Lobo escapou do castelo e correu de volta para encontrá-lo e levá-lo ao rei que havia pedido o cavalo a Ivan.

— Mas quando chegaram aos portões do castelo e Ivan olhou para o cavalo com a juba dourada, com Yelena nas costas e uma bela cabeçada dourada envolta em seda no pescoço, ele percebeu que não queria se separar, porque a liberdade o faria feliz. Ele implorou ao Lobo que o ajudasse novamente e o Lobo se transformou no cavalo com a juba dourada. O rei estava tão cheio de felicidade por ter o cavalo com a crina de ouro que disse a Ivan para entrar em seu zoológico e pegar o Pássaro de Fogo. Ele alertou o príncipe, no entanto, para não pegar a gaiola de ouro maciço que abrigava o Pássaro de Fogo. Mas quando o príncipe entrou no zoológico e viu o Pássaro de Fogo, ele também viu a gaiola e pensou que se pudesse levá-la também teria riqueza, amor e liberdade e finalmente ficaria feliz.

— Mas assim que o jovem príncipe tocou a gaiola, sua porta dourada se abriu e o Pássaro de Fogo se libertou. Ivan saltou para capturá-lo, mas ele conseguiu pegar apenas uma única pena de sua cauda antes de desaparecer, desaparecendo para sempre no norte.

— Quando o Lobo escapou e se juntou ao jovem príncipe, ele o encontrou sentado em uma encruzilhada com a cabeça nas mãos. O Lobo perguntou como ele poderia ser tão infeliz, quando ele tinha o amor da mulher mais bonita do mundo, a liberdade do cavalo mais veloz do mundo e uma gaiola de ouro que valia o suficiente para comprar qualquer luxo que ele desejasse.

Yeva pensou em sua casa, suas irmãs, seus amigos Galina e Solmir. Ela até pensou no castelo da Fera e nos livros que ela não teve tempo de ler e em como o rio teria sido bonito na primavera. *Se ao menos eu pudesse quebrar o feitiço da Fera*, ela pensou amargamente, *então eu poderia ser feliz.*

— O príncipe confessou — Continuou Yeva. — Que o último rei estava certo, que o sonho era o que ele desejava e nunca ficaria feliz até encontrar o Pássaro de Fogo e tudo o que ele sempre quis. Nenhuma das coisas que ele encontrasse ao longo do caminho o faria feliz.

A voz dela sumiu, pois ali a história deveria ter triunfado com o príncipe em casa, casado com Yelena e herdado o reino de seu pai e usado a gaiola

dourada para estabelecer um estábulo cheio de montarias geradas pelo cavalo com a juba dourada. O que achava que trariam ao seu reino um século de prosperidade. Mas aí o conto de fadas terminava e Yeva levantou o rosto para encontrar a Fera ainda a observando. A força de seu olhar diminuiu e agora que ela ficou em silêncio, ele estava começando a se mexer onde estava deitado contra a pedra e roncar com descontentamento no fundo da garganta.

— Como essa história termina? — A Fera rosnou.

Yeva engoliu em seco, segurando a pena velha na mão.

— Eu não sei. — Ela sussurrou. — O Lobo e o jovem príncipe foram amaldiçoados a permanecerem juntos pelo resto de suas vidas sem fim, para que nenhum dos dois pudessem estar verdadeiramente satisfeitos. E somente se o Pássaro de Fogo — a única coisa que o jovem príncipe sempre quis mais do que qualquer coisa neste mundo — voltasse para ele por conta própria, sua maldição seria quebrada.

As garras da Fera flexionaram enquanto Yeva observava seu rosto, as sobrancelhas cinza se fecharam em uma fração e ele baixou o olhar em confusão.

— Como você conhece essa história?

A respiração de Yeva ficou presa.

— Porque também é a minha história. — Ela sussurrou. — Porque eu pensei que não ficaria feliz até sair da cidade para viver na floresta, que não ficaria feliz até que pudesse caçar todos os dias, que não ficaria feliz até vingar a morte do meu pai. Porque passei um ano em um antigo castelo com o jovem príncipe e o Lobo Cinza e pensei que não poderia ser feliz até matar os dois e quando o fiz, chorei mais do que nunca na minha vida. Porque pensei que não poderia ser feliz até voltar para casa e depois pensei que não poderia ser feliz até voltar para o castelo.

As feições da Fera tremeram e o coração de Yeva começou a bater forte, porque lá nas profundezas vermelhas e sem sentido dos animais, ela pensou ter visto o mais fraco brilho de ouro. Muito ousada ela avançou, todos os seus sentidos em alerta pelo menor sinal de que a natureza animal da Fera poderia

assumir o controle e fazê-lo atacar.

— Porque eu pensei que a razão pela qual eu sempre me senti tão inquieta era porque eu fui feita para mágica. — Yeva disse suavemente. — Que se eu pudesse consertar a história, que se eu resgatasse o jovem príncipe, o Lobo Cinza e encontrasse o Pássaro de Fogo e segurasse em minhas mãos tudo o que eu sempre quis, viveria feliz para sempre.

— Como a sua história termina? — Perguntou a Fera, sua voz voltando para o baixo aveludado que Yeva conhecia tão bem.

Yeva olhou de volta para ele, todas as suas respostas se foram. Milhares de contos de fadas brilharam em sua memória, cheios de missões e sonhos, desejos e recompensas. Mas o caminho à sua frente estava em branco, tão vazio quanto a encadernação em couro do livro de histórias que ela trouxera.

— Eu não sei. — Ela sussurrou. — Eu acho que talvez isso não termine. — Ela avançou novamente e levantou uma mão, mas a Fera não se afastou e ele não a atacou. Os dedos dela penetraram no pelo macio do peito dele e o calor dele baniu a dormência do frio. Ela sentiu as batidas do coração dele embaixo da mão e abaixo disso, o pulso do homem e lobo mágico que cantavam tão forte como sempre. Os olhos dela se encheram. — Eu sinto muito.

O peito da Fera subiu e caiu sob a mão dela em um suspiro.

— Pelo quê?

— Eu estava tão perto. — Respondeu Yeva. — O Pássaro de Fogo estava aqui. Eu quase o tive, mas estava... lenta. Eu poderia ter salvado você e falhei. — Ela se inclinou para frente até poder se inclinar contra ele, enterrando o rosto no ombro dele e sentindo o calor dele se espalhar por ela, afugentando o frio profundo que a caverna do Pássaro de Fogo a deixara. Ele cheirava como sempre, o cheiro familiar de vento e especiarias inchou dentro dela e ela sabia que tinha a resposta para a pergunta da Fera. Ela sabia como sua história terminava.

Apressadamente, ela deixou escapar:

— Desistiria de mil finais felizes apenas para voltar com você ao seu vale

e viver como nós. Eu desistiria de todos os contos de fadas que eu já conhecia só para ouvir você dizer meu nome novamente.

O calor da Fera a envolveu e a música selvagem dele inchou e ela podia ouvir a cortina de gelo derretendo, pingando e vendo dentro em sua mente, as gotas de cristal caindo como folhas de outono.

Então uma voz sussurrou:

— Bela. — O calor aumentou, e ela sentiu lábios tocarem sua têmpora, sua bochecha, a linha de sua mandíbula. Ela percebeu que havia braços em volta dela e ela se afastou, ofegando. Lágrimas embaçaram sua visão de modo que, quando ela olhou para a Fera viu apenas um brilho, o mesmo de quando a viu sorrir, ou destrancou seu quarto cheio de livros, ou acendeu uma lanterna para manter a escuridão afastada. Ela piscou e piscou e finalmente seus olhos clarearam e diante dela havia um rosto, um rosto humano. Ela tinha visto isso apenas uma vez antes e mil vezes em seus sonhos.

— Mas — disse Yeva. — Como? Eu falhei. Eu não trouxe para você o Pássaro de Fogo.

A Fera se ajoelhou diante dela, aparentemente inconsciente do gelo que estava nas roupas dele, que eram de uma maneira que Yeva nunca vira, de um tempo há tanto tempo que antecedia até as pinturas e tapeçarias mais antigas.

— Yeva. — Disse a Fera e embora não houvesse um rosnado em sua voz, ele ainda tinha uma voz rouca, ainda ecoava em seu coração e seus ossos, ainda a aquecia por dentro. — Nós dois estávamos errados.

Ele estendeu a mão e pegou as mãos dela, dobrando-as entre as duas e puxando-as para que ele pudesse pressioná-las contra o peito, onde o mesmo batimento cardíaco soava, a mesma magia que a chamava, só que não era mágica, para o homem à sua frente era real, mais real que o gelo, a caverna ou a pena antiga, que ela havia deixado cair em algum lugar na lama e esquecida.

— Você não vê? — A Fera continuou, puxando-a para perto para que ela pudesse respirar o cheiro dele, sentir o cabelo dele roçar sua pele enquanto ele pressionava sua testa na dela. — Você é o que eu mais quero em todo esse

mundo, e você voltou para mim. Yeva... você é o Pássaro de Fogo.

Yeva se sentiu tonta, confusa não pela estranheza desse homem que ela não conhecia, mas pelo fato de que ele não era nada estranho. O toque dele era tão familiar para ela e tão certo quanto a curva de um arco na palma da mão dela.

— Isso é um sonho. — Ela sussurrou. — Magia. Um conto de fadas.

A Fera sorriu e pela primeira vez, Yeva viu que tinha uma covinha, um pequeno vinco no rosto perfeito que o tornava imperfeito e que o nariz estava um pouco torto e os olhos dourados eram mais castanhos que dourados.

— Sim. — Ele concordou. — E é real.

Um lobo e um homem. Uma mulher e um dragão. Caçador e caça. Nada neste mundo tem apenas uma natureza.

Os olhos da Fera caíram nos lábios dela e ele inclinou a cabeça, mas seus movimentos vacilaram um pouco. A repentina incerteza na inclinação de sua boca em relação à dela era tão completa, tão completamente humana que Yeva sentiu que poderia rir, chorar ou ambos. Então, em vez disso, ela se inclinou para a frente e o beijou e ele soltou as mãos dela para que pudesse abraçá-la e puxar seu corpo contra o dele. Ele era quente, sólido e real e Yeva sentia-se tão insubstancial quanto a fumaça que poderia desaparecer como as cinzas de seu arco e suas histórias.

Ela desistiu de tentar entender e apenas o beijou, ali na caverna do Pássaro de Fogo. E embora Yeva soubesse que sempre desejaria o amanhã, o que havia no vale seguinte e as cores que veria no céu nos próximos anos, o beijo foi — por um único instante — tudo o que ela queria.

Eoven

É estranho estar inteiro. Conhecer todos os pensamentos e desejos do meu próprio coração. Que toda memória e instinto é meu.

Porque eu me lembro de outra vida. E não a vida do Lobo, nem a caça nem a matança, nem a fome sem fim. Lembro-me de uma vida anterior que era boa, mas não a que eu queria. Lembro-me de sentir como se nada e ninguém neste mundo pudesse entender do jeito que eu queria, aquela pontada que soa mais profunda do que carne e osso.

Meu desejo por outra coisa, além, em magia e sonhos e as coisas que todo mundo parecia deixar para trás quando crianças. Por algo que eu sabia que nunca poderia realmente encontrar.

É o desejo que me trouxe aqui, para ela. Para outra alma tão vazia quanto a minha e ainda assim não vazia, porque está tão cheia de tudo que eu pensava que só eu já senti. Sua alma contra a minha parece música, como um batimento cardíaco, como mágica.

Como Bela.

Epilogo

Eventualmente Yeva levaria Eoven para a cidade onde ela cresceu. Ela contaria a sua família o melhor que podia do que havia acontecido, e eles não entenderiam. Mas de qualquer maneira receberiam Eoven por causa da maneira como ele olhava para Yeva. Eles ficariam lá por um longo tempo juntos e Eoven contaria as histórias para as filhas de Lena e ensinaria os gêmeos de Asenka a caçar quando tivessem idade suficiente. Às vezes, ficariam na casa do barão, às vezes no antigo quarto de Yeva, na casa de Radak e Lena e às vezes em uma pequena casa na periferia da cidade, com um jardim, uma peônia e prateleiras cheias de livros.

Sua família perguntaria a eles eventualmente quando pretendiam se casar e Yeva e Eoven se entreolhariam e perceberiam que isso não havia ocorrido a nenhum deles. Talvez um dia eles se casassem, talvez contassem histórias para os filhos e os ensinassem a caçar. Talvez morassem na periferia da cidade e acrescentassem espaço para os quartos ao pequeno chalé.

Ou talvez eles morassem na floresta e nunca mais falassem com outra alma, exceto com as árvores e os animais e eles contariam suas histórias apenas entre si.

Ou talvez eles viajassem para o mar do leste e atacassem a orla do mundo, onde havia dragões, mulheres com cabelos como asas e pássaros que pegavam fogo quando o sol dourado os atingia.

Talvez eles fizessem todas essas coisas.

Mas antes de tudo, a Bela e a Fera caminharam juntas de volta ao longo do rio que levava da caverna do Pássaro de Fogo, com Olhos-de-Corça trotando ao seu lado. Eles viajaram através de cada passagem da montanha e viram que o inverno estava desaparecendo a cada passo e quando chegaram mais uma vez ao vale da Fera, descobriram que a primavera havia chegado e que as janelas da sala da torre davam para um prado cheio de flores silvestres que floresciam em

todos os tons de vermelho e dourado e brilhante fogo laranja.

E de algum lugar além das montanhas que separavam o vale da Fera daquelas além, atrás delas, sempre ao norte, a música do Pássaro de Fogo flutuava no ar, chamava por eles e esperava.

Notas

[←1]

A autora não faz referência a nenhum animal e nenhum momento, podendo ser qualquer um que se alimente de carne morta e em decomposição.